

Marcia dos Santos Machado Vieira
organizadora

ENSINO DE PORTUGUÊS

Predicar em (con)texto



Blucher Open Access



ENSINO DE PORTUGUÊS:
PREDICAR EM (CON)TEXTO

CONSELHO EDITORIAL

André Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon de Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luis Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

Marcia Machado Vieira

ENSINO DE PORTUGUÊS: PREDICAR EM (CON)TEXTO



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS VERNÁCULAS**



2022

Ensino de Português: pregar em (con)texto

© 2022 Marcia Machado Vieira

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Produção editorial Aline Fernandes

Diagramação Joyce Rosa

Revisão de texto Samira Panini

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ensino de português: pregar em (con)texto /
organizado por Marcia Machado Vieira. - São Paulo:
Blucher, 2022.

230 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5550-249-7 (impresso)

ISBN 978-65-5550-245-9 (eletrônico)

1. Línguas clássicas e vernáculas 2. Língua
portuguesa – Estudo e ensino I. Vieira, Machado
Vieira, Marcia dos Santos

22-1986

CDD 469.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas clássicas e vernáculas

Esta obra tem vínculo com projetos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro:

Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicações: estabilidade, variação e mudança construcional (2002-2022, celebração de 20 anos)

Portal digital de estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar (2021-2025), que se liga ao **Projeto VariaR – Variação em Línguas Românicas/UPVM-UFRJ** e conta com apoio financeiro do **CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021** e da **FAPERJ/Programa Cientista do Nosso Estado 32/2021**



APOIO NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

<http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/pt/>

Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicções:

estabilidade, variação e mudança construcional

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

(UFRJ – Brasil)

Projeto Variar – Variação em línguas românicas

<https://variatar.wixsite.com/variatar>

(UPVM e UFRJ – França e Brasil)

Design e Diagramação

Jeane Nunes da Penha

Marcia Machado Vieira

(Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Brasil)

Equipe de revisão

Marcia Machado Vieira (UFRJ)

Eneile Santos Saraiva de Pontes (UFRJ)

Fábio Rodrigo Gomes da Costa (UFRJ)

Gabriel Lucas Martins (UFRJ)

Jeane Nunes da Penha (UFRJ)

Letícia Freitas Nunes (UFRJ)

Nahendi Almeida Mota (UFRJ)

Natércia Almeida Lacerda (UFRJ)

Pâmela Fagundes Travassos (UFRJ)

Ravena Beatriz de Sousa Teixeira (UFRJ)

Vanessa Meireles (UPVM)

COMITÊ CIENTÍFICO AVALIADOR

Alexandre Ferreira Martins (Leitor brasileiro (MRE/CAPES) na *Hankuk University of Foreign Studies* (Coreia do Sul), Mestre pela *Université Paul-Valéry/Montpellier 3* – UPVM (France))

Ângela Cristina Rodrigues de Castro (Docente do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC), Doutora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Bruna Gois Ferreira (Docente da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Carla Valeria de Souza Faria (Docente da Universidade *Ca'Foscari/Venezia (Italia)*, Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Fernando da Silva Cordeiro (Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Gessilene Silveira Kanthack (Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus/BA, Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina)

Giselle Aparecida Toledo Esteves (Docente da Secretaria Municipal de Educação (SME), Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Habiba Naciri (Docente da Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade Mohammed V Rabat-Marrocos, Doutora pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade Mohammed V Rabat-Marrocos)

Joana Mendes (Educadora e Escritora, Graduada em Letras/Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marcos Luiz Wiedemer (Docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro –

Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Doutor pela Universidade Estadual Paulista, Procientista/UERJ)

Maria Spanó (Docente do Colégio Militar/RJ, Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mariana Meireles de Oliveira Silva (Docente (Substituta) de Português língua estrangeira do *Collège Romain Rolland - Startrouville (France)*, Mestre pela *Université Sorbonne Nouvelle/Paris 3*, Mestranda na Université Paris Nanterre)

Monica Tavares Orsini (Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marcia Andrade Morais Cabral (Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ, Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Tábata Quintana Yonaha (Doutora pela Universidade Federal de São Carlos)

Vítor de Moura Vivas (Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

VII

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a

criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona

para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer

nascimentos –

O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros ¹

*Cada nova estrutura lingüística que se descobre pode levar-nos a alterar
conceitos antes firmados e pode abrir-nos horizontes novos para a visualiza-
ção geral do fenômeno da linguagem humana.*

Aryon D. Rodrigues²

1 BARROS, Manoel. O livro das ignoranças. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

2 Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1966. Tarefas da lingüística no Brasil. Estudos Lingüísticos (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada), vol. 1, n. 1, p. 4-15. [Disponível também em PDF] <http://www.etnolingustica.org/>. Acesso: 22 mar. 2022.

Conteúdo

PREFÁCIO: NO PRINCÍPIO ERA O VERBO...	19
APRESENTAÇÃO: PREDICAR E ENSINAR É SÓ COMEÇAR	21
1. PREDICAÇÃO POR PREDICADOR SIMPLES E PREDICADOR COMPLEXO	27
1.1 “Pondo-nos a predicar”	27
1.2 Predicando, “temos em conta” textualidade e contextualidade	31
1.3 Predicando, “relacionamos” predadores a tipos de predicação	33
1.4 Predicando, recortamos ou ativamos um perfil conceptual de construção de estrutura argumental	39
1.5 Predicando, valemo-nos de termos argumentais e não argumentais	48
1.6 Se quiser saber mais, vale conferir alguns materiais	50
Referências	50
2. TER OU HAVER: EIS A QUESTÃO, NUMA REDE DE CONSTRUÇÕES	51
2.1 O que <i>se tem dito</i> ? E o que <i>se tem a dizer</i> ?	51
2.2 <i>Tem</i> diferença, mas não <i>há</i> só uma norma de referência lá e <i>cá/aqui</i> !	54

2.3 O que <i>temos de/que</i> ressaltar?	70
2.4 O que <i>temos em vista</i> , para espaços de ensino, escrita ou leitura?	70
2.5 Onde <i>há/se tem</i> mais informação a respeito?	73
Referências	73

3. “HÁ QUANTO TEMPO A ESCOLA CONSEGUE PROMOVER A NORMA CULTA PADRÃO?” NOTAS SOBRE USOS IMPESSOAIS DO VERBO HAVER **75**

3.1 Verbo impessoal pra quê?	75
3.2 Vamos ver o que <i>há</i> de errado	77
3.3 O que <i>há</i> de novo, na fala e na escrita?	80
3.4 O que <i>há</i> de tudo isso?	84
3.5 Propondo atividades que não <i>há</i> por aí	85
3.6 O que mais <i>há</i> sobre isso?	88
Referências	89

4. IMPERSONALIZA-SE? INDETERMINA-SE? USOS DE CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS DIRETAS COM PRONOME SE EM TEXTOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL **91**

4.1 Chega mais!	91
4.2 Fala um pouco mais! /Desenvolve!	95
4.3 Faz diferença?	98
4.4 Trocando em miúdos...	102
4.5 Pra se familiarizar!	103
4.6 Quero mais!	107
Referências	107

5. PREDICADORES COMPLEXOS DE PASSIVIDADE: É HORA DE SEREM DESTACADOS/LEVAREM DESTAQUE NAS AULAS DE PORTUGUÊS **109**

5.1 Jura que a predicação passiva <i>é formada / tem formação / se forma</i> por variados padrões construcionais no Português?	109
5.2 A predicação pode <i>sofrer/ter mudança</i> a depender de seu padrão construcional?	112

5.3 Faz diferença: um ou outro padrão construcional <i>ser usado/ter uso</i> no texto?	116
5.4 Trocando em miúdos	119
5.5 Para o assunto <i>ser mais detalhado/ganhar detalhamento</i>	119
5.6 Quero mais!	122
Referências	123

6. IR EM BUSCA E VAI À LUTA: IDIOMATICIDADE EM PREDICADOS DE MOVIMENTO 125

6.1 Vamos nessa!	125
6.2 Vamos explicar isso melhor!	127
6.3 Por que é importante estudar esse assunto?	131
6.4 Trocando em miúdos	132
6.5 Deixa ver se entendi	133
6.6 Quero mais	135
Referências	136

7. VAMOS DAR UMA DE CIENTISTA? ANALISANDO PREDICADORES COMPLEXOS COM VERBOS SUPORTES 139

7.1 Vamos <i>passar por cima</i> dessas dúvidas?!	139
7.2 Predicador, predicação, verbo pleno e verbo suporte: <i>Tirando de letra</i> esses conceitos!	140
7.3 <i>Fazer-se de cientista</i> faz diferença? A balbúrdia nos mostra que sim!	144
7.4 Para não <i>fazer a egípcia</i> !	148
7.5 Para se familiarizar!	148
7.6 Quero mais! Para não <i>fazer-se de entendido</i> , mas ser!	152

8. A ARTE DE DAR UMA ANALISADA EM CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE 153

8.1 <i>Dando partida</i> no estudo de construções com verbo suporte	153
8.2 Que tal <i>darmos uma explorada</i> maior no assunto?	156
8.3 <i>Dando uma refletida</i> sobre usos orais e escritos	161
8.4 Hora de <i>dar uma boa resumida</i> na temática	162

8.5 Vamos <i>dar uma ensinada</i> no assunto em aulas de Português?	163
8.6 Quer <i>dar uma pesquisada</i> maior no tema?	165
Referências	165

9. É HORA DE TRAZER UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE ATENUADORES DO DISCURSO COM VERBO SUPORTE TRAZER **167**

9.1 Pra começar, vou <i>trazer uma apresentação</i> do tema	167
9.2 Preciso agora <i>trazer explicações</i> sobre a construção de atenuação do discurso	168
9.3 Venho <i>trazer uma análise</i> para entender a atenuação no discurso	171
9.4 Para não haver dúvidas, quero aqui <i>trazer uma revisão</i> sobre o assunto	173
9.5 Agora vou <i>trazer uma proposta</i> para o ensino de língua portuguesa	174
9.6 Pra quem quiser conhecer mais o assunto, gostaria de <i>trazer dicas</i> de alguns textos	177
Referências	177

10. INTENSIFICAMOS HORRORES... E A ESCOLA PODE MOSTRAR ISSO! **179**

10.1 Intensificar pra quê?	179
10.2 Intensificamos à beça, pra caramba!	181
10.3 Faz horrores de diferença?	184
10.4 Resumindo horrores	186
10.5 Analisando horrores na sala de aula	186
10.6 Conhecendo horrores	189
Referências	189

11. “EU ESTOU ROXA DE SAUDADES”: A INTENSIFICAÇÃO DE EMOÇÕES E SENSAÇÕES POR MEIO DE CORES **191**

11.1 Venha ficar <i>verde de surpresa</i> junto com a gente!	191
11.2 As cores que intensificam emoções e sensações	193
11.3 Quando dizemos estar <i>azuis de fome, roxos de raiva, vermelhos</i>	

<i>de vergonha?</i>	195
11.4 Para se familiarizar!	197
11.5 Resumindo o arco-íris de emoções e sensações...	199
11.6 Fiquei <i>rosa de curiosidade</i> ! Quero mais!	200
12. O PORTUGUÊS NO MUNDO E DE TODOS NÓS	201
12.1 Predicar a desfazer nós e a tecer fios e horizontes	201
12.2 Nós que <i>importa/tem importância</i> desfazer	202
12.3 Projeto Predicar e Projeto VariaR	209
12.4 <i>Diz(e)-me, ou me diga, com quem andas/anda e (eu) te/lhe</i> <i>direi quem és/é</i>	212
12.5 Trocando em miúdos, <i>pode(s)</i> guardar	215
12.6 <i>Quer(es)</i> saber mais?	215
Referências	216
POSFÁCIO: LÍNGUA EM USO E REFLEXÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO E NA PESQUISA EM PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E NÃO MATERNA	219
AS AUTORAS E OS AUTORES	223

PREFÁCIO

NO PRINCÍPIO ERA O VERBO...

Giselle Aparecida Toledo Esteves
Joana Mendes

O lançamento da presente obra faz parte da celebração dos 20 anos do Projeto PREDICAR, que tem como criadora e orientadora a Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. A coletânea oferece ao leitor uma visão geral dos resultados e orientações pedagógicas sobre as pesquisas realizadas com diversos temas referentes à **predicação**. Muitos dos itens e construções pesquisados não aparecem em gramáticas e livros didáticos, ou são neles tratados com um enfoque apenas em atividades de classificação, de forma descontextualizada, o que gera uma lacuna na compreensão sobre quais funções discursivas motivam seu emprego e em quais gêneros textuais normalmente são encontrados. Ressaltamos, então, que as reflexões acerca do ensino dos objetos de pesquisa buscam colaborar para que estes não sejam mais ignorados ou trabalhados apenas de forma mecânica (com exercícios de memorização e categorização) em sala de aula.

Com grande satisfação, testemunhamos o quanto o projeto se desenvolveu durante esses anos, nascendo do foco nas predicações verbais, com a investigação do fenômeno de gramaticalização de formas verbais e da alternância entre predicadores e perífrases verbo-nominais. A fundamentação teórica desses fenômenos ficou por conta, inicialmente, da Linguística Funcional e da Sociolinguística. Em seguida, uma abordagem Sociofuncionalista mostrou-se ainda mais adequada para o tratamento de construções verbo-nominais. Com o passar do tempo, os pesquisadores do PREDI-

CAR foram se abrindo para o trabalho com outros tipos de construções e para outras vertentes teóricas que ainda se mantêm nas pesquisas atuais, tais como a Linguística Cognitiva (Gramática das Construções) e Linguística Textual. Ademais, a equipe vem trabalhando mais intensamente para explorar as implicações pedagógicas referentes a cada estudo.

O leitor, portanto, irá encontrar não só pesquisas com verbos-suporte, mas também outras relacionadas a construções de intensificação, impessoalização, indeterminação do sujeito, predicções passivas, construções relacionais, predicções simples de tempo decorrido ou movimento e auxiliaridade verbal.

A forma como os autores decidiram expor seus temas revela-se também bastante interessante, uma vez que os resultados das pesquisas são apresentados de forma leve e convidativa, buscando agradar tanto a professores de Português quanto aos usuários da língua interessados pelos temas. A obra colabora, especialmente, para que haja uma tomada de consciência sobre as implicações semântico-discursivas das construções empregadas, além de um maior conhecimento sobre o funcionamento interno das estruturas.

Acreditamos, portanto, que a leitura de PREDICAR auxilie o modo como o leitor irá empregar e interpretar determinadas construções, colaborando para o aumento da consciência sobre esses usos e, por conseguinte, para o desenvolvimento de sua competência discursiva.

Giselle Aparecida Toledo Esteves

(Professora da Secretaria Municipal de Educação/SME, Escola Municipal Cardeal Arcoverde e Escola Municipal Waldemar Falcão, Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Joana Mendes

(Escritora e Professora em O Diário de Aurora

@diariodeaurora, <https://odiariodeaurora.com/author/odiariodeaurora/>, Educação, Graduada em Letras/Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)

As primeiras estudantes-pesquisadoras a atuarem no Projeto PREDICAR

APRESENTAÇÃO

Predicar e ensinar é só começar

Marcia Machado Vieira

Predicar estados de coisas e entidades do mundo biopsicossocial... *Ensinar* a ler o mundo e a conceber e fazer descrições linguísticas a partir da observação empírica de usos diversos que são movidos e afetados por forças cognitivas, emotivo-expressivas, identitárias, socioculturais, discursivo-pragmáticas. Foi só começar, para não parar! O começo da pesquisa no âmbito do Projeto Predicar há 20 anos confunde-se com a experiência resultante de (inter)ações com discentes por meio de atividades de docência em cursos de Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (desde 1997), com discentes, docentes e comunidade universitária mediante atividades de extensão na UFRJ e com discentes e docentes por meio de atividades de docência e pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ desde 2002. O exercício de ensino-aprendizagem de língua portuguesa teve início na escola pública em 1995, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação do Estado do Rio de Janeiro, precisamente na Escola Municipal Cientista Mário Kroeff, localizada no bairro Penha. Começa numa escola pública que homenageia um cientista (idealizador, fundador e primeiro diretor do Serviço Nacional do Câncer), perpassa diferentes trilhas metodológicas de desenvolvimento de ciência (de perfis observacional e experimental; com orientação sociolinguística, funcional-cognitiva, (socio)funcionalista e (socio)construcionista) e redonda, no período de pandemia de covid-19, na concepção e organização deste livro.

Este livro é fruto da atenção de docentes e discentes ao ensino de temas da gramática do Português centrados na realidade dos usos e perspectivados em texto e contexto. Foi escrito no intuito de partilhar, numa linguagem acessível a públicos com diferentes perfis (entre os quais, o escolar e o universitário), um pouco das pesquisas que têm vida no meio científico e que têm o potencial de extrapolar esse meio, além de fazer ver quão interessante e rico é o espaço de Letras e Linguística, como é estimulante e divertido fazer ciência, como é prazeroso aprender e ensinar. É fruto também do desejo de celebrar 20 anos de uma rede de (inter)ações para a qual muitos já colaboraram ou colaboram, focalizando diferentes predicacões e objetos de observação relacionados, e a partir da qual sempre desdobramos futuros possíveis. O leitor está, então, convidado a conhecer alguns dos temas gramaticais que nos têm mobilizado no meio científico, bem como atividades para tratamento deles em espaços de aprendizagem, tenha o Português lugar de língua materna ou não materna/adicional.

O primeiro capítulo deste livro, *Predicação por predicator simples e predicator complexo*, foi escrito por Marcia dos Santos Machado Vieira (docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, instituição pela qual é Doutora em Língua Portuguesa). Resulta de sua atuação na disciplina de Morfossintaxe da Língua Portuguesa em cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras e em disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas nessa universidade há mais de vinte anos. A ideia central desse capítulo é a de explorar, panoramicamente, a constituição de predicacões com predadores simples e complexos, a diferença entre estes, tipos de predicação pessoal e impessoal ou transitiva e intransitiva do Português, bem como os termos argumentais com que predicacões nucleares representam estados de coisas e são potencialmente configuradas e os termos não argumentais com que podemos expor as circunstâncias dos estados de coisas e expandir predicacões nucleares. Ao focalizar predicação verbal, procedimentos discursivos, tais como referência, perspectivação, modalização, temporalização e aspectualização, também são, em alguma medida, objetos de observações. A concepção de que sentidos emergem a partir da relação entre tipos de construções de predicação e predadores (simples e complexos) e destes com texto e contexto é o cerne. E, para tanto, têm lugar o conhecimento do Português alcançado com base na experiência de usos e na prática da pesquisa científica no Projeto Predicar e conhecimento metalinguístico relativo a tópicos, como: contextualidade, texto, predicação, categorização de verbos, construção, estruturação de argumentos, predador, termo participante e (não-)argumental.

O segundo capítulo, escrito por Marcia dos Santos Machado Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Eneile Santos Saraiva (Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora Docente I de Língua Portuguesa e Literaturas da SEEDUC/RJ – Colégio Estadual Padre Bruno Trombetta) e Stephane Cardoso Rodrigues de Almeida (graduanda no curso de Licenciatura Português-Espanhol na Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora de Espanhol da rede privada de ensino), é *Ter ou haver: eis a questão, numa rede de construções*. Trata das construções gramaticais do Português em que têm lugar usos dos verbos TER e HAVER. Ao lidar com essa temática, as autoras exploram uma propriedade muito presente nos primeiros anos dos estudos linguísticos realizados no âmbito do Projeto Predicar: a multi-

funcionalidade de formas verbais. E, agora, fazem-no sob novo olhar: perspectivando a língua como um complexo de sistemas e subsistemas de construções inter-relacionadas. Construções são pareamentos de atributos de forma e função/significado social-culturalmente convencionizados e cognitivamente retidos como generalizações gramaticais sempre sujeitas a reconfiguração. Então, as autoras exploram construções existenciais, apresentacionais, de tempo decorrido, construções em que tais verbos ocorrem como verbos principais, verbos suportes (“têm lugar”, neste parágrafo), verbos auxiliares ou semiauxiliares. Exploram, então, uma família de construções às quais tais formas verbais se combinam.

O terceiro capítulo, escrito por Gabriel Lucas Martins (Professor de Português e Inglês e respectivas literaturas e Mestrando do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ), tem como título uma questão: “*Há quanto tempo a escola consegue promover a norma culta padrão?*” *Notas sobre usos impessoais do verbo **haver***. Nele, o autor põe em proeminência a construção de tempo com o verbo HAVER, pois, nesse capítulo, Gabriel Martins explora construções de tempo decorrido e tempo prospectivo.

Impersonaliza-se? Indetermina-se? Usos de construções transitivas diretas com pronome SE em textos do Português do Brasil é o quarto capítulo do livro. Nele, a professora-pesquisadora Eneile Santos Saraiva de Pontes (Professora Docente I de Língua Portuguesa e Literaturas da SEEDUC/RJ – Colégio Estadual Padre Bruno Trombetta) trata da temática de referenciação mediante impersonalização ou personalização, indeterminação ou determinação. Lida, então, com tema que ocupa espaço de trabalho quando o assunto é redação de certos textos de perfil objetivo e por certos modos de organização em que o teor expositivo ou argumentativo prevaleça. A autora explicita, desse modo, aspectos relacionados ao trabalho com opacificação de participante-referente de um estado de coisas com caráter agentivo, indutor ou causador, desfocalização desse participante ou sua retirada de cena (supressão).

Nessa linha de lidar com estruturação de predicação verbal por meio de certo perfil de referenciação ao participante agente/causa/força indutora de um estado de coisas também caminha o capítulo seguinte: *Predicadores complexos de passividade: é hora de **serem destacados/levarem destaque** nas aulas de Português*. Foi escrito por Ravena Beatriz de Sousa Teixeira (doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora da rede privada de ensino) e Deborah Nascimento dos Santos (graduanda do curso de Licenciatura Português-Espanhol na Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora de Espanhol da rede privada de ensino). Trata de construções de predicação passiva que envolvem predicadores complexos com verbo suporte (como *O tema sofreu alteração*), predicadores que promovem predicação alinhada funcionalmente a outra construção de predicação passiva com verbo auxiliar de voz (tal qual *O tema foi alterado*). As pesquisadoras descrevem, com base em exemplos extraídos de textos jornalísticos e de *memes*, por exemplo, exemplares desse tipo de construção com verbo suporte. Essa construção de passividade ainda não figura nos materiais didáticos normalmente explorados em sala de aula. Com isso, as autoras defendem atenção a esse tipo de estruturação tão presente no cotidiano e ausente das descrições.

O capítulo *Ir em busca e vai à luta: idiomaticidade em predicados de movimento* põe em perspectiva predicadores complexos formados por verbos suportes. E quem o faz é o docente-pesquisador Vinícius Maciel de Oliveira (da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ), também com larga experiência em termos de formação de professores que atuam no estado. Nesse capítulo, o autor volta-se a idiomatismos, perspectivando o que há de regular e sistemático em seus usos.

O capítulo seguinte também visa a explorar construções de predicação com verbo suporte e tem um título convidativo ao trabalho científico: *Vamos dar uma de cientista? Analisando predicadores complexos com verbos suportes*, de autoria de Jeane Nunes da Penha (doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Além de propor ao leitor uma atitude investigativa no processo de vivência linguística e aprendizagem, põe em evidência recurso de predicação relativo à representação ou simulação de comportamentos emocionais e sociais. Para tanto, explora usos com padrões do tipo *dar uma de doida, fazer-se de burra e posar de coitadinho*.

A arte de *dar uma analisada* em construções com verbo suporte, de Pâmela Fagundes Travassos (doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora da Secretaria Municipal de Educação – Escola Municipal Fernando Tude de Souza) já explora outro tipo de construção de predicador com verbo suporte: uma que promove atenuação discursiva, modalização da atitude do enunciador de um dizer, do tipo pedido, proposta, sugestão, crítica.

Também em relação à atenuação discursiva se pronuncia o professor-pesquisador Fábio Rodrigo Gomes da Costa (doutorando da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor da SEEDUC – Colégio Estadual Mauá e CIEP 449 – Governador Leonel de Moura Brizola – Intercultural Brasil-França). No capítulo *É hora de trazer uma reflexão sobre o ensino de atenuadores do discurso com verbo suporte* TRAZER, o autor explora dados de predicação envolvendo o verbo *trazer* em discurso político que podem estar ligados às categorias de predicador simples e predicador complexo com verbo suporte.

O capítulo seguinte já ressalta o fenômeno da intensificação. *Intensificamos horrores... E a escola pode mostrar isso!* foi escrito por Letícia Freitas Nunes (graduanda do curso de Licenciatura em Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e monitora do curso de Inglês do CLAC/UFRJ). Nesse capítulo, a autora mostra um tipo de construção muito usada que normalmente não é descrita em sala de aula.

Também perspectivando intensificação, no capítulo *“Estou roxa de saudades”: as cores que intensificam emoções e sensações*, a professora-pesquisadora Nahendi Almeida Mota (doutoranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora substituta do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP/UERJ) aborda a relação entre cores, a partir do padrão construcional *Xcor de Y*, e predicação de estados de coisas relativos a emoções e sensações. Para tanto, foram selecionados textos de variados domínios discursivos, a partir dos quais a autora analisa a natureza

metafórica do padrão mencionado e, por fim, sugere a inserção deste, de maneira científica e criativa, nas aulas sobre figuras de linguagem.

E o capítulo *O Português no mundo e de todos nós*, de Marcia dos Santos Machado Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Vanessa Meireles (docente da Universidade *Paul-Valéry Montpellier 3*, doutora pela Universidade *Paris 8 Vincennes-Saint-Denis*), é revelador do rico manancial de interlocuções entre membros do Projeto Predicar e destes com os do Projeto VariaR, entre usuários do Português em diferentes lugares do mundo. Focaliza nós (que emergem como obstáculos e relações), bem como a riqueza de normas mundo afora com convergências e divergências como referenciais de gramática do Português, língua que é de muitos falantes e tem expressão pluricultural.

Este livro conta, ainda, com dois textos, um prefácio e um posfácio, que traduzem olhares sobre o valor, para o ensino de Português, de contribuições descritivas respaldadas em (cons)ciência linguística (aqui as que têm lugar nas (inter)ações do Projeto Predicar ou a partir delas).

O prefácio foi escrito pelas primeiras pesquisadoras-discentes do Projeto Predicar, hoje professoras atuantes no chão da escola e/ou nas redes sociais. Giselle Aparecida Toledo Esteves é professora da Secretaria Municipal de Educação (SME), mais especificamente da Escola Municipal Cardeal Arcoverde e da Escola Municipal Waldemar Falcão, e é doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Joana Mendes é escritora e professora de Português, com importante atuação no que diz respeito a perspectivar o Português como língua não materna nas redes sociais e, fisicamente, quer no Brasil quer na Itália, onde reside. Elas, como estudantes, foram as primeiras a desenvolverem estudos no âmbito do projeto a respeito da polifuncionalidade de unidades verbais. Então, no princípio nossos olhares se voltaram para o verbo e suas potencialidades. E na rica interação com elas e nos variados espaços de intercâmbio científico em que atuamos juntas, aprendi a ser orientadora de iniciação científica.

O posfácio foi escrito por Alexandre Ferreira Martins e Tábata Quintana Yonaha. Alexandre Ferreira Martins é Doutorando em *Sciences du Langage na Université Paul-Valéry Montpellier 3* (França) e Leitor brasileiro (MRE/CAPES) na *Hankuk University of Foreign Studies* (Coreia do Sul), com larga experiência na formação de estudantes do Português e em interações de pesquisa em espaços variados no mundo, e também, por meio do Projeto VariaR, com a organizadora desta obra.¹ E Tábata Quintana Yonaha é Doutora pela Universidade Federal de São Carlos, autora de materiais didáticos para o ensino de Português como língua estrangeira e materna. Os pesquisadores destacam o crescente interesse por perspectivar língua em uso na área de ensino de Português língua não materna, o que leva a um afastamento de maneira substancial das práticas de ensino guiadas por concepção restritiva de língua como sistema homogêneo, numa acepção de compêndio descritivo-normativo.

1 Cf. vídeo https://www.youtube.com/watch?v=gYB_83lo9Fs – Projeto VariaR, conferência do autor intitulada *Ensino de português na Coreia do Sul: percepções a partir da atuação no Leitorado Brasileiro na HUFS*, 30 de outubro de 2021.

O tratamento de construções de predicação de estados de coisas aqui encaminhado tem vínculo com resultados de pesquisas feitas ou em curso em projetos brasileiros e franco-brasileiros de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro: *Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicações: estabilidade, variação e mudança construcional* (que celebra seus 20 anos de atuação no mundo acadêmico e científico – 2002-2022); *Portal digital de estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar* (2021-2025), que se liga ao *Projeto VariaR – Variação em Línguas Românicas* (que, desde sua concepção em 2019, mobiliza (inter)ações entre Universidade Paul Valéry/Montpellier 3 e UFRJ e, desde 2022, conta com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ/Programa Cientista do Nosso Estado E-32/2021, a que sou grata.

Esta obra é fruto de toda uma rede de contribuições advindas principalmente de espaços de fomento público à educação e à ciência. É fruto ainda das interações com alunos e da escuta de vozes e escritos deles. Para os capítulos que aqui estão reunidos foram fundamentais as preciosas observações de colegas de instituições brasileiras ou estrangeiras que, com atenção e experiência docente, procederam à avaliação dos textos. É fruto de olhares a partir de quatro continentes.

Os agradecimentos são feitos, então, às instituições de fomento à ciência e à consciência em Letras e Linguística, aos autores, aos alunos e ao comitê científico avaliador. A feição final de cada capítulo é de responsabilidade de seu(s) autor(es), mas, certamente, foi afetada pelo dialogismo, pelo rico contínuo ciência-educação-ensino-aprendizagem, por solidariedade, empatia e atenção ao olhar e trabalho de outrem, pelo frutífero intercâmbio que foi possível vivenciar nesse processo. É o que propomos também a partir desta obra: (inter)ação e (trans)formação por predicação baseada em (con)texto, estados de coisas que promovam o potencial, a sustentabilidade e a diversidade de linguagens humanas.

Boa leitura!

CAPÍTULO 1

PREDICAÇÃO POR PREDICADOR SIMPLES E PREDICADOR COMPLEXO

Marcia dos Santos Machado Vieira

1.1 “PONDO-NOS A PREDICAR”

Predicar um estado de coisas em (con)texto é o que fazemos cotidianamente. É tão constante que nem nos damos conta! A predicação é, em linhas gerais, uma ação discursiva a propiciar a corporalidade de uma captura perceptual, cognitiva e/ou emocional no mundo psicobiossocial ou imaginário/criativo pelo(s) sujeito(s) que se vale(m) dela. É um ingrediente a promover na produção de textos: conceptualização, categorização e organização de temas, entidades ou eventos/estados no mundo (tematização) por nossos sentidos e nossa cognição; delineamento de percursos figurativos de manifestação da percepção, do pensamento ou da leitura (compreensão ou (re)criação) sobre o mundo; perspectivação de componentes ou eixos de uma cena no mundo; estruturação de informações e de referências. É um dos procedimentos de organização linguística por meio do qual efeitos de realidade e efeitos de sentido são construídos pelo sujeito da enunciação e propostos a um leitor/interlocutor. É, com esse perfil, que o fenômeno da predicação pode ser explorado em espaços de ensino de Português língua materna e não materna, tendo em conta a vitalidade de predicações na tessitura de textos, na interconexão de textos e na ligação a contextos comunicativos.

Neste capítulo, vamos explorar aspectos relativos a predicações e predadores. Os textos a seguir permitem-nos mostrar a relação entre predador, predicação e (con)texto, bem como ilustrar o uso de predador simples e de predador complexo para configurar predicações de que nos valem em nossas mais diversas práticas comunicativas.

(Ex. 1)

Dez minutos antes de morrer, Elza Soares avisou a família: 'eles vieram me buscar'

Elza Soares faleceu aos 91 anos nesta quinta-feira (20) de causas naturais

João Ramos | 21/01/2022 - 11:59

midiamax.uol.com.br/midiamais/famosos/2022/dez-minutos-antes-de-morrer-elza-soares-avisou-familia-eles-vieram-me-buscar/



Família chamou ajuda médica, mas, antes do socorro chegar, Elza deu o aviso. (Foto: Stephane Murnier/Divulgação)

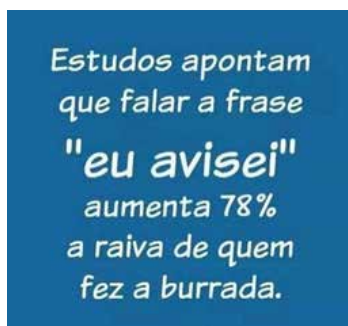
Pedro Loureiro, empresário de Elza Soares, revelou que a cantora **teria avisado** a família que estava partindo dez minutos antes de fechar os olhos e dar seu último suspiro.

Em entrevista ao UOL, ele contou que os últimos momentos de Elza ao lado dos parentes foram de muita tranquilidade. "Ela disse que estava bem, ótima. Foi deitar, escutando música — a gente sempre monitorando os dados vitais. Em um dado momento, ela falou para uma das netas que estava 'indo embora'. A gente achou que fosse uma licença poética", relatou o empresário.

Diante da situação, a família chamou ajuda médica, mas, antes do socorro chegar, Elza voltou a **dar o aviso** e, enfim, partiu. "Ela falou com marido da neta: 'Eles vieram me buscar'. A gente achou que poderia ser algum delírio. Dez minutos depois, ela fechou o olho, respirou e pronto", contou Pedro.

Elza Soares morreu aos 91 anos nesta quinta-feira (20) de causas naturais no Rio de Janeiro.

(Ex. 2)



1 Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/midiamais/famosos/2022/dez-minutos-antes-de-morrer-elza-soares-avisou-familia-eles-vieram-me-buscar/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

2 Disponível em: (1a) <https://makeameme.org/meme/quando-eu-avisei> e (1b) <https://www.facebook.com/statusdehumor/photos/estudos-apontam-que-dizer-eu-avisei-aumenta-em-78-a-satisfacao-da-pessoa-que-avi/1692402517473371/>. Acesso em: 1 abr. 2022.

(Ex. 3)



O verbo *avisar*, assim como o predicador complexo *dar o aviso* (também explorado no texto (1)), está associado a um perfil de padrão construcional de predicação que envolve três papéis participantes a se manifestarem em três lugares argumentais, um com função de sujeito e dois com função de complemento (diretamente ligado ao verbo, por sintagma nominal ou pronome do caso acusativo, objeto direto; e indiretamente ligado, mediante preposição e sintagma de natureza nominal ou pronome do caso dativo, objeto indireto). É o que vemos representado a seguir: [Participante1/quem avisa-ArgumentoSujeito avisar; Participante2/o *que é avisado*-Argumento-Complemento; Participante3/a *quem avisa*-ArgumentoComplemento]^{predicação do dizer ou de comunicação}. O slot verbal está preenchido por *avisar*, embora para esse lugar usos de outros predicadores também possam ser atraídos: *dizer, falar, comunicar, anunciar, informar, alertar, relatar, dar notícia, dar informação, fazer alerta, fazer relato*, entre outros. No caso dos predicadores complexos (que podem envolver determinante na configuração de seu elemento não verbal – *fez (um/o) alerta*, por exemplo), ambos os complementos se configuram como sintagmas preposicionados: “Parece que foi ontem que Taís Araújo *deu a notícia* à imprensa de que estava grávida do segundo filho”.⁴

O verbo *avisar* liga-se, nas manifestações que têm nos textos (1) e (2), a duas configurações desse padrão de construção de predicação do dizer (ao qual são atraídos os chamados verbos *dicendi*): (1) liga-se a uma predicação de alerta a outro, que é associada a variadas situações de engano; (2) liga-se a uma predicação de marcação da ideia de “estar certo”; (3) liga-se a uma predicação de polidez em prol de dissuasão da investida do interlocutor, ou seja, trata-se de uma forma polida de não dizer *não* de imediato ou de revelar justamente uma inclinação a não *dizer/avisar*, especialmente quando combinada a uma configuração com projeção de futuridade (incerta) como

3 Disponível em: <https://m.facebook.com/dlojavirtual/photos/segundo-apontam-os-estudos-feitos-pela-d-loja-virtual-aqui-nesse-instagram-essa-/3072403832819271/>. Acesso em: 1 abr. 2022.

4 Disponível em: <https://www.ofuxico.com.br/noticias/nasce-maria-antonio-filha-de-tais-araujo-e-lazar-ramos/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

[*Vou ver (aqui) e te aviso/falo/digo*]. Essa é socioculturalmente incluída entre frases que, categorizadas entre gírias usadas no Brasil, servem para “dar um perdido” em alguém, predador complexo associado ao significado de *esconder a verdade, blefar, enganar, não corresponder à expectativa*.

A ideia de marcar “ter razão” e construir o efeito de ironia e crítica social plenamente manifesta no uso de “eu avisei” em (2) é título ou manifestação a se apresentar em inúmeros textos no Brasil e está associada a contexto sociocultural (entre outros, especialmente a momento recente de eleição no país) e a sentido especializado. É o que vemos aqui:

(Ex. 4)



E esse tipo de uso é revelador do vínculo entre linguagem/língua e sociedade, bem como de língua e contexto (sociocultural), além de ser evidência da relação língua e cotexto (ambiente linguístico-textual, configuração hierarquicamente mais complexa). Usos verbais emergem ligados a diferentes padrões construcionais, embora verbos sejam simbólica e convencionalmente associados a uma projeção/expectativa de estrutura de participantes (uma de três lugares sintáticos a acolherem três participantes). Tais usos espalham-se por comunidades de falantes/usuários da língua e, assim, convencionalizam-se como rotinas discursivas replicadas socialmente para atender a certas funcionalidades. Então, contamos com o entrincheiramento cognitivo de uso intransitivo do verbo *avisar* para marcar/ironizar que um lado, no eixo comunicativo, está certo e o outro errado. Também se encontra em expressões relativamente fixas como: “Bem que eu *avisei!*”. E no exemplo (4) liga-se à interiorização do aviso/alerta.

5 Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opinioao/fabricio-carpinejar/subscription-required-7.5927739?aid=1.2598481>. Acesso em: 9 abr. 2022.

Além de vermos manifesto o potencial polifuncional de o predador *avisar* se ligar a delineamentos de tematização-figurativização diferentes em (con)textos diferentes, é possível observar, no texto (1), sobre o falecimento de Elza Soares, a figurativização/concretização do processo da morte por predicções e predadores (simples e complexos) como: “eles vieram me buscar”, “partindo”, “indo embora”, “fechar os olhos e dar seu último suspiro”, “fechou o olho, respirou e pronto”. E são usadas para o estado de coisas (pontual) a que esse processo leva: “morrer”/“morreu”, “faleceu”, “partiu”. Eles colaboraram para a construção de um percurso figurativo do relato alinhado à conceptualização de que “os últimos momentos de Elza ao lado dos parentes foram de muita tranquilidade”.

Para saber mais a respeito de potencialidades de figurativização do estado de coisas “morrer” no Português, vale a consulta a estudo sobre os predadores complexos variantes como “ir para o céu”, “ir para o inferno”, “ir para as cucuias” e “ir para o beleléu”, objeto de pesquisa experimental de Guerreiro (2021).

Mostramos, então, como o acionamento de predadores simples (*partir*) e complexos (*ir embora*) é presente nos textos que lemos, embora nem sempre sejam notados. Falta investir na sistematicidade do que, quando é tratado, é muitas vezes referido como “idiomatismo”, visto como apenas do campo do léxico.

1.2 PREDICANDO, “TEMOS EM CONTA” TEXTUALIDADE E CON-TEXTUALIDADE

O processo de construção de sentidos em (con)texto, de semiotização, envolve linguagem verbal e não verbal. Esta é pautada em organizações linguístico-discursivas de diferentes dimensões (fonético-fonológica, prosódica, lexical, morfológica, morfossintática/sintática, textual) e níveis de paradigmática/colocação, combinação e complexidade. Focalizamos um dos procedimentos de organização morfossintática a contribuir para a construção de textos: o da predicação.

Podemos dar uma ideia da relação entre predador/predicação e (con)texto por intermédio de uma leitura (a nossa) desta tirinha de Laerte Coutinho:

(Ex. 5)



Nela, vemos configurações de predicções típicas de duas modalidades expressivas na configuração da textualidade da tirinha. O enunciador transita entre predicções

associadas à construção textual-discursiva a se manifestar sob a forma do gênero conversa espontânea e predicações associadas à construção textual-discursiva a se materializar sob a forma do gênero carta pessoal (no momento em que passa a ser lido o papel que um dos personagens tem em mãos).

Na predicação que anuncia a chegada de uma carta endereçada a uma interlocutora “Chegou carta pra você”, vemos a combinação do verbo *chegar* a uma estrutura com os termos “carta” e “pra você”, sujeito nominativo e complemento dativo (destinatário/alvo) pospostos ao verbo/predicador simples. O movimento retórico de apresentação da carta é seguido pelo movimento retórico de leitura da carta. Esta inicia-se por interlocução direta manifesta por chamamento e referência pronominal à destinatária. Nesse início, ficam evidentes marcas de afetividade e proximidade do autor da carta. Estas são expressas por uma predicação de votos de bem-estar em relação à destinatária, que, em alguma medida, está socioculturalmente cristalizada e, então, aparece, inclusive com configuração muito próxima (*Espero que esteja bem*), em mensagens/e-mails contemporaneamente: “*Espero que esta vá encontrá-la bem e numa situação confortável*”. E a tirinha termina com base num movimento retórico de indagação à ouvinte da leitura sobre o prosseguimento desta e a resposta positiva à continuidade. Vemos, então, também nesses movimentos, predicadores complexos, além do predicador simples *esperar*, em *vá encontrar e continuo lendo*.

E, assim, linguagem não verbal e linguagem verbal se somam na construção da textualidade, do contraste entre a semiose advinda de votos de bem-estar e a semiose oriunda da imagem de uma mulher a ser queimada na fogueira, do efeito de humor a que esse contraste leva, da continuidade das situações (por ser queimada enquanto houver carta por ser lida). E, para esse efeito, também colabora o trânsito entre a linguagem espontânea (que conta com elipses cotextuais do que contextualmente está ativo ou é recuperável – “continua.” [lendo]), linguagem intersubjetiva por meio da qual fica manifesta a atenção à ouvinte da leitura/Berenice dada por seu algoz (“continuo lendo?”) e linguagem associada a padrão socioculturalmente convencionalizado, o rito de iniciar carta pessoal e o de queimar mulher na fogueira (metaforicamente ou não). O objeto carta pessoal é um gênero textual em desuso na contemporaneidade ou, pelo menos, já sofreu reconfiguração, dada a inclinação aos suportes digitais de expressão/comunicação. É interessante destacar que o percurso de figurativização tomado pelo autor dessa tirinha é o de retomar: gênero textual em desuso (carta pessoal), bem como meio de execução utilizado em época pretérita (em tribunais da Inquisição) para pôr fim a hereges e infiéis (“praticantes de bruxaria”), sujeitos-autores/obras proibido(a)s, símbolos de manifestação divergente ou disruptiva quanto ao sistema predominante (de “pecado”).

Na gramática da língua, o sistema de predicações está entre os mecanismos que nos permitem configurar, com diferentes perspectivas e proeminências, tanto a estruturação das informações que são relacionadas nas sentenças que fazem parte da textualidade de um objeto discursivo, quanto a estrutura de papéis argumentais a que correspondem os papéis participantes (também designados de actantes) atraídos semanticamente aos predicadores.

As predicções podem ser assertivas (“Chegou carta pra você.”), interrogativas (“Continuo lendo?”), negativas (diretas ou indiretas, “Vou ver e te aviso”, do texto (3)), imperativas (diretivas ou não, “Continua.”), exclamativas, como os poucos textos que já exploramos sinalizam.

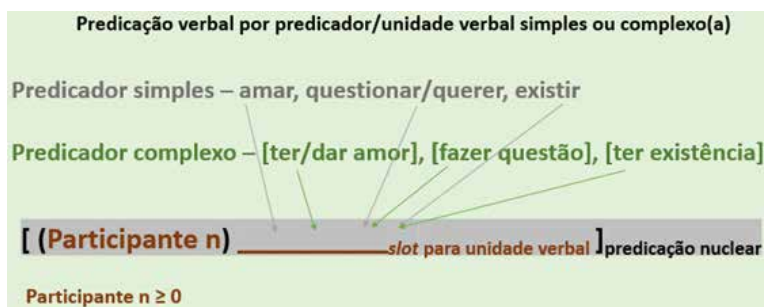
Contamos com predicções na voz ativa em que o argumento sujeito é a força indutora, com perfil agentivo ou sem intencionalidade, força causadora ou experienciadora; predicções na voz passiva (analítica e sintética/pronominal) em que ao argumento sujeito já compete um termo não agentivo, afetado ou efetuado, experienciado ou paciente; predicções na voz reflexiva em que cabe uma relação entre os argumentos sujeito e complemento de correferencialidade (a si mesmo) ou de reciprocidade (um ao outro), haja vista o fato de o papel participante em jogo induzir/fazer e receber/sofrer o que é expresso no estado de coisas ou o fato de envolver mais de um elemento do mundo social na sua constituição semântica em relação de afetamento mútuo.

1.3 PREDICANDO, “RELACIONAMOS” PREDICADORES A TIPOS DE PREDICAÇÃO

A predicação pode ter como fonte predicante uma unidade linguística verbal ou não verbal, como vemos a seguir: Walter *integra*/é *integrante* do time do cantor Carlinhos Brown.

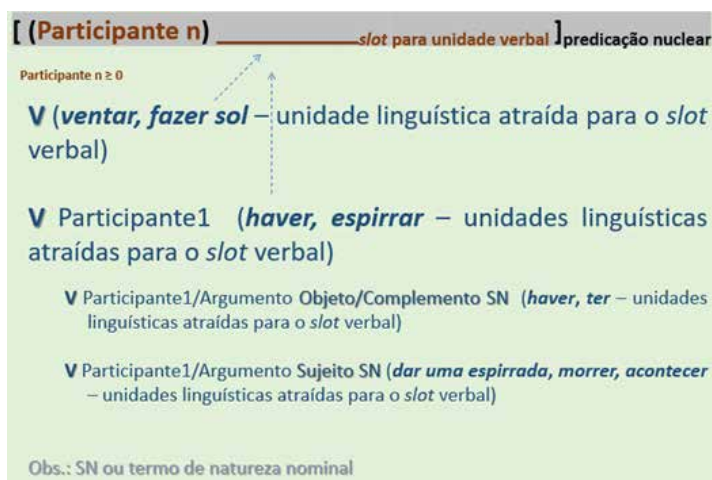
Dois tipos de predicação verbal podem estar em jogo na análise de orações: nuclear e expandida/ampliada. A predicação nuclear centra-se numa configuração oracional que se dá a partir de um predicator simples ou complexo, que pode envolver ou não termo participante.

Quadro 1: Configuração geral de construção de predicação verbal a ter *slot* preenchido por predicator simples ou complexo que implique ou não papel/elemento participante



Se não envolver um termo participante sujeito, é chamada de predicação impessoal. Se envolver um termo participante sujeito, é chamada de predicação pessoal.

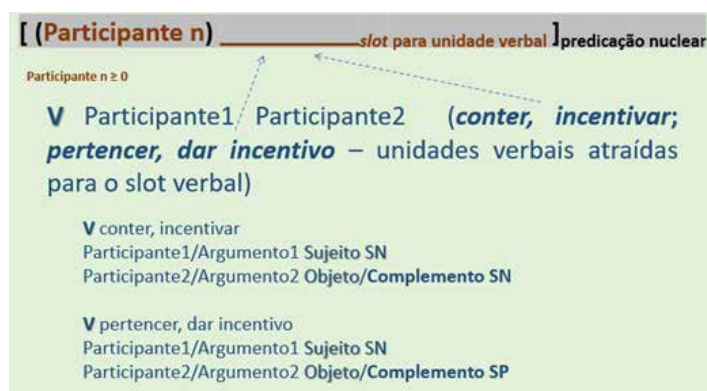
Quadro 2: Construção de predicação verbal com slot preenchido por predador simples ou complexo sem participante ou com um participante (sujeito ou objeto)



Fonte: Autoral

A construção de predicação impessoal pode ser transitiva ou não: se transitiva, envolve um argumento que é complemento. A construção de predicação pessoal pode ser transitiva ou intransitiva. Se intransitiva, envolve um argumento sujeito. Se transitiva, pode apresentar configurações com um, dois ou três argumentos complementos, conforme vemos nos próximos dois quadros:

Quadro 3: Construção de predicação verbal com slot preenchido por predador simples ou complexo com dois participantes



Fonte: Autoral

A predicação transitiva pode envolver até quatro lugares argumentais a acolherem, por relação de atração ou coerção, termos que integram a configuração semântica do predicator (simples ou complexo). Vejamos exemplos de padrões construcionais que podem ser mobilizados nesse sentido, sem qualquer pretensão de exaurir a descrição das potencialidades gramaticais de estruturação sentencial:

Quadro 4: Construção de predicação verbal com slot preenchido por predicator simples ou complexo com dois participantes



Fonte: Autoral

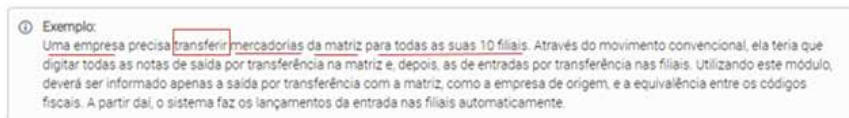
Há quem discorde do limite máximo de projeção de quatro termos argumentais a fazerem parte da configuração de uma predicação nuclear, advogando que sentenças do Português seriam configuradas por até três termos argumentais. Embora nem sempre, por razões de natureza sociopragmática, se preencham os quatro lugares previstos na estruturação semântico-sintática de uma predicação verbal cujo predicator encaminhe isso, entendemos que o padrão construcional a licenciar dados de uso, isto é, uma representação esquemática e abstrata feita por um falante ou analista/linguista ou docente, prevê:

(Ex. 6)



7

(Ex. 7)



8

Exemplo de outro padrão construcional ao qual *mover* se liga é o padrão que relaciona três participantes, conforme se manifesta na manchete a seguir:

(Ex. 8)



9

Nesse caso, vemos uma unidade verbal que se envolve frequentemente na configuração da microconstrução “mover ação”, da qual tende a emergir significado ligado ao

7 Disponível em: <https://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2010/08/casal-usa-caminhao-para-mover-casa-para-outro-terreno-nos-eua.html>. Acesso em: 23 mar. 2022.

8 Disponível em: <https://ajuda.alterdata.com.br/fiscalbase/integracao-entre-empresas-transferencia-de-movimento-de-comercio-entre-matriz-e-filiais-94361941.html>. Acesso em: 23 mar. 2022.

9 Disponível em: <https://www.tjmg.jus.br/portal-tjmg/noticias/tjmg-nega-dano-moral-a-servidor-que-moveu-acao-contra-jornal.htm#.YjyEZufMKM8>. Acesso em: 23 mar. 2022.

domínio discursivo de processamento judicial. “Mover ação”, por um lado, é bastante frequente em dados da língua e se alinha à alternativa construcional “fazer ação” (cujo campo de abrangência em termos de estados de coisas é amplo, por poder corresponder a *agir*), mas, por outro lado, também se liga semanticamente à significação específica “ajuizar/movimentar/dar curso a” ação/processo judicial, como os exemplos a seguir permitem notar:

(Ex. 9)

Polícia Civil **faz ação** contra esquema de lavagem que *movimentou* R\$ 3 bilhões
Operação ainda contou com participação do Ministério Público¹⁰

(Ex. 10)

Recentemente, a OAB-RS **movimentou ação de inconstitucionalidade** em relação ao uso dos depósitos judiciais pelo Executivo gaúcho, prática habitual nas três últimas gestões estaduais.¹¹

Uma possibilidade de leitura com que temos trabalhado é a de que há verbos que não são tão frequentemente atraídos ao lugar de verbo suporte num predicador complexo, mas podem também operar nesse lugar e, então, por força de coerção da construção de predicador complexo que licencia dados em nossas práticas de predicação, ser associados a esse uso. É o que notamos em *mover* em “*mover ação*”, que tem vínculo com o que chamamos de verbo semissuporte (cf. MACHADO VIEIRA, 2018, p. 99), que:

[...] em certa medida, têm aparência gramatical de verbo suporte (pois, operando sobre um elemento não-verbal, conferem-lhe estatuto verbal e com este formam unidades funcionais de predicação verbal com papel similar ao de um verbo pleno), porém não são tão rotineiramente empregados para a formação regular de exemplos de predicadores complexos [...].

Usos de *mover* também se ligam a outro padrão construcional de predicação, por meio do qual se dá proeminência ao participante a se mover, de modo similar ao de predicadores como *agir*, *pôr-se em movimento*, *fazer exercícios*, *exercitar-se*, *dançar*:

10 Disponível em: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/policia-civil-faz-acao-contra-esquema-de-lavagem-ue-movimentou-r-3-bilhoes-23032022>. Acesso em: 23 mar. 2022.

11 Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/uso-de-depositos-judiciais-sera-tema-de-reuniao-do-conselhao-na-proxima-quarta-feira>. Acesso em: 23 mar. 2022.

(Ex. 11)



Mover-se (andar ou agir/fazer algo) e mover-se ou mover outrem/algo entre lugares, por um lugar, de um lugar para outro chamam nossa atenção para o fato de que um verbo, um predador, pode ligar-se a diferentes tipos de configurações sentençiais de predicação, como veremos brevemente na próxima seção. Precisamos estar atentos às possibilidades de combinação, tendo em vista que há forças de atração e de coerção a atuarem nelas (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018), bem como a potencialidade de usos criativos (decorrentes, inclusive, de incompatibilidades/*mis-matches*). É o que vemos, por exemplo, entre *dê* e *cá*, este, variante pronominal mais comum em Portugal, acionado em lugar de referência dêitica ao enunciador pelo pronome *aqui* ou *me*, para construir efeito de humor (em estrutura de imperativo) mantendo ligação com atributos de forma do pronome interrogativo *cadê*.

(Ex. 12)



Por fim, vale dizer que a predicação expandida ou ampliada é configurada a partir da relação de modificação manifesta por termo não argumental ou termo satélite (um ou mais) com função sintática de adjunto (adverbial ou oblíquo não nuclear) e ligado ao predador. Por exemplo:

(Ex. 13)

[Na quinta-feira passada (10)], o fogo que assola o Pantanal invadiu a aldeia Córrego Grande – Gomes Carneiro, no Mato Grosso. A comunidade é habitada por cerca de 450 indígenas bororo e pertence à Terra Indígena Tereza Cristina, a cerca de 304 km de Cuiabá. [Com pouquíssimos recursos], mora-

12 Disponível em: <https://secet.alagoinhas.ba.gov.br/mova-se/index.php>. Acesso em: 5 abr. 2022.

13 Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photo/a.488361671209144/5346745738704022/>. Acesso em: 8 abr. 2022.

dores da aldeia tentaram conter o fogo e impedir a destruição de seu território sagrado. [Com o avanço das chamas], 48 famílias precisaram abandonar suas casas. A mata ao redor da comunidade ficou completamente destruída. [Dias depois do incêndio], a fumaça [ainda] está na aldeia e preocupa lideranças indígenas.¹⁴

Há, na literatura, quem entenda que a estruturação sentencial de argumentos é determinada por predicadores (simples e complexos), bem como quem considere que predicadores estão tipicamente associados, de modo relativamente estável, a uma configuração de papéis participantes e, assim, combinam-se ao slot verbal de construções de estrutura argumental delineada por (im)personalidade gramatical e por (in)transitividade: construções de estrutura argumental impessoal intransitiva, construções de estrutura argumental impessoal transitiva, construções de estrutura argumental pessoal intransitiva e construções de estrutura argumental pessoal transitiva. Esta é a que adotamos aqui, como foi possível ver pelos exemplos. Vejamos, então, algumas possibilidades de recortes de conceptualização de estados de coisas por meio de construções de predicação em jogo na configuração de orações que tecem um texto. Ao configurarmos uma sentença, recortamos ou perfilamos conceptualmente conteúdo(s) numa base construcional mais ampla, assim como salientamos faces ou relações envolvidas nessas bases, para a codificação de uma expressão linguística sob a forma de oração, que é a unidade linguística que serve de referência a nosso objeto de observação neste capítulo.

1.4 PREDICANDO, RECORTAMOS OU ATIVAMOS UM PERFIL CONCEPTUAL DE CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURA ARGUMENTAL

To summarize, we need not be blind to potential differences between uses of a construction with particular verbs. We need to account for verb meaning anyway, so it makes sense to look to verb meaning to determine whether differences in interpretation or in the range of possible paraphrases can be straightforwardly accounted for by it.¹⁵

Predicações verbais relacionam-se a construções de estrutura argumental que, por sua vez, permitem perfilar aspectos das bases de conceptualização de estados de coi-

14 Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-fogo-acabou-com-tudo/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

15 Para resumir, não precisamos ficar cegos às diferenças potenciais entre os usos de uma construção com verbos particulares. Precisamos levar em conta o significado do verbo de qualquer maneira, então faz sentido olhar para o significado do verbo para determinar se as diferenças na interpretação ou no intervalo de paráfrases possíveis podem ser explicadas diretamente por ele (GOLDBERG, 2006, p. 43, tradução nossa).

sas de que os sujeitos/indivíduos enunciadore partem ou (re)ativam na construção de seus textos. Embora correspondam a generalizações que estão na base da conceptualização de estados de coisas por indivíduos falantes de diversas línguas, não são independentes do cotexto, do texto e do contexto em que se materializam. Afinal, os efeitos de sentido construídos por sentenças são estruturados por mais ingredientes do que os significados associados a construções de estruturas argumentais. Predicadores, elementos participantes e argumentais, desenho e entorno linguístico-textuais e contorno sociocultural entram nesse cálculo! Assim, um enunciado como “Ele bebe.” pode, a depender do contexto de enunciação, ser elaborado para se relacionar a uma predicação de perfil crítico-atributivo (“Ele é alcoólatra.”) ou, por outro lado, a uma predicação de perfil assertivo-eventivo (“Ele bebe/ingere” (líquido cujo referente é dêitico), numa resposta à pergunta feita em consulta pediátrica, por exemplo). A elaboração desse enunciado com base numa estrutura com argumento complemento preenchido (por exemplo, por “refrigerante”) já tende a bloquear vínculo a uma predicação de perfil crítico-atributivo. Naturalmente, outras características (inclusive, prosódicas) da construção textual-discursiva podem desfazer isso. Essas considerações ilustram a relatividade numa expressão linguístico-textual.

Mostraremos, a seguir, algumas possibilidades de construção de estruturação argumental segundo diferentes perfis de conceptualização de faces ou relações que configuram estados de coisas no mundo biossocial ou psíquico, sem qualquer pretensão de exaurir o riquíssimo manancial disponível e passível de ser capturado por observação de usos linguísticos. A intenção aqui é mostrar um panorama geral de tipos de predicação, considerando predicação como relação semântico-sintática a balizar a configuração de sentenças. E essa configuração depende do olhar/da lente do enunciadore e de sua captura (ou de intenção com essa captura) de elementos constitutivos de uma cena dinâmica/eventiva ou não dinâmica/estativa no mundo biossocial, de um estado de coisas no mundo sentido, percebido ou observável.

E, para tanto e por limite relativo à extensão deste capítulo, nesta seção serão utilizados tanto exemplos criados (para brevemente ilustrar a configuração sentencial de que tratamos) quanto, em um ou outro caso, exemplos observáveis em excertos de textos reais (os deste caso têm a indicação do *link* para acesso ao texto na íntegra, como feito até aqui).

1.4.1 ACONTECIMENTO

No imaginário coletivo, verbo frequentemente é ligado a acontecimento e a ação, embora estes sejam alguns dentre os estados de coisas que verbo predador pode sinalizar ao se ligar a uma estrutura semântica de papéis participantes. Operamos com inúmeras possibilidades para pregar um estado de coisas de acontecimento. Queremos explorar aqui apenas predicações que envolvam predadores semanticamente ligados à ideia de acontecer. Para tanto, contamos com predadores simples, por exemplo, *haver*, *acontecer*, *ocorrer*, *admir*, *sucedor*, *realizar-se*, bem como predadores complexos como *ter lugar*, *tornar-se realidade/real/fato* que se colocam em construção

de estrutura argumental impessoal ou pessoal, geralmente de configuração intransitiva mas também transitiva. Vejamos enunciados que ilustram tais possibilidades:

(a) *Houve/Teve/Teve-se* vários acidentes de trabalho.

(b) *Ocorreram/Aconteceram/Tiveram lugar* vários acidentes de trabalho.

(c) *Colegas que lhes aconteceu o mesmo*.¹⁶

Aconteceram-me vários acidentes de trabalho.

Esses exemplos ilustram, respectivamente: (a) o acionamento do predicador simples *haver* ou *ter(-se)* (e até do predicador complexo “*haver existência*”¹⁷) para uma construção de predicação com estrutura argumental impessoal transitiva, que envolve um argumento participante *fato/acontecimento* como complemento; (b) a possibilidade de uso de predicadores, como *ocorrer*, *acontecer*, *ter lugar*, entre outros, como alternativas ao *slot* verbal de uma construção de predicação com estrutura argumental pessoal que envolve argumento sujeito/participante *fato/acontecimento*, a esse padrão de estruturação também pode ser atraído, com alguma frequência, o verbo *existir*; (c) a potencialidade de emprego do verbo *acontecer* numa construção de predicação com estrutura argumental pessoal transitiva que envolve argumento sujeito/participante *acontecimento/fato* e argumento complemento alvo/experienciador do *acontecimento*. Aproveitamos para destacar que, a esse terceiro padrão construcional (“*Aconteceram-me* vários acidentes de trabalho”), podemos associar outra alternativa de estruturação sentencial que também implica dois participantes: a do padrão construcional envolvendo, por exemplo, os verbos *ter* e *sofrer*: *Tive/Sofri* vários acidentes de trabalho. Nesse caso, a perspectivização do participante afetado pelo *acontecimento* é a que tem maior proeminência.

É possível perfilar, por outra pela predicação, a relação de afetação/”posse” a partir da perspectiva de avaliação/estimativa/atribuição feita por outrem (um terceiro participante, observador do estado de coisas), por exemplo, numa sentença como: Pelos laudos apresentados pelos funcionários até então ouvidos no processo, os advogados de defesa estimam-lhes *vários acidentes de trabalho/que eles têm vários acidentes de trabalho*.

16 Contexto com exemplo dessa possibilidade de acionamento de padrão construcional transitivo: “Boa noite. Eu gostaria que me ajudassem no meu problema. Tive um acidente de trabalho na qual tive que fazer uma astroscopia ao joelho esquerdo. Foi já dito que terá que ser atribuída uma % de incapacidade. Como terei que fazer para o seguro assim o fazer uma vez que já tive colegas que lhes aconteceu o mesmo é o seguro nem atribui incapacidade nem mandou para tribunal.” Disponível em: <https://blog.sitedossegueros.com/2011/03/as-5-incapacidades-resultantes-de-acidente-de-trabalho/>. Acesso em: 8 abr. 2022.

17 “Ao analisar o caso, o juiz entendeu que houve existência de labor acima dos limites estabelecidos pela Constituição e condenou as empresas terceirizadas ao pagamento de horas extras e de valores reflexos da inobservância do intervalo mínimo para descanso e alimentação. O juiz também considerou a confissão aplicada à primeira reclamada e entendeu serem verdadeiras as alegações do autor no que se refere às verbas rescisórias. Com isso, deferiu o pagamento de multa prevista no artigo 477 da CLT.” Disponível em: <https://jornaldaordem.com.br/noticia-ler/hospital-nao-responde-por-verbas-rescisorias-contrato-entre-empresa-e-funcionario-terceirizado-sao-p/43997>. Acesso em: 8 abr. 2022.

1.4.2 RELAÇÃO DE POSSE (POSSUIDOR-DETENTOR/CONTAINER – ENTIDADE POSSUÍDA/CONTEÚDO)

Ao exprimir relação de posse num texto, é possível fazê-lo por diferentes perspectivas de apreensão do estado de coisas que se manifestam morfossintaticamente ao lançar mão de:

(a) um padrão construcional de predicação pessoal transitiva (direta ou indireta) que envolve um argumento sujeito/participante possuidor e um argumento complemento/participante possuído (direto ou indireto/via preposição), padrão para o qual são atraídos predicadores que exprimem um estado de coisas relativo ao estado de *possuir* figurativizado a partir do *possuidor* (*ter, possuir, deter, conter, ter a posse, ter a propriedade, ser proprietário* – como vemos, inclusive predicadores complexos com verbo relacional/de ligação);

Diogo *tem* vários bens imóveis desta região.

Diogo *tem a propriedade* de vários bens imóveis desta região.

ou

(b) um padrão construcional de predicação relacional que envolve um argumento sujeito/participante possuído que é caracterizado por sua relação a um possuidor, outra perspectiva de captura do estado de coisas.

Vários bens imóveis desta região são do Diogo.

1.4.3 COMUNICAÇÃO VERBAL

A configuração de predicações de dizer/comunicação pode ser licenciada tanto por padrão construcional com teor assertivo-argumentativo (ao qual unidades linguísticas, como *assegurar, argumentar, defender, garantir, fazer a defesa, dar garantia*, entre outros predicadores, são mais atraídas) quanto por padrão construcional com teor declarativo-informativo (*dizer, anunciar, informar, avisar, comunicar, sugerir, dar sugestão*, entre outros predicadores). Embora isso mostre, pelo menos, duas categorias de construções para conceptualização de um estado de coisas relativo ao *interagir/comunicar* às quais formas verbais específicas são mais tipicamente associadas, em ambos os casos a estrutura de argumentos na base delas é a trivalente: um participante força indutora/*quem diz*-argumento sujeito, um argumento tema/o *que é dito*-argumento complemento e um participante destinatário/alvo/a *quem é dito*-argumento complemento (objeto indireto). Naturalmente, o referente-participante destinatário pode ser omitido, entre outras razões por ter perfil genérico e indeterminado ou por ser ativado por meio de outros recursos no entorno textual ou dêitico.

A empresa *assegurou/comunicou* aos candidatos as condições de recurso.

A construção de predicação de comunicação verbal, de discurso reportado, é associada à metáfora do conduto e, então, é conceptualizada como um tipo de movimento de transferência.

1.4.4 TRANSFERÊNCIA DE POSSE (FÍSICA OU ABSTRATA), MOVIMENTO CAUSAR-(NÃO)RECEBER/ACEITAR/INTERPRETAR

Também podem ser licenciados com estruturação triargumental e com configuração similar em termos de papéis participantes e lugares sintáticos à predicação de comunicação dados da predicação feita por predicador (simples ou complexo) que implica transferência de um objeto de discurso/entidade do mundo psicobiossocial a um receptor/destinatário. Nesse caso, tanto se pode perspectivar a cena por ênfase à oferta quanto por ênfase à recepção da entidade transferida: um participante força indutora/quem *oferece ou transfere-argumento* sujeito, um argumento tema/o *que é transferido-argumento* complemento e um participante destinatário/alvo/a *quem é transferido-argumento* complemento (objeto indireto). São atraídos para o *slot* verbal desse tipo de predicação predicadores, como: *dar, transferir, entregar, trazer, doar, recusar, fazer uma oferta/doação*, entre outros. Também em predicações com essa semântica, o argumento destinatário/alvo pode ser omitido: “No dia das mães, muitos *oferecem/dão* flores (às mães)”. O referente é recuperável por conta de conhecimento enciclopédico, além de ser uma referência ativada pela circunstância expressa por relação gramatical com o verbo *oferecer* de adjunto adverbial “No dia das mães” ou, a depender do contexto discursivo, uma referência dêitica. Outra perspectiva da cena é vista neste exemplo: Em maio, muitas mães *recebem* flores (de seus filhos).

Outra face que pode ser perspectivada no movimento é a da recusa, da não causação da transferência. Vemos essa face expressa neste excerto de texto jornalístico português, vemos inclusive o verbo predicador *recusar* numa predicação a partir de predicador complexo com verbo auxiliar *ter* e numa predicação com a omissão do argumento destinatário/alvo:

(Ex. 14)

Julie Roginsky, que é uma editorialista habitual desta televisão por cabo, garantiu que Roger Alies lhe teria explicado que ela deveria ter relações sexuais com “homens casados, mais velhos e conservadores”.

(...)

Conselheira de comunicação de várias personalidades democratas, Julie Roginsky afirmou também que foi alvo de medidas de retorsão, depois de ter recusado as sugestões.

Em particular, a estação televisiva recusou-lhe um lugar de co-apresentadora da emissão “Os cinco”, que lhe tinha sido prometido.¹⁸

18 Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/fox-news-processada-novamente-por-assedio-sexual-5768589.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

1.4.5 MOVIMENTO CAUSADO

Outro tipo de configuração é a de transferência perspectivada como movimento causado (ou autocausado) por uma força indutora que movimenta uma entidade do mundo psicobiossocial numa trajetória. É o caso de predicações organizadas a partir de predadores, como: *transferir, levar, transportar, conduzir, encaminhar, passar, deslocar, mover, movimentar, deslizar*, entre outros. Construções em que estão envolvidos quatro argumentos podem licenciar dados desse tipo de predicação.

Nesse caso, uma projeção da estruturação argumental a acolher essa predicação é a seguinte: um participante força indutora/*quem transfere/move*-argumento sujeito, um argumento tema/*o que é transferido/movido*-argumento complemento, um participante circunstancial ponto de partida/origem/*onde é transferido/movido*-argumento complemento e um participante circunstancial/ponto de chegada/destino/*aonde/para onde é transferido/movido*-argumento complemento. Os dois últimos complementos correspondem à categoria complemento circunstancial, proposta em Rocha Lima (2007). Exemplo dela está nesta sentença: O enfermeiro *conduziu* o paciente da UTI até a enfermaria.

Outra possibilidade de projeção de estruturação argumental é a que acolhe essa predicação perspectivando o caminho. Aqui, já temos outra configuração em jogo: um participante força indutora/*quem transfere/move*-argumento sujeito, um argumento tema/*o que é transferido/movido*-argumento complemento, um participante circunstancial o espaço de deslocamento entre origem e destino/*caminho/por onde é transferido/movido*-argumento complemento. Por exemplo: O enfermeiro *levou* o paciente pelo corredor entre UTI e enfermaria. Também é possível focalizar num texto apenas quem transfere/move e o que foi transferido/movido, sem entrar em detalhes quanto à circunstância espacial do deslocamento por uma via.

1.4.6 MOVIMENTO (DE UMA LOCALIZAÇÃO A OUTRA, POR CAMINHO/ENTRE UMA E OUTRA)

Para exprimir a mobilidade de entidades do mundo biossocial, também nos valem de construção de predicação de movimento no espaço ou no tempo, à qual se ligam, por exemplo, os verbos *ir* e *vir*, entre outros (*chegar, partir, correr, viajar, sair, entrar*) e a projeção de uma estruturação semântica que pode envolver: movimento, meio do movimento, percurso/caminho, localização de início do movimento, localização de término do movimento. *Ir* perfila um participante que se afasta do ponto de partida tomado pelo enunciador como referência/orientação do movimento. *Vir* perfila um participante que se aproxima do ponto de chegada tomado pelo enunciador como referência.

A estrutura argumental para a expressão desse tipo de predicação pode ser transitiva ou intransitiva (com foco em *quem/no que se desloca*). E a estrutura sentencial pode envolver complemento circunstancial ou não, se este puder ser recuperável em razão de pistas ativadas na contextualidade desenhada por intermédio de texto ou a

partir dele, pelo lugar de fala do enunciador, por referências dêiticas ou referências que fazem parte de nosso conhecimento enciclopédico.

Se transitiva, a estrutura sentencial pode ser ligada a uma construção biargumental (*entrar*, por exemplo – com dois lugares sintáticos para acolher *quem entra e onde entra*), bem como pode ser triargumental (*ir*, por exemplo – com três lugares sintáticos para acolher *quem vai, donde vai e para onde vai*). Vejamos, por exemplo, este dado, em que o meio pelo qual o movimento no espaço geográfico ocorre está incorporado ao predador e em que a predicação triargumental se manifesta.

(Ex. 15)

Filipe cresceu ouvindo histórias do suíço Aime Tschiffely, que cavalgou da Argentina até Nova York nos anos 1920.¹⁹

Com frequência, esse tipo de padrão construcional de predicação envolve apenas um complemento circunstancial: origem ou destino, quando o outro é pressuposto por pistas contextuais; o trajeto/caminho entre origem e destino. A configuração sentencial pode ser feita de modo a dar ênfase ao movimento pura e simplesmente, ao percurso/caminho, ao ponto de partida, ao ponto de chegada ou a expressar todos os elementos participantes da cena. Por exemplo, *Estudante vai* de sua casa à escola de cavalo. Exemplos de sentenças com ênfase no movimento em si podem ser vistos nos usos de *vir* e *chegar*, e os de sentença com dois lugares argumentais no de *entrar*:

(Ex. 16)

Tem mais de três semanas que a gente conversava com nossos parentes de outras aldeias sobre o fogo que estava vindo. Ele veio da aldeia Piebaga, que fica perto. Até então, a gente só via o fogo de longe, não esperava que fosse chegar tão forte. Tudo começou na segunda (7), quando alguns dos colegas que trabalham numa fazenda vizinha vieram avisar para ficar atento com o fogo. Aqui em volta tem muita fazenda de pecuária. O nosso pessoal que mora aqui, os anciãos, falaram que o fogo não ia entrar na aldeia porque tem o rio aqui em volta, que ia fazer uma barreira. E a gente acreditou no que eles falaram. Mas quando a gente assustou, o fogo já tava aqui dentro da comunidade.²⁰

Vale destacar que, nesse trecho, encontramos sentenças licenciadas por predicação não dinâmica/estativa de localização com *morar* e *estar*. Esse tipo de predicação também pode ser expresso por outros predadores (simples e complexo) com estrutura semântica a envolver dois elementos participantes: *residir*, *ter morada*, *ter residência*.

19 Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/entrevista-o-brasileiro-que-percorreu-toda-a-america-a-cavalo/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

20 Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-fogo-acabou-com-tudo/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Outra face é a de predicação de movimento por lapso temporal entre um e outro intervalo de tempo (perspectivando a continuidade do intervalo) ou de uma localização no tempo a outra (perspectivando início ou fim). Por exemplo: Os problemas *vêm* desde o início do mandato. Ou: “Sem transporte, estudante *leva* uma hora e meia a cavalo para chegar à escola na Baixada Fluminense”.²¹ Nessa manchete jornalística, já notamos outro perfil de construção de predicação a pôr em relevo a duração, a envolver dois argumentos – sujeito e complemento (circunstancial, segundo Rocha Lima (2005)) – e para a qual verbos, como *demorar*, *durar*, *levar*, *usar*, podem ser atraídos.

1.4.7 CAUSALIDADE-RESULTATIVIDADE

A predicação de causação-resultado também está ligada à construção de predicação de movimento causado. Nesse caso, está em jogo o movimento, ou melhor, mudança de condição/estado ou propriedade, em vez de localização. Na literatura cognitivista, estados são vistos como localizações. Logo, passa-se de mudança de lugar para mudança de estado/condição ou propriedade. Essas estruturas de predicação mantêm laços metafóricos.

Está previsto o processo de mudança baseado na relação entre força indutora causadora, alvo de ação desta força, e transformação deste alvo, resultando em estado ou propriedade desse processo. Para perfilar tais conteúdos numa sentença, é possível lançar mão de construções de predicações com estas estruturas argumentais:

(a) via construção de predicação complexa, com predicação agentiva-transitiva com participante causador-argumento sujeito, manifestando o subevento de causação, e com predicação resultativa com participante afetado/causado-argumento complemento e com participante resultado-argumento complemento (complemento predicativo, em Rocha Lima (2005)), manifestando o subevento de mudança de condição ou propriedade. Por exemplo: “[A proximidade do ENEM] *fez* [os alunos ficam ansiosos.]”

(b) via construção de predicação agentiva transitiva-resultativa, com participante causador-argumento sujeito, participante afetado-argumento complemento, participante resultado-argumento complemento (complemento predicativo, em Rocha Lima (2005)). Por exemplo: “A proximidade do ENEM *deixou* os alunos ansiosos.”

(c) pela construção de predicação relacional de mudança de estado, em que a relação entre participante afetado-argumento sujeito e participante-resultado e o caminho de afetação do participante, a passividade daquele e a mudança de sua condição ou de alguma propriedade sua são perspectivados. Por exemplo: *Os alunos ficaram ansiosos*. É ainda possível manifestar o participante causador por intermédio de modificador, pelo adjunto adverbial “por causa da/com a proximidade do ENEM”. E são atraídos para o *slot* de predicador os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* (cf. FERREIRA, 2019). Por exemplo: *Com a proximidade do ENEM, os alunos viraram pessoas ansiosas*.

21 Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/24/sem-transporte-estudante-leva-uma-hora-e-meia-a-cavalo-para-chegar-a-escola-na-baixada-fluminense.gh.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

(d) via construção de predicação relacional de estado cujo foco está na relação (estável ou estabilizada em certo intervalo de tempo) entre o resultado e o participante afetado, bem como na continuidade dessa relação. Por exemplo: “Desde que fizeram a inscrição no concurso do ENEM, os alunos *ficaram* ansiosos.”. E, nesse lugar, são viáveis predicadores, como *permanecer*, *prosseguir*, *persistir*, *conservar-se*, *manter-se*, por exemplo.

O argumento que acolhe o resultado pode configurar-se formalmente como um termo adjetival (animados), nominal (jovens centrados), preposicional (de boa), adverbial (bem).

1.4.8 NEGOCIAÇÃO (COMPRAR, ADQUIRIR, VENDER, PAGAR, NEGOCIAR)

Outro tipo de predicação é a que envolve negociação e, por conseguinte, se associa a uma construção de estrutura argumental mais geral com até quatro elementos participantes: os participantes que negociam (origem e beneficiário do câmbio), os participantes cambiados (valores trocados, o objeto da relação de compra e venda e o valor pago). E, assim, o acionamento de predicadores como *comprar*, *adquirir*, *vender*, *pagar*, *receber*, *negociar*, *mercar*, *comerciar*, *fazer comércio*, por exemplo, viabilizam o recorte da cena segundo o propósito discursivo de dar proeminência a um perfil da cena representada linguisticamente. Também, em predicação de negociação, há variabilidade quanto à concretização sintática de sentenças. Em geral, muitas sentenças apresentam usos desses predicadores envolvendo dois argumentos, sujeito e complemento. Porém, encontramos também a representação da cena com base nos quatro elementos participantes (um argumento sujeito e três argumentos complementos). Por exemplo: [Alguém] já pagou [uma quantia bastante alta] [a outrem] [por marketing nas redes sociais]? É também viável representar o estado de coisas pelo resultado da negociação. Por exemplo, isso ocorre no *tweet* com “*isso vende*”: quer por perfil próximo ao de “é vendável/comercializável” quer por perfil afim ao de “tem aceitação/público” (o *se* que parece mais forte no *tweet*).

(Ex. 17)

*Que o #BBB22 não atendeu as expectativas do público geral é fato mas mesmo assim muitas pessoas ainda comentam e assistem seja pra falar que flo-pou ou para torcer por seu favorito. O fato é que o gigante da TV brasileira está na boca de todos negativa ou positivamente, isso vende.*²²

22 Disponível em: https://twitter.com/aru_acosta/status/1510753841469394951. Acesso em: 10 abr. 2022.

1.4.9 (REALIZ)AÇÃO

A construção de predicação de ação ou de realização ficou por último, porque é normalmente a mais tratada em descrições morfosintáticas: a construção transitiva *X realizar/fazer Y*, como em “Diogo fez a sua parte”. Essa predicação mais geral pode licenciar pelo menos dois padrões construcionais (ou subesquemas): um com participante1/*quem age*-argumento sujeito (intransitiva, *X agir*, como em “Diogo sorriu.”); outro com participante1/*quem age ou a força que induz*-argumento1 e participante2/*o que é efetuado ou afetado por aquele(a)*-argumento2. E, na voz ativa, o primeiro relaciona-se à função de sujeito; o segundo vincula-se à função de complemento (objeto direto). Na voz passiva, este assume a função de sujeito; àquele é dado um lugar menos proeminente, o de complemento tradicionalmente conhecido como agente da passiva. O participante força indutora posto na condição de termo argumental com função de agente da passiva, segundo pesquisas (MACHADO VIEIRA; SANTOS; KROPF, 2019), tende a ser omitido ou opacificado em textos jornalísticos e acadêmicos pelo emprego de termos de referência genérica ou indeterminada (como “por alguns”, “por muitos”), pelo fato de não haver intento discursivo em (re)ativar seu referente específico ou ele ser acessado por pistas contextuais ou por conhecimento enciclopédico.

1.5 PREDICANDO, VALEMO-NOS DE TERMOS ARGUMENTAIS E NÃO ARGUMENTAIS

Como dissemos no início deste capítulo, a predicação pode ser configurada com base no que é nuclear/basilar à sua organização e expandida/ampliada por termos satélites, não argumentais, que somam conteúdos relativos às circunstâncias da cena, do estado de coisas: predicação nuclear e predicação expandida. Termos satélites manifestam, por exemplo, pormenores relativos a conteúdos como tempo, cenário, modo, meio, instrumento, assim como a motivação, finalidade de um estado de coisas.

Os papéis argumentais são lugares potenciais relativos às construções de predicação, na base conceitual das manifestações linguísticas. E os papéis participantes são previstos pelos predadores. Nem sempre há compatibilidade entre papéis participantes e papéis argumentais. Assim, um verbo como *dançar* está normalmente associado a um participante/*quem dança*-argumento sujeito. Pode, no entanto, ocorrer em construção de predicação transitiva com argumento destinatário/alvo, como: O Corpo de Baile do Municipal do Rio *dançou/fez apresentação* para o público do evento. A esse respeito, vale conferir Oliveira (2014).

Segundo Goldberg (2006, p. 42), possíveis rotas para o estatuto de argumento são as que vemos representadas neste quadro, feito com inspiração e adaptação no que a autora apresenta nesse livro:

Quadro 5: Uma diretriz para a definição do estatuto de termo argumental ou não argumental/adjunto, definido pelo predicador (simples ou complexo) e/ou pela construção de predicação

	Com papel de argumento na construção de estrutura	Sem papel de argumento na construção de estrutura
É papel participante perfilado/obrigatório do verbo	(a) ARGUMENTO de verbo/predicador simples ou complexo e de construção <i>[Alguém] pôs [muita canela] [no cappuccino].</i>	(b) ARGUMENTO por contribuição de verbo/predicador simples ou complexo <i>Alguém encheu o cappuccino [de canela].</i>
Não é papel participante perfilado/obrigatório do verbo	(c) ARGUMENTO por contribuição da construção de predicação <i>Alguém espirrou [canela] [do cappuccino] [para o meu cabelo].²³</i>	(d) ADJUNTO (não argumento) <i>Alguém pôs muita canela no cappuccino [aqui em casa].</i>

Fonte: Goldberg (2006, p. 42) Table 2.2. Possible routes to argument status – com adaptação.

Entre vantagens da abordagem construcionista de estruturação sintática aqui brevemente descrita, estão: (a) o fato de os vários sentidos que emergem no texto e em contexto poderem ser sistematizados gramaticalmente e descritos com alguma parcimônia por laços/links de herança polissêmica e, então, evitarmos uma série de entradas dicionarizadas diferentes para dar conta de usos verbais (relativamente com o mesmo sentido) que se ligam a perfilamentos/recortes diferentes da cena representada linguisticamente e a construções gramaticais de predicação diferentes (que servem, inclusive, de base a configurações oracionais noutras línguas); (b) a possibilidade de lidar com predicadores que são atraídos para certas generalizações que cognitivamente retemos pelas nossas experiências (de produção e leitura/processamento) com organização sentencial no mundo psicobiossocial, assim como com predicadores que são coagidos a um certo funcionamento. É o que vemos em casos em que verbos, como *espirrar* ou *tossir* (verbos, de partida, intransitivos, com um papel participante previsto) são ligados à construção mais geral de predicação de movimento causado, que pode licenciar microconstruções com dois, três ou quatro argumentos. Nossa expectativa em tal construção levaria a supor a colocação de outro predicador mais atraído, “*jogar*” ou “*empurrar*”.

O significado global da oração resulta do significado de cada tipo de construção de predicação de estrutura argumental e do significado do predicador de estrutura participante (predicador simples ou complexo).

23 “mamae espirrou canela na minha cara e agr eu to ardendo de alergia (literalmente)”. Disponível em: <https://twitter.com/ehfrutosensual/status/1477095785552621575>. Acesso em: 10 abr. 2022.

1.6 SE QUISER SABER MAIS, VALE CONFERIR ALGUNS MATERIAIS

FERRARI, L. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA *et al.* **Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Silvia Brandão**. São Paulo: Blucher, 2018. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-21011>. Acesso em: 1 jun. 2022.

OLIVEIRA, T. L. A construção de transferência em dados do português brasileiro. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 16, n. 16, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4026>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SARAIWA, E. S.; TEIXEIRA, R. B. de S.; SANTOS, D. N.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Por que nem sempre fica claro quem é o responsável pela ação? *Roseta*, v. 10, n. 13, 2021. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2021/10/13/por-que-nem-sempre-fica-claro-quem-e-o-responsavel-pela-acao/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, B. G. P. *Construção predicativa de mudança de estado e de propriedade com os verbos ficar, tornar-se e virar*. Tese de Doutorado. UFRJ, Faculdade de Letras, 2019. 139f.

GUERREIRO, Silvia C. G. S. Estudo experimental das construções com verbo-suporte (“ir para o céu”, “ir para o inferno”, “ir para as cucuias”, “ir para o beleléu”). *E-escrita: revista do curso de Letras da Uniabeu*, v. 12, n. 1, 2021, p. 145-165.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; SANTOS, J. L. dos; KROPE, M. P. A. Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação verbal na voz passiva. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 37, p. 154-178, jan. 2019. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/38481>. Acesso em: 10 abr. 2022. doi: <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38481>.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital*, v. 30, n. 30, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/34009>. Acesso em: 10 abr. 2022.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Dossiê: Variação na gramática de construções do Português: estudos empíricos. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/4225>. Acesso em: 10 abr. 2022.

CAPÍTULO 2

TER OU HAVER: EIS A QUESTÃO, NUMA REDE DE CONSTRUÇÕES

Marcia dos Santos Machado Vieira
Eneile Santos Saraiva de Pontes
Stephane Cardoso Rodrigues de Almeida

2.1 O QUE SE TEM DITO? E O QUE SE TEM A DIZER?

Há/Tem quem pense que nada mais *há/se tem* a dizer, com a ideia de que, pelas bandas brasileiras, vale sempre ou quase sempre nosso coringa *ter*. *Hão* de lembrar que sempre *há* os que dizem que, no Brasil, *há* o emprego de *ter* por *haver*... Já, em Portugal, não! E, assim, *há* o que jura que sempre dizemos *tem* ciência e consciência na sociedade, *tem* divulgação científica por aqui, e nunca ou raramente *há* ciência e consciência além da universidade, *há* divulgação científica para além das práticas editoriais que têm relação direta com a área. E, ainda, *há* os que, inclusive no espaço acadêmico, recorrem a *ter-se*, como variante de *haver* ou *ter*. Vemos, por exemplo, essa variação neste início de capítulo e na linguagem jornalística, tal qual no trecho de texto jornalístico exposto a seguir:

veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/se-suspeitas-do-mp-se-confirmarem-tragedia-da-boate-kiss-pode-caminhar-do-culposo-para-o-doloso/

veja RADAR RADAR ECONÔMICO POLÍTICA ECONOMIA SAÚDE MUNDO CULTURA PLACAR se tem

Todo cuidado é pouco, mas todo rigor é necessário. Que um monte de gente fez o que não deveria ter feito e deixou de fazer o que deveria ter feito no caso da boate Kiss, em Santa Maria, isso já está mais do que evidente. Não é todo dia que um acidente mata 231 pessoas. [...]

Por **Reinaldo Azevedo** Atualizado em 27 jul 2013, 08h56 - Publicado em 28 jun 2013, 19h56

 Todo cuidado é pouco, mas todo rigor é necessário. Que um monte de gente fez o que não deveria ter feito e deixou de fazer o que deveria ter feito no caso da boate Kiss, em Santa Maria, isso já está mais do que evidente. Não é todo dia que um acidente mata 231 pessoas. É preciso que várias manifestações de estupidez se combinem. No mínimo, pois, há ações e omissões culposas, aquelas que não têm a intenção de provocar danos. Mas pode haver mais do que isso.






O Ministério Público começou a colher dados que podem não depor a favor dos donos da boate e da banda "Gurizada Fandangueira". Já se havia tratado aqui da hipótese de que a cena da tragédia havia sido adulterada. Agora **se tem** mais do que a hipótese: **há** a certeza da adulteração. Com que propósito? Eis algo a ser investigado.

1

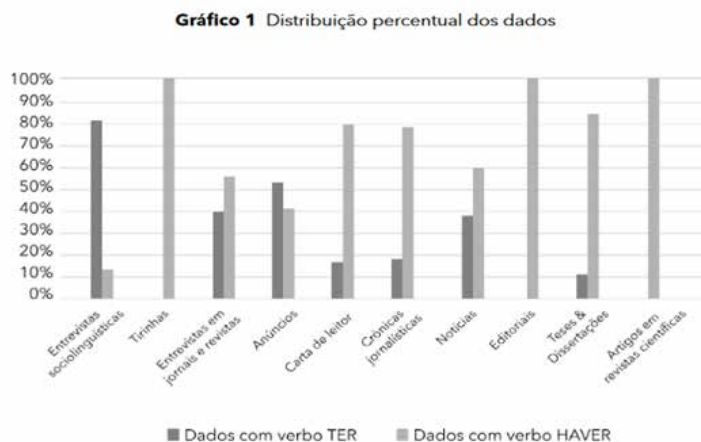
Nesse trecho, a predicação verbal que se configura com *ter-se* é seguida de uma predicação verbal que já se configura com o verbo *haver*. Esse uso de *ter-se* por *haver* é descrito, em detalhe, por Saraiva (2013). A autora observa tal uso em textos jornalísticos e especialmente em textos acadêmicos, e o faz porque tem interesse em capturar o que serve de referencial de norma culta padrão a orientar práticas nesses domínios discursivos.

Cientistas chamados de (socio)linguistas que pautam suas representações linguísticas no uso observam mais e mais dados e amostras de dados oriundos de diferentes domínios comunicativos (jornalístico, acadêmico, conversacional, político, entre outros) até alcançarem generalizações que vão chegar à sociedade (científica e não científica) por intermédio de obras didáticas, descrições gramaticais, teses e dissertações da universidade, textos publicados em periódicos científicos e em espaços de divulgação científica como este e outros (cf., por exemplo, o da revista Roseta da Abralín, <https://www.roseta.org.br/>).

Sabemos, dessa forma, que o uso do verbo *ter* com valor impessoal tem amplo funcionamento no Português do Brasil (PB), mas as pesquisas geralmente têm evidenciado que há a inclinação ao uso do verbo *haver*, em textos redigidos a partir de orientações de uma norma de referência que serve à padronização de práticas comunicativas em espaços associados à cultura socialmente prestigiada. Almeida; Gama; Saraiva (2019) analisaram a variação *ter-haver* no *continuum* fala~escrita do PB, e os resultados dessa pesquisa demonstram que o verbo *ter* impessoal é amplamente utilizado na oralidade, mas quase não é acionado em editoriais, teses, dissertações e artigos científicos. A título de ilustração, vejamos a distribuição de dados de *ter* e *haver* por gêneros textuais no gráfico a seguir:

1 <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/se-suspeitas-do-mp-se-confirmarem-tragedia-da-boate-kiss-pode-caminhar-do-culposo-para-o-doloso/>. Acesso: 14 jan. 2022.

Gráfico 1: Distribuição percentual dos dados pelos gêneros textuais fontes de dados à amostra linguística



Fonte: Almeida, Gama e Saraiva (2019, p. 97).

Notamos que, nas entrevistas sociolinguísticas, contexto de (semi)espontaneidade, o uso do verbo *ter* é expressivamente maior. Em entrevistas transcritas (publicadas em jornais e revistas) e anúncios (que buscam aproximação com o público), há um equilíbrio entre o acionamento de *ter* e *haver*, sendo que, neste último grupo, o uso de *ter* supera o de *haver*. Em relação às tirinhas, as autoras apontam que não houve produtividade do fenômeno analisado.² Já quando verificamos a distribuição das variantes nos textos escritos – a saber, carta do leitor, crônica jornalística, notícias, editoriais, teses e dissertações e artigos científicos –, o percentual de uso de *haver* é maior do que o de *ter*. Verificamos, também, que, nos editoriais e artigos científicos, não foram registradas ocorrências de *ter* e, ainda, entre os 2 dados com *ter* registrados nas teses e dissertações, um deles se estrutura com *ter-se*, exposto a seguir:

Tem-se o exemplo do capitalismo que só conseguiu se manter dominante por não se basear em sistemas repressivos (...) [Tese]

Fonte: Almeida, Gama e Saraiva (2019, p. 98).

Essa construção, PredicadorTER + SE, com uso impessoal, tem sido apontada como uma variante inovadora, com uso predominante na escrita acadêmica, e seria uma forma de o verbo *ter* ser inserido na escrita, já que a forma *tem* é frequentemente rechaçada nessa modalidade por conta de pressões normativas (cf. SARAIVA, 2013, SARAIVA DE PONTES, 2022).

2 Foram registrados apenas dois usos do verbo *haver*.

Construções com pronome SE estão frequentemente associadas ao espaço de comunicação em que a linguagem tida como objetiva, ou melhor menos subjetiva, é, em alguma medida, uma meta. O domínio discursivo acadêmico é um lugar de fala em que objetividade científica tem proeminência. Naturalmente, dados dessas construções não ocorrem apenas nesse espaço, mas é nele que, sob o intento de uma linguagem objetiva, muitos pesquisadores acionam construções de predicação com pronome SE (seja índice de indeterminação do sujeito, seja partícula apassivadora a funcionar na sinalização de predicação da passividade de um participante envolvido num estado de coisas/evento descrito). E, assim, o acionamento da construção PredicadorTER + SE encontra campo linguístico e sociocultural propício, por ser percebida como variante construcional ligada à norma culta.

A motivação principal deste capítulo é a potencialidade multifuncional dos verbos *ter* e *haver* e sua atração a diferentes padrões construcionais da gramática do Português: diferentes construções interconectadas em que essas unidades verbais operam como variantes. E uma delas é o padrão construcional de existencialidade: [TER(-SE)/HAVER _____ participante/o *que existe*]_{predicação com verbo predicator de existência}. Nesse padrão impessoal, o único participante é complemento.

2.2 TEM DIFERENÇA, MAS NÃO HÁ SÓ UMA NORMA DE REFERÊNCIA LÁ E CÁ/AQUI!

Normalmente quando nos referimos à alternância de *ter* e *haver* no Português, à mente de muitos logo vêm dados, como os seguintes:

(Ex. 1) *Há situações de comportamento emocional difíceis de reproduzir em laboratório, como a fobia de viajar de avião”, aponta Leandro Valiengo, psiquiatra do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. [Notícia, Revista Veja, Ciência]³*

(Ex. 2) *O que a gente tem que deixar bem claro é que não são os caminhoneiros que estão levantando esse movimento. Existem vários sindicatos rurais que estão mandando ônibus para Brasília, tem vários caminhões de agricultores. Eu tenho certeza absoluta que 90% dos caminhoneiros que vão estar em Brasília, vai ser de fazenda, vai ser do agro, como foi no Verde e Amarelo, aquele movimento anterior. [Notícia, Jornal Extra]⁴*

3 <https://veja.abril.com.br/ciencia/startup-americana-desenvolve-capacetes-capazes-de-ler-mentes/>. Acesso: 16 mar. 2022.

4 <https://novoextra.com.br/noticias/politica/2021/09/69822-caminhoneiros-do-agro-planejam-interditar-rodovias>. Acesso: 16 mar. 2022.

(Ex. 3) [...] não terminei agora em dezembro tem uns seis meses mais ou menos não terminei agora em dezembro. [Entrevista sociolinguística, Corpus Concordância]

(Ex. 4) Spencer morreu em 1903, o que significa que os dois são vizinhos há 115 anos. [Crônica jornalística]⁵

Em (1) e (2), estamos diante de sentenças impessoais existenciais, em que podemos verificar a associação dos predicadores *ter* e *haver* (até *possuir*, em tweets – “Olha que nessa não *possui* edição nenhuma”); paralelamente, há a do verbo pessoal *existir* (no exemplo 2, “*Existem* vários sindicatos rurais que estão mandando ônibus para Brasília”).

Já em (3) e (4), verificamos sentenças temporais para as quais as unidades *ter* e *haver* são atraídas e, potencialmente, *fazer* ou ainda *ir para*, conforme a seguir vemos:

(Ex. 5) Faz tempo que o jornal impresso deixou de ser uma fonte para se ter notícia. [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Área de Comunicação Social]

(Ex. 6) Eis outra características do ultraliberalismo: esta redução do humano a uma espécie de condição principalmente digitalizada e online. Tudo está online, ainda assim algumas pessoas mais simplórias se indignam com o passaporte de vacinas, que existe vai para anos. Somos escravos digitais, totalmente dissecados e reduzidos a funções elementares.⁶ [Texto jornalístico de Portugal, Nascido do Sol, <https://sol.sapo.pt/>]

E, em (7), a seguir, observamos, ao longo de três excertos de uma entrevista publicada em jornal brasileiro online, a variação de *haver* e *ter* em sentenças de contornos diferentes nos enunciados dos interlocutores (autora que apresenta a entrevista no caderno Rio e o entrevistado, chamado de Boninho – José Bonifácio Brasil de Oliveira, diretor de TV brasileira):

(Ex. 7) “RIO – Diretor de um sucesso de audiência que nesta terça-feira, às 22h15m, entra em sua nona edição, Boninho há muito tempo não se importa com as críticas de quem não vê propósito na atração (...) Muita gente recla-

5 <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,posteridades,70002283649>. Acesso: 16 mar. 2022.

6 <https://sol.sapo.pt/artigo/754489/somos-o-escravo-feliz-das-redes-sociais>. Acesso: 22 mar. 2022.

*mava que a atração só mostrava rostinhos joviais e corpinhos sarados, mas desta vez **haverá** dois candidatos com mais de 60 anos, Naiá (61), uma promotora de eventos, e Norberto (63), radialista (leia as novidades ao lado). (...)*

*(...) Ainda **tem** gente que chama o “BBB” de “lixo”, disse e daquilo. As pessoas têm dificuldade em vê-lo como um programa de entretenimento? BONINHO: Acho que esse preconceito é seu. Isso já deixou de ser uma bandeira **há** muito tempo. **Tem** anos que não falam sobre isso. O “BBB” não é um estudo científico sobre relacionamento humano, não é um estudo antropológico, não é telecurso. Muito menos uma obra literária. O “BBB” é um jogo, um programa feito para entreter, para despertar ódios e amores.” [Entrevista, O Globo, Cultura]⁷*

E isso ocorre tanto em espaço verbal de construção de predicação existencial (“desta vez **haverá** dois candidatos com mais de 60 anos” e “Ainda **tem** gente que chama o “BBB” de “lixo”, disse e daquilo”) quanto em espaço verbal de construção de tempo decorrido (“Boninho **há** muito tempo não se importa”, “**Tem** anos que não falam sobre isso.”).

No contexto de expressões de tempo decorrido, Avelar (2011) observou que:

Das 282 ETDs expressões de tempo decorrente [grifo nosso] levantadas, 222 (79%) são expressões com haver, e 60 (21%) são expressões com ter. Esses números revelam um contraste quantitativo com os padrões frásicos existenciais do português brasileiro, nos quais a alternância entre ter e haver também é observada: entre as orações existenciais produzidas por falantes cultos cariocas, a frequência de ter é maior que a de haver em qualquer período (década de 70 ou 90) ou faixa etária considerada (Callou e Avelar, 2002), ao contrário do que se observa entre as ETDs, em que haver se mostra mais frequente que ter. (AVELAR, 2011, p. 165).

Também pesquisa do Projeto Predicar sobre 361 dados extraídos de textos orais de amostras das variedades brasileira e portuguesa examinou empiricamente a alternância de *haver*, *ter* e *fazer* em estruturas de tempo decorrido [Verbo impessoal SNtemporal] (MACHADO VIEIRA, 2008). Nela, a inclinação de brasileiros ao acionamento de *haver* também foi evidente.

⁷ <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/boninho-diz-que-barrou-aspirantes-ator-na-nona-edicao-do-big-brother-brasil-3572622>. Acesso: 16 mar. 2022.

De acordo com Avelar (2011), expressões de tempo decorrente configuram-se como um contexto de resistência à supressão de *haver*, uma vez que esse fato pode estar relacionado:

à diferença entre a ETD-ter e a ETD-haver quanto ao caráter oracional ou nominal da expressão. Tanto nas construções existenciais quanto nas locuções verbais, haver preserva sua condição verbal. Em situações desse tipo, pode entrar em jogo o chamado efeito de bloqueio (do inglês blocking effect), que conduz à supressão de uma determinada forma linguística nos casos em que duas formas funcionalmente idênticas entram em competição [...] (AVELAR, 2011, p. 177).

O uso do predicador *ter* com valor impessoal não costuma ser tratado nas gramáticas que seguem orientações tradicionais. Quando visitamos algumas delas, verificamos que ora o seu uso é descrito como coloquial (CUNHA; CINTRA, 2001) ora não há qualquer menção a respeito de seu acionamento em sentenças existenciais ou temporais. Notamos, assim, que a descrição gramatical brasileira de contorno prescritivo tende a seguir o padrão normativo lusitano no que diz respeito à construção de sentenças impessoais, mas, como vimos, o acionamento do verbo *ter* para esse uso é frequente em diferentes domínios comunicativos no PB. Outro exemplo está nesta campanha publicitária:

(Ex. 8)



8 <https://www.facebook.com/museudoamanha/photos/a.534522353322340/4932541320187066/> Acesso: 18 fev. 2022.

Além de predador de existência, *ter(-se)* e *haver* podem viabilizar predicação de apresentação, como observamos nestes exemplos revelam:

(Ex. 9) **Teve** um comico americano que, quando via que seu número não estava agradando à plateia, declarava Pessoa!, as piadas são estas. [Crônica jornalística]

(Ex. 10) E **havia** sobretudo Todos os Homens do Presidente. [Tese]

Nos exemplos citados, percebemos com “teve” a apresentação de um comediante que agia de determinada forma mediante insatisfação da plateia; e com “havia”, o destaque ao filme *Todos os homens do presidente*.

Há, ainda, outros usos de *ter* e *haver* em contextos de impersonalização discursiva que também mostram sua variabilidade. A esse respeito é possível retomar, no exemplo 6, o enunciado: “Ainda *tem* gente que chama o ‘BBB’ de ‘lixo’, disso e daquilo”. E estão em curso pesquisas no âmbito do Projeto Predicar que buscam mapear estruturas a serviço dessa funcionalidade (como CARDOSO, 2022). Impersonalização discursiva é um processo que ocorre quando há opacificação, demoção, suspensão ou supressão discursiva de um participante/referente envolvido no estado de coisas. No caso de estruturas como as focalizadas nos exemplos a seguir, o participante opacificado materializa-se por pronome ou nome genérico mas tem sua referência encoberta pela genericidade/indeterminação (seja ele conhecido, recuperável ou (re)ativado ou não, em decorrência de associações mobilizadas pelo entorno textual ou por conhecimento de mundo). A seguir, vemos exemplos de dados das construções a serviço de impersonalização discursiva estudadas no Projeto Predicar e presentes na comunicação de Cardoso (2022) na 11ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ em 2022:

(Ex. 11)

os suplementos. Tem quem especifique o tempo que se deve tomar sol, semanalmente, para evitar o problema; e tem quem diga que isso varia muito, inclusive de acordo com a cor da pele. Por último, há quem sugira o horário em que o sol é menos nocivo; e há quem diga que não adianta, porque a síntese é ativada quando sol está mais forte. Mas é um consenso que o uso de filtro solar, embora muito importante para prevenir câncer de pele, possa, sim, em excesso, também ser responsável pela falta da substância.

(Ex. 12)

sobre o Rio Paraíba. Há pessoas que dizem ter sido curadas após pedir, por meio de orações, a intercessão (ajuda) de madre Carminha.

(Ex. 13)

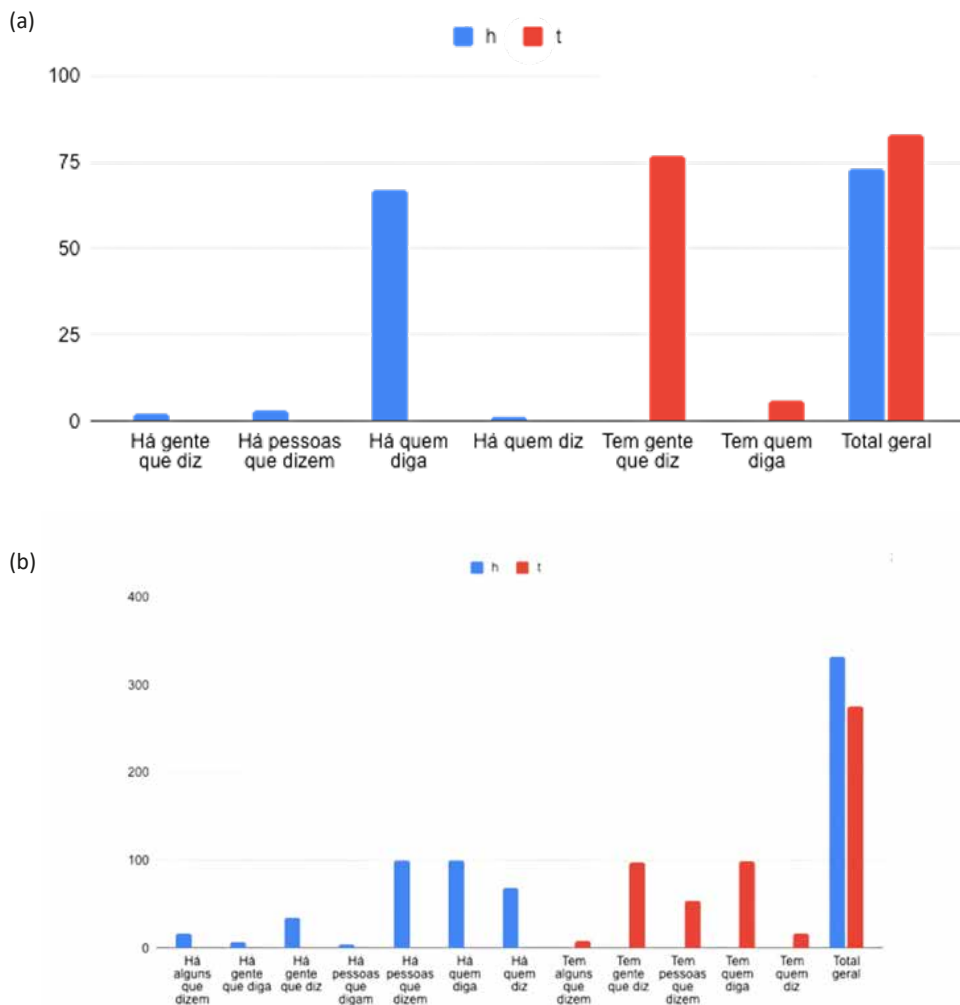
No extremo oposto, tem gente que diz que ocorrerão desastres e não dará tempo de reverter este quadro porque, infelizmente, a Humanidade não tem propensão ao desenvolvimento sustentável. E, no meio termo, há gente que diz que, pelo andar da carruagem, vai ser complicado. Provavelmente, só depois de uma crise séria as pessoas vão acordar.

Encontramos, então, em textos jornalísticos além da variação de *ter* e *haver* nesse tipo de construção de predicação, a alternância de pronome (*quem, os que*) e nome com referência genérica e indefinida (*pessoas, gente*). Registramos a relação de intercambialidade de padrões construcionais de predicação com impersonalização discursiva: “há/tem quem/gente/o (que) diga/diz” e “há/tem pessoas/os/alguns que dizem/digam”, licenciados por uma construção mais geral que pode envolver verbo dicendi/do dizer (como as estudadas por CARDOSO, 2022) ou verbo de outra natureza semântica:

[__Vimpressoal existencial __Pronome/Nome com referência indefinida (que) __Verbo (dicendi)]construção de impersonalização discursiva.
--

O exame de dados coletados em domínio jornalístico da rede digital e no acervo *Portuguese Web 2011 (ptTenTen11)* acessado, pelo gerenciador de corpus Sketch Engine (<https://www.sketchengine.eu/>), por Cardoso (2022) oferece-nos a oportunidade de ter uma ideia da distribuição das tendências de acionamento de *haver* e *ter* nas alternativas estruturais licenciadas por essa construção de predicação no domínio jornalístico e em variados domínios comunicativos na internet:

Gráfico 2: Distribuição das alternativas de predicação de impersonalização discursiva com *haver/h* e *ter/t* em dados envolvendo o predicador *dizer* oriundos de (a) textos jornalísticos do PB e (b) textos diversos da plataforma de amostras de dados Sketch Engine (*Portuguese Web 2011 (ptTenTen11)*, PB e PP/Português de Portugal).



Fonte: Cardoso, 2022, comunicação oral/SIAC/UFRJ.

Um outro aspecto relativo à predicação de existência diz respeito ao padrão de flexão verbal de *ter* e *haver*. Afinal, nesse tipo de predicação impessoal, o padrão flexional escapa à tendência observada em predicação pessoal, com participante sujeito (expresso ou não) – como ocorre com o predicador *existir*. O fato é que, seja na variedade brasileira do Português seja noutra variedade, vemos evidência de que, na experiência de uso, as formas verbais *ter* e *haver* se combinam ao espaço verbal de uma

predicação de existência que está configurada na terceira pessoa do singular tal como um verbo impessoal (conforme descrito em obras gramaticais) ou na terceira pessoa gramatical do plural. Neste caso, isso ocorre por associação ao padrão de predicação pessoal que envolve um participante sujeito e é mais comum na língua portuguesa, se for comparado, em termos de frequência de acionamento, ao padrão construcional impessoal. Por conta dessa flexão em desacordo com a norma culta padrão, é tido geralmente como resultante de hipercorreção. Nesse caso, o padrão flexional em que há sujeito é tomado como referência. Exemplo dessa configuração variante é captado volta e meia, como vemos tanto nos comentários a seguir como no exemplo (14) subsequente a esses comentários:

*Sim, como viste em anexo, corrigimos bem. Além disso, quando se utiliza o verbo haver com sentido de existir (sim, o tempo também “existe”), apenas se pode conjugar na 3ª pessoa do singular. Tive uma professora, **há** uns 40 anos, que venceu tanto isto, que não mais o esqueci. É lamentável a quantidade de vezes que ouvimos, na rádio ou na TV, tanto locutores como alguns jornalistas e personalidades, dizer (ou escrever, como no caso da legendagem de filmes ou de notícias em rodapé), “**houveram**” muitos golos, “**havam**” peixes mortos, etc.
Já chega.”⁹*

*“Sobre o atual momento da equipa, o técnico espanhol do Tondela reconheceu que os dois últimos jogos foram importantes para os jogadores acreditarem no coletivo: “Foram dois jogos muito importantes para percebermos que somos capazes de superar a dificuldade de perdermos jogadores. Inclusivamente, **houveram** jogadores que responderam muito bem em posições a que não estão habituados. Essas dificuldades foram muito importantes para que os jogadores acreditem sobretudo no coletivo, porque afinal é isso que permite alcançar os objetivos da época”.¹⁰*

(Ex. 14) “Nos últimos 150 anos, com a abertura de modernas estradas e bem como, Linhas de Estradas de Ferro, e a modernização dos automóveis, em Portugal **houve** um intenso movimento migratório, as gentes de Trás-os-Montes iniciaram essa imigração para várias partes do planeta, mormente

9 <https://pplware.sapo.pt/nperf-teste-velocidade-internet/#comment-2156564>. João Campina 7 de junho de 2018. Acesso: 17 jan. 2022.

10 <https://www.jornaldocentro.pt/noticias/desporto/pako-ayestaran-vamos-defrontar-um-clube-importante->. Jornal do Centro, 11 de jan. 2022. Acesso: 17 jan. 2022.

para o Brasil, aos países de Língua Portuguesa em África e países no entorno de Portugal, como França e Alemanha e consequentemente as populações baixaram as suas constâncias locais.

O Surto Migratório em todas as épocas foi espetacular, todavia os que ficavam nas regiões trasmontanas, deixaram para sempre a sua marca nesse povo maravilhoso, com imensas Vilas, Aldeias e tornando-se Concelhos e naturalmente por grandes cidades como Bragança, Vimioso, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mogadouro, Mirandela, Vinhais, Val de Paços, Vila Real e enfim um número grandioso e que trouxeram e trazem ao Portugal Eterno o seu progresso.

*Como em todas as partes do mundo existem os refugiados e naturalmente em Trás-os-Montes **houveram** muitos, mesmo porque **houveram** expulsões da Espanha, de Judeus e Mouros e estes grupos se mantiveram preferencialmente em Trás-os-Montes, sendo que até nos arredores das Aldeias de Carção e Vimioso foi estabelecido um acampamento de refugiados judeus castelhanos, para que estes pagassem um imposto estabelecido pelo Rei D. João II, para que esses emigrantes obtivessem o ‘visto de entrada e residência’ em Portugal.”¹¹*

A predicação de existência pode ser ainda configurada com base no predador pessoal *existir*: “Como em todas as partes do mundo *existem* os refugiados.” Nessa configuração, o verbo tende a ser flexionado em função do número do termo participante (*o que existe*) implicado na predicação. Notamos que o parágrafo em que *haver* ocorre flexionado na terceira pessoa do plural apresenta também o padrão pessoal de configuração de existencialidade, com *existir* na primeira predicação flexionado no plural (cf. início do último parágrafo do exemplo (14)). Isso nos faz supor a influência do paralelismo discursivo, a desencadear a flexão do verbo *haver*, além naturalmente da associação do verbo *haver* a um padrão construcional de predicação mais frequente na língua: o pessoal, que tem um termo participante sujeito.

Percepção similar sobre o uso de *haver* na terceira pessoa do plural tem lugar também no Brasil (como em Portugal), como estes excertos de jornalistas enfatizam:

Erros gramaticais e ortográficos devem, por princípio, ser evitados. Alguns,

11 <https://www.mundolusiada.com.br/colunas/opiniao-luso-descendente/a-historia-maravilhosa-de-tras-os-montes-portugal/>. Acesso: 17 jan. 2022.

no entanto, como ocorrem com maior frequência, merecem atenção redobrada. O primeiro capítulo deste manual inclui explicações mais completas a respeito de cada um deles. Veja os cem mais comuns do idioma e use esta relação como um roteiro para fugir deles.

(...)

3 – **“Houveram” muitos acidentes.** *Haver, como existir, também é invariável: Houve muitos acidentes. / Havia muitas pessoas. / Deve haver muitos casos iguais.*

4 – **“Existe” muitas esperanças.** *Existir, bastar, faltar, restar e sobrar admitem normalmente o plural: Existem muitas esperanças. / Bastariam dois dias. / Faltavam poucas peças. / Restaram alguns objetos. / Sobravam idéias.¹²*

“É muito frequente pegar num qualquer jornal regional e encontrar erros que me horrorizam.

(...)

Outra coisa é escrever “à tempos” em vez de “há”, “trás consigo” em vez de “traz”, “se ele gasta-se” em vez de “gastasse”, “saber-mos” em vez de “saber-mos”, “haverão ocasiões” em vez de “haverá”, “houveram situações” em vez de “houve”. Isso, caros jornalistas, cronistas e colunistas, não são meras distrações, nem é resultado do cansaço. É pura ignorância.”¹³

E normalmente a avaliação subjetiva resultante da percepção dessas formas linguísticas consiste em associar as variantes que não são recomendadas pela gramática normativa à ignorância da norma, à falta de zelo. O padrão de predicação pessoal é o que mais atenção ganha em descrições linguísticas (inclusive, na sala de aula), não é

12 <https://www.estadao.com.br/manualredacao/erro>. Acesso em: 17 jan. 2021.

13 https://www.jm-madeira.pt/cronicas/ver/540/O_lento_assassinio_da_lingua_portuguesa? Acesso em: 17 jan. 2022. Os grifos em negrito na citação foram feitos pelas autoras deste capítulo.

raro a descrição da categoria de verbo ficar associada de modo restrito a esse padrão e, então, indiretamente sobressair, para o aprendiz, a imagem de que todos os verbos predicadores têm de ser flexionados em razão da atuação constante de um participante/argumento. O fato é que variação está localizada também nos domínios discursivos em que há monitoramento discursivo, mas muitas vezes a imagem que alguns fazem, principalmente leigos ou pessoas que não dão atenção à descrição do conhecimento linguístico já alcançada na área científica de Letras e Linguística, é a de uma só norma culta padrão, uma só norma de referência a guiar as manifestações linguísticas e o processamento que fazemos delas. A realidade dos usos é reveladora de que nosso conhecimento linguístico é plural, é composto de generalizações que ultrapassam fronteiras gramaticais forjadas ou imaginadas com base numa frente de explicitação gramatical orientada para a prescrição ou para o que é tradicionalmente dito, assim como ultrapassa fronteiras geográficas, socioeconômicas, entre outras.

Para além de predicadores simples em predicções de existência (com ou sem personalização discursiva) e de tempo decorrido, *haver* e *ter* estão em alternância na constituição de predicador complexo. E isso ocorre tanto em predicador complexo envolvendo verbo suporte (que opera para verbalizar um elemento não verbal) como em predicador complexo envolvendo verbo auxiliar ou semiauxiliar (que matiza um verbo/predicador principal no que diz respeito a certas categorias – tempo, aspecto, modalidade, voz). Passemos, então, a algumas notas sobre a colocação desses verbos em predicadores complexos.

Observamos que ocorrências grifadas em exemplos já citados se aproximam de dados licenciados por um padrão construcional em que o verbo *haver* está ligado a elementos nominais cujo núcleo implica um estado de coisas (dinâmico ou não): movimento – “em Portugal **houve** um intenso movimento migratório”; expulsão – “mesmo porque **houveram** expulsões da Espanha, de Judeus e Mouros”. Esse tipo de elemento nominal relaciona-se frequentemente à categoria de elemento nominal predicante que, ao se ligar a verbo suporte ou semissuporte, passa a configurar um predicador complexo: *houve movimento* – um participante *moveu-se* - e *houve expulsão* – um participante *expulsou* outro -, em que, por estruturação impessoal, é possível evitar entrar em detalhes sobre a força indutora/responsável pelo movimento ou expulsão, pelo estado de coisas que é representado na predicação. Exemplos mais típicos desse padrão construcional com verbo suporte, ao qual tanto *haver* como *ter* ou *ter-se* são colocações possíveis no *slot* de verbo suporte na construção descrita, podem ser observados a seguir:

(Ex. 15) Nesta linha de raciocínio **tem-se a pergunta**: O que difere o webjornalismo do jornalismo impresso? Ambos são jornalismo, mas o jornalismo impresso tem 24 horas para elaborar e concluir suas edições, que têm limites de espaço no papel, enquanto, o webjornalismo, não tem horário de fechamento, e a cada mais ou menos cinco minutos pode alimentar a página com novas informações da notícia que inclui no site, tudo é em tempo real e não

têm limites de espaço, podem ser colocados quantos links internos achar necessário. [Monografia]¹⁴

(Ex. 16) No primeiro caso, tem-se a observação da realidade e, no outro, tem-se a análise da realidade e a sua avaliação possível dentro dos padrões da instituição jornalística. [Tese]

(Ex. 17) Agora mesmo tem-se essa sensação quanto às denúncias envolvendo Ricardo Sérgio e sua turma, que aliás é a mesma de Murad, de Daniel Dantas, da CNO e do ACM. As três revistas semanais mais importantes da imprensa brasileira continuam omitindo nomes. Publicam declarações gravíssimas sem identificação dos autores. É um mero disse-me-disse.¹⁵

(Ex. 18) Houve recuperação da circulação total, na soma de exemplares digitais e impressos, nos últimos 5 anos. Os números, no entanto, estão aquém do patamar de 2014. A soma do resultado dos maiores jornais evoluiu apenas 1,6% em 2019.¹⁶

(Ex. 19)



14 <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/a-trajetoria-jornalismo-impresso-para-jornalismo-digital.htm>. Acesso em 23 mar. 2022.

15 <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/no-limite-da-irresponsabilidade-ii/>. Acesso: 23 mar. 2022.

16 <https://www.poder360.com.br/economia/jornais-no-brasil-perdem-tiragem-impressa-e-venda-digital-ainda-e-modesta/>. Acesso: 23 mar. 2022.

17 <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/nao-posso-provar-que-teve-fraude-nas-eleicoes-diz-bia-kicis-autora-da-pec-do-voto-impresso/>. Acesso: 23 mar. 2022.

(Ex. 20)

GOVERNO BOLSONARO · ELEIÇÕES 2022 · AMEAÇA AUTORITÁRIA

Bolsonaro volta a falar em fraude na eleição de 2018 sem apresentar provas

Em reação à promessa do MST de apoiar Lula, presidente cita proposta de excludente de ilicitude e faz aceno à PM

14 jan 2022 às 13h56
Atualizado: 14 jan 2022 às 14h29

Dyepeson Martins
Fabiano Maisonnave
Marianna Holanda

MACAPÁ, CURITIBA • BRASÍLIA Em ritmo de campanha, o presidente [Jair Bolsonaro](#) (PL) voltou a dizer, sem provas, que [houve fraude](#) na eleição presidencial de 2018 e prometeu combater o MST por meio da eventual aprovação do excludente de ilicitude.

18

(Ex. 21)

 **Filosofia, Existencialismo e Ciência**
@Existencialis42 · 3s

Há um culto de ignorância no mundo. A onda de anti-intelectualismo tem corrido seu caminho em nosso meio político e cultural, alimentada por uma falsa noção de que democracia significa que "minha ignorância é tão boa quanto o seu conhecimento".

Isaac Asimov

(Ex. 22)

CNN BRASIL Ao Vivo · Eleições 2022 · Política · **Nacional** · Business · Internacional · Saúde · Tecnologia · Esporte · Entretenimento

Nacional

GUERRA Rússia diz que pode usar arma nuclear em caso de "ameaça existencial" | PESQUISA GUAESTIGENIAL Bahia: ACM 66%, F

'Não **houve negociação** com AstraZeneca para a compra de vacinas', diz Paulo Skaf

A declaração diz respeito à afirmação do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) de que o setor privado estaria [negociando](#) a compra de vacinas AstraZeneca.

19

18 Bolsonaro volta a falar em fraude na eleição de 2018 sem apresentar provas - 14/01/2022 - Poder - Folha (uol.com.br). Acesso: 14 jan. 2022.

19 <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/nao-houve-negociacao-com-astrazeneca-para-a-compra-de->

Nesse tipo de exemplo de construção de predicador complexo com verbo suporte, encontramos *ter(-se)* e *haver*. Vemos, nos exemplos anteriores, a alternância: *ter* e *haver fraude*, bem como a alternância entre predicador complexo *haver negociação*, na manchete, e *negociar*, no *lead* da notícia. Observemos que, nesse caso, já é necessário envolver o participante força indutora, mesmo que encoberto por uma instituição/categoria abstrata (o setor privado estaria negociando). Já com os verbos *haver*, *ter(-se)*, tornamos ainda mais opaco o participante responsável pela negociação, fraude, análise, observação ou pergunta. Os predicadores complexos com usos impessoais de *haver* e *ter(-se)* prestam-se à predicação com impersonalização discursiva. E essa funcionalidade é notada também no exemplo: (18) **Houve recuperação** da circulação total, na soma de exemplares digitais e impressos, nos últimos 5 anos. Com esse tipo de predicação, não se personaliza o participante força indutora que recuperou a circulação total, na soma de exemplares digitais e impressos, nos últimos 5 anos; esse participante também é demovido do estatuto de sujeito de uma potencial predicação passiva, *recuperar-se/ser recuperada*, para o de complemento do predicador impessoal *haver recuperação*. (21) *Há um culto* de ignorância no mundo, na mesma linha, é a estruturação escolhida. Uma alternativa parafrásica ainda seria *cultua-se, alguns/pessoas cultuam, há quem cultue* e assim por diante.

E além de atuarem como verbo instrumental do tipo verbo suporte em padrão de predicador complexo do tipo verbo-nominal impessoal, *ter*, *ter-se* e *haver* podem operar em pelo menos dois tipos de predicadores complexos (impessoais ou pessoais): (i) verbo semiauxiliar seguido de um ou mais verbos, sendo um destes predicador; (ii) verbo auxiliar seguido de um ou mais verbos, sendo também um deles predicador. Configuramos, assim, tais padrões e exemplos deles:

(i) [TER(-SE)/HAVER de/que _____ Predicador no infinitivo]predicador com verbo semiauxiliar marcador de modalidade (obrigação ou necessidade)

(Ex. 23) *Há que conhecer o passado* [Manchete, PP]²⁰

(Ex. 24) *Dessa forma, a comunidade e o jornalismo irão atuar em conjunto para fazer o que deveria ser a essência de todo o jornalismo. Informar com responsabilidade a sociedade e discutir questões importantes para a comunidade, entretanto, isso quase não acontece na grande imprensa, pois lá não há espaço para a reflexão, somente **tem-se que produzir** para a indústria da informação que a cada dia exige mais velocidade e menos contextualização.* [Monografia, PP]

-vacinas-diz-paulo-skaf/. Acesso: 10 abr. 2022.

20 <https://www.jn.pt/arquivo/2006/ha-que-conhecer-o-passado-536334.html>. Acesso: 23 mar. 2022.

(ii) [(Não) TER(-SE)/HAVER como _____Predicador no infinitivo]predicador com verbo semiauxiliar marcador de modalidade ((im)possibilidade)

(Ex. 25) *Revista semanal bem conhecida, a IstoÉ há muitos anos não tem sua circulação auditada. Não há como saber o número de exemplares impressos nem sua circulação digital...*²¹

(Ex. 26) “Corri direto para a reunião de pauta e me sentei na cadeira mais próxima. A desgraça de se chegar atrasado a uma reunião dessas está em ter que aceitar qualquer pauta cretina que lhe for dada, sem qualquer questionamento. Provavelmente iriam me colocar para escrever sobre o novo ensaio fotográfico de alguma subcelebridade ou a respeito da vida luxuosa dos jogadores de futebol de um grande time paulistano. Até que, em meio aos casos de polícia e às novas dietas de verão, um ex-estagiário recentemente efetivado disse:

– Poderíamos tratar dos prédios abandonados no centro de São Paulo que são invadidos por movimentos dos sem-teto. Essas pessoas foram todas desabrigadas, por onde será que elas andam?

– É uma história interessante. Inclusive, há como fazer um gancho com a matéria especial de usuários de crack que vai ser publicada na próxima sexta – Disse outro jornalista.

– Sim, há como fazer esse gancho. Mas a minha ideia consistia mais em focar na maneira violenta como essas pessoas foram desabrigadas e passaram a viver apenas com a mísera ajuda, por parte do governo, de um “auxílio aluguel”. – Insistiu o estagiário. Ingênuo rapaz, ainda com aquela ideia utópica de tentar mudar o mundo. Para que exista um jornalista revolucionário, é necessário um editor revolucionário. Para que exista um editor revolucionário, é necessária uma diretoria revolucionária... Continue subindo a pirâmide até chegar aos grandes chefões da produção de notícias: Os anunciantes. Dentre

21 <https://www.poder360.com.br/economia/jornais-no-brasil-perdem-tiragem-impressa-e-venda-digital-ainda-e-modesta/>. Acesso: 23 mar. 2022.

*os maiores anunciantes do país, ocupa uma respeitada posição um órgão que possui grande interesse no controle midiático: o governo. Sendo assim, a colocação de Ismael Herraiz, jornalista espanhol, de que a “notícia é o que os jornalistas acreditam que interessa aos leitores. Portanto, notícia é o que interessa aos jornalistas” não se mostra tão abrangente. Na realidade, a notícia é o que interessa aos anunciantes.”*²²[Post, PB]

Nesses exemplos, a construção de predicação assume contorno similar ao de: *não é possível* ou *é possível* Vinfinitivo. Geralmente, a mais acionada é a com advérbio de negação. Também nesse trecho vemos exemplo de construção do padrão construcional acionado para indicar modalidade de obrigação ou necessidade (*tem que aceitar*).

(iii) [TER(-SE)/HAVER _____] Predicador simples ou complexo no particípio] predicador com verbo semiauxiliar de tempo (passado, do passado até o presente)

(Ex. 27) *Também em 2015, pela primeira vez na história, o JN havia terminado o ano abaixo do índice de 40% de televisores sintonizados no mercado nacional --o share ficou em 39,7% na ocasião. Até então, os piores números tinham sido registrados em 2014, com 25,5 de média e 43,6% de share.*

(...)

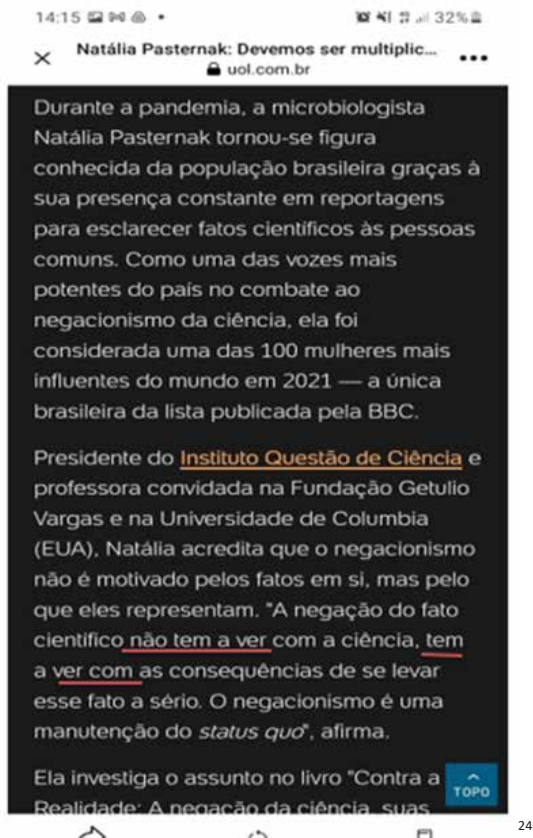
*O Jornal Nacional, que costuma ter o desempenho impulsionado quando a novela das nove está em alta, tem sofrido com essa fuga de audiência nas noites da emissora. Até 22 de junho, o telejornal de Bonner e Renata havia acumulado média anual de 25,5 pontos (só não fica abaixo do índice de 2015) e share de 38,7%, o pior de todos os tempos.*²³

Uma construção com *ter* e verbo no infinitivo que se diferencia da com o verbo *haver* é a semicristalizada: (*não*) *ter* (*muito/pouco/nada*) *a ver*, com o significado similar ao de *corresponder* (*muito/pouco/nada*), *apresentar similitude/parecença com*. É diferente de um exemplo, como *Em Londres, há muito a ver*. Tem feição de um idiomatismo (cf. MACHADO VIEIRA, 2008), resultante de um processo de construcionalização lexical. É geralmente usada tal qual no exemplo a seguir:

²² <http://jornalismojunior.com.br/bastidores-da-noticia/>. Acesso: 23 mar. 2022.

²³ <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/jornal-nacional-da-pandemia-perde-ibope-e-se-aproxima-de-recorde-negativo-historico-60136?cpid=txt>. Acesso: 23 mar. 2022.

(Ex. 28)



2.3 O QUE TEMOS DE/QUE RESSALTAR?

Temos de/que ressaltar a associação dos verbos *ter* e *haver* a diversas construções gramaticais da língua portuguesa que são encontradas em diferentes gêneros textuais pelos quais nos comunicamos. Seja atuando em predicação impessoal, seja em predicação pessoal, as unidades verbais *ter* e *haver* são atraídas como variantes a padrões construcionais diversos na gramática do Português.

2.4 O QUE TEMOS EM VISTA, PARA ESPAÇOS DE ENSINO, ESCRITA OU LEITURA?

Temos/Há em vista o trabalho com a potencialidade de usos de *ter* e *haver* em variação: em gêneros diversos, em modalidades de expressão diferentes, nas variedades

24 <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/natalia-pasternak-cada-um-deve-ser-multiplicador-da-mensagem-da-ciencia/>. Acesso: 17 jan. 2022.

do Português. É um trabalho que revele como esses usos se associam sistematicamente a diferentes padrões construcionais gramaticais, que envolvem atributos morfossintáticos e funcionais/de sentido.

É importante também o trabalho em prol da valorização de variantes, com a percepção de que certos usos avaliados negativamente também estão noutras variedades, também chamam a atenção de outros, leigos.

Em sala de aula, é possível explorar o espírito investigativo quanto às combinações em que as variantes *ter* e *haver* se envolvem, mostrando que, a depender do padrão construcional, *haver* pode ser mais acionado que *ter* na variedade brasileira, assim como *ter* pode prestar-se mais vezes a outro padrão dentro e fora do Brasil. Trabalhar com diversos gêneros textuais e auxiliar o aluno a perceber que há diferentes usos que envolvem as predicções com *ter* e *haver* impessoais, seja em contexto temporal, de existencialidade ou de impersonalização discursiva. Além disso, os materiais didáticos precisam considerar os resultados de diversas pesquisas linguísticas que versam sobre o tema e que mapeiam a variação entre *ter/haver* – *existir*, tão frequente na fala, principalmente em contextos de existencialidade, como na charge em (29), contexto em que também há competição com o predicador “existir”, e na postagem em (30) – *Afinal, não há lugar algum para chegar além de mim*. E, assim, vai-se além do trabalho com predicação pessoal, em que o verbo *ter* é utilizado como um predicador que projeta dois argumentos (com significado afim ao de *possuir*) ou como verbo-suporte (Mas não tenho tanta pressa), como no exemplo em (30).

(Ex. 29)



(Ex. 30)



Uma atividade que pode ser proposta em curso de graduação, e mesmo curso de Ensino Médio, é a investigação do estatuto de usos de *ter* e *haver* em textos de diferentes domínios discursivos, modalidades expressivas e variedades do Português (vale lembrar que essa é língua oficial de nove países), com base em motivações diversas: (i) para explorar predicções (pessoal e impessoal); (ii) para tratar de categorização e de categorias de verbo instrumental e verbo predicador; (iii) para explorar a funcionalidade semântica, discursiva, pragmática e social dos usos que se apresentam nos textos; e (iv) para os comparar e, então, detectar propriedades formais e funcionais que permitam tecer generalizações sobre padrões construcionais que os licenciam. E esse trabalho em que polifuncionalidade e polissemia são proeminentes pode ser ampliado para usos de outros verbos. Um ganho é a experiência de vivenciar a emergência de usos, formas e sentidos, em (con)texto e entender que não há dicionário ou listagem que dê conta da vivacidade de uma língua, até porque ela está ligada às condições e ao espaço de sua produção. Em consequência, outro ganho é administrar metalinguagem como requerido em qualquer área do saber, aprimorar o domínio das unidades linguísticas *ter(-se)* e *haver* graças a generalizações alcançadas por empiria.

2.5 ONDE HÁ/SE TEM MAIS INFORMAÇÃO A RESPEITO?

Algumas pesquisas no Projeto Predicar lidam com a descrição de usos dos verbos *ter* e *haver*, entre as quais a exposta no próximo capítulo, Machado Vieira (2008, 2020), Paiva (2010), bem como:

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português. *Estudos da Língua(gem)*, v. 18, n. 1, 2020. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudos-dalinguagem/article/view/6131>

MARTINS, G. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Construção de tempo decorrido: Usos no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 67, p. 215-241, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i67.37858. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/37858>.

SARAIVA, E. S. Variação em usos de construções com predicador verbalTD + clítico SE: impessoalização e indeterminação em textos científicos e jornalísticos do Português Brasileiro. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 21, n. 2, 2019. <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/27292>

SARAIVA DE PONTES, E. S. Predicação transitiva direta com pronome SE: perfis de impersonalização discursiva em variação. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. L.; GAMA, D. E. R. S.; SARAIVA, E. S. Tem variação entre as formas verbais impessoais *ter* e *haver* nas modalidades oral e escrita, em realizações da norma culta, do Português Brasileiro?. In: VIEIRA, S. R.; OLIVEIRA, M. D. (org.). *Variação, gêneros textuais e ensino de português: da norma culta à norma padrão*. 1ed., Rio de Janeiro: Letras/UFRJ, 2019, p. 89-102.

AVELAR, J. “Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca”. In: SILVA, A.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (org.). *Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2011, p. 287-299.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Haver, *ter* ou fazer na expressão de tempo decorrido. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, p. 192-202. 2008.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português. *Estudos da Língua(gem)*, v. 18, n. 1, 2020. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudos-dalinguagem/article/view/6131>

- MARTINS, G. L. *Construção de tempo percorrido: usos no português brasileiro*. Trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês, da Faculdade de Letras da UFRJ, 2020.
- MARTINS, G. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Construção de Tempo Decorrido: Usos no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 67, p. 215-241, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i67.37858. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/37858>.
- PAIVA, M. S. de. *Há muito tempo atrás: Um estudo sobre HAVER + nome com valor temporal*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.
- SARAIWA DE PONTES, E. S. Predicação transitiva direta com pronome SE: perfis de impersonalização discursiva em variação. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.
- SARAIWA, E. S. *A construção TEM-SE no português brasileiro escrito: uma análise sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

CAPÍTULO 3

“HÁ QUANTO TEMPO A ESCOLA CONSEGUE PROMOVER A NORMA CULTA PADRÃO?” NOTAS SOBRE USOS IMPESSOAIS DO VERBO HAVER

Gabriel Lucas Martins

3.1 VERBO IMPESSOAL PRA QUÊ?

Quando necessário, para indicarmos uma perspectiva temporal aos nossos enunciados, é comum fazermos uso de **expressões temporais**. Usualmente na forma de um **advérbio temporal** ou **locução adverbial de tempo**, nós estabelecemos uma perspectiva na qual o evento se dá. Na escola, quando nos estudos de Sintaxe, passamos a entender essas expressões como **adjuntos adverbiais**. São muitos os exemplos que se podem citar aqui para exemplificá-los: “hoje”, “ontem”, “cedo”, “tarde”, “agora”, “em breve”, “de vez em quando”, “de manhã”, “à noite”, “às vezes”, “de tempos em tempos” etc.

Como se pode perceber, todas essas expressões são formadas ou por um advérbio ou por um grupo de palavras introduzidas ou intercambiadas por uma ou mais preposições (locuções adverbiais). No entanto, o foco deste capítulo recai sobre **expres-**

ções de tempo decorrido que fogem a essas estruturas comuns de adjuntos adverbiais. Observe alguns exemplos a seguir:

- (1) Escolhas de elenco polêmicas existem há muito tempo.¹
- (2) “Isso aí vai para o final do ano, tem muito tempo que estou adiando”, afirmou.²
- (3) “Faz muito tempo que não comemoro aniversário, tô empolgada”, disse a famosa na rede social.³

Dessas expressões, a que aparenta nos soar mais familiar é aquela formada pelo verbo “haver”, conforme estudos corroboram, tanto para a escrita (PAIVA, 2010, sobre dados de textos narrativos dos gêneros notícia jornalística e redação escolar), quanto para a fala (AVELAR, 2011, sobre dados dos acervos NURC-RJ⁴ e CENSO), em contextos diversos. Em dados variando da década de 1970 até início dos anos 2000, Avelar (2011) encontra para expressões de tempo decorrido um uso de “haver” em 79% dos casos totais. Machado Vieira (2008), em pesquisa sobre dados de fala e escrita das variedades portuguesa e brasileira (coletados em acervos linguísticos da UFRJ e do Centro Linguístico da Universidade de Lisboa e em jornais brasileiros e portugueses), também registra inclinação ao emprego de “haver” em 78,6% das ocorrências no Brasil e em 96,2% das ocorrências em Portugal, e ao uso de “fazer” ou “ter” em 21,4% dos casos no Brasil e em 3,8% dos casos em Portugal. Entretanto, até onde vai a nossa familiaridade com essa estrutura?

Para expressões de tempo decorrido, os três verbos “haver”, “ter” e “fazer” são impessoais, isto é, não apresentam sujeitos com os quais realizar concordância. Como resultado, seus usos correm o risco de se tornarem um tanto fossilizados⁵ na fala (por serem marcados sempre em 3ª pessoa do singular), sobretudo para o verbo que apresenta maior frequência de uso, “haver”. E quanto à escrita, o caráter impessoal desses verbos pode gerar dúvidas no ensino escolar. Mas o que exatamente isso quer dizer? Como isso se manifesta nos usos da língua portuguesa? E como isso se desdobra no ensino? São essas as perguntas a que tentaremos responder nas próximas seções.

1 Observatório do Cinema, 2019. Disponível em <https://observatoriodocinema.uol.com.br/listas/2019/06/atores-que-sofreram-transformacoes-radicaais-para-filmes-da-marvel>, acesso em maio de 2020.

2 Jornal Opção, 2019. Disponível em <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/problemas-de-caixa-empacaram-obras-do-ciams-do-jardim-america-190457/>, acesso em maio de 2020.

3 Mídia Max, 2019. Disponível em <https://www.midiamax.com.br/midiamais/famosos/2019/simaria-faz-festa-luxuosa-de-37-anos-e-vestido-ousado-mostra-demaais>, acesso em maio de 2020.

4 Disponível em: <https://nurcrj.letas.ufrj.br/>.

5 Por fossilizados, entenda-se que a estrutura se torna sedimentada na mente dos usuários; sobretudo para o verbo “haver”, pela alta frequência de seu uso e pela sua morfologia invariável na expressão temporal, “há”. Sendo assim, o registro mais reforçado na mente do falante concretiza-se foneticamente como /a/, seguido de um grupo nominal de valor semântico quantitativo de tempo.

3.2 VAMOS VER O QUE HÁ DE ERRADO

Como já mencionado, discutiremos expressões temporais específicas, aquelas formadas por verbos, sobretudo com o verbo “haver”. Observe a seguir dois exemplos de Avelar (2011, p. 166):

- (4) a. Há duas horas (que) eu vi a Maria no banco.
b. Tem duas horas *(que) eu vi a Maria no banco.
- (5) a. Há mais de um mês que não vejo novela.
b. Tem mais de um mês *(que) eu não vejo novela.

Perceba que o asterisco nas duas sentenças de letra b indicam que a ausência da chamada conjunção complementizadora “que” as torna agramaticais⁶. No entanto, isso é apenas verdade nos exemplos em que a oração de valor temporal é preenchida pelo verbo “ter”. O mesmo seria o caso para orações com o verbo “fazer”, por exemplo. A única exceção a essa regra parece ser no emprego do verbo “haver”.

Em Sintaxe, entendemos que a conjunção complementizadora desempenha o papel de ligação de duas orações por subordinação. A possibilidade de omitirmos essa conjunção em orações com o verbo “haver” nos leva a questionar até que ponto os usuários da língua ainda veem expressões do tipo “há duas horas” ou “há mais de um mês” como orações. Somados a essa constatação inicial, os autores Avelar (2011) e Mória (2011) introduzem testes sintáticos, como: a possibilidade de clivagem⁷ da estrutura com “haver” (6); e a possibilidade de não variação modo-temporal do verbo “haver” quando integrado a orações no pretérito (7). Observe os exemplos a seguir retirados de Avelar (2011, p. 165-166) e Mória (2011, p. 402) respectivamente (ambos com grifos originais), para ilustrar esses testes:

- (6) a. Foi há mais de duas horas que eu vi a Maria no banco.
b. *Foi tem mais de duas horas que eu vi a Maria no banco.
- (7) a. ... o Hubble estava em funcionamento havia três anos.
b. ... o Hubble estava em funcionamento há três anos.

6 O termo refere-se à natureza incompatível de determinada estrutura com as regras gramaticais da língua, entendida como um complexo de normas. Isto é, agramatical é toda aquela configuração sintática que identificamos ser impossível de se concretizar mediante o conjunto de regras gramaticais de uma língua. Qualquer usuário proficiente de uma língua costuma ser capaz de identificar estruturas que “não soam bem” ou “não são reconhecidas como pertencentes à língua”, independentemente de saber explicar o motivo “técnico” ou não.

7 Em Sintaxe, chama-se clivagem o recurso pelo qual se focaliza um determinado elemento sintático (sujeito, objeto, adjunto etc.) ao interpelá-lo com a estrutura [“ser” + “que”]. O verbo “ser” aponta para o elemento a que se quer dar foco, ao transformá-lo em predicativo, ao passo que a conjunção “que” liga o elemento focalizado ao restante do período. No caso dos exemplos em (6), os adjuntos adverbiais oracionais “há mais de duas horas” e “tem mais de duas horas” são interpolados pela estrutura marcada no pretérito, “Foi ... que”.

c. ... o Hubble estava em funcionamento fazia (na altura) três anos.

d. *... o Hubble estava em funcionamento faz três anos.

Um olhar cauteloso nos leva novamente à reflexão de qual seria o papel desempenhado pelo verbo “haver” em expressões de tempo decorrido. Essa reflexão pode ser especialmente inquietante quando pensamos em como surtir no ensino escolar a adequação à norma culta padrão para esse caso, de maneira significativa. É necessário, antes, atentarmos a usos concretos que possam indicar a percepção sintática que contemporâneos usuários da língua têm da construção temporal com “haver”, ao grafarem “a” no lugar de “há”. Observe alguns exemplos desse fenômeno a seguir:

(8) Paulo Amorim já conquistou seu espaço a muito tempo e seus comentários são muito inteligentes e divertidos!⁸

(9) Esse tal de rafinha é banco a muito tempo engraçado falam do flamengo como se estivéssemos falando de um time que ganha tudo todo ano, quanto tempo que não ganha um título de verdade?⁹

Ambos Avelar (2011) e Móia (2011) argumentam a favor da estrutura [HAVER + ARG. INTERNO]¹⁰ já ser empregada como sendo de **base gramatical** – isto é, como uma expressão de função adjunta-adverbial – e não **oracional** – isto é, como uma oração com verbo “haver” –, o que explicaria marcações gráficas como as dos casos já exemplificados. Em outras palavras, apesar de se tratar de uma estrutura a princípio **verbal**, ela pode se comportar como uma estrutura **nominal**, semelhante às expressões temporais mencionadas no início do capítulo, “em breve”, “de manhã” e “à noite”, por exemplo. Todas elas concentram sua base semântica em um nome (ou ainda, em um grupo nominal), e são introduzidas por **preposições**. Isso pode ser indicativo de uma nova interpretação que o usuário comum da língua faz dessas expressões: **construções** na forma de **sintagmas preposicionais**.

Evidentemente, essa interpretação não é metalinguística, apenas pragmática. Isto é, o usuário não racionaliza a substituição de um verbo por uma preposição, mas identifica cognitivamente usos semelhantes ao da construção temporal com “haver”. Visto que a estrutura sedimentada na mente do usuário se concretiza foneticamente

8 Terça Livre, 2019. Disponível em <https://www.tercalivre.com.br/urgente-apresentada-acao-na-pgr-e-pf-contra-paulo-henrique-amorim-por-ameaca-de-morte-a-bolsonaro/>, acesso em maio de 2020.

9 Coluna do Fla, 2019. Disponível em <https://colunadofla.com/2019/06/mauro-ve-rafinha-em-nivel-muito-superior-ao-de-fagner-brasil-x-belgica-prova-isso/>, acesso em maio de 2020.

10 A partir da teoria gerativa, a estrutura de nossas enunciações verbais tem sido percebida por meio de agrupamentos sintáticos, chamados **sintagmas**. Resumidamente, sintagmas são grupos de palavras que assumem conjuntamente uma função sintática no período, seja verbal, nominal, preposicional etc., a depender do termo central desse grupo de palavras. A princípio, o grupo de palavras em torno de “haver” seria, portanto, categorizado como um **sintagma verbal**, cujo termo central (o verbo “haver”) seleciona termos que o satisfazem sintaticamente. Argumento externo designaria aquele termo com o qual o verbo concorda em número, ou seja, o sujeito, que fica à margem do sintagma verbal e é por isso caracterizado como elemento externo. No caso do verbo “haver” impessoal, não há seleção de um termo externo como já se veio discutindo, apenas de um termo interno, qual seja o objeto direto; esse termo sintático denomina-se **argumento interno**.

com um categórico e invariável /a/, é razoável que seus usos da expressão reflitam demais construções com elementos invariáveis, como aquelas com preposições. Dito de outra forma, é natural que o usuário assuma que construções como “há muito tempo” apresentam função sintática e valor semântico semelhantes ao de construções, como em (10):

(10) A quatro dias do fim do prazo, 47% dos inscritos no Mais Médicos não se apresentaram¹¹

Em (10) podemos observar o uso de uma construção de intervalo de tempo por meio de prospectividade, ou seja, com relação ao tempo futuro. Esse uso assemelha-se ao realizado em (11), distinguindo-se apenas no que diz respeito à perspectiva temporal das construções. Observemos:

(11) Pompeo anunciou há um ano 12 condições para concluir um “novo acordo”, em particular restrições ao programa nuclear iraniano e uma redução das atividades regionais do Irã.¹²

Ambos os casos são indicativos de intervalo temporal: em (10) há indicação de um intervalo de tempo entre o momento da enunciação e um *evento futuro* (fim do prazo), e em (11) há indicação de um intervalo de tempo entre um *evento passado* (um anúncio internacional) e o momento da enunciação. O que os difere é a perspectiva temporal: (10) se refere ao futuro e (11) ao passado. Móia (2011) chama atenção inclusive para o fato de que ambas construções em outras línguas, como no inglês por exemplo, são comumente constituídas de uma preposição e um grupo nominal quantitativo de tempo:

Com efeito, observando línguas como o inglês, verificamos que estes valores são tipicamente marcados com o auxílio de conectores de tipo preposicional (ou posposicional) – for, ago (curiosamente, derivado de um particípio verbal – cf. Huddleston & Pullum 2002:632), before; observando outras construções do português, verificamos o uso de conectores claramente preposicionais em construções comparáveis, como um dia antes ou um dia antes das eleições (identificação de intervalos por medição retrospectiva a partir de pontos de perspectiva não coincidentes com o momento da enunciação). (MÓIA, 2011, p. 17, grifos originais)

Portanto, somos impelidos a nos questionar que efeitos esses fatores podem ter nos vários usos da língua. A princípio, é comum aceitarmos que, em meios de menor monitoramento, ou seja, de maior informalidade, haja desvios à norma culta padrão. Mas

11 O Globo, 2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/a-quatro-dias-do-fim-do-prazo-47-dos-inscritos-no-mais-medicos-nao-se-apresentaram-23294886>, acesso em outubro de 2020.

12 O Globo, 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/pompeo-sinaliza-disposicao-para-conversar-com-ira-sem-condicoes-previas-23713333>, acesso em maio de 2020.

será que as construções temporais com “haver” apresentam grafia distinta daquela indicada como norma culta padrão apenas nos meios de interação mais informais?

3.3 O QUE *HÁ* DE NOVO, NA FALA E NA ESCRITA?

O principal fenômeno em foco aqui é capcioso quanto aos seus usos, pois na fala ele se torna indetectável e só podemos identificar divergências à norma culta padrão ao nos debruçarmos na escrita de nossos alunos. Isso se dá, pois as formas alternantes “a” e “há” apresentam a mesma pronúncia e, se houver qualquer divergência, ela deve se limitar a fatores entonacionais minuciosos demais e, portanto, irrelevantes à escola e a eventos corriqueiros da vida social. No entanto, isso não significa que possamos ignorar as manifestações escritas desse fenômeno e apenas nos limitarmos a atitudes prescritivas.

Em verdade, observações quanto aos distintos comportamentos de expressões de tempo decorrido com “haver” se tornaram tão divergentes que, em seu artigo, Paiva (2010) expôs quatro possíveis interpretações que gramáticas (prescritivas e descritivas) assumem para essas construções:

(i) oração com “que” entendida como subordinada adverbial e oração com “haver” entendida como principal (“que” é considerado conjunção temporal subordinativa);

(ii) oração com “haver” é considerada subordinada justaposta (“que” é elemento expletivo opcional);

(iii) a oração com “que” é entendida como subordinada substantiva subjetiva (“haver” não é considerado impessoal); e

(iv) a expressão com “haver” é entendida como adjunto adverbial e não é tida como oração.

Vide exemplos para cada interpretação a seguir, retirados de Paiva (2010, p. 34-35):

(i) **Há duas semanas** que o documentário vai ao ar noite e dia. [Jornal, O Globo]

Oração Principal (OP) Oração Subordinada Adverbial Temporal (OSAT)

(ii) Há duas semanas **que o documentário vai ao ar noite e dia**. [Jornal, O Globo]

OSAT

OP

eu morava em Bangu a 4 anos atrás [Redação, 7o ano EF]

OP

OSAT

(iii) **há dois meses** que não fazia uma refeição completa. [Jornal, O Globo]

OP

Oração Subordinada Substantiva Subjetiva (OSSS)

(iv) A 1 mês atrás **eu e minha prima estava brincando**. [Redação, 7o ano EF]

Adj. Adv. de Tempo Predicação nuclear
(AAT)

Segundo a autora, a interpretação mais veiculada pelas gramáticas normativas é a primeira. No entanto, o fato de as outras três interpretações possibilitarem progressivamente um olhar menos **oracional** e mais **funcional** ao comportamento da construção temporal com “*haver*” indica uma preocupação com as divergências de uso dessa construção. Portanto, é evidente que tal fenômeno merece atenção da escola, sobretudo se considerarmos que, em seu artigo, Paiva (2010) traz exemplos de manifestações de grafias em desacordo com a norma prescrita para textos escolares. A partir disso, ponderamos ser possível tal fenômeno reverberar em demais contextos que exijam o mesmo nível de monitoramento que o contexto escolar.

Na introdução do capítulo, falamos da sedimentação à qual essa construção está sujeita. Tal sedimentação se dá pela proporção de *input* linguístico¹³, sobretudo oral, ao qual o usuário é exposto e que embasa a proporção de *output* que ele produz. Atualmente, grande parte do *input* linguístico (escrito e oral) a que somos expostos é veiculado em mídias digitais, que abrigam as mais diversas variedades da língua (ROJO, 2012; ROJO; MOURA, 2019). A depender do tipo de *input* que o usuário recebe, é mais ou menos provável que ele interprete a construção como **verbal** ou **nominal**. Por isso, é necessário darmos atenção aos novos gêneros digitais que integram nossa vida em sociedade.

Em um estudo mais recente, Martins e Machado Vieira (2020) introduziram dados que enfocam propriamente a proporção de usos de construções com “a” para construções com “há”. Restringido a um corpus proveniente de páginas de notícias online, encontraram usos de “há” (90,8%) consideravelmente mais numerosos que de “a” (2,14%), para um total de 470 dados. A princípio, isso poderia indicar que o desvio à grafia indicada pela norma culta padrão não se concretiza a um nível alarmante. Porém, basta atentarmos aos suportes midiáticos mais corriqueiros, e por vezes não tão informais, que identificamos esse fenômeno muito mais alastrado do que indicam os dados já catalogados. Observe os exemplos a seguir:

(12) Postagem no Twitter¹⁴

13 Os anglicismos *input* e *output* linguísticos referem-se respectivamente à exposição e à produção linguística de usuários da língua. Em outras palavras, *input* é toda referência de linguagem que recebemos dos diversos contextos sociais a que somos expostos e, portanto, aquilo que faz parte do nosso universo linguístico; *output* é toda forma de produção de linguagem que conduzimos a partir de nossas referências sociais. Costuma-se falar nesses termos ao abordar a aquisição de linguagem, em que a criança passa por um processo preliminar de exposição à língua (*input*) e começa a produzir suas primeiras palavras, sintagmas, frases (*output*).

14 Disponível em https://twitter.com/sergiodf2005/status/1103722747996319744?s=20&t=CuJpmH9g-2gRRKm_PNWym7w, acesso em outubro de 2020.

(13) Postagem de Twitter [meme]¹⁵(14) Tirinha de página cartunista do Facebook¹⁶

15 Disponível em https://twitter.com/alexlimareal/status/1134952557120499712?s=20&t=CuJpmH9g-2gRRKm_PNWym7w, acesso em outubro de 2020.

16 Disponível em <https://www.facebook.com/angulodevista/photo/a.1486326765002540/2004221696546375/>, acesso em outubro de 2020.

(15) Legenda de série para o serviço de streaming da Netflix (Série de TV *Pretty Little Liars*, Temporada 3, Episódio 22)



Nos exemplos (12-15) há manifestações diferentes da construção temporal marcada com “a” para indicar tempo decorrido, em três plataformas multimidiáticas: *Facebook*, *Twitter* e *Netflix*. Para os exemplos (12) e (13), a divergência com a norma culta padrão é esperada e até mesmo aceitável, visto que a circulação dos textos pressupõe um público-alvo diverso e não tem com este qualquer compromisso formal, além de geralmente apresentar como objetivo final o puro entretenimento dos seguidores das páginas de seus autores. Por sua vez, o exemplo (14) é proveniente de uma página de cartuns humorísticos, já bem estabelecida no *Facebook*, com mais de 1.3 milhões de seguidores no momento de registro, da qual se poderia esperar um comprometimento maior com a norma culta padrão, visto que estabelece com seu público-alvo uma relação de natureza basicamente comercial. Por fim, o exemplo (15) naturalmente é o mais inesperado, pois foi veiculado diretamente pela rede de *streaming Netflix* em sua função de legendas. É ponderável que se trate de um caso de falta de revisão de legendas, não tão absurdamente raro. No entanto, esse “deslize” é indicativo suficiente de que o fenômeno não é tão trivial quanto possa parecer à primeira vista.

Portanto, devemos pensar nos direcionamentos necessários para se abordar esse fenômeno na escola. Entendemos que a escola tem responsabilidade de versar seus estudantes na norma culta padrão, embora sem perder de vista as demais variedades da língua. Como indicado pela seção de Linguagens – Língua Portuguesa (Ensino Fundamental) da BNCC,

[c]abem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2017, p. 81)

A partir desse viés, entendemos que o caminho para tratar desse assunto na escola seja através da conscientização sobre **variação linguística**¹⁷ e o entendimento de que as diferentes variedades da língua se distribuem pelos diferentes contextos discursivos. Para isso, é imprescindível a seleção e trabalho com **textos sociais**, ou seja, oriundos de contextos sociais reais, versando os estudantes em diferentes ações de linguagem (CRISTÓVÃO, 2009). Nesse sentido, assumimos que:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2016 [1952/53], p. 11-12, grifos originais)

Portanto, indicaremos atividades que possam emanar, na sala de aula, as práticas sociais de linguagem relevantes aos estudantes, situando-as em gêneros discursivos correspondentes. Como efeito, espera-se que o reconhecimento das situações discursivas possa contribuir para uma reflexão metalinguística, a partir da qual se pensem as diferentes interpretações sintáticas da construção de tempo decorrido com “haver”, quais sejam a de base **verbal** e a de base **nominal**.

3.4 O QUE HÁ DE TUDO ISSO?

Neste capítulo vimos que o caráter impessoal do verbo “haver” em expressões de tempo decorrido pode fazer o uso de construções tão corriqueiras perder concreticidade enquanto uma estrutura **verbal** na forma que os usuários da língua aparentam interpretá-las. Com isso, novas interpretações aparentam emergir, confluindo em grafias concorrentes, isto é, marcações gráficas distintas daquela prevista pela norma culta padrão da língua portuguesa. No entanto, qual deveria ser o papel da escola no trato dessa questão? Temos pontuado constantemente como o fenômeno em foco neste capítulo desvia-se do que é prescrito pela gramática pautada na norma culta pa-

17 Conceito que diz respeito “às situações de uso da língua que determinam tanto o grau de formalidade e o registro utilizado quanto a modalidade de uso, se falada ou escrita” (BRASIL, 2006, p. 19).

drão. Mas o que isso significa para a educação? Significa que, quando investigamos a gramática de uma língua, lidamos, inevitavelmente, com variedades dela e também com normas de referência a balizarem a percepção que seus usuários fazem de seus diferentes usos nas vivências linguísticas em práticas discursivas as mais diversas. Advogamos, assim, por um entendimento do fenômeno tratado neste capítulo como manifestação da natureza viva e dinâmica da língua. Em outras palavras, o que ao cânone figuram como equívocos são senão maneiras de o usuário dar conta dos sentidos construídos por diferentes materialidades (morfossintáticas) da língua, que dialogam com o conceito de variação linguística, já comentado aqui. E esses usos que não se vinculam à chamada norma culta padrão, idealizada como única referência ao ensino por alguns, também têm regularidade e expressividade e não podem escapar a uma descrição que tenha atenção às suas potencialidades e manifestações.

A partir dessas considerações, são propostas na próxima seção atividades com vistas a explorar as materializações de construções de tempo decorrido em **textos sociais**, a fim de propiciar na escola uma conscientização efetiva dos usos variáveis de expressões de tempo decorrido, em maior ou menor concordância com a norma culta padrão. Para isso, entendemos que essa norma é construída socialmente como um artefato cultural para a projeção de “um lugar de encontro, uma pátria comum” (LAGARES, 2018, p. 108). A partir da instituição de uma língua nacional oficial homogênea, cria-se um projeto de nação e um correspondente ideal de cidadãos. Diante do risco de a norma culta padrão ser entendida como camisa-de-força para os usos da língua, entendemos que cabe à escola

mostrar que a norma-padrão (o ideal de “língua certa” que circula no senso comum) é o construto cultural de um determinado momento histórico, vinculado a determinadas classes sociais, a determinadas concepções de sociedade e a determinados tipos de relações de controle e coerção social (BOURDIEU, 1996; SOARES, 1986). (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 73)

3.5 PROPONDO ATIVIDADES QUE NÃO HÁ POR AÍ

Para encobrir no ensino escolar o fenômeno morfossintático discutido neste capítulo, de maneira a integrá-lo efetivamente ao currículo escolar, apresentamos nesta seção atividades em consonância com o que propõem os documentos oficiais de educação nacional. Conforme apontam Santos, Riche e Teixeira (2012), os PCN (BRASIL, 1998a, 1998b, 2000) defendem uma abordagem textual para a educação linguística, que prevê

[...] o uso de textos como unidade de ensino, e não como mero pretexto para destacar dígrafos, substantivos abstratos ou sujeitos, por exemplo. [...]

Em vez disso, o texto como unidade de ensino pressupõe um trabalho que congregue as três práticas de linguagem apresentadas nos Parâmetros: prática de leitura de textos orais/escritos, prática de produção de textos orais/escritos, prática de análise linguística. (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 16, grifos adicionados).

Ainda, entende-se por prática de análise linguística o engajamento em atividades que procurem “*ampliar a consciência dos alunos sobre os fenômenos gramaticais e textual-discursivos*” (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 75), ou seja, abordando aspectos linguísticos sem desconsiderar a esfera textual-discursiva¹⁸ dos textos em que esses aspectos se manifestam.

Dentro dessa perspectiva pedagógica, sugerimos aqui atividades com base no texto “Pela anulação de todos os processos contra Lula”¹⁹. Esse texto enquadra-se no que o website Causa Operária intitula *editorial*, sob o tema *Política*. É importante salientar que o gênero editorial (análogo ao artigo de opinião) é por excelência opinativo, geralmente marcado pela tipologia argumentativa, que tem sido central no ensino escolar de língua materna. Portanto, se adotado em sala, podem-se emanar desse texto aspectos caros a diversos tópicos do currículo escolar, em seu nível textual-discursivo. Por hora, nos atenhamos às atividades com foco na construção de tempo decorrido.

18 Estão inclusos aqui: a autoria; interlocutores envolvidos; circulação; suporte (meio de circulação); tipologia textual; intencionalidade; composição (estrutura textual); tema (assunto enfocado); e estilo (usos da língua, no que diz respeito a aspectos gramaticais e lexicais) (cf. SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 30).

19 Disponível em <https://www.causaoperaria.org.br/rede/dco/politica/pela-anulacao-de-todos-os-processos-contralula/>, acesso em outubro de 2020. Em caso de inoperação do link original, acessar reprodução da página em <https://drive.google.com/file/d/1DyUQ5B0gdd-QXlElSrBosbfevoSPe20w/view?usp=sharing>.

Proposta de atividades

(1) Observe a plataforma na qual o texto se apresenta. A partir disso, infira qual tema deve ser enfatizado pelo texto e que posicionamento(s) político(s) ele sugere.

(2) Com base na organização textual, indique qual tipologia textual²⁰ é adotada majoritariamente no texto. Em seguida, explique como essa tipologia se relaciona com a ideia que o texto busca defender.

(3) Revisite o seguinte período do texto e responda ao que se pede:

“Os vazamentos do *Intercept* comprovaram o que vem sido gritado nas ruas **a muito tempo**: Lula é inocente, estamos em meio a um golpe.”

(a) No período acima, o autor faz uso de um recurso intertextual para embasar seu argumento. Que recurso é esse?

(b) Observe a expressão grifada no trecho acima. Que valor semântico essa expressão atribui ao período?

(c) Atente-se à grafia da expressão grifada. Ela está de acordo com a norma culta padrão da língua portuguesa? Explique.²¹

(d) Considerando mais uma vez a plataforma em que o texto é veiculado, seria esperado que o texto estivesse em acordo com variedades mais cultas ou mais populares da língua? Justifique.

(e) Diante de sua conclusão na questão anterior, discuta a importância da revisão para a produção textual.²²

(4) Diante do cenário político atual no país, julgue se o posicionamento defendido pelo texto é predominante ou se encontra mais polarizado com posicionamentos distintos.

(5) Para casa: Faça uma busca por notícias e reportagens que justifiquem sua resposta à questão anterior. Traga para a próxima aula as que você julgar mais eloquentes. Comente as descobertas de sua pesquisa.

20 Conforme Marcuschi (2008), as tipologias textuais são narração, argumentação, exposição, descrição e injunção (p. 154-155). Sugerimos que essas tipologias sejam exploradas de forma discursiva, isto é, assumindo que a adoção de uma ou mais tipologias é uma marca estilística intencional como qualquer outra (BAKHTIN, 2016 [1952/53]), e por isso produz efeitos de sentido no social. Por exemplo, se o autor de um editorial opta majoritariamente pela tipologia expositiva, sua escrita induz uma leitura do conteúdo de seu texto como factual. Em caso contrário, se o autor de um editorial opta por manter a tipologia prototípica desse gênero, a argumentativa, sua escrita induz uma leitura do conteúdo de seu texto como opinativo. Evidentemente, toda enunciação é axiológica, isto é, posicionada ideologicamente (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]); no entanto, o estilo de linguagem particular que o autor decide adotar em seu texto torna seu posicionamento ideológico mais ou menos explícito, mais ou menos retórico etc. Tudo isso é possível explorar por meio da questão proposta ou por desdobramentos dela em outras questões, mas, devido ao restrito espaço hábil para a sugestão de material pedagógico, resumimos estes importantes pormenores do trabalho discursivo a esta nota de rodapé.

21 Sugerimos que o professor use o espaço dessa questão para explicar sobre esse tópico linguístico, indicando aqui o motivo de a norma culta padrão adotar “há” onde está grafado “a”. O conceito de verbo impessoal provavelmente demandará explicação mais aprofundada. Após discussão, indica-se propor aos estudantes uma reflexão diante do valor semântico da expressão, os levando a pensar em demais estruturas de mesmo sentido, como com os verbos “ter” e “fazer”, ou ainda com outras expressões, como as locuções adverbiais “por muito tempo”, “desde muito tempo”.

22 Essa questão visa a contemplar uma discussão sobre o papel da revisão de textos na produção textual, tanto escolar quanto a nível editorial. É importante frisar com os alunos que gêneros mais elaborados costumam requerer mais preparo e passar por (maior) revisão, antes de chegar ao seu interlocutor-alvo. Apesar de as atividades caminharem em direção a uma discussão de revisão ortográfica ou mesmo gramatical, acreditamos ser igualmente importante pensar em revisão pelo viés discursivo, isto é, contemplando os efeitos de sentido que escolhas discursivas geram.

As atividades propostas citadas configuram evidentemente um recorte enxuto das inúmeras possibilidades que o texto selecionado permite explorar. Não obstante, com esse recorte buscamos retratar modelos de três tipos de atividades que se deve ter em mente em uma abordagem textual de ensino: atividades pré-textuais, textuais e pós-textuais (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 48)²³. Por fim, esperamos que essa proposta de atividades tenha elucidado dois pontos principais do capítulo: 1) a relevância do tópico linguístico focado aqui para o ensino escolar de gerações mais novas de usuários da língua; e 2) os direcionamentos pedagógicos para elaboração de atividades contextualizadas sobre esse tópico linguístico.

Nesse sentido, podemos retomar o questionamento provocativo do título do capítulo: *Há quanto tempo a escola consegue promover a norma culta padrão?* Esta é uma pergunta retórica, pois busca instigar a reflexão quanto ao papel secular que tem sido associado à instituição escolar: o de promover a homogeneização de uma língua nacional. Na contemporaneidade, muito já se tem discutido diante do fenômeno de **variação linguística** como uma característica intrínseca da linguagem e que faz parte da constituição cultural de diferentes comunidades linguísticas. Documentos de referência curricular para a educação escolar em nosso país já indicam a relevância do trabalho com esse fenômeno ao menos desde os anos 1990 (BRASIL, 1998b, 2000, 2006, 2017). No entanto, a forma como a variação linguística tem ganhado espaço na educação escolar é, em muitas experiências, ainda debilitante, visto que, “*quando reconhecida, é simplesmente sinônimo de ‘erro’*” (BAGNO; RANGEL, 2005, p. 72). Com efeito, ao tratar dos usos concorrentes de expressões de tempo decorrido, bem como de qualquer outro tópico gramatical em variação, é importante situá-los em seus respectivos contextos socioculturais. Daí a relevância do trabalho com textos sociais que partam “*da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações*” dos aprendizes (FREIRE, 1987, p. 119). Do contrário, toda forma de indução acrítica de uma norma culta padrão no currículo escolar torna-se “*invasão cultural*”.

3.6 O QUE MAIS HÁ SOBRE ISSO?

Caso haja interesse em se aprofundar em pesquisas sobre o fenômeno a que nos dedicamos neste capítulo, sugere-se a leitura: do artigo de Paiva (2010), *Há muito tempo atrás: Um estudo sobre HAVER + nome com valor temporal*, que se dedica especificamente às diversas interpretações que as expressões temporais com “haver” assumem e a como elas se manifestam sintaticamente em diversos enunciados da língua, enfocando o fenômeno como um possível processo de gramaticalização; do artigo de Avelar (2011), *Expressões de tempo decorrente com ter e haver na fala carioca*, que dedica grande atenção ao status das expressões de tempo decorrente com os verbos “ter” e “haver” nos usos orais do Rio de Janeiro; do artigo de Mória (2011), *Expressões Tem-*

23 Segundo as autoras, cada segmento de atividades apresenta objetivos específicos, a saber: i. pré-textuais: motivação para a leitura (acionando conhecimentos prévios, explorando inferências contextuais etc.); ii. textuais: desenvolvimento de análise textual (enfocando em interpretação, efeitos de sentido, escolhas lexicais etc.); iii. pós-textuais: traçado de paralelos transversais ao texto (evocando outras semioses, esferas discursivas etc.) (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 48-49).

porais com Haver: Gramaticalização e Interpretação Semântica, que se aproxima mais do que tratamos neste capítulo, ao considerar o fenômeno de alternância de “a” e “há”, e ao se inscrever a uma base teórica funcional cognitiva, tratando de gramaticalização; e o artigo de Martins e Machado Vieira (2020), *Construção de Tempo Decorrido: Usos no Português Brasileiro*, que trata desse fenômeno em específico, trazendo considerações da Gramática de Construções Baseada no Uso e levantando hipóteses quanto a um processo de construcionalização gramatical.

Ainda, para maiores encaminhamentos pedagógicos quanto à seleção e ao trabalho com textos em sala de aula, indicamos a leitura do livro *Análise e produção de textos* de Santos, Riche e Teixeira (2012), em que as autoras discorrem sobre teorias e abordagens de educação linguística no contexto escolar brasileiro, acompanhadas de sugestões de atividades condizentes com suas propostas.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, J. Expressões de tempo decorrente com ter e haver na fala carioca. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 161-180, 2011.
- BAGNO, M.; RANGEL, E. Tarefas da educação linguística no Brasil. *Revista brasileira de lingüística aplicada*, v. 5, n. 1, p. 63-82, 2005.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso [1952/53]. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 11-69.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Ensino Médio. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagem, códigos e suas tecnologias*. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, Vol. 2, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- CRISTÓVÃO, V. L. L. Sequências Didáticas para o ensino de línguas. In: DIAS, R.; CRISTÓVÃO, V. L. L. (Orgs.). *O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas*. 1a Ed. Campinas: Mercado de Letras, p. 305-344, 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LAGARES, X. C. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.

- MACHADO VIEIRA, M. S. Haver, ter ou fazer na expressão de tempo decorrido. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, 2008, p. 192-202.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais no Ensino de Língua. In: MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. 1a Ed., 11a reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 154-155.
- MARTINS, G. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Construção de Tempo Decorrido: Usos no Português Brasileiro. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 67, p. 215-241, 2020. DOI: 10.9771/ell.v0i67.37858. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/37858>.
- MÓIA, T. Expressões Temporais com Haver: Gramaticalização e Interpretação Semântica. In: COSTA, A.; FALÉ, I.; BARBOSA, P. (Eds.). *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2011, p. 401-419.
- PAIVA, M. S. *Há muito tempo atrás*: Um estudo sobre HAVER + nome com valor temporal. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.
- ROJO, R.; MOURA, E. Letramentos. In: ROJO, R.; MOURA, E. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- ROJO, R. Pedagogia dos Multiletramentos: Diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.) *Multiletramentos na Escola*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 11-32.
- SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. de S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* [1929]. São Paulo: Editora 34, 2017.

CAPÍTULO 4

IMPERSONALIZA-SE? INDETERMINA-SE? USOS DE CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS DIRETAS COM PRONOME SE EM TEXTOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Eneile Santos Saraiva de Pontes

4.1 CHEGA MAIS!

Neste capítulo, buscamos analisar estratégias de impersonalização discursiva em textos jornalísticos (editoriais e artigos de opinião) e acadêmicos (teses e dissertações) do português brasileiro (PB) acionadas por predicação transitiva direta com o pronome SE. Mas, como tratar da impersonalização? Por que lançamos mão de determinadas construções que retiram de cena o participante responsável pela ação/processo em nossos textos? Para tentar responder a essas questões, vamos observar os exemplos a seguir:

(Ex. 1) DETERMINOU-SE no documento que o Minhocão seria inativado até 2029 [...]. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]

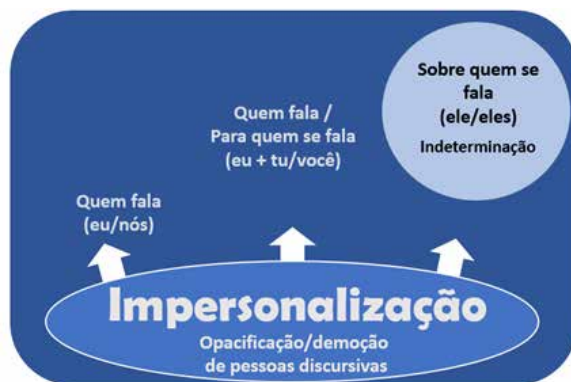
(Ex. 2) Sendo assim, **ADOTA-SE** para o presente estudo a abordagem funcionalista [...] [Dissertação, 2017]

Notamos que o responsável pela predicação foi opacificado/retirado de cena/desfocalizado. Há, então, o processo de impersonalização discursiva que, de acordo com Machado Vieira (2020, p. 69):

é um fenômeno que promove a desfocalização, suspensão ou supressão de um referente/participante do discurso envolvido no estado de coisas como estratégia de preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987) ou, em outras palavras, como maneira de impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do (inter)locutor e/ou do participante com papel de força que induz ou experimenta o estado de coisas mediante a distância imposta ao conteúdo proposicional em relação àquele(s) e/ou a este. (MACHADO VIEIRA, 2020, p. 69).

Dessa forma, os dois exemplos podem ser analisados a partir da perspectiva da impersonalização discursiva: em (1), percebemos que o suposto responsável pela predicação se relaciona à 3ª pessoa discursiva (*quem* determinou?). Já em (2), o participante suspenso (*quem* adota) é o próprio eu-enunciador, ou seja, a primeira pessoa discursiva (*Eu* adoto...).

Notamos, nos materiais didáticos e nas propostas de ensino sobre o tema, que, geralmente, há um enfoque na abordagem do processo de indeterminação e esse costuma ser atrelado à função sintática de “sujeito indeterminado”. Há, ainda, pouco espaço para a abordagem da possibilidade de retirada de cena do eu-enunciador, tema que só costuma vir à tona quando está em jogo a escrita do texto dissertativo argumentativo. Saraiva de Pontes (2022) defende, então, que a indeterminação seja considerada como uma subcategorização do processo maior de impersonalização discursiva, em que ocorre a demoção do participante suspenso (pessoa gramatical) igual à terceira pessoa discursiva, como verificamos no exemplo 2. A figura a seguir busca representar esse processo:

Figura 1: Impersonalização e indeterminação como subcategorização.

Fonte: Autoral.

Percebemos que as três pessoas discursivas podem estar associadas ao processo de impersonalização: quem fala, para quem se fala e sobre quem se fala. Entretanto, em relação a esta última pessoa, esse processo é subcategorizado como indeterminação discursiva. É preciso destacar que há situações em que esse participante poderá ser facilmente recuperado ou não. Por isso, vamos apresentar, neste capítulo, uma proposta de um *continuum* de impersonalização discursiva que considera graus de (in) determinação e (im)personalização.

Fazemos uso dessas construções de impersonalização discursiva com o intuito de tornar o texto mais objetivo, com menos marcas de personalidade; quando acionamos especificamente a indeterminação, buscamos retirar o foco do responsável pela ação, considerando que, em muitos casos, é possível inferir ou supor quem é o referente do participante suspenso, se observarmos o contexto e o cotexto. Destacamos ainda que a estruturação sintática da predicação transitiva direta com pronome SE permite que haja um ajuste focal (cf. LANGACKER, 1987; 1991). Assim, a partir da capacidade humana de conceptualizar uma situação de formas diferentes, por unidades construcionais diferentes, com a supressão do participante responsável pela predicação, o interlocutor é levado a dar maior enfoque na ação/processo e não em quem realiza. Em relação à perspectiva tradicional, os exemplos (1) e (2) são sintaticamente analisados como estruturas passivas sintéticas e o termo projetado – um sintagma oracional (SO) “que o Minhocão seria inativado até 2029 [...]” ou um sintagma nominal (SN) “a abordagem funcionalista [...]” – exerce a função sintática de sujeito. Não são contempladas as funcionalidades pragmáticas evocadas pelas construções transitivas com SE, pela promoção da impersonalização discursiva. E quais as finalidades desses processos? Por que retirarmos de cena o responsável pela predicação? Saraiva; Teixeira; Santos; Machado Vieira (2021) observam que:

em textos da mídia, um jornalista pode querer ser evasivo ou não se comprometer a responsabilizar alguém ou alguma instituição a que é solidário. Em textos da ciência, a motivação pode ser simplesmente seguir uma tradição discursiva de pôr em evidência o fato científico e uma escrita menos subjetiva. (SARAIVA; TEIXEIRA, SANTOS, MACHADO VIEIRA, 2021, n.p.).

Há ainda que se considerar que, nessa busca por uma escrita menos subjetiva, no acionamento da predicação transitiva direta como pronome SE, pode ocorrer: (i) a demissão do referente força indutora do lugar de sujeito para, por exemplo, o de um SP circunstancial; e (ii) a apresentação do referente força indutora com valor genérico ou não identificável. Observem os exemplos a seguir:

*(Ex. 3) No governo federal, **ESTIMA-SE** que 35% dos funcionários se aposentarão até 2030. Nos estados, onde aposentadorias especiais com menos tempo de serviço predominam, quase a metade dos atuais servidores poderá fazer o mesmo. [Editorial, Jornal Folha de São Paulo, 2020]*

*(Ex. 4) **SABE-SE** hoje, por exemplo, que esses primatas superiores são dotados de autoconsciência, contam com traços de personalidade que se mantêm estáveis durante a vida, constroem alianças intragrupo a fim de obter vantagens, guerreiam entre si. E, algo que talvez surpreenda muitos, possuem cultura. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]*

No exemplo (3), notamos que “o governo federal”, que aparece no sintagma preposicionado, é quem faz a estimativa sobre a projeção de funcionários aposentados. Em (4), verificamos, a partir da construção “sabe-se”, que ocorre o processo de impersonalização, com valor generalizante, em que o articulista infere que esse conhecimento sobre os primatas é resultado de pesquisas e que pode ser compartilhado pelos potenciais leitores dos jornais e também por ele próprio.

Se consultarmos as gramáticas tradicionais para sabermos sobre indeterminação, vamos descobrir que, geralmente, somente 2 estratégias são contempladas: (i) uso do verbo na 3ª pessoa do plural (*Esqueceram* o livro sobre a mesa); ou (ii) verbo transitivo indireto + pronome SE (*Precisa-se* de funcionários). E, sobre a impessoalização/impersonalização, em geral são listadas apenas as sentenças impessoais, aquelas que são gramaticalmente estruturadas em torno de um verbo impessoal (as chamadas orações sem sujeito) e que expressam condições meteorológicas, temporais ou existenciais (*Choveu* no Rio de Janeiro, *Faz* muito tempo que não vejo Maria e *Há* muita gente na festa, respectivamente). Nesse terceiro caso, envolvem um participante que é complemento verbal e são, portanto, existenciais impessoais transitivas. Não há referências

claras a mecanismos de estruturação gramatical disponíveis na língua que podem promover o distanciamento do autor em relação ao seu próprio texto ou à opacificação de outrem quanto à acionalidade (intencional ou não) de um evento que é predicado.

4.2 FALA UM POUCO MAIS! /DESENVOLVE!

Diversos estudos linguísticos têm demonstrado que há várias estratégias de indeterminação disponíveis que podem ser acionadas pelos falantes nas mais diferentes situações comunicativas. Entre elas, destacamos: (i) verbo na 3ª pessoa do singular (*Diz [=dizem] que era uma vez quatro ladrões muito sabidos e finos [Câmara Cascudo, Contos Tradicionais do Brasil]*);¹ (ii) passivas analíticas sem o preenchimento do agente da passiva (O apartamento *foi assaltado*); (iii) uso de algumas formas pronominais com valor indeterminado, como “nós”, “a gente”, “você” (Aí, *você* vai ao shopping e não sabe o que comprar); e (iv) uso de expressões nominais, tais como “geral”, “galera”, “pessoas” (*Geral* já está comentando sobre a nova turnê do U2) e as construções transitivas com o pronome SE (E em especial os cometidos com arma de fogo, iniciativa prudente para o momento em que se começa a liberalizar a posse de armas, e *se pretende fazer* o mesmo com o porte [Editorial, Jornal O Globo, 2019]).

Sobre a impersonalização discursiva, destacamos o uso da primeira pessoa do plural, com ou sem preenchimento de sujeito, como uma estratégia muito acessada no PB que pode revelar que a primeira pessoa discursiva apresenta uma ideia compartilhada por um determinado grupo, como acontece no seguinte trecho, partindo-se da estimativa de PICCHI (1993), de 30% de desperdício em custo, [nós] *podemos* supor que um investimento em logística que reduzisse essas perdas em 20% [...] [Editorial, Jornal O Globo, 2019].

Apesar dessa construção ser muito frequente nos nossos textos científicos, os dados dessa pesquisa – desenvolvida no curso de Doutorado em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ (SARAIVA DE PONTES, 2022) – revelam que a predicação transitiva direta com o pronome SE é muito acionada também na busca por se retirar de cena o autor do texto; entre elas, destaca-se o recurso cada dia mais expressivo à predicação com o verbo estativo *ter*, como a do seguinte exemplo:

(Ex. 5) *Comparando os resultados de mercado de trabalho (Tabela 28) TEM-SE que, como esperado, as trajetórias associadas à gestão são as que oferecem melhor remuneração. [Tese, 2016].*

Em (5), notamos o uso do pronome SE associado ao verbo *ter*, com o intuito de promover a impessoalização da primeira pessoa discursiva (Eu tenho/Temos/(Eu) concluo). É interessante observar que não se prevê o uso do verbo *ter*, por seu caráter estativo, em construções passivas sintéticas. Todavia, notamos que o uso de sentenças

1 Cf. Bechara (1988).

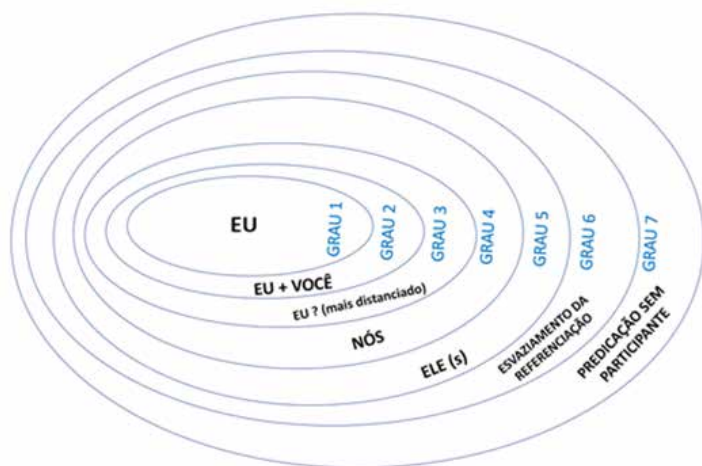
com *tem-se* é muito frequente nos textos acadêmicos. Em Saraiva (2013), abordou-se a gramaticalização dessa construção e se observou que ela entra em variação com a forma verbal *há*, em sentenças impessoais e existenciais, já que a forma *tem* com esses valores (*Tem muita gente na festa*), muito comum na fala, é pouco utilizada na escrita, especialmente na escrita do domínio acadêmico.

Ao mapearmos o acionamento da impersonalização pelas construções de predicação transitiva direta com pronome SE (SARAIVA DE PONTES, 2022), encontramos padrões como:

- (i) Predicador_{TD} + SE + [SN/SO] + [participante 1 suspenso];
- (ii) Predicador_{TER} + SE + [SN/SO] + [participante 1 suspenso ou inexistente]; e
- (iii) Verbo_{TD}_{(SEMI)AUXILIAR} + SE + Verbo Principal (VP) + [SN/SO] + [participante 1 suspenso].

Recorremos a um *continuum* de impersonalização para averiguarmos as pessoas discursivas que podem estar envolvidas nesse processo de opacificação. A seguir, podemos observar como funciona essa gradação, com a proposta de 7 graus de impersonalização discursiva:

Figura 2: *Continuum* de impersonalização discursiva.



Fonte: Saraiva de Pontes (2022).

A partir da figura citada, verificamos que: quando se recupera facilmente a primeira pessoa discursiva, estamos no polo da impessoalização (grau 1); há situações em que observamos o envolvimento da 1ª e da 2ª discursiva (grau 2); em outros contextos, vamos verificar que, a partir do uso da construção Predicador_{TER} + SE, a associação à 1ª pessoa discursiva, mas de forma mais distanciada; também observamos a recuperação da 1ª pessoa do plural (grau 4), caminhando para contextos em

que o responsável pela predicação é diferente do eu-enunciador (3ª pessoa discursiva), (grau 5); há, ainda, casos de predicações em que não percebemos claramente um participante/força indutora (grau 6) até que em um outro polo extremo do *continuum*, nos deparamos com a predicação sem participante (grau 7). A partir da figura citada, notamos esse *continuum* de impersonalização e, a seguir, listamos exemplos de predicações que foram inseridas nos setes graus:

(Ex. 6) No Capítulo 2, **ANALISA-SE** a situação do multilinguismo em Moçambique e o quanto a diversidade de línguas pode ou não afetar o Português falado por esses indivíduos, a partir de dados históricos e linguísticos. [Dissertação, 2017] – grau 1

(Ex. 7) **FRISE-SE** a preocupação, aqui, não é com a continuidade ou não dos ensinamentos da dogmática jurídica. [Dissertação, 2017] – grau 2

(Ex. 8) Do ponto de vista setorial, de acordo com o Gráfico 23 **TEM-SE** que os engenheiros típicos tendem a começar na construção e na indústria. [...] [Tese, 2016] – grau 3

(Ex. 9) **SABE-SE** que a rede pública estadual tem problemas de sobra [...]. [Editorial, Jornal O Globo, 2019] – grau 4

(Ex. 10) **PRETENDE-SE REDUZIR** a carga de impostos sobre o lucro das empresas de 34% para cerca de 20% [Editorial, Folha de São Paulo, 2019] – grau 5

(Ex. 11) Assim, **CRIOU-SE** uma geração que, supostamente, só sabia falar Português, mas que, na verdade, nunca deixou de ter algum tipo de contato com as línguas africanas. [Dissertação, 2017] – grau 6

(Ex. 12) No exemplo mais recente, **TEM-SE** a confissão judicial do antigo tesoureiro da ex-presidente Cristina Kirchner[...] [Editorial, Jornal O Globo, 2019] – grau 7

Em (6), grau 1, nota-se que facilmente se recupera o participante suspenso como o próprio eu-enunciador (*Eu analiso...*); em (7), grau 2, há uma articulação entre a 1ª e a 2ª pessoa discursiva (como se o leitor fosse convidado a “frisar” a informação juntamente com o pesquisador); em (8), grau 3, recupera-se, de forma mais distanciada, o responsável pela predicação como a primeira pessoa discursiva (*Eu tenho comigo que.../ Temos que.../ A partir do gráfico, eu concluo que...*); em (9), grau 4, ocorre o que chamamos de indeterminação genérica, pois inferimos que, a partir de “sabe-se”, o autor do texto se inclui como parte de um grupo que compartilha determinada informação (todos os cidadãos do estado, o que inclui o editorialista, sabem sobre os problemas da rede pública de ensino); em (10), grau 5, já há referência a um participante diferente do eu enunciatador, ou seja, a 3ª pessoa discursiva (alguém/algum grupo/ o governo federal pretende reduzir a carga de impostos); em (11), grau 6, com “criou-se”, observamos que a situação de multilinguismo foi se estabelecendo e não “criada” pelos falantes, ou seja, sem a percepção de uma força indutora e, por fim, em (12), grau 7, há uma sentença sem responsável pela predicação, no caso, com valor existencial (... *há a confissão/existe a confissão*).

Dessa forma, destacamos a importância de averiguar as pessoas discursivas envolvidas quando tentamos mapear os caminhos da impersonalização e da indeterminação acionadas pelas construções de predicação transitiva direta com o pronome SE combinadas a textos de certos domínios discursivos (como o jornalístico ou o acadêmico, objeto de atenção de descrições escolares que se voltam ao processo de produção textual envolvido em concurso de seleção de candidatos a vagas em cursos universitários). Acreditamos que, a partir dessa análise, seja possível inferir o efeito de sentido e, então, traçar uma descrição mais coerente, considerando aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos. Uma construção de predicação transitiva direta com pronome SE é objeto linguístico associado a diferentes inferências no *continuum* impersonalização-indeterminação a depender do contexto pragmático de predicação e discursivo de comunicação (acadêmica, jornalística, outra) ou interlocução.

4.3 FAZ DIFERENÇA?

O objetivo da nossa pesquisa (SARAIVA DE PONTES, 2022) era traçar uma análise das construções transitivas diretas com o pronome SE considerando as modalidades escrita e oral do PB. No momento de seleção de fontes, percebemos que elas não eram tão produtivas na fala, mesmo em contextos mais formais, como palestras de doutores disponíveis no site do YouTube. Passamos, então, a lidar somente com um *corpus* composto por textos jornalísticos (editoriais e artigos de opinião) e acadêmico (teses e dissertações).

Entretanto, a partir da análise de palestras e entrevistas, mapeamos algumas estratégias de impersonalização que costumam ser mais acionadas na modalidade de expressão oral, mesmo nesses domínios. São elas:

(Ex. 13) **NÓS** estamos alertando o cidadão do que pode acontecer com o Brasil no dia 28 de outubro. [Entrevista com presidenciais – Programa Roda Viva, 2018]

(Ex. 14) Que **A GENTE** exiba como exemplo raro, único, senão ímpar, algo que deveria ser corriqueiro, cotidiano [...] [Palestra “Faça a coisa certa”, disponível no YouTube]

(EX. 15) **TODO MUNDO** que lutou por democracia sabe dos riscos que o Brasil tá correndo. [Entrevista com presidenciais – Programa Roda Viva, 2018]

Em (13), com o uso do pronome “nós”, notamos a perspectiva da impessoalização, pois o candidato se insere no grupo dos partidários que possuem um determinado pensamento político em comum durante o período de campanha eleitoral; em (14) “a gente” faz uma referência indeterminada a qualquer pessoa que possa estar assistindo à palestra e, em (15), a expressão nominalizada “todo mundo” também remete à indeterminação, pois não há clareza sobre quais pessoas ou grupos que em momento específico lutaram pela democracia no Brasil.

Mas, por que as estratégias de impersonalização com o pronome SE seriam mais acionadas pelos usuários do português brasileiro em textos escritos? Traçamos o seguinte caminho para responder a esse questionamento: primeiramente, é importante destacar que, ao longo da evolução da língua, não se observa o preenchimento do elemento que, nas construções passivas (sejam elas pronominais ou sintéticas, as que aqui focalizamos, ou analíticas, as que se baseiam em locução verbal com um verbo auxiliar ou suporte (TEIXEIRA, 2020) a ativar a inferência de passividade, a marcação de voz passiva) exerceria a função de agente da passiva, e essa seria uma justificativa para que os usuários da língua utilizassem tais estruturas com o intuito da impersonalização. Vamos observar os seguintes exemplos:

(EX. 16) Essa visão dicotômica se fundamenta na gramática tradicional, uma vez que numa perspectiva mais restrita da língua, levando-se em conta a prescrição gramatical, **ELEGEU-SE** uma única norma linguística [Ø]. [Dissertação, Letras, UFRJ 2017]

(EX. 17) [...] o qual **FOI ADOTADO** [Ø] como o ponto inicial do respectivo segmento [Artigo científico, PB]²

(EX. 18) *Uma cadela rottweiler **LEVOU UM TIRO** [Ø] no focinho e na pata durante um roubo em uma residência. [Notícia, g1.globo.com, 09/06/2019]³*

Nos três exemplos citados, verificamos, a partir da demarcação do espaço vazio [Ø], essa tendência de o agente da passiva não ser preenchido nas passivas sintéticas e analíticas: quem elegeu (elegeu-se uma única norma linguística [por X]) e quem adotou (o qual foi adotado [por X]). E, em (18), na construção com verbo (semi)suporte, a força indutora/agente supresso, ou seja, o responsável pelo disparo também não é expresso.

Há linguistas que discutem a função do pronome SE em predicação transitiva direta e a categorização desse tipo de predicação como passiva sintética; então, reúnem argumentos em prol do debate sobre a configuração indeterminadora de predicação com tal partícula. (cf. BAGNO, 2001). Nosso entendimento é o de que a construção de predicação transitiva direta com pronome SE é um recurso que possibilita: (i) a opacificação do participante responsável pela predicação e, pode promover, assim, a impersonalização discursiva (supressão, demoção ou opacificação no discurso) com ou sem indeterminação do referente; e (ii) coloca em perspectiva o evento em si ou o estado de coisas que afeta, efetua, experimenta ou tem um segundo participante de natureza não agentiva.

Um segundo ponto que consideramos é o fato de que a predicação com pronome SE apresenta uma frequência de uso particular no português brasileiro, ao compararmos com o português europeu. A pesquisa de Duarte (2007) aponta que, enquanto em terras lusitanas, há um uso significativo de predicação com o pronome SE, como estratégia de indeterminação na fala (38%) e na escrita (69%), no Brasil, esse uso, na fala culta, atinge um percentual de 8% de uso e na popular de 2%, sendo mais utilizadas outras estratégias – uso do pronome “eles”, de “a gente”, “nós”, “você”, “tu” e zero (ou seja, não preenchimento do sujeito) – nessa modalidade, e na escrita apresenta percentual de (36%).

Dessa maneira, começamos a indagar se na escrita altamente monitorada, que passa pelo crivo de rigorosas revisões, nós recorreríamos às construções de predicações transitivas diretas com o pronome SE por forças de pressões normativas. Pagotto (2001) sinaliza que há evidentes diferenças entre português brasileiro e português europeu, mas, na escrita, há maior resistência para as mudanças que a língua sofre no nosso território. O autor ainda destaca que os compêndios gramaticais mantiveram os padrões de uso da língua lusitanos, sem considerar o que realmente estava sendo produzido pelos falantes no Brasil e, até hoje, ainda observamos materiais que seguem essa tendência.

Assim, buscamos manter na escrita estruturas pouco presentes na oralidade, no caso do pronome SE, com baixo uso na fala popular e um discreto aumento na culta, que apresenta um prestígio e, por isso, as construções de predicações transitivas diretas com pronome SE são fecundas nos textos que compõem o *corpus* da nossa pesqui-

3 Exemplo extraído de TEIXEIRA (2020).

sa. Duarte e Serra (2015) demonstram que as diferenças entre fala e escrita, ao longo do século XX, costumavam ser associadas à oposição formal X informal e, segundo elas, “muitas das normas prescritas pelas gramáticas não fazem parte da nossa gramática (língua-I), mas, por força da tradição escolar, estão presentes de forma significativa na língua escrita dos meios de comunicação e academia”. (DUARTE; SERRA, 2015, p. 42-43).

Desse modo, recuperamos as construções de predicação transitiva direta com pronome SE nos textos escritos e essa funciona bem nos contextos acadêmicos, em que, geralmente, há a recomendação por uma escrita mais impessoal, sem marcas da primeira pessoa discursiva, num campo em que o pesquisador precisa apresentar metodologias e discutir resultados com mais objetividade; diferentemente do que ocorre nos textos jornalísticos, em que há maior recorrência de citação a ações da terceira pessoa. Por isso, a nossa hipótese é a de que as construções em estudo seriam mais acionadas no discurso acadêmico com fins de promover a opacificação da 1ª pessoa discursiva e, no texto jornalístico, com o intuito de opacificar a 3ª pessoa discursiva.

É fato que diferenças entre língua oral e escrita existirão em todas as línguas. Para Marcuschi (2001, p. 17), “oralidade e escrita são práticas de usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”. No caso do uso das construções de predicação em análise, nós observamos que elas se adaptam a características próprias dos textos acadêmicos e jornalísticos: tirar de cena a figura do participante 1, seja ele o próprio autor do texto ou uma terceira pessoa.

Assim, é importante compreender quais são as diversas estratégias de impersonalização presentes na língua e observar em quais situações e modalidades optamos por privilegiar o uso de uma ou outra estrutura. O já citado artigo de Duarte (2007), em um estudo sobre sujeitos de referência arbitrária, apresenta diversas estratégias presentes no PB e no PE, que são mais recorrentes na língua oral e na escrita. Já Machado Vieira (2017) apresenta microconstruções com “ter-se” e “haver” relacionadas ao domínio funcional da impessoalização discursivo-pragmática no discurso acadêmico. E Machado Vieira (2020) retoma, a partir de pesquisas do Projeto Predicar, a descrição desse domínio funcional recorrendo ainda a microconstruções de passiva com verbos suportes, a microconstruções com referenciação genérica por intermédio de expressões verbais, nominais ou pronomes.

Podemos observar, dessa maneira, que já há estudos, inclusive em desenvolvimento, atentos às estratégias de impersonalização e indeterminação. Há pesquisas a promoverem suporte a uma descrição coerente em espaços de trabalho com a língua portuguesa, pautada em dados reais de uso da língua, podendo auxiliar no desenvolvimento da temática em sala de aula, sempre na busca por um ensino coerente e que possa estimular a reflexão e a consciência das escolhas linguísticas realizadas pelos alunos e de potencialidades gramaticais à sua disposição, bem como consciência metalinguística para tratar dos aspectos que se articulam na configuração do fenômeno de expressão linguística em pauta.

4.4 TROCANDO EM MIÚDOS...

Apesar de a perspectiva tradicional apontar somente dois mecanismos para promover a indeterminação, ou seja, a retirada de cena da terceira pessoa discursiva, e não fazer referências claras à possibilidade de opacificação da primeira pessoa discursiva, vimos, até agora, que há várias estratégias disponíveis na língua para promover a desfocalização das pessoas discursivas. Observamos que a predicação transitiva direta com pronome SE, é mais utilizada em textos escritos, além de ser possível pensar em um *continuum* no qual essas construções podem ser inseridas em sete diferentes graus, sendo o primeiro, uma representação mais prototípica da impersonalização, o quinto, da indeterminação e, o sétimo, a instância da predicação sem participante.

Posteriormente, tentamos averiguar as razões das construções em estudo serem mais recorrentes nos textos escritos, por forças de pressões normativas e por atenderem bem aos propósitos de serem, nos textos acadêmicos, mais frequentes para retirar de cena o eu-enunciador e, nos jornalísticos, para desfocalizar um participante diferente de quem escreve o texto. Observe o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Indeterminação X Impessoalização nos textos em análise



Fonte: Autoral.

Para a elaboração desse gráfico, contabilizamos somente as sentenças que se encaixavam no grau 1 ou no grau 5. Trabalhamos exclusivamente com esse recorte porque ele reflete, no primeiro grau, a opacificação evidente da primeira pessoa discursiva e, no quinto, a opacificação da terceira pessoa discursiva. Dessa forma, buscamos observar como que os gêneros textuais podem influenciar no uso das construções em estudo para o acionamento da impersonalização e, mais especificamente, da indeterminação. Também consideramos somente esses dados porque, como foi possível perceber, a construção PredicadorTER +SE é acionada em dois contextos específicos: ou na opacificação da primeira pessoa discursiva ou em contexto de predicação sem participante, em sentenças existenciais (cf. SARAIVA DE PONTES, 2022). Percebemos a influência dos gêneros para o acionamento das construções: notamos que, quando o intuito é promover a opacificação da terceira pessoa discursiva, elas são mais utilizadas no texto jornalístico e, para promover a opacificação da primeira pessoa discursiva, são mais recorrentes nos textos acadêmicos.

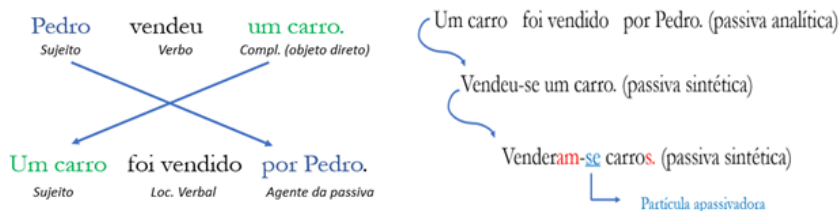
É importante destacar, todavia, que todo discurso está atrelado ao seu produtor, e a objetividade completa da linguagem seria uma abstração. Ferrari (2011, p. 73) destaca que “os estudiosos reconhecem unanimemente que as línguas são indissociáveis dos seus falantes, e, portanto, a pressuposição de neutralidade é sempre uma idealização”. Dessa maneira, ainda que o enfoque recaia sobre a predicação em si, quando um emissor busca se afastar do seu texto, há, via de regra, há pistas textuais ou contextuais que podem indicar para o interlocutor que esse participante responsável pela ação/processo que está opacificado se trata da 1ª pessoa discursiva.

Dito isto, vamos ver como a temática poderia ser trabalhada em sala de aula? Como as construções com SE geralmente são abordadas no material didático? E como poderíamos pensar em atividades do *currículo* escolar/universitário? Pretendemos responder a essas questões na próxima seção.

4.5 PRA SE FAMILIARIZAR!

Geralmente, quando observamos o tratamento da voz passiva em sala de aula, notamos que há uma extensiva preocupação em: (i) demonstrar, a partir de exemplos clichês, que o termo que exercia a função sintática de sujeito na voz ativa passa a atuar como agente da passiva e o termo que era objeto direto passa a funcionar como sujeito; e (2) apresentar a correlação entre passiva analítica e sintética e o acionamento, nesta última, da concordância verbal, caso o termo classificado pela tradição gramatical como sujeito estiver no plural, pois estaríamos diante de uma partícula apassivadora:

Figura 3: Enfoque na perspectiva sintática no ensino da voz passiva.



Fonte: Autoral.

E, quando passamos a analisar a abordagem das construções passivas sintéticas especificamente, verificamos que há o enfoque na diferença entre pronome SE indeterminador, quando utilizado junto a um verbo transitivo direto (*Necessita-se de um computador novo*) ou verbo intransitivo (*Vive-se bem em Portugal*) e SE apassivador, que se liga a um verbo transitivo direto (*Compram-se carros usados*).

Compreendemos que é dado enfoque à análise sintática das estruturas, mas acreditamos que um ensino mais coerente das construções citadas deveria considerar também a junção de enfoques semânticos e pragmáticos e, partir de dados da língua

em uso, apresentar ao aluno como as construções podem ser acionadas e atentar para a tendência ao não preenchimento do termo que exerceria a função sintática de agente da passiva. Dessa forma, pensamos em duas atividades que podem ser utilizadas em sala de aula. Na primeira, queremos que o aluno se familiarize com os conceitos de impersonalização e indeterminação, reflita sobre suas escolhas linguísticas, questione as nomenclaturas “sujeito simples” e “sujeito indeterminado” e pense sobre elas; já na segunda, o principal intuito é verificar a desfocalização do participante 1 suspenso nas construções transitivas diretas com pronome SE. A seguir as atividades:

Atividade 1: Observe os fragmentos abaixo, usos reais da língua, tanto da modalidade oral quanto da escrita, atente para as palavras destacadas em negrito e:

a) trace reflexões sobre os conceitos de indeterminação (quando não queremos ou não sabemos identificar com clareza quem é o responsável pela ação) e impersonalização (quando conseguimos identificar que o responsável pela ação é o próprio sujeito enunciador);

b) a partir dos fragmentos, perceberemos que, em muitos casos, apesar de contarmos com um sujeito expreso (simples, de acordo com a nomenclatura da tradição gramatical), não é possível identificar com clareza quem é o responsável pela ação. Destaque esses exemplos e comente sobre seus usos nos diversos contextos comunicativos:

Fragmento 01: é encontrar os amigos tomar chopp por aqui... **inventaram** agora o Baixo Copacabana que é ali na Domingues Ferreira [Entrevista sociolinguística, Corpus Concordância]⁴

Fragmento 02: A **gente** faz uma distinção entre local de votação e seção eleitoral. O local de votação é, tipicamente, a escola. Mas, dentro da escola, **você tem** diferentes seções. [Trecho da fala do presidente do TSE, Notícia, Portal G1, 08/09/2020]

Fragmento 03: Nesta dissertação, **defende-se** a hipótese de que a justaposição é um procedimento sintático tal como são a coordenação e a subordinação. [Dissertação, Letras, UFRJ]

Fragmento 04: **Tentou-se**, de início, **acobertar** a barbárie. A primeira versão divulgada alegava uma fantasiosa reação defensiva ao que teria sido uma investida de bandidos armados. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]

Fragmento 05: aí eu entrava no mesmo vagão de manhã e via... pô **a mes/ a mesma galera** jogando car/ baralho... todos os dias... a mesma galera... eu ia voltava a mesma galera... e eu lá estudando () [Entrevista sociolinguística, Corpus Concordância]

Gabarito comentado:

a) Primeiramente, espera-se que diversas estratégias de impersonalização e indeterminação já tenham sido abordadas em sala de aula para que, a partir dos fragmen-

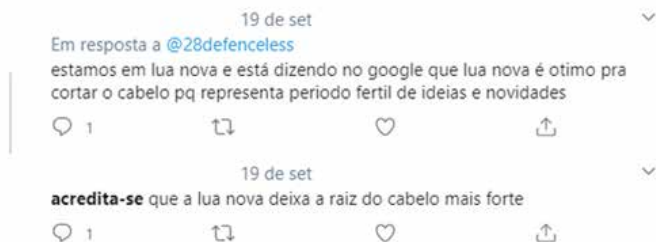
4 Disponível para consulta em: VIEIRA, Silvia Rodrigues; MOTA, Maria Antonia Coelho da (org.). Corpus Concordância. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Disponível em: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. CORPORAPORT: Variedades do Português em análise. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. www.corporaport.letras.ufrj.br. Consultado 15 de setembro de 2020.

tos, os alunos consigam observar o acionamento da desfocalização do participante 1, na busca por inferir quem é o responsável pela ação. Dessa forma, os destaques nos fragmentos 1, 4 e 5 podem ser analisados a partir da perspectiva da indeterminação. Em (1), “inventaram”, verbo com uso na 3ª pessoa do singular, sem preenchimento de sujeito, é uma estratégia para não identificar o responsável pela predicação contemplada pela perspectiva tradicional e, no excerto, há uma reflexão sobre a nomenclatura “Baixo Copacabana”, que é utilizada pelos moradores do bairro, mas não se define ao certo se uma pessoa ou um grupo de pessoas teria(m) sido responsável(eis) pelo termo; em (4), “tentou-se acobertar” aciona um praticante suspenso diferente do eu-enunciador que não se quer identificar com mais clareza, na busca por atender a um grau elevado de polidez e, temos, assim, uma estratégia de indeterminação; por fim, em (5), a expressão “a mesma galera” é utilizada para fazer menção a um determinado grupo de pessoas, usuárias do transporte público, que não é identificado com clareza. Já nos fragmentos 2 e 3, as construções refletem a perspectiva da impersonalização: em (2), o uso de “a gente” assume uma perspectiva impessoal, pois refere-se ao enunciador e aos demais membros do TSE que estão organizando o processo eleitoral; já o uso de “você tem” não se refere à segunda pessoa discursiva, mas assume um valor existencial: “há diferentes seções”, sendo assim, consideramos que se trata de uma sentença impessoal; e, em (3), o uso de “defende-se” faz referência ao próprio sujeito enunciador, ou seja, ao autor da dissertação e, ao ser acionada, a construção transitiva direta com o pronome SE promove o afastamento do pesquisador do seu texto. Pôde-se constatar, dessa forma, que há diversos recursos disponíveis na língua e o usuário pode lançar mão deles com diferentes intuitos, em um *continuum* de impersonalização discursiva.

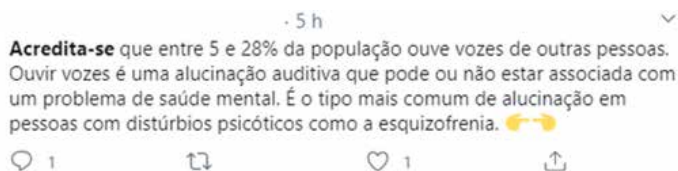
b) Nos fragmentos 2 e 5, podemos destacar os sujeitos simples “a gente” (**A gente** faz uma distinção...), “você” (**Você** tem diferentes seções...) e “A mesma galera” (**A mesma galera** jogando car/ baralho...). No caso do uso do “a gente”, notamos que o falante, o presidente do TSE, se inclui como um dos que fazem a distinção e podemos assim inferir quem são os possíveis participantes da predicação, já o uso de “você” como sujeito nesse mesmo fragmento não remete a nenhuma pessoa de maneira direta e sim a qualquer pessoa; o mesmo ocorre com “a mesma galera”, em que não podemos identificar com precisão, a partir da fala do entrevistado, quem são essas pessoas. O professor pode alertar que essas construções se demonstram mais utilizadas na fala e, por exemplo, não costumam ser acionadas em textos dissertativos e argumentativos, contexto em que se percebe a produtividade de uso das construções transitivas diretas com o pronome SE.

Atividade 2: Observe o uso de “acredita-se” nos tuítes abaixo:

Tuíte 1



Tuíte 2



- Os constructos podem ser associados à indeterminação ou à impessoalização?
- Identifique os possíveis participantes da predicação nos dois tuítes.
- Em qual dos tuítes há maior confiabilidade na informação dada?

Gabarito comentado:

a) Podemos verificar que, nos dois tuítes, “acredita-se” pode ser associado à indeterminação: no tuíte 1, a interferência da fase da lua sobre o corte de cabelo e textura da raiz parece ser um conhecimento compartilhado por muitos (crença), entre eles, o autor do texto; e, no tuíte 2, o autor coloca dados estatísticos que, apesar de não citada a fonte, refere-se a uma possível pesquisa sobre a audição de vozes.

b) No primeiro tuíte, aparentemente, o participante suspenso pode ser recuperado como parte da população que acredita na crença da influência da lua sobre o cabelo, incluindo a pessoa que postou a assertiva; já no segundo, parece que o participante suspenso é a instituição que realizou a pesquisa para identificar o percentual de pessoas que ouvem/ouviram vozes.

c) Identifica-se maior confiabilidade no segundo tuíte, pois somos levados a acreditar nos fatos a partir dos dados estatísticos apresentados pelo autor e, no primeiro tuíte, ao utilizar “acredita-se”, o autor pretende não se comprometer tanto com a informação dada, pois conseguimos aferir que se trata de um fato não comprovado cientificamente.

4.6 QUERO MAIS!

<i>Dicas!!!</i>	<i>Referências</i>
Duarte (2008) apresenta, nesse artigo, uma proposta de classificação para sujeito muito interessante, em expresso ou não expresso de referência definida ou indefinida que pode ser apresentada em sala de aula.	DUARTE, M. E. L. Termos da oração. In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. <i>Ensino de gramática: descrição e uso</i> . São Paulo: Contexto, 2008.
Rumeu (2011) propõe uma análise de dados reais de uso que veiculem a indeterminação e traça comparações com o que é previsto nos manuais de redação e gramáticas tradicionais.	RUMEU, M. C. B. Estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em jornais portugueses e brasileiros. In.: <i>Revista Veredas</i> , janeiro de 2011.
Saraiva (2018), apresenta as formas como a voz passiva costuma ser abordada em materiais didáticos e paradidáticos. Intui-se propor reflexões sobre o ensino da temática em sala de aula.	SARAIVA, E. S. Ensino de construções passivas analíticas e sintéticas em materiais didáticos e paradidáticos. In.: <i>Revista Vocábulo</i> , v. XIV, p. 1-15, 2018.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BECHARA, E. *Lições de Português pela análise sintática*. Rio de Janeiro, Padrão, 1988.
- DUARTE, M. E. L.; SERRA, C. Gramática(s), ensino de Português e “adequação linguística”. In. *Revista Matraca*, v. 22, n. 36, 2015, p. 31-55. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/17046>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- DUARTE, M. E. L. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. In.: *Revista Linguística*, vol. 3, no 1, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 185-203. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4396>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- KROPE, M. P. A. *Uma comparação do Português Europeu e do Brasileiro acerca da alternância entre passivas analíticas e sintéticas no universo acadêmico*. Apresentação de pôster. In.: I Fórum Internacional de Sociolinguística, 2019.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Descriptive applications*. Standford: Standford University Press, 1991.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Standford: Standford University Press, 1987.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradência e alternância na Gramática de Construções do Português. In.: Estudos

- da Língua(gem), vol. 18, n. 1, 2020, p. 65-84. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6131>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- MACHADO VIEIRA M. dos S. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. In.: *Revista Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan-jun 2017, p. 82-95. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25061>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- PAGOTTO, E. G. Gramatização e normatização entre o discurso polêmico e o científico. In.: ORLANDI, E. P. (org.). *Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas Cárceres: Pontes – UNIMA Editora, 2001.
- SARAIVA DE PONTES, E. S. *Predicação transitiva direta com pronome SE: perfis de impersonalização discursiva em variação*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.
- SARAIVA, E. S.; TEIXEIRA, R. B. S.; SANTOS, D. N; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Por que nem sempre fica claro quem é o responsável pela ação? *Revista Roseta*, vol. 4, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2021/10/13/por-que-nem-sempre-fica-claro-quem-e-o-responsavel-pela-acao/>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- SARAIVA, E. S. *A construção TEM-SE no português brasileiro escrito: uma análise sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.
- TEIXEIRA, R. B. S. *Estruturas com verbo (semi)suporte: a variação sob um prisma construcionista*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

CAPÍTULO 5

PREDICADORES COMPLEXOS DE PASSIVIDADE: É HORA DE *SEREM DESTACADOS/LEVAREM DESTAQUE* NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Ravena Beatriz de Sousa Teixeira
Deborah Nascimento dos Santos

5.1 JURA QUE A PREDICAÇÃO PASSIVA É *FORMADA / TEM FORMAÇÃO / SE FORMA* POR VARIADOS PADRÕES CONSTRUCIONAIS NO PORTUGUÊS?

Podemos fazer uso de predicadores simples (*forma-se*) e complexos (*é formada, tem formação; ser destacado, ter/levar destaque*) para conceptualizar estados de coisas por um perfil de passividade da proposição no Português! Interessam-nos, aqui, especialmente os predicadores complexos.

É comum, nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas, a abordagem de construções passivas e ativas quando o professor trata de vozes verbais. É esperado que, entre outros procedimentos, o aluno saiba diferenciá-las, perceber a relação entre elas, subs-

tituir uma pela outra e efetuar processos de conversão pautados em “regras” básicas da constituição das vozes verbais ativas e passivas estabelecidas na perspectiva de gramáticas tradicionais – que estabelecem a possível “transformação” de uma estrutura ativa em passiva segundo a reorganização sentencial (cf. ROCHA LIMA, 2013, p. 314). As passivas sintéticas ou pronominais¹ e as passivas perifrásticas com verbo auxiliar de voz são as mais frequentemente abordadas em sala de aula. Entretanto, pouco ainda é explorado em relação às distintas formas com que uma proposição de predicação passiva pode ser acionada no texto e as (di)semelhanças que tais formas apresentam, assim como as funções (semânticas e pragmático-discursivas) que desempenham na construção textual.

Dessa forma, neste capítulo, procuramos versar sobre lacunas ainda presentes no que tange ao tratamento das expressões de predicação que possibilitam a configuração de um evento segundo uma perspectiva passiva e tencionamos situar uma associação ainda pouco (ou não) explorada, no âmbito do ensino básico, entre diferentes construções que propiciem uma predicação de passividade por meio de estruturação analítica. Exploramos os porquês atrelados aos seus usos e os significados que abarcam segundo a observação de seu emprego em contextos reais de comunicação.

Temos, na língua, predicadores complexos compostos por verbo auxiliar mais a forma em particípio do verbo principal, conhecida como passiva analítica – representável pelo padrão esquemático $[V_{\text{auxiliar}} + V_{\text{participio}}]_{\text{predicador complexo de passividade}}$ –, como em “*ser socado*”, e aqueles formados por verbo (semi-)suporte mais um elemento nominal – $[V_{\text{suporte}} + \text{SN}]_{\text{predicador complexo de passividade}}$ –, como em “*levar um soco*”. No entanto, em gramáticas consideradas tradicionais (CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2013; BECHARA, 1999) são apresentadas, em geral, as perífrases com verbo auxiliar como opções configuracionais de proposição passiva. Com esse perfil descritivo, é deixado de lado um recurso comum, com o qual contamos na gramática da língua, para representar predicações de natureza passiva: construções com verbo (semi-)suporte. Tanto não abordam sua existência quanto não tratam de sua relação com as outras estruturas que delineiam predicações passivas. E, assim, resta-nos a impressão de que tal recurso gramatical não existe, embora esteja muito presente nas mais variadas práticas comunicativas. Para entender um pouquinho melhor, vamos dar uma olhada em alguns exemplos:

(Ex. 1) *O prazo de desincompatibilização para servidores públicos é um dos que **FOI ARRASTADO** para frente pela Emenda Constitucional que adiou o primeiro turno das eleições. [Notícias são minuto, 14/08/2020]*

1 As passivas pronominais encontram-se em processo de desuso no português escrito culto. Entretanto, ao considerarmos o papel fundamental da escola em tratar do ensino da escrita culta e o perfil de tais estruturas como um de seus recursos, as construções de passivas sintéticas ainda fazem parte do repertório de trabalho em sala de aula.

(Ex. 2) “A proposta da CNM é uma grande falácia que não **TEVE ACOLHIMENTO** no Congresso Nacional, um discurso articulado para minimizar os substanciais prejuízos financeiros e de outras naturezas que esta iniciativa poderá causar no futuro para o nosso Estado e, particularmente, aos nossos municípios”, diz o comunicado enviado aos prefeitos. [Jornal O Globo, 17/05/2010]

(Ex. 3) Um jovem de 23 anos **LEVOU UM TIRO** no pé na madrugada de sábado, dia 5, após um desentendimento quando saía de uma casa noturna em Taboão da Serra. Segundo a vítima, o autor do disparo teria se identificado como “policial tático e segurança” do estabelecimento. [Jornal O Taboanense, 08/05/2019]

(Ex. 4) A dedicação dos pais, que estão sendo ajudados por Vânia, por uma prima mineira, e pela empregada, se estende pelas 24 horas do dia. Cada um tem sua tarefa, que pode, entretanto, **SOFRER ALTERAÇÕES** dependendo da necessidade. [Acervo PREDICAR, 1979]

Em (1), podemos observar uma proposição passiva sendo acionada por uma perífrase configurada pelo verbo auxiliar SER em compatibilização com um elemento verbal no particípio. Já em (2), (3) e (4), vemos o uso de um predicator complexo composto pelos verbos suporte TER e LEVAR e pelo semissuporte SOFRER mais elemento nominal. De acordo com a ótica tradicional e as informações gramaticais vistas no meio escolar, apenas a construção em (1) é considerada como “passiva analítica”, não sendo abarcadas estruturas, como as dos demais exemplos, mesmo elas sendo tão utilizadas em diversas modalidades discursivas, mesmo que ambos os tipos de construções possuam um grande papel na língua, se apresentando como estratégias para a perspectivação de um evento e/ou promoção da demissão/desfocalização e/ou supressão do responsável pela predicação. A variação de construções de predicação passiva é fato no cotidiano de nossas comunicações, inclusive em relação a um mesmo referencial temático:

Ministério da Saúde: brasileiro que recebeu vacina da Janssen deve tomar 2ª dose.²

Começa, nesta sexta-feira (10), a aplicação da dose de reforço da Janssen para quem foi vacinado com o imunizante dessa marca.³

Os mais de 4 milhões de brasileiros que se vacinaram com a vacina da Janssen devem tomar uma dose de reforço, do mesmo imunizante (...)⁴

Assim, é importante (i) situá-las dentro do espaço de ensino-aprendizagem de Português, da sala de aula, como parte do escopo das possíveis formas de demarcar uma perspectiva centrada no participante paciente/experienciador/afetado ou efetuado e/ou no evento referente a um estado de coisas e (ii) focalizar não só as características estruturais das diferentes construções em jogo, como vemos muitas vezes nos materiais didáticos, mas também as motivações (discursivo-pragmáticas, cognitivas, sociais) por trás da seleção de uma construção em relação às demais, já que cada uma traz consigo suas próprias nuances de significado. Dessa forma, na seção seguinte, vamos conversar um pouquinho mais sobre essas perífrases, suas características e a relação entre elas.

5.2 A PREDICAÇÃO PODE *SOFRER/TER MUDANÇA* A DEPENDER DE SEU PADRÃO CONSTRUCIONAL?

Ao representar/apresentar algo por meio da língua, expressamos um ponto de vista por meio das construções que utilizamos. Diferentes predicadores podem indicar diferentes perspetivações dos participantes envolvidos no cenário/evento exposto. Os predicadores passivos, em geral, delineiam um ajuste focal no qual a entidade afetada/efetuada ocupa a posição sintática de sujeito e o elemento que induz o estado de coisas (que o causa, exerce ou experimenta), no caso das estruturas transitivas, se apresenta como elemento preposicionado (também conhecido como “agente da passiva”), podendo ser estruturalmente suprimido.

Muitos estudiosos se debruçam sobre a configuração de predicções passivas, porém ainda carecemos de um mapeamento, em especial sob uma perspectiva centrada no uso, que abarque o lugar das perífrases verbo-nominais como representantes desse tipo de predicação e/ou as relações de alternância que estabelecem (i) entre si – conforme captado em Teixeira (2020) – e (ii) com outras construções verbais que figuram um ponto de vista passivo – conforme observado por Saraiva de Pontes (2022). Em especial, neste capítulo, focalizaremos a relação estabelecida entre os padrões de predicação por meio de predicadores complexos.

2 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/ministerio-da-saude-brasileiro-que-recebeu-vacina-da-janssen-deve-tomar-2a-dose/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

3 Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/dose-de-reforco-para-quem-tomou-a-vacina-da-janssen-comeca-nesta-sexta-feira-10/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

4 Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/novembro/janssen-ministerio-da-saude-recomenda-dose-de-reforco-com-intervalo-de-dois-a-seis-meses>. Acesso em: 08 mar. 2022.

Em pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto PREDICAR, estudamos, como formas de instanciação de predicadores complexos de natureza passiva, aqueles com **verbo auxiliar** mais elemento verbal auxiliado, particularmente os padrões compostos pelos verbos **SER**, **ESTAR** e **FICAR** – “ser destacado”, “ser alvejado”, “estar patrocinado” e “ficar internado” – e construções com **verbo (semi-)suporte**, formadas por **LEVAR**, **TOMAR**, **TER**, **SOFRER**, **RECEBER** e **GANHAR** – “levar destaque”, “tomar um tiro”, “ter treinamento”, “sofrer alteração”, “receber tiro” e “ganhar tiro”.

Segundo uma visão funcional-cognitiva da língua, as estruturas situam-se em diferentes graus de prototipicidade de seu perfil de relação a uma categoria; algumas são mais centrais à categoria – apresentando um maior número de características da mesma, comportando-se como membros exemplares – outras são mais periféricas – com menos características, desta forma menos acionadas como seus representantes. Assim, por *verbo suporte*, entendemos as formas verbais desprovidas de sua função primária predicante e associadas à funcionalidade de operar, instrumentalmente e rotineiramente, sobre um elemento não verbal na figuração de um predicador complexo, ajudando este a potencializar ou desenvolver seu papel predicante num complexo predicante (MACHADO VIEIRA, 2018). Já por *semissuporte*, categorizamos aqueles que não são tipicamente acionados para ocupar tal posição de verbo instrumental, mantendo, em graus distintos, uma maior relação com seu valor de predador.⁵ São eventualmente acionados para preencher o lugar de verbo suporte devido à força de coerção da construção de predicação complexa com verbo suporte. Dessa forma, vemos que a associação de um item verbal a uma determinada categoria está intimamente relacionada à frequência com que essa unidade é mobilizada para assumir o papel delimitado por essa categoria e o grau de convencionalização de seu uso com esse papel em uma determinada comunidade linguística.

Da mesma forma, também podemos assumir essa perspectiva ao tratarmos dos verbos auxiliares previamente citados. Observamos o emprego mais frequente do verbo **SER** para configurar predicações passivas analíticas em detrimento dos verbos **ESTAR** e **FICAR**. Logo, nos materiais escolares, **SER** é apresentado como o representante da categoria, enquanto predicadores compostos por **ESTAR** e **FICAR** são superficialmente citados. O acionamento de passivas com esses verbos permite pôr em proeminência o estado resultante da (caus)ação de outrem numa proposição.

Bechara (1999) situa a voz passiva como uma forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal sendo, neste caso, um *paciente* desta. Panoramicamente, averiguamos tal proposição ao observarmos que há uma relação de causalidade-resultatividade nas estruturas com verbo (semi-)suporte aqui em jogo. Os predicadores se compatibilizam⁶ e operam em uma estrutura argumental pessoal – com participante

5 Neste capítulo, adotamos a determinação *verbo (semi-)suporte* para nos referenciar a possibilidade de ocorrência dos dois tipos de elementos verbais, verbos suporte e verbos semissuporte, na configuração das construções de predicação complexas.

6 Na perspectiva construcional, por nós adotada, tanto a estrutura argumental quanto os predicadores (simples ou complexos) são vistos como construções independentes que são compatibilizadas no momento de elaboração da enunciação, ambos desempenhando papéis na construção do significado final da proposição.

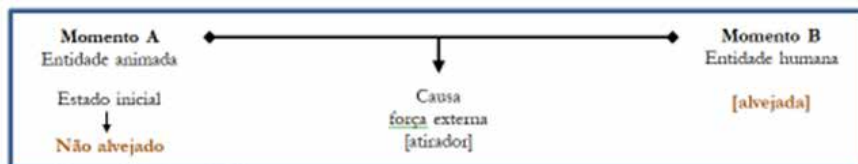
não agentivo ocupando a posição de sujeito –, que, a princípio, pode manifestar-se intransitiva (com apenas um participante, o sujeito), como no exemplo (4) ou transitivamente (com dois participantes), como em (5) e (6) (por um participante indutor, intencional ou não). Em relação a sua funcionalidade, verificamos o seu emprego para codificar um evento no qual é possível apreender um movimento no sentido de afetar a condição ou o estado do sujeito, em que se dá uma mudança no estatuto físico e/ou psicoemocional do participante a ocupar a posição de sujeito gramatical devido a uma força externa: receber/sofrer um tiro, ser alvejado/baleado, ser atingido por bala/projétil, ser alvo de bala/projétil, entre outras possibilidades.

(Ex. 5) *Ele foi encontrado morto no dia 2 de junho no terraço de sua casa no subúrbio da cidade. Ele **RECEBEU UM TIRO** a curta distância e estava deitado em uma poça de sangue, segundo a polícia. [Jornal O Globo, 17/06/2019]*

(Ex. 6) *A Perícia Forense concluiu que a jovem foi vítima de estupro e **SOFREU UM TIRO** na cabeça, segundo informações repassadas nesta quarta-feira [1º] por uma fonte do Sistema Verdes Mares. [Umirim Notícias, 02/05/2019]*

Em (5) e (6), podemos considerar um momento anterior ao evento exposto no qual o participante sujeito não se via afetado, implicando, assim, que a perífrase em destaque indica o resultado de uma força sobre a entidade sujeito. Nas duas enunciações, conceptualiza-se um evento no qual um participante animado (atirador) causa um câmbio de estado em outro. De não alvejado o participante sujeito passa a alvejado.

Esquema 1: Representação da relação de causalidade apreendida no sentido da perífrase.



Fonte: Teixeira (2020).

E esse mesmo cenário pode ser representado pelo esquema $[V_{\text{auxiliar}} + V_{\text{participio}}]$ predicador complexo de passividade, como em (7).

(Ex.: 7)⁷

Vereador Zico Bacana é baleado na Zona Norte do Rio

Vereador foi levado para o Hospital Carlos Chagas. Segundo sua equipe, tiro foi de raspão na cabeça. Outras quatro pessoas foram baleadas — duas morreram.

Dessa forma, chamamos atenção para o fato de que, em alguns casos, é possível uma alternância entre (i) diferentes verbos no lugar do elemento verbal instrumental em ambos os tipos de predicadores e entre (ii) os distintos tipos de predicadores complexos. Para entender melhor, nos exemplos jornalísticos em (8) e (9), retirados do Jornal O Globo (G1), temos os predicadores “foi destacado” e “teve destaque” mostrando que podemos indicar o realce de algum elemento segundo ambos os padrões de predicadores.

(Ex. 8)⁸(Ex. 9)⁹

Uma figura internacional

A morte de Roberto Marinho teve destaque no exterior. Um dos principais jornais americanos publicou na primeira página a morte do jornalista e empresário.

Além disso, *tem destaque* sinaliza o uso desses predicadores como estratégias de perspectivação e de impersonalização.¹⁰ É demovido ou retirado de cena o elemento

7 Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/02/vereador-zico-bacana-e-baleado-em-marechal-hermes.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2022.

8 Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/21/obra-emergencial-em-rede-de-esgoto-provoca-interdicao-e-mudanca-de-transito-na-zona-norte-do-recife.ghtml>. Acesso em: 31 maio 2022.

9 Disponível em: <https://g1.globo.com/jornalhoje/0,,MUL1140678-16022,00-UMA+FIGURA+INTERNACIONAL.html>. Acesso em: 31 maio, 2022.

10 Segundo Machado Vieira (2020, p. 69), podemos entender impersonalização como “um fenômeno que promove a desfocalização, suspensão ou supressão de um referente/participante do discurso en-

que pratica a ação, que induz o evento. O participante indutor, gatilho/força por trás do ocorrido, ou é demovido a uma posição de baixo destaque (como complemento preposicionado) ou é suprimido na sentença; até mesmo pode ser preenchido, mas, normalmente quando isso ocorre, é por um item nominal de caráter genérico. Então, podemos conceber esses predicadores por meio do seguinte esquema:

Esquema 2: Concepção de estrutura sentencial composta por predicadores complexos de passividade.



Fonte: Autoral.

Mas, por que seria importante darmos ênfase a isso em sala de aula? Por que tais predicadores são partes essenciais do nosso conhecimento linguístico? Se, em alguns casos, é possível alternar entre diferentes predicadores, o que nos levaria a escolher um ou outro? Esses são questionamentos que nos levam a refletir sobre os contextos em que fazemos uso deles, suas características e os fatores que nos fazem, de forma consciente ou não, tomar diferentes posturas na hora de utilizá-los.

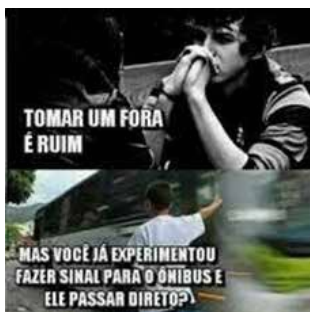
5.3 FAZ DIFERENÇA: UM OU OUTRO PADRÃO CONSTRUCIONAL *SER USADO/TER USO* NO TEXTO?

Em relação à análise, nossas amostras contam com dados angariados em textos de modalidade escrita, a maior parte dos domínios sociocomunicativos jornalístico e acadêmico, em razão de espaços que potencializam o que serve de norma de referência ao uso do Português ter nossa atenção. Entretanto, deparamo-nos com essas construções por todo lado quando o assunto é uso da língua. Até o momento, foi observado que as distintas construções passivas perifrásticas em jogo se mostram presentes tanto no âmbito da fala quanto da escrita, estando altamente atreladas aos nossos usos diários. Com elas, podemos perspectivar uma cena, dando ênfase a um determinado ponto de vista que temos quanto ao estado de coisas/cenário a ser repre-

volvido no estado de coisas como estratégia de preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987) ou, em outras palavras, como maneira de impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do (inter) locutor e/ou do participante com papel de força que induz ou experimenta o estado de coisas mediante a distância imposta ao conteúdo proposicional em relação àquele(s) e/ou a este”.

sentado na enunciação que fazemos num (con)texto, nos ajudando a alcançar os nossos objetivos comunicativos. Assim, os dois tipos de padrões estão presentes em distintos âmbitos discursivos e são importantes ferramentas da nossa gramática. Para ficar mais fácil, olhemos os textos a seguir:

(Ex. 10)¹¹



(Ex. 11)¹²



Em (10) e (11), contamos com dois *memes*, um gênero comum nas redes sociais, em que frequentemente emerge uma crítica pela tirada humorística, irônica, satírica ou sarcástica. No primeiro exemplo, vemos duas situações negativas sendo comparadas. Há a imagem de um homem pensativo/tristonho acompanhado pelo segmento “tomar um fora é ruim” – formado pelo predicador com verbo suporte *tomar um fora* – e, abaixo, a imagem de um rapaz sinalizando para uma condução com “mas você já experimentou fazer sinal para o ônibus e ele passar direto?”. O contraste de imagens e elementos textuais leva o leitor a inferir que dar sinal para o ônibus e este não parar é um cenário mais negativo que ser rejeitado romanticamente. Já em (11), é utilizado *levar tiro* de forma metafórica, associando o ato de sofrer uma mudança física (ser baleado) com a gravidez (outra forma de câmbio físico no caso das mulheres).

11 Disponível em: <https://pt.dopl3r.com/memes/engra%C3%A7ado/tomar-um-fora-erui-epiidade-depressa0-mas-voce-ja-experimentou-fazer-sinalparao-onibuse-ele-passar-diretop-qualquer-operadora-a-ti-isso-e-muito-pior/68867>. Acesso em: 31 maio 2022.

12 Disponível em: <https://www.facebook.com/memesacessiveis/posts/491689321520580/>. Acesso em: 31 maio 2022.

Dessa forma, para compreender as mensagens por trás dos predicadores nos exemplos citados, é preciso analisar tanto questões contextuais (semânticas, pragmáticas e discursivas) como aspectos relativos ao entorno linguístico dos predicadores. Na verdade, temos de considerar as múltiplas semioses, alcançadas por força de linguagem verbal e não verbal. Isso é o que salientamos ao considerarmos uma abordagem centrada no uso, porque somente tendo em mente o plano em que a comunicação se estabelece é que podemos responder aos questionamentos levantados ao final da seção anterior.

A nossa memória permite-nos armazenar não somente o que se mostra estável ou distinto entre as construções, mas também quais contextos favorecem mais ou menos o emprego de uma variante em detrimento de outra. Assim, os resultados das análises linguísticas permitem-nos visualizar semelhanças no que ensejam as construções e, então, observar e detectar diferentes inclinações em seu acionamento.

A exemplo, os padrões formados por **LEVAR**, **TOMAR**, **RECEBER** e **GANHAR** evocam cenas de transferência, de deslocamento, seja físico e/ou de posse, que remetem ao cenário básico situado por estes verbos. Há sua maior associação a contextos de uso nos quais a intencionalidade do participante responsável/força indutora é salientada, evidenciando a relação entre transferência e causalidade: quanto mais próximo à percepção de um evento de transferência, mais saliente se mostra a figura do agente/causa/indutor.

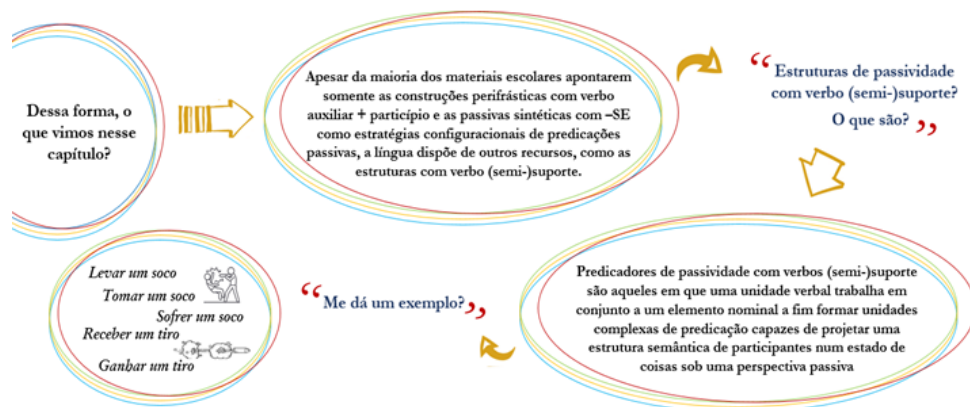
(Ex. 12) *Cruz-maltino **SOFRE GOL** aos 43 minutos do segundo e cede empate por 1 a 1 ao Fortaleza, neste domingo; Técnico vê evolução na equipe: “Saio satisfeito”. [Lance!, 26/05/2019]*

(Ex. 13) *[...] o jogo contra o Fortaleza, no Castelão, foi o quarto em seis rodadas em que o Cruz-maltino **LEVOU UM GOL** após os 40 minutos. [Lance!, 26/05/2019]*

Em (12), o gol é caracterizado como uma experiência, em (13) como transferência. Sendo assim, temos em jogo estruturas que variam em relação à proeminência do participante responsável pela ação. Em ambos os casos, o participante agente/força indutora encontra-se omitido. Entretanto, mesmo se instanciando em contextos similares e representando eventos similares, as perífrases potencializam à predicação nuances de sentido distintas.

5.4 TROCANDO EM MIÚDOS

Neste texto, buscamos enfatizar uma realidade linguística que, em geral, não é abarcada no contexto escolar: o fato de contarmos, na língua portuguesa, com predadores complexos formados por verbo (semi-)suporte que viabilizam a configuração de um estado de coisas segundo uma ótica passiva.



5.5 PARA O ASSUNTO SER MAIS DETALHADO/GANHAR DETALHAMENTO

Comumente, ao analisar como a configuração de voz passiva *tem expressão* ou *é expressa* no Português, somente a passiva analítica (com verbo auxiliar) ou a passiva sintética é alvo de análise linguística em sala de aula. Observamos uma tendência a abordar em demasia:

(a) a relação entre a voz passiva e voz ativa em uma perspectiva limitada, fazendo uso de exemplos artificiais para indicar a mudança de posição dos termos da voz ativa ao “passar” uma proposição para a voz passiva. O elemento que desempenha a função de sujeito gramatical na estrutura sentencial ativa passa a atuar como agente da passiva na estrutura passiva, enquanto o objeto da sentença ativa ocupa a posição de sujeito sintático da passiva;



(b) a possibilidade de supressão do participante responsável/indutor na estrutura passiva analítica sem considerar, muitas vezes, as motivações e implicações semânticas e discursivo-pragmáticas por trás de sua ocorrência;

(c) a abordagem de expressões compostas pelo verbo auxiliar SER, sem realçar como há, na língua, outras unidades verbais que também são acionadas para preencher a posição de verbo auxiliar nos predicadores passivos analíticos.¹³

Além disso, por mais que figurem como recursos produtivos na língua portuguesa para a representação de um cenário sob viés de passividade, as construções com verbo (semi-)suporte são (muitas vezes) desconsideradas. Compreendemos, logo, que é dado um tratamento pautado, de forma limitada, na forma/estrutura e pouco na realidade (formal e funcional) do uso das expressões de predicação passiva com verbos de natureza auxiliar. Dessa forma, propomos a realização de atividades que:

(1) Introduzam a configuração das estruturas de predicação passivas como recursos para perspetivar uma cena/evento segundo as necessidades discursivas do autor textual;

(2) Indiquem a existência das construções com verbo suporte na rede de predicadores de passividade da língua portuguesa;

(3) Façam uso de exemplos retirados de contextos reais de comunicação, a fim de explorar questões contextuais e/ou cotextuais relativas à funcionalidade dos predicadores complexos de passividade no cotidiano (em seus diferentes contextos de uso); e

(4) Realcem a relação de alternância entre (i) os padrões de predicação compostos por verbo auxiliar e verbo (semi-)suporte e (ii) unidades verbais que são acionadas para preencher a posição de (ii.a) verbo auxiliar e (ii.b) verbo (semi-)suporte. Favoreçam, então, a percepção da rica multifuncionalidade a que se sujeitam as unidades linguísticas.

A seguir, apresentamos exemplos de questões/atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula.

Direcionada a alunos do Ensino Médio – 1º ano

Atividade 1: Observe os exemplos a seguir e, considerando as expressões em destaque, responda:

Exemplo 1:

Minha tia e meu primo sofreram um acidente de carro e eu qria avisar pra ela, mas ela não me atendeu.
Eu liguei pra esposa do meu primo e ela ligou pra minha mãe pra falar q eu qria falar com ela
Daí, só daí ela pegou e me atendeu.
Resumindo, a raivinha dela fica a cima de td

11:28 AM - 6 de fev de 2021 - Twitter for iPhone



¹³ Ainda que possamos observar uma preocupação em (alguns) materiais didáticos em discutir os efeitos de sentido da presença ou não do agente da passiva em virtude das orientações da Base Nacional Comum Curricular, ainda podemos tratar de uma tendência em priorizar aspectos formais em detrimentos de funcionais ao se tratar da configuração de estruturas sentenciais compostas por predicadores de passividade.

Exemplo 2:

"Em "Warrior", Demi segurou a foto de Milena (Fã que foi acidentada) no peito."
#TheNeonLightsTourBRAZIL ❤️



- a) As expressões em destaque fazem referência a um mesmo tipo de acontecimento? Se sim, explique detalhadamente as características desse acontecimento.
- b) Quais são os sujeitos relacionados aos acontecimentos apresentados pelas expressões nos exemplos 1 e 2?
- c) Essas expressões podem ser associadas à voz passiva? Por que?

Comentário: espera-se que, previamente a este exercício, questões relativas ao processo de perspectivização e às distinções entre as vozes verbais ativa e passiva, assim como de seus termos sintáticos (sujeito e agente da passiva), tenham sido discutidas em sala de aula. Assim, a partir da atividade, é possível reforçar, para os alunos, a existência do verbo suporte – verbos que vão servir de suporte a um outro elemento não verbal – e mostrar que esses verbos suporte estão presentes em textos acadêmicos, jornalísticos e, também, nas redes sociais. Hoje em dia, muitas pessoas têm contato com as redes sociais e fazem uso de expressões com verbo (semi-)suporte, mas acabam não identificando a natureza desse elemento verbal. Logo, por meio do uso de exemplos mais próximos a realidade dos alunos, dado ao comum contato que (possivelmente) estabelecem com as redes sociais, pode-se realçar a relevância dos predicadores complexos de passividade no emprego da língua. Ademais, tem-se por expectativa que os alunos reúnam informações a partir de análise observacional das manifestações linguísticas que lhes permitam perceber as diferenças e similaridades nos dois exemplos no que envolve também a forma como os acontecimentos são descritos. No primeiro exemplo, *sofreram um acidente* refere-se ao que aconteceu com a tia e com o primo. Já no segundo exemplo, *foi acidentada* remete ao que aconteceu com uma fã. Vemos dois verbos, e, logo, tipo de predicadores diferentes, expressando o mesmo perfil de ideia no contexto.

Atividade 2: Analise as expressões em destaque nos fragmentos textuais abaixo e responda:

Fragmento 1:

Mais profissionais do Turismo são
vacinados; mande sua foto

Fragmento 2:

Profissionais do Turismo recebem
vacina contra a covid-19

- a) As duas expressões trazem a mesma informação?
- b) Quais são suas similaridades e diferenças?
- c) Os verbos *ser* e *receber*, nesses dois casos, podem ser classificados de qual forma?
- d) É possível substituir as expressões em destaque por outras? Se sim, por quais?

Comentário: Nesse exercício, espera-se que os alunos, de acordo com reflexões prévias desenvolvidas em sala pelo professor, sejam capazes de identificar as similaridades entre os predicadores no que se refere a sua funcionalidade como predicadores complexos de passividade e sua distinção no que tange à sua configuração. Em (1), observamos um predicador complexo composto por verbo auxiliar, já em (2) um formado por verbo suporte. Ademais, por meio da atividade, busca-se reforçar a possibilidade de alternância entre predicadores compostos segundo padrões construcionais diferentes.

Assim, reforçamos, por meio de atividades, o desenvolvimento do faro investigativo do aluno, conduzindo-o a ler de forma crítica a funcionalidade dos predicadores dentro do contexto e perceber as diferentes nuances de sentido que trazem, assim como as diferenças no plano da forma.

5.6 QUERO MAIS!

Dica!	Referência!
Saraiva, Teixeira, Santos e Machado Vieira (2021) demonstram estratégias do português brasileiro, que não costumam ser descritas nos materiais didáticos, que podem ser acionadas com o intuito de opacificar aquele que é responsável pela ação, promovendo a sua retirada de cena, no caso da indeterminação, da 3ª p. discursiva, da impersonalização da 1ª p. discursiva e em contextos de perspectivação cujo foco recai no participante que sofre/experencia uma ação ou processo.	SARAIVA, E. S.; TEIXEIRA, R. B. S.; SANTOS, D. N.; MACHADO VIEIRA, M. S. "Por que nem sempre fica claro quem é o responsável pela ação?". In: Revista Roseta , vol. 4, n. 1, 2021.

Teixeira (2021) apresenta um estudo sincrônico pautado na análise de padrões construcionais compostos por verbos (semi-)suporte os quais operam em conjunto a elementos nominais a fim de atribuir-lhes papel predicante, e, com estes, formar unidades complexas de predicação capazes de projetar uma estrutura semântica de participantes num estado de coisas sob viés de passividade, em especial aqueles formados pelos verbos LEVAR, TOMAR, SOFRER, RECEBER e GANHAR. Trata dos atributos formais e funcionais de tais predicadores, assim como da relação de variação/alternância detectável entre perífrases de passividade com verbo (semi-)suporte advindos de padrões esquemáticos distintos.

TEIXEIRA, Ravena B. de S. **Estruturas com verbo (semi-)suporte: a variação sob um prisma construcionista**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2020.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: LUCERNA, 1999.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA *et al.* **Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Silvia Brandão**. São Paulo: Blucher, 2018.
- MACHADO VIEIRA, M. S. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português. In.: **Estudos da Língua(gem)**, vol. 18, n. 1, 2020, p. 65-84.
- SARAIVA DE PONTES, E. S. *Predicação transitiva direta com pronome SE: perfis de impersonalização discursiva em variação*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.
- SARAIVA, E. S.; TEIXEIRA, R. B. S.; SANTOS, D. N.; MACHADO VIEIRA, M. S. “Por que nem sempre fica claro quem é o responsável pela ação?”. In: **Revista Roseta**, vol. 4, n. 1, 2021.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- TEIXEIRA, R. B. de S. **Estruturas com verbo (semi)suporte: a variação sob um prisma construcionista**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021.

CAPÍTULO 6

***IR EM BUSCA E VAI À LUTA:* IDIOMATICIDADE EM PREDICADOS DE MOVIMENTO**

Vinicius Maciel de Oliveira

6.1 VAMOS NESSA!

Pensar o ensino de predicados não é apenas memorizar os núcleos e decorar as diferenças entre verbo transitivo, intransitivo e de ligação, mas sim discutir e explorar a riqueza de possibilidades de formação de predicados a partir de significados mais básicos e gerais, como com *ir, fazer, dar, ter* etc. Com isso, neste capítulo, vamos tratar de predicados de movimento construídos a partir das subpartes *ir* mais sintagma preposicionado (SPrep). Nosso objetivo geral é demonstrar que uma sintaxe relativamente fixa pode sinalizar, dependendo do contexto de uso e do sintagma preposicionado, alguns significados diferentes do considerado mais básico para essa estrutura (“movimento no espaço concreto de um lugar a outro”). Além dessa finalidade mais descritiva, buscamos, também, discutir questões relacionadas ao ensino de língua materna focalizando estratégias de abordagens das construções em foco. Tais predicados estão exemplificados e destacados a seguir:

(Ex. 1) “Trulli, tocado por Montoya, acabou indo mais cedo para o chuveiro.” (Opinião, Extra, 30/08/04, “Azar é o deles”)

(Ex. 2) “Os espanhóis foram às ruas, em massa, contra a guerra muito antes.” (Cartas, JB, 28/03/04, “Terrorismo”)

(Ex. 3) “Hoje é dia de escrever uma nova página da História do Brasil. Mais de 100 milhões de brasileiros vão às urnas eleger o presidente da República.” (Editoriais, JB, 27/10/02, “A Rosa do Povo”)

(Ex. 4) Diante disso, o Metrôpoles resolveu te ajudar e foi em busca de onde assistir algumas séries que foram sucesso de público e estão disponíveis nos principais serviços de streaming. (<https://www.metrolopes.com> – Acesso em 13/12/2020)

Nos exemplos anteriores, *ir*, cumprindo o papel de verbo predicator, categoria lexical mais básica dos verbos, parece formar com o SPrep uma espécie de unidade compósita, que manifesta variados graus de lexicalidade. Em (1), a expressão “indo mais cedo para o chuveiro” parece corresponder a “deixar a corrida mais cedo”; em (2), “foram às ruas” absorve o significado de “protestaram”; em (3), “vão às urnas” aproxima-se de “votam”; e em (4) “foi em busca” parece equivaler a “buscou”. A hipótese que norteia essa investigação é a de que, por ter um significado de movimento bem básico, predicados com *ir* absorvem uma variedade de outros sentidos e acabam por formar o que se entende por “expressões idiomáticas”, como podemos perceber nos exemplos citados.

Nosso objetivo mais específico é entender como se formam esses predicados, com graus diferentes de congelamento formal e semântico. Para tanto, pautamos nossa descrição num modelo de língua em que a construção – pareamento entre forma e função – é uma unidade básica de análise (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001). Com base nesse pressuposto, entendemos, nesse texto, expressões idiomáticas como construções que têm um processo de formação mais instantâneo, menos procedural e se relacionam a contextos mais específicos. Tais características ilustram o que Traugott e Trousdale (2013) chamam de “construcionalização lexical”.

6.2 VAMOS EXPLICAR ISSO MELHOR!

Nesta seção procuramos detalhar alguns predicados com *ir*, desde usos mais básicos, em que podemos estabelecer uma leitura composicional, até situações em que o predicado é altamente opaco, com significado que não depende apenas da soma das partes. A proposta aqui é a de demonstrar que a noção básica/geral de movimento é um gatilho para diversos tipos de predicados mais idiomatizados com significado mais específico. Sobre essa questão, podemos nos pautar em Bybee (2010), que discute a noção de “agrupamento” com um tipo de “processo cognitivo de domínio geral”. A autora comenta que os seres humanos fazem uma leitura agrupada das coisas; ou seja, nós não lemos e depreendemos elemento por elemento, mas sim em forma de “agrupamentos”. No que diz respeito à relação verbo e objeto, nossa leitura, também, pode ser realizada em blocos, a depender do contexto de uso, tipo de verbo, tipo de complemento etc.

Antes de descrevermos usos mais idiomatizados de predicados com *ir*, é importante que compreendamos as propriedades da sua semântica mais básica. Numa configuração de uso mais lexical, predicados de movimento com *ir* caracterizam-se por conter um argumento externo (sujeito), animado e controlador do movimento, e um constituinte classificado como complemento circunstancial (v. ROCHA LIMA, 2006) com valor semântico de locativo. Os dois exemplos a seguir ilustram tal uso.

(Ex. 5) (...) *porque geralmente prova de recuperação é muito difícil... né? e precisava tirar cinco nessa prova... mas não sabia se ia tirar... estava estudando... aí tudo bem... **fui pro colégio** fazer essa prova pensando “poxa... já pensou se ela me desse a mesma prova do quarto bimestre?* (Corpus D&G – Narrativa Pessoal – Rio de Janeiro)

(Ex. 6) (...) *o indivíduo **foi ao mercado** – era um peregrino na cidade – **foi ao mercado** comprar peixe – era um viajante – comprou o peixe – e quando ia saindo do mercado encontrou-se com um amigo – um amigo de juventude...* (Corpus do Português – 190Or:Br:LF:Recf)

Alguns predicados com *ir* manifestam na posição do sujeito ou do complemento circunstancial elementos que não satisfazem às restrições básicas de seleção do predador, mas a interpretação acontece por meio de um processo que chamamos de “metonimização” – mudança semântica que é motivada pelas relações parte/todo, causa/efeito, conteúdo/continente, entre outras (cf. BARCELONA, 2003).

(Ex. 7) (...) *quando ele montou fez tudinho – veio a cheia – aí ele teve uma despesa maior do mundo – não **foi ao médico?** – com / – pra consertar vê*

– não foi para o médico não foi ao psiquiatra? – heim? foi não – não foi lhe dado choque? – foi não – ele teve foi que – descolou foi tudo os móveis todinhos foi uma desgraceira danada... (Corpus do Português – 190Or:Br:L-F:Recf)

(Ex. 8) O Aeroporto de Salvador recebeu o segundo maior avião de carga do mundo, nesta sexta-feira, 11. O “Antonov An-124”, como é chamado o veículo ucraniano, veio de Santiago, no Chile e pousou na capital baiana por volta das 6h15. (...) A peça foi para o Terminal de Cargas do Aeroporto de Salvador (TECA), onde passará pelo desembarço aduaneiro, que é a liberação de uma mercadoria pela alfândega para que ela possa entrar no país.

No exemplo (7), o nome “médico” não se configura como um locativo prototípico, ainda que, por meio da referida estratégia metonímica, possamos identificar que o elemento locativo concreto seja “clínica”, “hospital”, “consultório” etc. No caso do exemplo (8), a interpretação por meio do processo de metonimização acontece em relação ao sujeito que, por ser uma “peça” (o próprio avião), não tem a capacidade de controlar seu próprio movimento, mas identificamos facilmente que há uma pessoa para manipular o sujeito.

Para a interpretação e descrição de usos com maior grau de congelamento formal e semântico, a análise respalda-se em Esteves (2012) e Oliveira (2014) acerca do processo de lexicalização em construções do tipo “verbo + complemento” (“dar + SN” e “ir + SPrep”). Os autores, por meio de parâmetros de lexicalização, avaliaram o grau de opacidade que os predicados podem ganhar em determinados contextos. Selecionamos dois desses parâmetros para a discussão: (i) extensão semântica e dessemantização do verbo predicador; e (ii) possibilidade de substituição de toda a construção por um predicador de sentido equivalente.

O parâmetro (i) avalia a extensão de significado que o predicador pode sofrer para dar conta do sentido maior de uma construção. Dessa forma, quanto maior o nível de alteração semântica do predicador – afastamento do seu significado lexical básico –, maiores são as chances de o predicado estar mais lexicalizado. O exemplo (9), a seguir, demonstra essa extensão.

(Ex. 9) *Atual tricampeão do Aberto da Austrália e em busca de seu quinto título no Grand Slam realizado em Melbourne, Novak Djokovic segue em rota suave nesta edição do primeiro grande torneio da temporada. Ainda sem perder sets até aqui na competição, o sérvio desta vez venceu o usbeque Denis Istomin com parciais de 6/3, 6/3 e 7/5 para ir às oitavas de final.* (Bem Paraná – 17/01/2014)

Em (9), “Denis Istomin” ultrapassou uma etapa do torneio de tênis para chegar a outra (oitavas de final), o que demonstra uma extensão de significado de *ir*, que passa a funcionar semanticamente como uma espécie de “processo de movimento no tempo”. Tal verbo se adapta bem a construções em que percebemos “mudança de etapas”, como em “o aluno foi para prova final/ a segunda fase do concurso/ o mestrado/ etc.”. Ainda que expressem um significado mais temporal, tais casos ainda guardam, de modo muito intenso, as noções de movimento e espaço (mesmo que “espaços metafóricos”).

No que diz respeito ao outro parâmetro – possibilidade de substituição de toda a construção por um predicador de sentido equivalente –, checamos a viabilidade de tratar algumas construções, aparentemente afetadas pelo processo construcionalização lexical, como variantes sociolinguísticas que podem alternar com predicadores simples. Vejamos os exemplos.

(Ex. 10) *O percurso da pediatra ao longo dos 210 capítulos já exibidos exigiu muito da atriz. Seguindo a cartilha das mocinhas, Paloma (e Paolla, na vida real) **foi aos prantos** inúmeras vezes. Mas as lágrimas vingaram e as cenas mais dramáticas renderam alguns de seus melhores momentos na TV. (diariodesp.com.br – 16/11/2012 – Acesso em 10/01/2014)*

(Ex. 11) *Parasitária nos protestos, a PEC **foi pro saco**! Esquartejaram o bode no meio da sala e jogaram o bebê junto com a água do banho. A famigerada PEC 37 foi arquivada. (blogdorafaecastilho.blogspot.com.br – 26/06/2013 – Acesso em 10/01/2014)*

(Ex. 12) *Conforme dados divulgados pela SES, no ano passado foram registrados 25 casos de meningite meningocócica na capital maranhense... Em todo o estado, naquele mesmo ano, foram registrados 183 casos da doença, dos quais 45 **foram a óbito**. (cbnfoz.com.br – 17/01/2014 – Acesso em 17/01/2014)*

Em (10), “foi aos prantos” pode denotar “chorar com intensidade”, diferentemente de “foi às lágrimas”, que parece se referir a um ato de chorar menos intenso – aqui, a motivação está muito atrelada às diferenças entre os nomes “pranto” e “lágrimas”. O exemplo (11) apresenta uma característica saliente: observamos a ocorrência de “a PEC foi para o saco” e, logo em seguida, o usuário realiza a “PEC 37 foi arquivada”, como uma espécie de tradução para “foi para o saco”, o que sugere o uso de determinadas expressões nos títulos ou introduções dos textos para chamar a atenção do interlocutor. No exemplo (12), por fim, a construção “foram a óbito” parece expressar uma nuance mais polida para o significado de “morreram”.

A possibilidade de trocar a construção por um predicador simples não nos faz refletir apenas sobre o grau de fusão – o quão opaca semanticamente ela é –, mas também sobre a capacidade que a construção tem para predicar. Nos exemplos de (10) a (12), *ir*, numa análise puramente formal, é um predicador que projeta “Paloma” e “aos prantos”, em (10); “PEC” e “para o saco”, em (11); e “casos da doença” e “a óbito”, em (12). Numa leitura desses predicados como construções com algum grau de lexicalidade, *ir* aproxima-se da categoria de verbo suporte, pois deixa de ser o núcleo léxico-semântico do predicado e passa a operar “sobre um elemento não-verbal desprovido de sua função primária referencial ou atributiva, conferindo-lhe estatuto verbal e formando com ele uma unidade funcional predicante, ou seja, um predicador complexo” (MACHADO VIEIRA, 2018, p. 93). Nos três exemplos, a subparte da construção responsável pela atribuição de papel temático do argumento externo é o nome que integra os SPrep’s (“prantos”, “saco” e “óbito”).

Algumas construções, aparentemente, vinculadas a um nível mais lexical, por conta da noção da alta frequência que leva uma ritualização (cf. BYBEE, 2010), podem sofrer os efeitos da metonimização. Desse modo, expressões, como as destacadas a seguir, revelam a emergência de construções rotineiras que podem alternar com predicadores simples.

(Ex. 13) *Gislaine Pedroso, de 18 anos, começou a treinar recentemente e diz que o principal motivo de frequentar a academia é a perda de peso. “A gente abusa no fim do ano e agora corre atrás”. Ela **vai à academia** de segunda a sexta-feira e acredita que os exercícios, além de ajudar na qualidade de vida, dão mais disposição para o dia a dia.* (cruzeirodosul.inf.br – Acesso em 07/01/2014)

(Ex. 14) *Justiça convoca pais de alunos que não estão **indo à escola**: Os pais de 400 estudantes de Jundiaí estão na mira da justiça. O juiz da infância e juventude quer saber por que os alunos não estão frequentando regularmente as aulas.* (JB, 25/07/2010)

O predicado do exemplo (13) e o do exemplo (14) estão numa configuração em que há um sujeito humano e controlador e um elemento que cumpre os requisitos para ser um locativo, porém o contexto em que se inserem leva a uma interpretação de algo frequente, habitual e rotineiro. Por essa razão, em (13), “vai à academia” pode alternar com “malha”, “treina” ou “se exercita” e, em (14), o predicado “indo à escola” pode ser substituído por “estudando”.

Nesta seção, buscamos, brevemente, apresentar as propriedades sintáticas e, principalmente, semântico-pragmáticas de predicados com *ir*, o verbo básico de movimento. Nossa intenção foi, por meio da discussão de alguns dados, demonstrar que a

ideia de movimento é a base para a formação de inúmeras expressões idiomáticas cuja forma é um predicado. Esse objetivo articula-se às propostas de Esteves (2012) e de Valente (2018) no que diz respeito à formação dos idiomatismos a partir da sintaxe básica de um predicado (verbo + complemento).

6.3 POR QUE É IMPORTANTE ESTUDAR ESSE ASSUNTO?

Uma primeira questão que deve ser considerada relevante ao ensino de língua materna, no que tange à descrição de predicados, é a discussão acerca da percepção de construções básicas que servem de fonte para o desencadeamento de um processo de mudança. A análise das construções apresentadas na seção anterior revela que predicados com *ir* são bem férteis quanto à formação de expressões mais lexicalizadas; isto é, *inputs* como “ir a X”, “ir para X” ou “ir em X” são gatilhos para variadas expressões idiomáticas. Quando inserimos no *Google*, no campo “notícias”, as entradas supracitadas, já na primeira página de resultados – e observando apenas as manchetes –, encontramos alguns exemplos de construções com algum nível de lexicalidade.

Figura 1: Resultado de busca no Google, a partir das entradas “vai a”, “ir para” e “vai em” (acesso em 15/12/2020).



Uma outra questão muito importante no tratamento de construções com conteúdo idiomático é o seu valor expressivo nos mais diversos domínios comunicativos de uma língua materna. Resende (2012) discute que o falante em determinadas situações sociocomunicativas lança mão de expressões idiomáticas para (i) ser compreendido mais rapidamente – resumir um pensamento – e (ii) para inserir-se em determinados grupos. Assim, numa aula sobre gêneros e tipos textuais é importante que se ressaltem não apenas a expressividade dessas construções, como também o papel que elas têm, por exemplo, numa manchete de jornal.

6.4 TROCANDO EM MIÚDOS

A discussão que procuramos encaminhar neste texto evidencia algumas questões que precisamos frisar. Uma das mais importantes é o tratamento que se deve dar a estruturas candidatas a predador complexo. Isso significa dizer que é importante que o ensino de sintaxe invista na descrição da relação entre alguns tipos de verbo de significado mais geral, como é o caso de *ir*, e o seu complemento interno, pois o grau de vinculação entre esses elementos é a base para formar predicados complexos. Nossa proposta, aqui, é a de que devemos dar a esses verbos um tratamento diferenciado. A seguir, comparamos o verbo de significado de movimento mais geral com alguns de significado de movimento mais específico.

(Ex. 15) *aí ele resolveu bater na porta né ... aí o velho ficou logo assustado né ... e tudo né ... aí perguntou e aí ele empurrou ele pra fora né ... empurrou o homem pra fora lá ... num quis entrar ... aí o velho expulsou ele de casa né ... porque num queria que ele visse é:: a mulher dele lá ... a velha lá e o cachorro dele lá ... um pastor alemão bem grande ... aí ele **foi pra casa** né ... e ficou encucado com aquele negócio ali ... e ficou pensando né ...* (D&G – Natal – Informante 1 – Narrativa Recontada)

(Ex. 16) “Em frente de casa estávamos eu, a Marrie, o sobrinho dela, de um ano, um tio e uma tia. Foi tudo muito rápido. Quatro homens a pé, desceram a rua armados e começaram a atirar. Todo mundo saiu correndo. Outros dois homens armados estavam cada um em uma moto e outros dois em um carro. A Marrie se jogou na frente do sobrinho e salvou a vida dele. Ela **andou até em casa** e ainda conseguiu chamar a mãe dela. Disse que tava baleada”, contou a testemunha. (<http://g1.globo.com/rj/> – Acesso em 10/10/2020)

(Ex. 17) A repórter Carol Barcellos aproveita o GP Brasil para reunir o campeão mundial de surfe Gabriel Medina e o piloto brasileiro Felipe Nasr, da equipe Sauber, para uma matéria. No encontro, na Barra da Lagoa, em Santa Catarina, Nasr troca o macacão de piloto pela roupa de neoprene dos surfistas e não faz feio. “O Felipe leva jeito. Tem o físico muito parecido com o do Kelly Slater (maior surfistas de todos os tempos)” - afirma Medina, quem **pilotou o carro até a praia** - e sem sustos. (<https://imprensa.globo.com/> – Acesso em 10/10/2020)

(Ex. 18) Quatro anos de prisão para brasileiro que voou para Londres com 1 kg de cocaína no estômago. (<https://www.em.com.br/> – Acesso em 10/10/2020)

Em (15), o predicado “foi para casa” manifesta movimento geral e frequente, enquadrando-se na situação, já comentada, de “ritualização” (BYBEE, 2010). Por outro lado, os exemplos (16), (17) e (18) decodificam movimentos mais específicos – nos três exemplos a especificação do movimento é importante para algum aspecto do texto – e, em razão disso, são mais resistentes à mudança formal e semântica.

6.5 DEIXA VER SE ENTENDI

Apresentamos uma proposta de atividade em uma sala de aula que consiste na aplicação de um teste de percepção e uso, para que os alunos avaliem ocorrências de predicados com *ir*, (i) quanto aos parâmetros apresentados para medir o nível de opacidade e, consequentemente, a capacidade que as construções têm para predicar; e (ii) quanto à função expressiva desses predicados em notícias jornalísticas.

Com base em uma explicação do professor sobre predicado, transitividade, variação e expressões idiomáticas, a partir de ocorrências de fala e escrita, a seguir, apresentamos um pequeno teste para ser aplicado em sala de aula.

Observe os trechos a seguir e responda às questões:

(Trecho 1): Ministro das Comunicações confirma leilão 5G para 2021. “Cabe e mim receber toda essa demanda (...) para levar ao Presidente da República e de uma forma que ele possa fazer a escolha (...), o presidente tem o direito de escolher para que lado vai pender. Tenho que fazer a minha parte como ministro junto com a Anatel, mas isso vai para o ano que vem”, disse Fábio Faria. (<https://www.minhaoperadora.com.br/> – Acesso em 15/12/2020)

(Questão 1): Você percebe “movimento” no predicado destacado?

() sim () não

(Questão 2): Se sim, que tipo de movimento?

() no espaço concreto () no tempo

(Trecho 2): No segundo show da turnê pelo Brasil, Madonna se apresenta nesta terça-feira em São Paulo. Porém, antes mesmo do show, os fãs foram à loucura na fila e no ensaio da cantora durante o dia. Alguns apaixonados garantem que ficaram mais de 40 dias na fila e outros que vieram da Paraíba para ver a rainha do pop de perto. Já outros não se contentaram em ir só em um dos shows. Além de Rio de Janeiro e São

Paulo, eles acompanharão a diva em Porto Alegre. (<http://g1.globo.com/> – 04/12/2012 – Acesso em 10/01/2014)

(Trecho 3): **Vai para a cadeia** atendente que enganou casal de idosos vencedor da loteria Um atendente de uma loja na cidade inglesa de Manchester foi condenado a 30 meses de prisão por tentar aplicar um golpe em um casal que havia ganhado um prêmio de um milhão de libras (quase R\$ 3,2 milhões) da loteria. (www.bbc.co.uk – Acesso em 20 de agosto de 2012)

(Questão 3): O predicado destacado no trecho (2) pode ser substituído por “enlouqueceram”?

☐ sim ☐ não

(Questão 4): Você nota diferença(s) de significado entre “foram à loucura” e “enlouqueceram”?

☐ não ☐ sim

Quais?_____

(Questão 5): Você considera um uso mais formal que outro?

☐ “foram à loucura” é mais formal ☐ “enlouqueceram” é mais formal ☐ ambas são igualmente formais ☐ ambas são igualmente informais

(Questão 6): O predicado destacado no trecho (3) pode ser substituído por “é preso”?

☐ sim ☐ não

(Questão 7): Você nota diferença(s) de significado entre “vai para a cadeia” e “é preso”?

☐ não ☐ sim

Quais?_____

(Questão 8): Você considera um uso mais formal que outro?

☐ “vai para a cadeia” é mais formal ☐ “é preso” é mais formal

☐ ambas são igualmente formais ☐ ambas são igualmente informais

(Trecho 4): Estação MIR **foi “pro espaço”**: A estação russa foi derrubada na madrugada de 23 de março de 2001, dando fim ao último grande símbolo do programa espacial soviético. Os destroços caíram em uma área remota do Oceano Pacífico. O governo russo não tinha recursos para mantê-la, estava obsoleta e foi substituída pela Estação Internacional. (<http://pt.shvoong.com/exact-sciences/astronomy> – Acesso em 25 de julho de 2010)

(Questão 9): Qual o significado da expressão “foi pro espaço”?

(Questão 10): Explique o valor expressivo que “foi pro espaço” ganha, com base no contexto da notícia.

Com esse teste/atividade o professor pode refletir sobre a avaliação e o julgamento que os alunos de Ensino Médio fazem de determinados usos comuns na fala, mas que ocorrem, como mostram os exemplos ao longo deste capítulo, na escrita – escrita jornalística, especialmente. Dessa forma, esperamos que os alunos percebam que variação e mudança são processos que afetam não somente a fala, como também a escrita.

6.6 QUERO MAIS

Para o aprofundamento das questões discutidas neste capítulo, sugerimos a leitura de alguns textos. Vamos comentar, brevemente, os tópicos importantes que devem ser abordados, quando pensamos em predicados, predador complexo, expressões idiomáticas e ensino de língua materna. Os textos sugeridos são: Esteves (2012), Resende (2012), Oliveira (2014) e Valente (2018).

Esteves (2012) analisa predicados com os verbos *dar* e *fazer*, nos processos envolvidos na formação de construções com verbos-suporte. Por meio de parâmetros de lexicalização e com base numa metodologia de aplicação de testes de percepção e uso linguísticos, a autora avalia oito níveis de lexicalidade que revelam diferentes graus de fossilização formal e semântica.

Resende (2012) discute a abordagem do tema “expressões idiomáticas” no ensino de língua materna. O texto é importante para o tema deste capítulo, pois, além de apresentar a definição de expressões idiomáticas, propõe estratégias de atividades que salientam a relevância do tema.

O texto de Machado Vieira (2014) centra-se na descrição de predicados complexos formados por verbo suporte + SN e na relação destes com o conceito de expressões idiomáticas, fundando-se, teoricamente, num funcionalismo voltado para explicação da emergência de construções por meio do processo da construcionalização.

Oliveira (2014) analisa aspectos sintáticos (possibilidade de *ir* atuar como verbo suporte) e semânticos (processos de metaforização e metonimização que levam a uma

expansão de uso como uma construção idiomática) de construções com *ir* + SPrep.

Valente (2012) descreve expressões típicas da linguagem do futebol, como “fazer gol”, “dar lençol”, “abrir vantagem”, “pendurar as chuteiras” etc., muito utilizadas em notícias esportivas de modo geral. Tais construções estão tão atreladas ao imaginário do povo brasileiro, já que o futebol é o esporte mais popular do país, que muitas delas são usadas em contextos não esportivos, como em “Ozzy vai pendurar as chuteiras”.

REFERÊNCIAS

- BARCELONA, Antonio. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 1-28.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- ESTEVES, Giselle Aparecida Toledo. *A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: fiz sacrifício, dei conta*. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Idiomatidade em construções com verbo suporte do Português. *SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ* Número 28, 2014.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construções com verbo suporte. In: PAULA, Alessandra; GOMES, Danielle Kely; SILVEIRA, Eliete Figueira Batista da; MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos; e VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Uma história de investigações em língua portuguesa: uma homenagem a Sílvia Brandão*. São Paulo: Blucher, 2018.
- OLIVEIRA, Vinicius Maciel de. *Análise de construções de movimento no português do Brasil*. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- RESENDE, Priscila de. O tratamento dado às expressões idiomáticas em sala de aula. *Anais do SIELP*. Volume 2, Número 1, 2012.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 2006.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Chan-*

ges. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VALENTE, Ana Carolina Mrad de Moura. “*Dar um balão*” e “*fazer golaço*”: construções V + SN características do futebol. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

CAPÍTULO 7

VAMOS DAR UMA DE CIENTISTA? ANALISANDO PREDICADORES COMPLEXOS COM VERBOS SUPORTES

Jeane Nunes da Penha

7.1 VAMOS PASSAR POR CIMA DESSAS DÚVIDAS?!

Português, Matemática, História, Geografia, Física, Química... Por que será que, dentre tantas disciplinas, acabamos, por vezes, abominando justamente a Língua Portuguesa? Não conseguimos comunicar-nos perfeitamente do “*bom dia*” até o “*boa noite*”? Então, o que ocorre nesse meio tempo que faz com que percamos o interesse no ensino de nossa língua materna ou julguemos que não sabemos e/ou aprendemos Português? A fim de tentar responder a esses questionamentos, mostraremos, por meio de exemplos de diversos âmbitos do uso, como o Português é envolvente e encantador. Para tal, lançamos mão, ao longo de todo o capítulo, de exemplos de predicadores complexos com verbo suporte seguido de elemento nominal (adjetivo ou substantivo) preposicionado, que ora podem definir uma cena de fingimento (cf. PENHA, 2021), como *dar uma de bom moço*, *fazer(-se) de salame*, *passar(-se) por tont(o/a)*, *posar(-se) de vítima*, *tirar(-se) de difícil* etc., e ora podem expressar formas lexicalizadas (idiomatismos) na nossa língua, tais como *dar de bandeja*, *fazer de gato e sapato*, *passar por cima do meu cadáver*, *tirar de letra* etc.

A partir da análise de tais predicadores complexos, bem como dos diversos espaços (socio)discursivos em que ocorrências deles estão inseridas, dialogamos com Franchi (2006) e Basso; Pires de Oliveira (2012) e propomos pensar a língua como objeto de estudo científico e fruto de um processo conduzido pelo próprio indivíduo. Entenderemos melhor essa ideia mais adiante; por ora, vamos observar o *meme* em (1):

(Ex. 1)



Fonte: <https://images.app.goo.gl/8bnQZmgdePkYbzz89> acesso em 13/10/2021

Se aprendemos que o verbo *DAR* enquanto predicador pleno traduz uma ação de transferência, o que fazemos, então, quando nos deparamos com as formas *dar uma de maluca* e *dá uma de normal* expressas no *meme*? Como o verbo *DAR* se comporta nesses casos? Veremos a seguir.

7.2 PREDICADOR, PREDICAÇÃO, VERBO PLENO E VERBO SUPORTE: *TIRANDO DE LETRA* ESSES CONCEITOS!

Anteriormente, referimo-nos ao verbo *DAR* como predicador. A relação que ele estabelece com seus complementos é denominada de predicação. Essa relação também pode se dar por meio de perífrases, como naquelas compostas por um verbo suporte combinado a um elemento nominal formando, assim, um predicador complexo, que, por sua vez, se compatibiliza ao espaço verbal de uma estruturação oracional:

(Ex. 2) “Você já se sentiu incomodado com uma pessoa se fazendo de vítima? Já se perguntou por que algumas pessoas fazem isso? Pois bem, pensando sobre o tema resolvi enumerar os principais motivos das pessoas se fazerem de vítima para os outros.” [Fonte: <https://tudoparahomens.com.br/> acesso em 10/10/2021]

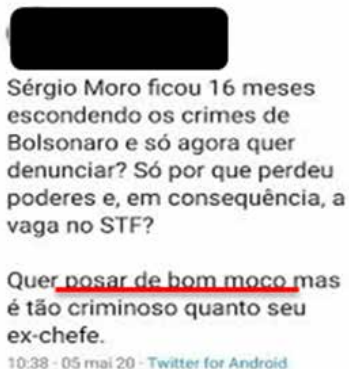
Em (2), verificamos um pequeno texto retirado de um portal com notícias destinadas ao público masculino. Nele, notamos que as formas em destaque *se fazendo de vítima* e *se fazerem de vítima* são formadas pelo verbo suporte FAZER seguido do elemento nominal adjetivo *vítima* preposicionado. Tais formas se associam em termos de estruturação a forma verbal pronominal *vitimizar-se* e, no contexto, podemos interpretar que algumas pessoas têm o hábito de agir de modo a fazer com que os demais sintam sentimento de pena por elas ou pessoas que fazem algo e a fim de não assumirem seus erros querem transmitir a imagem de vitimizados.

Nas Gramáticas Tradicionais (doravante GTs) pouco se fala a respeito de tais perífrases. Ao analisarmos as gramáticas de Cunha; Cintra (2013) e Rocha Lima (2017), verificamos que somente na última faz-se menção a verbos que, adjungidos a nomes equivalem, muitas vezes, a formas simples (ter medo a = temer; fazer guerra a = guerrear) (p. 308). Já na literatura acadêmico-científica, diferentemente das GTs, tais perífrases ganham mais espaço, como observado nos trabalhos de Machado Vieira (2010), em que a autora apresenta aspectos formais e funcionais de perífrases com os verbos suportes DAR, FAZER e TER (dar parabéns = parabenizar; fazer comentário = comentar; ter conhecimento = conhecer) e Travassos; Machado Vieira (2019), no qual as autoras mostram a variação entre padrões com o verbo suporte DAR relacionados a elementos não verbais com afixos de grau (*dar uma caminhada, dar uma caminhadinha, dar uma caminhadela*).

É importante ressaltar aqui que os verbos suportes quando associados a um elemento nominal numa construção predicante complexa (predicadores complexos) perdem total ou parcialmente algo da denotação que primariamente lhes é associada. Trata-se de um processo de nova análise semântica (também chamado de dessemantização, a depender do enfoque teórico) que leva em conta os propósitos comunicativos dos falantes, ou seja, quando um indivíduo tem a necessidade de atender alguma demanda linguística. Nesse caso, por meio de processos analógicos de domínio cognitivo, o falante passa a empregar e propagar novo sentido conotativo a uma forma já existente na língua e essa sofre alteração funcional/semântica, que ainda pode ser alinhada à alteração formal (expansão de uso). No caso dos verbos, estes mantêm alguns de seus traços gerais, como a noção de evento, mas passam a posar de verbo instrumental/suporte no todo “verbo+não verbo”. A título de ilustração seguem exemplos com os verbos suportes FAZER e POSAR:

(Ex. 3) “Geisy Arruda se faz de burra em entrevista” [Fonte <http://wp.clicrbs.com.br> acesso em 10/10/2021]

(Ex. 4)



Fonte: <https://twitter.com> acesso em 13/10/2021

No exemplo (3), ainda que não se trate de um verbo pleno com sentido de produzir/construir, a construção¹ com o verbo suporte mantém a ideia de construção de algo, como a construção de uma imagem/aparência, ou seja, Geisy Arruda não é burra, mas quer assim parecer diante das câmeras. Em (4), *POSAR* não faz referência à posição do corpo, atitude ou postura. Figurativamente, observamos que se trata de assumir uma atitude ou caráter para iludir, impressionar, fingir. Embora não tenha referência ao corpo, movimento/gesto corpóreo, mantém a ideia de atitude, postura.

O que esses exemplos têm em comum além do uso das construções com os verbos suportes e de estarem disponíveis em diferentes gêneros virtuais? O fator contextualidade! Esses exemplos, assim como o *memé* em (1), evidenciam que um verbo/uma palavra pode apresentar diferentes funções a depender do contexto de uso, por isso, no ensino de língua materna, o fator contextualidade é de suma importância na produção do sentido das construções nos diferentes espaços em que estas estão inseridas (GOLDBERG, 2016). Para entendermos melhor, vamos observar os exemplos de (5) a (7):

(Ex. 5) “Para tirar a 2ª via da CTPS, você pode agendar pelo site do TEM (Ministério do Trabalho e Emprego).” [Fonte: www.serasa.com.br acesso em 10/10/2021]

(Ex. 6) “Confira dicas para tirar de letra a segunda fase dos vestibulares.” [Fonte: <https://noticias.r7.com> acesso em 10/10/2021]

1 A partir daqui iremos nos referir às perífrases também como construções por entendermos que se tratam de pareamentos esquemáticos convencionalizados entre *forma* (morfossintática e lexical) e *função* (semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva) (GOLDBERG, 2006).

(Ex. 7) “Ele quis atingir vc mesmo cara, e depois veio tirar de coitadinho, com palavras bonitas para parecer o certo, como dito acima se o clube dele é uma bosta o blog só pode ser uma bosta também.” [Fonte: <http://globoesporte.globo.com> acesso em 10/10/2021]

Notamos que nos três exemplos há uso do verbo *TIRAR*. Contudo, apresenta diferentes significados: em (5), trata-se de um predador pleno (transitivo direto) e refere-se à extração/retirada de algo (documento) que é emitido por uma instituição. Já nos exemplos (6) e (7), observamos que ocorre uma opacificação com relação ao significado primário de *TIRAR*, que já não se refere mais à retirada de algo. E a isso se soma sua união/cominação com preposição e elemento nominal, o que torna proeminentes outros usos! Com isso, o significado do todo não corresponde à soma do significado de cada constituinte (“tirar+de+letra”; “tirar+de+coitadinho”). Agora, estamos lidando com um verbo suporte: em (6), verificamos uma forma lexicalizada, normalmente, usada para expressar a realização de uma tarefa que não exige/requer muito esforço; e, em (7), notamos que a construção com verbo suporte é empregada para indicar o fingimento acerca de um estado físico (por meio de crítica). Esses exemplos demonstram que, no ensino de língua materna, é imprescindível que todos os usos/exemplos/dados sempre venham contextualizados ao invés de serem frases soltas/deslocadas ou meramente inventadas para fins da exposição didática descolada da realidade.

Se nos voltarmos para o ensino, percebemos que as perífrases com verbos suportes pouco são mencionadas e, quando o são, carecem de atividades que promovam reflexão que ultrapasse a ideia de expressão idiomática. Vamos dar uma olhada no exemplo (8):

(Ex. 8) “Novo Mundo: Jacira entra em desespero ao dar de cara com Piatã desmaiado” [Fonte: <https://natelinha-uol-com-br> acesso em 08/10/2021]

Livros didáticos, geralmente, adoram exercícios de substituição, por isso, é muito comum encontrarmos atividades que exijam apenas a troca de “dar de cara” por “encontrar com”. Não que isso seja de todo ruim, mas defendemos aqui que esse tipo de atividade precisa ser melhor contextualizada. Por que o verbo perde seu sentido primário de transferência? Encontramos outros contextos em que esse verbo pode desempenhar outras funções? O que é uma palavra polifuncional?² Além disso, não vale cultivar a ideia de que uma expressão analítica deve ser substituída por uma sintética,

- 2 Em função de sua alta produtividade, o verbo *dar* é um exemplo de palavra polifuncional, ou seja, a depender do contexto de uso em que está inserido, pode desempenhar mais de uma função, como: transferência (Kwai não deu o dinheiro por amigo convidado [Fonte: <https://www.reclameaqui.com.br/> acesso em 15/03/2022]); fingimento (Ele estava em Miami, tentou dar uma de João sem braço, como se diz na gíria, fugindo para Assunção no Paraguai, mas terminou preso pela Polícia Federal no Aeroporto de Guarulhos. [Fonte: <https://politica.estadao.com.br/blogs/> acesso em 15/03/2022]); tipo de movimento (Kicker dos Steelers tentar dar “de letra” na bola e erra. [Fonte: <https://www.torcedores.com/noticias/> acesso em 15/03/2022]) etc.

algo que pode ficar subentendido, no imaginário coletivo, a partir de exercício de substituição.

Precisamos pensar na nossa língua materna para além de uma língua com um conjunto de normas e regras, como objeto de investigação científica (BASSO; PIRES DE OLIVEIRA, 2012) e, com isso, nos tornar cada vez mais ativos na construção do pensamento simbólico, uma vez que, “*o conhecimento tem que resultar de um processo de construção conduzido pelo próprio sujeito*” (FRANCHI, 2006, p. 41).

7.3 FAZER-SE DE CIENTISTA FAZ DIFERENÇA? A BALBÚRDIA NOS MOSTRA QUE SIM!

Quando falamos em construções com verbos suportes, é muito comum falantes associarem tais padrões a contextos orais em que não há muito monitoramento da fala. De fato, é possível ouvirmos essas perífrases no nosso dia a dia, pois estão presentes em diferentes esferas interacionais (conversas, filmes, programas de TV, rádio etc.). Neste exemplo oral observado em um dos programas do Domingão do Faustão durante uma entrevista a uma participante eliminada de Reality Show, a convidada, em certo momento, utiliza as formas *eu não ia dar uma de inteligente*, (*eu não ia dar uma de sabe tudo*, (*eu não ia dar*) *de intelectual* para expressar que durante sua participação no Reality Show não fingiu ser algo que não é:

(Ex. 9) PESSOA DA PLATEIA: *Boa noite, Poly!*

CONVIDADA: *Boa noite! Tudo bem?*

PESSOA DA PLATEIA: *Você foi tachada dentro da casa como a loira burra*

CONVIDADA: *Ai meu Deus! Burra não! Esperta até demais. Quem foi que ganhou dois carros?!*

FAUSTÃO: *Aí, tá vendo. Olha aí. Olha aí. Em nome das loiras ela tá dando o jogo aí. Mas não foi você que falou, foi a galera de lá é isso?*

PESSOA DA PLATEIA: *Isso! O que que você tem a dar como resposta pra essas pessoas?*

CONVIDADA: *Então, eu tenho pra falar é isso sabe. Eu não me considero burra de jeito nenhum. É só o meu português*

FAUSTÃO: *Aí ela dá pra quem ela quiser (a resposta). E também que ela já falou...*

CONVIDADA: *É o meu português assim que as vezes não é certo, não é correto, entendeu? Eu falo mesmo, eu sou brincalhona desse meu jeito. Não tentei em nenhum momento disfarçar o que eu sou aqui fora dentro de casa. E pra quê disfarçar? Uma hora ou outra quem tá sendo falso lá dentro as máscaras caem, né? Então eu não ia dar uma de inteligente, uma de sabe tudo, de intelectual, sendo que eu não sou assim. Eu fui eu mesma, Poliana, desse jeito falando errado e quem me chamar de burra que chame. Pra mim é indiferente. [Programa exibido em 30/03/2014, disponível em <https://globo-play.globo.com/> acesso em 09/10/2021]*

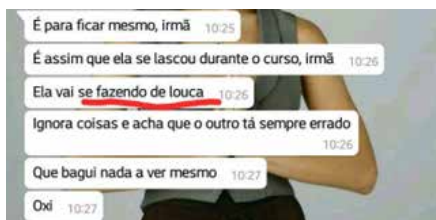
Outra característica que tende a ser associada a esses padrões diz respeito ao grau de formalidade da escrita, ou seja, construções com verbos suportes estariam menos propensas ao uso em gêneros textuais com maior grau de monitoramento da escrita. Será? Vamos analisar os exemplos a seguir:

(Ex. 10)

Um homem foi preso no bairro de Pituaçu, em Salvador, após tentar se passar por uma pessoa morta para sacar dinheiro de uma conta bancária. As informações foram divulgadas neste sábado (28) pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA).

Fonte: <https://g1.globo.com> acesso em 13/10/2021

(Ex. 11)



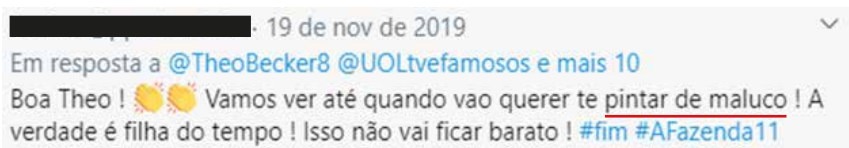
Fonte: conversa de WhatsApp

(Ex. 12)

Dirceu quer posar de coitado. Faz o discurso típico de quem acha que, por ter uma ideologia, por "estar do lado do bem", pode fazer tudo. E que, quando é pego fazendo o que não deve, grita que era por uma boa causa. Ou que estão lhe armando uma para que "a mídia" e sabe-se lá mais quem possam derrubá-lo e colocar de novo seus inimigos no poder. Não é assim. O STF é o órgão responsável pelo julgamento. Nem pode ser a mídia a julgar, como acusa Dirceu, nem podem ser os estudantes na rua.

Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/> acesso em 15/03/2022

(Ex. 13)

Fonte: www.twitter.com.br acesso em 13/10/2021

Os exemplos de (10) a (13) revelam o quão produtivas são as perífrases com verbos suportes no domínio escrito, e mais, o quanto elas estão presentes nos variados espaços discursivos, pois vão desde aqueles que não requerem, necessariamente, alto grau de monitoramento da escrita por parte dos envolvidos no processo de interação (redes sociais) até portais de notícias e entretenimento, como o G1 e jornais online, como a Gazeta do Povo. Sendo assim, tais construções representam escolhas linguísticas, uma vez que correspondem a um mecanismo de domínio discursivo. Em (10) e (11),

observamos um fingimento físico e mental, respectivamente. Nos dados em (12) e (13), as construções com verbos suportes expressam modalizações discursivas, (isto é, qual(is) o(s) efeito(s) pretendemos causar no nosso interlocutor (real ou estimado)?), em que os padrões traduzem uma crítica e um apoio, respectivamente.

Quem nunca, num mesmo dia, usou uma linguagem mais descontraída para se comunicar com um amigo e/ou familiar e minutos, horas depois utilizou uma linguagem mais próxima do que é considerada padrão para resolver questões ligadas ao trabalho? Podemos denominar isso de *capacidade camaleoa*. Nós, seres comunicativos – seja por fala ou gestos – somos perfeitamente capazes de mudar nosso comportamento e atitude de acordo com as diversas circunstâncias a que somos expostos. Com a comunicação não é diferente. A depender dos diferentes espaços sociolinguísticos, temos a habilidade (in)consciente de acionar determinadas estruturas discursivo-pragmáticas. Essa *capacidade camaleoa* não é exclusiva de um domínio discursivo, ela se estende do mundo oral ao escrito.

Assim como os demais espaços da nossa vida, entendemos que o ensino, sobretudo o de Português, também precisa ser camaleônico e adaptar-se ao mundo atual. Com a popularização da internet e dos aparatos tecnológicos, somos expostos diariamente a uma gama de usos da nossa língua no meio virtual. Presenciamos a todo momento centenas de novos construtos/ inovações sendo compartilhados a partir de um *click*. Quem não se lembra, por exemplo, do quão rápido se popularizou nas redes sociais e se rotinizou entre os internautas/falantes o padrão *fazer a egípcia*, que muito conversa com os padrões deste capítulo? Para aqueles que por ventura desconhecem, *fazer a egípcia* é uma construção usada para designar coisas ou situações às quais não damos importância ou em relação às quais agimos com indiferença:

(Ex. 14)

Brasil "faz a egípcia" para acordo global de isenção tributária de eletrônicos

Fonte: <http://epoca.globo.com> acesso em 10/10/2021

A construção que, originalmente, tomou forma nas redes sociais passa a ser utilizada em outros domínios discursivos. Portanto, por que não trazer esses dados atuais para o ensino? Muitas vezes o desinteresse está ligado à carência de procedimentos diversificados em explorar dados que condizem justamente com a nossa realidade. Acreditamos que, a partir do conhecimento sobre informações (virtuais) as quais estamos habituados, em consonância com uma reflexão maior sobre os diversos usos, fica mais fácil adquirir a parte metalinguística da nossa língua.

7.4 PARA NÃO FAZER A EGÍPCIA!

O que é essencial não esquecer tendo em vista tudo que já vimos até aqui? Tentamos, a partir de algumas indagações, propor meios que viabilizassem um olhar mais envolvente e encantador perante o Português. Para isso, dispomo-nos a analisar diversos padrões de construções com verbo suporte de diferentes domínios discursivos e textuais, dentre eles, idiomatismos (*dar de mão beijada*, *fazer de olhos fechados*), construções que conceptualizam cenas de fingimento (*passar(se) por doid(o/a)*) e até formas que expressam modalização discursiva. Vimos também que pouco tratamento é dado a essas perífrases nas GTs, mas que, em contrapartida, a literatura acadêmico-científica muito tem contribuído para o estudo de tais estruturas.

Outro ponto importante diz respeito ao pouco ou a falta de tratamento de tais construções por parte de livros didáticos. Além disso, as atividades que envolvem o estudo dessas perífrases promovem pouca reflexão sobre o uso/funcionamento. Por fim, mostramos como a função de uma forma pode se atualizar a depender do seu contexto de uso, fator de suma importância.

7.5 PARA SE FAMILIARIZAR!

Como dito anteriormente, nosso intuito é discutir meios que orientem sempre ao caminho da reflexão e, por isso, pensamos em duas atividades epilinguísticas (realizadas inconscientemente pelo falante). Diferentemente daquelas denominadas metalinguísticas, estas não são marcadas pela sistematização de nomenclatura, sequências de repetição ou substituição, já que são atividades que induzem o falante/estudante ao pensamento crítico acerca dos diferentes usos da sua língua materna.³ Pensamos em 6(seis) etapas:

1ª)Etapa: Pedir que cada estudante elabore 3(três) frases, sendo obrigatório o uso dos verbos *FAZER* ou *PAGAR* em todas elas.

2ª)Etapa: Solicitar que alguns compartilhem suas frases oralmente com os demais.

3ª)Etapa: Apresentar a imagem (1) junto com as perguntas (a) e (b):

(1)



Barbie \$2

há 4 horas · 🌐

...

Eu tenho dois talentos na
vida: um é se fazer de sonsa
e o outro é pagar de doida.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/805651820831200636/> acesso em 13/10/2021

3 Cabe ressaltar aqui que de modo algum buscamos através desse capítulo defender lados políticos e que cada exemplo foi pensado/escolhido a partir das construções com verbo suporte.

a) Em alguma das suas frases você empregou o verbo de forma semelhante às duas destacadas no *tweet* abaixo? Se sim, qual?

b) A partir da leitura do *tweet*, você diria que as duas perífrases carregam o mesmo sentido? Sim/Não? Justifique sua resposta.

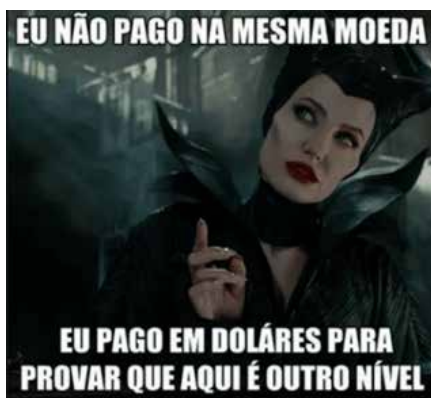
4ª) Etapa: Apresentar as imagens (2) e (3) conjuntamente com a pergunta (c):

(2)



Fonte: <https://images.app.goo.gl/Ujyy8NApsQiMUzqs6> acesso em 13/10/2021

(3)



Fonte: <https://me.me/i/eunaopago-na-mesma-moeda-eu-pagoem-dolares-para-provar-que-9455926> acesso em 13/10/2021

c) A partir do seu conhecimento e com base na leitura do *tweet* e dos memes, você diria que os três apresentam o mesmo uso do verbo *pagar*? Sim/Não? Justifique sua resposta.

5ª) Etapa: Solicitar que leiam os textos (4), (5) e (6) e, oralmente, debatam sobre o que esses textos apresentam em comum:⁴

- 4 Observe que apesar da temática, esperamos que os estudantes reconheçam as construções posando de coitado, dar uma de coitadinho e se passar por coitado.

(4)

Lula é preso comum e deveria estar num presídio comum.

Quando o parente de outro preso morrer ele também será escoltado pela PF para o enterro? Absurdo até se cogitar isso, só deixa o larápio em voga posando de coitado.

Fonte: www.twitter.com.br acesso em 10/10/2020

(5)

“Lula é preso comum e que dar uma de coitadinho, e outros presos como ficam”, disse Eduardo Bolsonaro

Fonte: <https://chumbogrossomanaus.com.br> acesso em 10/10/2020

(6)

No ponto de vista do parlamentar seria uma situação absurda até mesmo cogitar esta possibilidade, disse Eduardo Bolsonaro em seu comentário pelo Twitter. Ele ainda usa o termo "larápio" ao se referir ao ex-presidente e diz que Lula estaria querendo se passar por "coitado".

Fonte: <https://br.blastingnews.com> acesso em 10/10/2020

Após a exposição e debate dos textos, fazer os seguintes questionamentos:

- a) Por que os interlocutores dos textos utilizaram essas formas?
- b) Você percebem alguma diferença entre elas? E semelhança?⁵

5 Entendemos que essas construções não sejam sinônimas, uma vez que existam contextos probabilísticos em que uma seja mais acionada do que outra, contudo, vemos que nesse contexto específico, essas três construções apresentam similaridade quanto à função empregada.

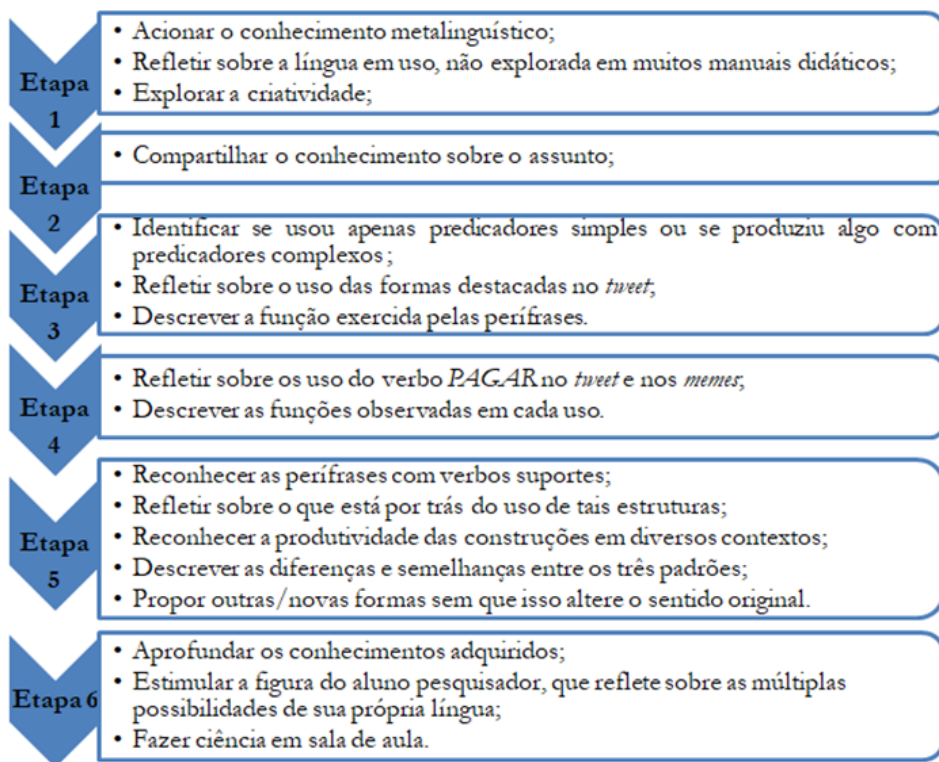
c) É possível usarmos mais/outras formas mantendo o mesmo sentido? Sim/Não? Qual(is)?

6ª Etapa: Solicitar que os alunos pesquisem, em casa, em textos de diferentes domínios discursivos socioculturais, ocorrências dos predicadores aqui focalizados e reúnam textos com tais ocorrências para que possam ser exploradas em sala de aula, tendo em vista algumas perguntas:

- Que verbos foram mobilizados?
- Como esses verbos contribuem para a significação de aparência das expressões?
- Quais funções se observam na comparação entre os dados em jogo?

As cinco primeiras etapas são rápidas, práticas e simples, por isso, é possível concluir tudo numa aula só. A última é uma sugestão de aprofundamento do conteúdo. As atividades induzem o estudante a duas práticas importantes: a primeira delas diz respeito à reflexão, uma vez que se faz imprescindível refletir sobre os diferentes usos da nossa língua nos diversos espaços sociais; e a escrita – que não devemos nunca parar de cultivar – como reflexo da primeira prática. Reflexão e escrita devem caminhar sempre juntas nesse processo de ensino-aprendizagem de língua materna. Pensando nisso, encerramos este capítulo com os objetivos de cada etapa:⁶

Diagrama 1: Objetivos para o estudante atuante de cada etapa.



6 Todos os objetivos têm como sujeito atuante o estudante.

7.6 QUERO MAIS! PARA NÃO FAZER-SE DE ENTENDIDO, MAS SER!

- BASSO, R. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. Feynman, a linguística e a curiosidade, revisitado. *Matraga* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 19, n. 30, p.13-40, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2013.
- FRANCHI, C. *Mas o que é mesmo “gramática”?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Compositionality*. In N. Riemer (ed.) *Semantics Handbook*. Routledge. 2016.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Perífrases verbo-nominais. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2010, p. 409-430.
- PENHA, J. N. da. *Construções com verbos suportes: uma análise socioconstrucionista*. Dissertação (Mestrado). UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 177 f., 2021.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 53 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.
- TRAVASSOS, P. F.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Uma análise construcionista da variação entre construções com verbo-suporte DAR no PB. *REVISTA SOLETRAS*, v. 1, p. 272-298, 2019.

CAPÍTULO 8

A ARTE DE *DAR UMA ANALISADA* EM CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE

Pâmela Fagundes Travassos

8.1 *DANDO PARTIDA* NO ESTUDO DE CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE

Quando entramos em uma loja e o vendedor oferece ajuda, quem nunca disse a frase “obrigado, mas estou ‘dando só uma olhadinha’”? Ou, ainda, se decidimos comprar um produto, quem nunca “deu uma pechinchada boa” ou “deu aquela choradinha” no preço? No trânsito, reclamamos quando alguém nos “dá uma fechada” e, então, temos que “dar uma freada brusca”. Quando queremos aprender uma receita nova e nos dirigimos para vídeos de culinária, ouvimos, frequentemente, “é só ‘dar uma tostada’” no bife, “dar uma defumada” na carne. Em *blogs* voltados para a moda e para o autocuidado, por vezes, vemos instruções acerca de como “dar uma enrolada” no cabelo, de como “dar uma esfumaçada” nos olhos e encontramos dicas daquela blusa que “dá aquela alongada boa”, deixando mais elegante. Lemos, frequentemente, em jornais, referência a políticos que “dão alfinetadas” nos concorrentes, fazendo críticas perspicazes. No campo da economia, observamos estratégias de especialistas para “dar uma freada” nos preços, para “dar uma desacelerada” na inflação. E, também em contextos mais formais: em uma defesa de dissertação ou tese, por

exemplo, encontramos essas construções quando a banca diz que é necessário “dar uma pesquisada” melhor em um determinado assunto, “dar uma olhada” em novas referências teóricas, por exemplo.

Percebemos, portanto, que essas estruturas estão por toda parte na língua. Que tal “darmos uma pincelada” no modo como essas expressões funcionam e “darmos uma analisada” nos diversos valores que indicam, bem como nos seus efeitos de sentido? Expressões desse tipo são chamadas, em estudos linguísticos, de “construções com verbo suporte” (ou, ainda, de “perífrases verbo-nominais”, de “predicadores complexos”). A justificativa para essa nomenclatura reside no fato de que essas estruturas são formadas por um verbo que funciona como suporte/apoio a um elemento não verbal, normalmente, um nome/substantivo. Os verbos suporte indicam determinadas categorias gramaticais, como o tempo verbal, o modo verbal, o aspecto, o número e a pessoa, além de apresentarem um sentido mais geral (ação, estado, processo etc.). Por sua vez, o elemento não verbal revela um sentido mais específico, contribuindo de forma significativa para a semântica do todo.

Assim, verbo mais nome [V + nome] formam um todo de forma-sentido que tem função semântica e sintática. Juntos, esses elementos selecionam participantes de uma cena do mundo e atribuem sentidos/funções a esses participantes, tal como de agente, de paciente e outros. Dizemos, então, que são uma unidade predicante. Predicar é representar, por meios linguísticos, um evento do mundo; é tornar, na mente, a cena completa, com todos os elementos necessários, para fazer sentido. Por exemplo: quando pensamos no evento de “comer”, precisamos, necessariamente, de alguém que come e de algo que é comido. Então, temos uma sentença como “João ‘comeu’ o bolo”. Nesse caso, o verbo “comer” funciona, sozinho, como o elemento predicator que seleciona os participantes necessários para a cena ser completa de sentido (com “João” e com “o bolo”). Dizemos, então, que esse verbo é simples ou pleno. No entanto, em uma frase como “João ‘deu uma beliscada’ no bolo”, é a construção com verbo suporte “dar uma beliscada” que seleciona os elementos da cena (“João” e “no bolo”), relacionando essas entidades.

As construções em foco aqui são as formadas com o verbo DAR acompanhado de um nome com uma dessas terminações: -[a/i]da, -[a/i]dinha, -adela e -(z)inh[o/a], como em “dar uma olhada”, “dar partida”, “dar uma pintadinha”, “dar uma fugidinha”, “dar uma escapadela” e “dar um rolezinho”. Esse recorte se justifica, na medida em que busca preencher uma lacuna existente na literatura quanto à descrição dessas construções com esses sufixos. Embora estruturas desse tipo sejam bastante frequentes na língua, geralmente, têm pouco ou nenhum espaço nas aulas de português e em gramáticas tradicionais. Quando são abordadas, por vezes, faz-se referência a elas como construções que só ocorrem na oralidade e em contextos de descontração, informalidade e intimidade. No entanto, se pensarmos em registro e modalidade, como um *continuum* (com graus diferentes), perceberemos que essas construções estão presentes não só em registro mais informal, nem somente na modalidade oral, pois também são encontrados em registro mais formal e na modalidade escrita (nos mais diversificados gêneros textuais). Os exemplos que seguem ilustram usos dessas estruturas em contextos diferentes:

Figura 1: Meme com construção *dar uma surtada*. Acesso em: 16/09/2020.

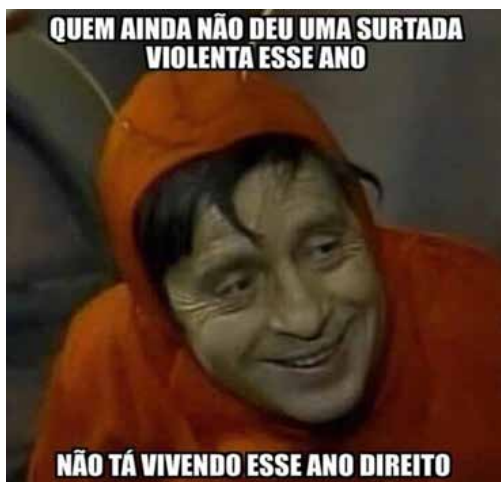


Figura 2: Trecho de livro científico no tema estatística em que se verifica a construção *dar uma olhada*. (MELLO, PAIXÃO, SOUZA e ZARA, 2019, em tradução de GRIES, 2019, p. 20, grifo meu)

Se você der uma rápida olhada no fenômeno de colocação de partícula, você irá notar que existe uma gama de variáveis que influenciam a escolha entre as duas construções. Uma variável é definida como um símbolo para um conjunto de estados, ou seja, um símbolo que, diferentemente de uma constante, pode exibir pelo menos dois estados ou níveis diferentes (cf. BORTZ, DÖRING, 1995, p. 6 ou cf. BORTZ, 2005, p. 6) ou, mais intuitivamente, um símbolo com propriedades descritivas (cf. JOHNSON, 2008, p. 4) ou como medidas de um item que podem ser numéricos ou categóricos (Evert, p.c.). As variáveis que podem influenciar a colocação das partículas são:⁵

A Figura 1 consiste em um *meme* com o uso da construção “dar uma surtada”. Geralmente, esse gênero textual circula em redes sociais, isto é, em contextos mais informais. A frase “Quem ainda não ‘deu uma surtada violenta’ esse ano não tá vivendo esse ano direito” faz menção ao ano de 2020, no qual a pandemia de covid-19 no mundo gerou mudanças bruscas de hábitos (tais como a quarentena em casa, a preocupação com a higiene e com os aparatos a serem utilizados nas saídas essenciais – máscara, luvas –). Essas alterações na rotina fizeram com que as pessoas estranhassem essa realidade, reagissem e se exaltassem diante dos estresses consequentes. Sendo assim, diante de tal cenário, segundo a interpretação que é possível ser feita do *meme*, é difícil, senão impossível, não “dar uma surtada”, ou seja, ter alguma perturbação psíquica naquele ano. O humor é gerado não só pela imagem de deboche do personagem Chapolin Colorado, mas também a partir de sua associação com a sentença em questão, pois é impossível viver aquele ano direito sem se deixar afetar em nada pelo transtorno causado, principalmente, pela pandemia (e, ainda, por outros acontecimentos). O adjetivo “violenta” contribui para a noção de intensidade da reação, para além da noção de brevidade do estresse relativamente momentâneo.

A Figura 2 é um trecho de um livro científico sobre estatística em que há o uso da construção “dar uma olhada”, indicando a brevidade do evento, a qual é reforçada pelo adjetivo “rápida”. Trata-se de um contexto mais formal e, portanto, mais monitorado linguisticamente e, ainda assim, encontramos o uso da construção com verbo suporte. Assim, no ensino do assunto que normalmente se faz, é importante que haja uma descrição mais condizente com usos reais de construções com verbo suporte nos mais diversos contextos, de modo a enfatizar os inúmeros valores e efeitos de sentido a que estão a serviço.

Segundo Machado Vieira (2003), o uso de perífrase verbo-nominal permite o alcance de sentidos, por vezes, não alcançados com o uso do verbo simples apenas (por exemplo: “O menino ‘deu uma joelhada’ no outro enquanto jogava futebol.”; não é possível alcançar o mesmo sentido com a frase “O menino “joelhou” o outro enquanto jogava futebol.”). Com o uso dessa construção, podemos:

fazer remissão textual (fez duas previsões), prescindir de complementação (vou fazer compras mais tarde); evitar clíticos (os pais se queixam/ fazem queixa da professora); intensificar o nome predicante em vez da ação/atividade (o barco fica sempre fazendo muito movimento/movimentando-se muito na água); ou atribuir valor reiterativo ao predicado por meio da pluralização do nome (fazendo consultas), entre outros efeitos discursivos (MACHADO VIEIRA, 2003, p. 90, grifo da autora).

Tais estruturas permitem maior adequação comunicativa, tendo em vista os objetivos almejados pelo usuário da língua e os papéis sociais exercidos pelo(s) interlocutor(es), assim como propiciam “maior versatilidade sintática” e “maior precisão semântica e efeitos na configuração textual” (MACHADO VIEIRA, 2003, p. 90). Ademais, podem ser utilizados como uma estratégia de convencimento, como uma forma de atenuação da responsabilidade, além de poderem indicar polidez e intersubjetividade, como veremos na próxima seção. Sabendo do alcance semântico-discursivo-pragmático que essas construções são capazes de provocar, os indivíduos podem utilizá-las, conscientemente, a partir de sua finalidade comunicativa. Desse modo, os sujeitos tornam-se não só mais autônomos, mas também mais competentes e habilitados no uso que fazem da própria língua, uma vez que conseguem priorizar, em seu repertório vasto de conhecimento linguístico, a escolha expressiva que melhor se adequa a cada circunstância.

8.2 QUE TAL DARMOS UMA EXPLORADA MAIOR NO ASSUNTO?

Por vezes, o valor mais frequentemente associado à construção em questão é o de brevidade/superficialidade (aspecto não durativo), tal como podemos observar no exemplo que segue:

Figura 3: Postagem em Twitter com construção *dar uma deitadinha*. Acesso em: 13/09/2019.

Tem tanta coisa da faculdade pra
fazer que não sei nem por onde
começar, acho que vou começar
dando uma deitadinha

No exemplo da Figura 3, há o uso da construção “dar uma deitadinha” para indicar o curto espaço de tempo que se pretende permanecer deitado, dormindo. O humor dessa postagem do Twitter reside na ideia de que, muito provavelmente, a intenção de deitar e dormir brevemente não se cumprirá e isto acabará por prejudicar o andamento das outras tarefas previstas (“tanta coisa da faculdade”).

Entretanto, as construções com verbo suporte em questão estão a serviço de diversos outros valores, tais como os que se materializaram nas seguintes instâncias:

(Ex. 1) O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, iniciou ontem sua viagem histórica à China dando uma alfinetada diplomática nas autoridades de Pequim. Pouco antes de partir, Clinton recebeu na Casa Branca, para uma entrevista, os três jornalistas da Rádio Ásia Livre que na véspera tiveram visto de entrada negado pelo Governo chinês. [http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=dar+uma+alfinetada]

No exemplo 1, encontramos o uso da construção “dar uma alfinetada diplomática” no domínio jornalístico (gênero textual “notícia”) para fazer referência a uma crítica sutil que o presidente dos Estados Unidos fez às autoridades de Pequim. Por se tratar de profissionais do mais alto escalão, é necessário que haja cuidado e polidez na forma com que os enunciados são pronunciados, uma vez que um mal-entendido poderia provocar até uma guerra entre as nações. Assim, está em jogo uma preocupação em preservar a face dos participantes do evento comunicativo (BROWN; LEVINSON, 1987; GOFFMAN, 1967). Desse modo, nessa notícia, essa construção foi utilizada de modo intersubjetivo, ou seja, levando em consideração o outro enquanto participante do evento comunicativo, assim como o contexto envolvido.

Figura 4: Manchete de notícia do jornal O Globo com construção *dar uma brincada*. Acesso em: 13/09/2019.



A Figura 4 é composta por uma manchete de notícia do jornal *online* O Globo com a sentença “Sonza entrega sobre pole em clipe: ‘Só ‘dou uma brincada’””. Nessa sentença, a construção “dar uma brincada” foi usada para indicar modalidade, na medida em que a cantora Sonza demonstra humildade e modéstia acerca do talento no *pole dance*. Há, portanto, uma atenuação de sua habilidade no reconhecimento de seu amadorismo, de forma a não parecer prepotente e a não ameaçar a própria face. Existe, desse modo, uma preocupação com a imagem que se quer passar aos outros. Apesar dos elogios que recebeu, ela reconhece não ser uma profissional desse tipo de ginástica. O uso de “só”, na frase, reforça essa atitude “humilde”. Estudos linguísticos, como o de Travassos (2019), mostram que usos dessas construções com verbo suporte com esse valor modal estão se tornando cada vez mais convencionizados no português do Brasil.

Figura 5: Publicidade de lançamento de filme nos cinemas com construção *dar boas gargalhadas*. Acesso em: 30/12/2019.



Na Figura 5, a construção “dar boas gargalhadas” foi usada em uma publicidade de lançamento do filme *Minha mãe é uma peça 3* nos cinemas da rede Cinemark. Tal filme é de comédia e, portanto, gera o riso. Para chamar a atenção, despertar o interesse das pessoas para assistir ao filme e conquistar os leitores, a rede de cinemas utiliza a estrutura “dar boas gargalhadas”, de modo a evidenciar a intensidade do riso dos telespectadores que a ele assistirem.

(Ex. 2) *Maluf promete Ministério ao PDS do Estado do Rio. –Se eu for Presidente, o PDS fluminense vai ter um Ministério. Essa promessa foi feita ontem pelo Deputado federal Paulo Maluf em encontros reservados com vários convencionais do Diretório do PDS do Rio. O compromisso foi reafirmado de público pelo presidenciável: –Anotem aí. O cargo de presidenciável é um só, mas para ministeriável há 19. – observou, sorridente, dando tapinhas no ombro do Presidente do PDS fluminense, Moreira Franco. [https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=dar+um+tapinha]*

O exemplo 2, trecho de uma notícia (domínio jornalístico), ilustra o uso da construção “dar tapinhas”. Nessa instanciação, a construção está a serviço da marcação de aspecto reiterativo, isto é, da repetição do evento. Esse tipo de ação (“dar tapinhas nas

costas/ no ombro”) é popularmente conhecido como sendo uma atitude de políticos em época de campanha eleitoral em busca de aumento de popularidade e de troca de favores, tal como no exemplo, em que Maluf promete um cargo a outro político. A pluralização permitida pelo predicador complexo corrobora com a noção de repetição.

Figura 6: Publicidade de pizza com construção *dar largada*. Acesso em: 27/06/2020.



Já na Figura 6, a perífrase verbo-nominal “dar (a) largada” foi utilizada para indicar a noção de início (aspecto inceptivo). Trata-se de uma publicidade presente na rede social *Instagram* que divulga a inauguração de novos sabores de pizza da rede Una, assim como o serviço de entrega domiciliar. O uso da construção “dar (a) largada” incentiva a compra de pizzas novas que, imagina-se, é esperada por muitos há um tempo.

Como vimos, portanto, as construções com verbo suporte têm potencial para a indicação de vários efeitos de sentido e podem ser acionadas para atuar na relação direta com o interlocutor, de modo que o locutor alcance seus objetivos comunicativos. Desse modo, é importante que esse tópico encontre lugar no ensino de Português. Ao buscarmos a abordagem do fenômeno em algumas Gramáticas Tradicionais (BECHARA, 1999; CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2013), percebemos que somente Rocha Lima menciona estruturas perifrásticas, como as que estão aqui em foco. Segundo o autor (ROCHA LIMA, 2013, p. 308), essas expressões podem ser consideradas como “conglomerados”, como construções “‘verbo + objeto direto’ que equivalem muitas vezes a verbos simples”. Assim, ele focaliza na possibilidade de

equivalência entre predicador verbal simples e predicador verbal complexo, não indo além.

Por vezes, encontramos exercícios que solicitam a substituição da forma verbal complexa por uma forma verbal simples (com “equivalência” de sentido), como se o uso daquela fosse inadequado, independentemente do contexto, desconsiderando todas as particularidades que cada construção é capaz de fornecer, tais como a multiplicidade de sentido, a indicação de ponto de vista e o aspecto, por exemplo, assim como o fato de que, como visto anteriormente, nem sempre essa substituição é possível.

Além disso, sentenças sem contexto interacional e cotexto são recorrentes, o que é problemático, pois o contexto semântico-discursivo-pragmático é crucial para o entendimento dos sentidos envolvidos. Há, ainda, questões que enfatizam as construções com verbo suporte como sendo exclusivamente do registro informal e da modalidade oral e as construções com verbo simples como sendo mais formais e da escrita. Tal correspondência não é eficaz, uma vez que trabalhos linguísticos, como o de Travassos (2019), evidenciam que essas estruturas estão cada vez mais recorrentes na escrita e estão em processo de ganhar mais espaço em situações mais monitoradas, como no registro mais formal. Além disso, em gêneros mais recentes, a distinção entre fala e escrita se torna muito mais gradiente do que discreta.

8.3 DANDO UMA REFLETIDA SOBRE USOS ORAIS E ESCRITOS

Uma reflexão que se faz necessária é a relação da temática das perífrases verbo-nominais com o mundo da oralidade e da escrita, tal como apresentado brevemente na seção anterior e aqui, nesta seção, a ser exemplificado e analisado mais detalhadamente. Por se tratar de um recurso de predicação verbal da língua portuguesa bastante produtivo, o qual viabiliza muitos efeitos expressivos, acreditamos que está se espraiando para todo tipo de discurso (espaços sociolinguísticos) nas mais diversas situações sociocomunicativas. Assim, o usuário da língua instancia o predicador complexo a depender dos matizes discursivo-pragmáticos em jogo. O exemplo que segue é um trecho transcrito de uma entrevista oral (28/10/2013) no programa Roda Viva.

*(Ex. 3) D1: Estamos aqui, discutindo RC, como se ele fosse um guru cultural. Quem é RC no plano cultural, você me desculpa, eu sei que você é um admirador dele. Mas ele é apenas um cantor e compositor, não é um dos melhores que o Brasil já teve. (...) Devia se fazer é um protesto, boicotá-lo simplesmente. Porque um homem desses, não tem o direito de intervir na cultura de um país. Agora, infelizmente, ele tem o suporte de três figuras idolatradas, né? é Chico, Caetano e Gil e outros e que também dão um certo suporte que ele não tem pessoalmente. Então o país tem que **dar uma revertida** nisso, ter um homem que diz o que é certo e o que é errado em matéria de cultura.*

O exemplo 3 ilustra um uso da perífrase verbo-nominal “dar uma revertida” na modalidade oral (transcrito). O programa Roda Viva (TV Cultura) é conhecido pelos debates com entrevistados especialistas e personalidades das mais diversas áreas de conhecimento e caracterizado por sua sofisticação em termos de debate de alto nível. Trata-se, portanto, de um discurso mais monitorado linguisticamente e, ainda assim, encontramos a construção com verbo suporte. O entrevistado em questão, a quem o mediador se dirige, é Paulo Cesar de Araujo, jornalista e escritor. No contexto do exemplo 3, a perífrase verbo-nominal “dar uma revertida” foi utilizada para, de forma polida, fazer uma crítica ao país, que idolatra o artista Roberto Carlos (RC). Para o entrevistador, ele não é uma referência e, portanto, não deveria ser considerado como tal pela população brasileira. De forma a fazer a crítica sem ameaçar a própria face nem a dos admiradores de RC, ele utiliza a construção com valor modal. A seguir, há outro exemplo:

*(Ex. 4) No último caso apresentado, a queda teve uma influência nos ingressos para teatro e outros espetáculos, que caíram de 0,86% para 0,34%. Já os itens alimentícios que ajudam a **dar uma “freada”** no avanço de preços, estão as frutas que teve uma queda de 10,53% para 6,71%. Nos demais grupos, ocorreram aumentos em índices acima dos da pesquisa anterior. [<http://www.sidneyrezende.com/noticia/146538+precos+de+alimentos+ajudam+dar+uma+freada+na+inflacao+diz+pesquisa>]*

O exemplo 4, retirado do domínio jornalístico, tem o campo da “Economia” como temática, é permeado de dados percentuais (típicos do meio científico, de pesquisas monitoradas) e apresenta um breve panorama da movimentação dos preços de produtos e de serviços, assim como exibe comentários sobre a inflação. Assim, nesse contexto, a construção “dar uma freada” foi usada para fazer referência à queda significativa dos preços no que diz respeito aos itens alimentícios. Desse modo, como vimos nos dois últimos exemplos, por mais que o contexto exija uma atenção maior à própria forma como as ideias serão transmitidas por meio do discurso, as construções com verbo suporte, ainda assim, têm presença marcada.

8.4 HORA DE DAR UMA BOA RESUMIDA NA TEMÁTICA

Assim, “dando uma pincelada” no que foi dito até aqui, é importante ter em mente que os predicadores complexos vão muito além da mera indicação de brevidade/superficialidade (aspecto não durativo), podendo indicar também intensidade, modali-

dade,¹ polidez, preservação de face,² aspecto reiterativo (repetição por meio da pluralização), aspecto inceptivo (noção de início), entre outros efeitos e valores na relação intersubjetiva com o interlocutor.

Ademais, as estruturas em foco não ocorrem somente na oralidade e em contextos informais, também estão ganhando território nos meios escritos e com um grau de formalidade maior (sempre tendo em mente a ideia de um *continuum* de registro e de modalidade).

8.5 VAMOS DAR UMA ENSINADA NO ASSUNTO EM AULAS DE PORTUGUÊS?

Tendo em vista as dificuldades encontradas no ensino de predadores complexos, propomos, a seguir, dois exemplos de atividades que podem ser trabalhadas com os discentes em sala de aula. O público-alvo dessas questões são alunos do 3º ano do ensino médio.

Questão 1: Leia o texto abaixo. Em seguida, diga qual palavra ou expressão poderia substituir a construção “dar uma olhadinha” em sua opinião.

Questão 2: Observe as expressões em destaque. Geralmente, a construção *dar uma olhadinha* é associada a algum evento breve e superficial. Nesse texto, o autor refuta o uso dessa expressão a serviço dessa noção. A que outro valor/sentido, faz referência e como isso se relaciona à ideia central defendida no texto? Justifique.

Só uma olhadinha

Quer me deixar furioso, peça para eu dar “só uma olhadinha” no seu filho. Isto não existe gente! Só uma olhadinha não! Quando a criança tem algum problema de saúde, precisamos saber o que está acontecendo, quais os sintomas, o estado geral da criança. Por mais que seja apenas um resfriado, temos que ter certeza se a criança realmente está bem e se não há risco de evoluir para algum outro problema. Mesmo **avaliando** muito bem **avaliado**, há possibilidade de deixarmos passar coisa que não deve [já que pediatra também é humano]. Imagina dando só uma olhadinha!! Definitivamente não! Temos que ficar atentos a todos os sintomas da criança. Vômitos, por exemplo podem acompanhar qualquer tipo de infecção. Pode ser desde um alimento

1 “De acordo com Raposo (2013, cap. 18), modalidade é a expressão, mediante diversos mecanismos linguísticos, de atitudes e opiniões dos enunciadores e das entidades referidas por estes (geralmente como sujeito) sobre o conteúdo proposicional dos enunciados que produzem. E, entre as dimensões semânticas em que pode incidir modalidade, estão atitudes, crenças, capacidades, possibilidades e necessidades (internas ou externas) dos indivíduos, obrigação, permissão e volição.” (TRAVASSOS, 2016, p. 21).

2 A preservação de face envolve uma tentativa constante de não ameaça à imagem tanto do enunciador quanto do interlocutor numa situação comunicativa.

que não foi muito bem digerido até uma meningite! Tosse pode estar relacionada a algum problema pulmonar, refluxo gastroesofágico, sinusite, faringite, aspiração de objeto. Só com uma olhadinha você acha que é possível diferenciar uma coisa da outra? Eu não consigo. Se seu filho tem algum problema de saúde e por isso você procurou o pediatra, peça a ele que **avale** o seu filho. **Avaliar** vai muito além de uma simples olhadinha, ok?! Faça um teste: peça ao arquiteto dar uma olhadinha na sua sala, ao advogado dar uma olhadinha no seu contrato, ao dentista dar uma olhadinha no seu dente, ao veterinário dar uma olhadinha no seu cachorro... E por falar em veterinário... um amigo meu comentou que esses dias foi a um pet shop e na parede estava escrito em letras bem grandes: CONSULTA – R\$ 80,00 / OLHADINHA – R\$ 160,00! Risos... Valorize a saúde de seu filho e o trabalho de seu médico, ok?! Falo isso, porque, mesmo pagando consulta, teve uma mãe que esperou um pouco mais do que deveria no plantão, entrou no consultório me xingando que eu estava demorando nas consultas e disse que plantão era só pra eu dar uma “olhadinha” nas crianças. Pára né. Comigo não. Se a consulta demorou é porque foi necessário um tempo a mais com aquela criança. Respeito é bom, e o pediatra também gosta! Abraços. Tio Thiago [<http://www.tiothiago.com/2009/09/so-uma-olhadinha.html>]

Na atividade 1, provavelmente, os discentes responderiam, majoritariamente, que a expressão “dar uma olhadinha” poderia ser substituída por “olhar”. No entanto, a escolha do enunciador é por “avaliar”, o que já mostraria, na prática, particularidades da construção e sentidos que esta instância. Daí percebermos diferenças de uso entre as duas expressões.

Há, ainda, a possibilidade de trabalhar a temática da variação a partir da questão 1, uma vez que a atividade provoca uma reflexão sobre usos de expressões diferentes: construções com verbo suporte e seus cognatos correspondentes com verbo simples em contexto semelhante.

Já a atividade 2 é centrada na exploração dos sentidos provocados pelo uso da construção com verbo suporte “dar uma olhadinha” ao texto. Espera-se que o aluno perceba que o autor critica o uso dessa expressão com o valor de brevidade do evento para fazer referência a eventos que demandam cuidado e atenção. Para tanto, faz uma série de analogias, por exemplo, com o cuidado demandado na supervisão do filho de uma outra pessoa e o atendimento de especialistas, como o arquiteto, o advogado, o dentista, o veterinário e o pediatra. Esses serviços não são executados rapidamente/superficialmente. Sendo assim, o valor mais adequado da perífrase verbo-nominal, nesse contexto, seria o valor modal, na medida em que faria referência a uma olhada cuidadosa, resultado de atenção e de preocupação com o outro. Evidência de que esse valor, defendido pelo autor, perpassa todo o texto e pode ser encontrada no uso do verbo predicator pleno “avaliar”, além do uso de outras expressões, como “temos que ficar atentos”, “a consulta demorou”, “foi necessário um tempo a mais”. A ideia central do texto é a busca da valorização e do reconhecimento de trabalhos/serviços tal como eles são: custosos, em termos de esforço e de dedicação.

Desse modo, com atividades como as aqui propostas, as quais poderiam ser adaptadas a outros gêneros textuais (mais ou menos formais, mais da oralidade ou mais da escrita), podemos explorar o uso da construção com verbo suporte a serviço da cons-

trução de sentido do texto. Assim, não usamos o texto apenas como mero pretexto, mas como uma fonte de reflexão sobre fenômenos da língua em uso.

8.6 QUER DAR UMA PESQUISADA MAIOR NO TEMA?

MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português*. Revista SOLETRAS. 2014.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Predicar com construção com verbo suporte*. In: Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Silvia Brandão (p. 91-112). 2018.

TRAVASSOS, F. P. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 2009.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon. 2013.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*. New York: Harp e Ruw. 1967.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Caracterização do comportamento multifuncional de fazer*. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia (org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. 1 ed. Rio de Janeiro: InFólio, 2003b, v. 1, p. 77-102. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~posverna/docentes/72873-2.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2010.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora. 2013.

TRAVASSOS, F. P. *Construções com verbo-suporte DAR: indicação de aspecto e/ou de outro valor?* Monografia (Graduação em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

TRAVASSOS, F. P. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

CAPÍTULO 9

É HORA DE *TRAZER UMA REFLEXÃO* SOBRE O ENSINO DE ATENUADORES DO DISCURSO COM VERBO SUPORTE TRAZER

Fábio Rodrigo Gomes da Costa

9.1 PRA COMEÇAR, VOU *TRAZER UMA APRESENTAÇÃO* DO TEMA

Tem-se discutido muito sobre o ensino de gêneros textuais argumentativos nas aulas de língua portuguesa, como o artigo de opinião, a resenha crítica, as cartas argumentativas, mas pouco se menciona a respeito do papel da atenuação no exercício retórico. Nós, professores de língua portuguesa, nos deparamos em vários momentos com a análise de textos argumentativos em sala de aula e, normalmente, damos maior atenção a aspectos que diferenciam tais gêneros e deixamos de valorizar outros que colaboram para o papel argumentativo do texto.

A atenuação é entendida como uma minimização da força ilocutória ou uma desfocalização dos participantes da enunciação e se constitui uma estratégia de preservação da face dos interlocutores (BROWN; LEVINSON, 1987; GOFFMAN, 1967). Portanto, a atenuação está diretamente relacionada ao papel argumentativo, pois o

emprego de mecanismos atenuadores em uma interação comunicativa tem como intuito desfocalizar o sujeito e minimizar a possibilidade de ameaça à sua face, a fim de dar credibilidade ao discurso.

Desse modo, o trabalho com a leitura e a produção de textos argumentativos em sala de aula é uma rica oportunidade de observarmos o uso de mecanismos atenuadores do discurso. Acreditamos que assim possamos contribuir para o ensino de estratégias argumentativas e, assim, colaborar com o desenvolvimento da competência discursiva de nossos estudantes.

Neste capítulo, iremos tratar do ensino de mecanismos de atenuação do discurso, em especial, da estrutura formada com verbo suporte *trazer* e do seu papel de desfocalização do sujeito participante e, conseqüente, da preservação da face dos interlocutores na situação comunicativa. Essa estrutura é denominada de Construção de atenuação do discurso e é representada formalmente por [Vsuporte trazer + elemento não verbal com N deverbal].

9.2 PRECISO AGORA TRAZER EXPLICAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE ATENUAÇÃO DO DISCURSO

Na seção anterior, introduzimos o assunto da atenuação no discurso e da sua relação com o papel argumentativo. Mas de que maneira podemos identificar a presença desses mecanismos atenuadores no discurso? Podemos dar como exemplo o uso do verbo *entender* na primeira pessoa do plural. Em contextos que exigem linguagem formal, ao expor o seu ponto de vista, o falante busca de alguma maneira se aproximar da objetividade a fim de dar maior credibilidade ao seu discurso. Desse modo, reconhecemos que, ao utilizar o verbo na primeira pessoa do plural e não na primeira do singular, o falante busca reduzir o seu compromisso com a asserção.

Vamos imaginar uma situação em que o falante deseje manifestar uma opinião contrária ao do seu interlocutor e inicie a sua fala com o verbo *entender*. Já podemos imaginar que o falante utiliza a primeira pessoa do plural com a finalidade de se distanciar do ponto de vista e, assim, de maneira indireta, diminuir a força ilocutória presente no discurso. Certamente, o uso da primeira pessoa do singular provoca um aumento da força ilocutória, o que acarreta maior ameaça à sua face.

Em (1), podemos observar o uso da primeira pessoa do plural no pronunciamento feito na Câmara dos deputados federais:

(1) “Sr. Presidente, o Cidadania defendeu esse acordo para resolvermos essa questão. **Entendemos** que o acordo ficou equilibrado. Nós defendíamos 70%, num primeiro momento, mas entendemos que 80% agregariam a maioria desse colegiado e naturalmente nós teríamos condições de estabelecer essa nova legislação.” (Câmara dos deputados, 09/09/2021)

Ao observarmos o exemplo (1), percebemos que, ao utilizar a forma verbal no plural, o deputado apresenta seu ponto de vista se valendo de um abrandamento ou diminuição da força ilocutória de seu discurso em decorrência da comunhão de ideias com os seus correligionários.

Por se tratar de um fenômeno pragmático, é preciso recorrer ao contexto para entender o funcionamento da atenuação. Utilizamos como exemplo o uso da estrutura formada com o verbo suporte *trazer* e sua contribuição para o papel atenuador do discurso. Assim, para entender o uso de mecanismos de atenuação nas sentenças (2a) e (2b), devemos ter em mente que, por ser um discurso proferido por deputados em plenário, já podemos imaginar que se trata de uma situação comunicativa em que se percebe o embate retórico entre os participantes em vista das divergências políticas. Observe os exemplos a seguir:

(2)

- a) *Eu vim aqui a este parlamento para fazer uma denúncia muito grave.*
- b) *Eu vim aqui a este parlamento para trazer uma denúncia muito grave.*

Não é difícil perceber que a frase (2a) e a frase (2b) apresentam o mesmo conteúdo informacional, mas ambas diferem quanto ao modo como o enunciador se dirige ao seu interlocutor. Pergunto a vocês: existe alguma diferença funcional entre as duas frases? Talvez vocês tenham observado que, na frase (2b), o enunciador tenha a preocupação de diminuir sua participação quanto ao ato de denunciar. Podemos dizer que a simples mudança do verbo *fazer* para o verbo *trazer* acarreta uma diminuição da força ilocutória do sujeito da cena enunciativa. Então, como ambas as sentenças são pragmaticamente distintas, devemos salientar que existe uma diferença funcional entre elas. Desse modo, enquanto em (2a), o enunciador não se preocupa em se resguardar quanto a uma ameaça à sua face, em (2b), o enunciador se vale de uma estratégia retórica que visa atenuar o discurso de modo a preservar a sua própria face.

Devemos deixar bem claro que a atenuação é dependente da situação comunicativa. Desse modo, os mecanismos atenuadores do discurso não são definidos previamente, mas se estabelecem na relação dinâmica entre os interlocutores e o contexto discursivo. Entendemos que não somente as formas linguísticas e os seus modos de combinação nas sentenças são suficientes para serem definidos como mecanismos dessa natureza.

Ao voltarmos ao exemplo (2), é possível notar que a atenuação não é resultado da simples troca do verbo suporte *fazer* pelo verbo *trazer*, nem podemos dizer que seja resultado da unidade formada pelo verbo *trazer* com o elemento não verbal. Podemos afirmar, na verdade, que a atenuação é resultado de uma interação comunicativa na qual os interlocutores assumem comportamentos nas trocas verbais que decorrem das informações que esses possuem de uma determinada situação comunicativa. Ou seja, as formas linguísticas são motivadas pela relação dinâmica entre os participantes da cena enunciativa.

Assim, para identificarmos os mecanismos de atenuação devemos observar as características do contexto interativo bem como os atributos dos participantes que interagem na cena enunciativa. Conforme Briz e Albelda (2013), para conhecermos a atenuação, é importante fazer uma divisão entre contexto interativo geral e contexto interativo concreto. No primeiro, estão as características do registro, como relação de igualdade ou hierarquia entre os participantes, grau de planejamento da fala, interação cotidiana ou não cotidiana. No segundo, estão os elementos causadores ou desencadeadores da atenuação. Desse modo, ao voltarmos ao exemplo (2), podemos perceber que as sentenças podem ser proferidas no início de uma exposição, isto é, a abertura da exposição é um elemento desencadeador de construções formadas com o verbo suporte *trazer* como atenuadoras do discurso.

Portanto, em nossas aulas de língua portuguesa, é importante observarmos as características presentes no contexto interativo a fim identificarmos os mecanismos de atenuação do discurso. Devemos ter em mente que os mecanismos gramaticais e lexicais estão articulados com os elementos contextuais, como o registro linguístico (contexto interativo geral) e os elementos causadores (contexto interativo concreto). Portanto, os mecanismos linguísticos, como a construção formada com verbo suporte *trazer*, são elementos mobilizadores de estratégias comunicativas dos participantes da cena enunciativa.

Conforme mencionamos anteriormente, o verbo suporte *trazer* junto a um elemento não verbal forma uma unidade semântica, e esta unidade normalmente é equivalente a um verbo pleno. Ou seja, *trazer uma denúncia* pode ser comparável ao verbo *denunciar*. Portanto, o elemento deverbal, que acompanha o verbo suporte, contribui significativamente para a unidade funcional formada. Repare nos exemplos a seguir as diferentes expressões formadas com o verbo suporte *trazer*, que funcionam como atenuadores do discurso:

(3)

- a) Importante tomar lugar neste plenário, *trazer à discussão* temas que são importantíssimos
- b) então, me julgo na responsabilidade de *trazer aqui esclarecimentos* aos Deputados, aos funcionários da Casa,
- c) Quero agradecer V.Exa., que *nos trouxe uma reflexão* sobre esse tema: os gladiadores do século XXI
- d) um dos temas que temos que *trazer a debate* é sobre as armas que muitos chamam de arma não letal

Podemos ver nos exemplos citados que as expressões destacadas são formadas pelo verbo suporte *trazer* seguido de um elemento deverbal, como “discussão”, “esclarecimentos”, “reflexão”, “debate”. Tais expressões exercem a função de atenuadores do discurso, pois constituem uma estratégia de diminuir a força ilocutória do enunciatador na cena enunciativa.

9.3 VENHO TRAZER UMA ANÁLISE PARA ENTENDER A ATENUAÇÃO NO DISCURSO

Na seção anterior, discorremos sobre a articulação entre as formas linguísticas e o contexto informacional. Mas de que maneira isso ocorre no texto? Como mostrar para o nosso aluno a relação entre a expressão linguística e as informações contidas no contexto discursivo? Para isso, escolhemos o seguinte exemplo que corresponde a uma transcrição da fala de uma deputada da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Vamos, portanto, observar que a noção de atenuação do discurso presente na construção formada com o verbo suporte *trazer* está associada a alguns fatores presentes no discurso.

(4) **A SRA. MARINA ROCHA** – Sra. Presidente, nobres Deputados, hoje eu subo nesta tribuna para trazer um assunto de suma importância. Venho falar sobre a BR-493. Uma rodovia que está sendo denominada como a “rodovia do medo”, a rodovia do terror.

Diariamente, pais de família, trabalhadores, estão sendo vítimas desta obra federal que se encontra em total abandono. Hoje, ocupo o cargo de Deputada Estadual, mas nem por isso vou deixar de brigar pela população e de cobrar do Governo Federal as suas atribuições.

*Protocoliei, na Comissão de Obras Públicas, hoje, um pedido de audiência pública, para que possamos chamar a esta Casa os órgãos competentes para dar explicação. E, mais do que isso, **trazer a solução** desse problema.*

Diariamente, trabalhadores e pessoas que ali transitam são vítimas de assalto, são vítimas por conta de a estrada não ter sinalização. Semana passada, Sra. Presidente, mais um pai de família foi vítima desta rodovia, a BR-493, por falta de sinalização. O Sargento Hudson. Nós não podemos cruzar os braços e ver vidas sendo perdidas por descaso do poder público.

*Então fica aqui o meu apelo à Bancada de Deputados Federais do Estado do Rio de Janeiro, para que entrem comigo nesta luta e juntos possamos **trazer soluções** para a BR-493, o trecho que liga Magé a Manilha. (Alerj, 18/04/2019)*

Destacamos no texto as seguintes expressões formadas com o verbo suporte *trazer*: “trazer a solução” e “trazer soluções”. Advogamos que a atenuação decorre não somente da presença das expressões que funcionam como atenuadores do discurso, mas também de outros fatores contextuais.

É preciso lembrar que o discurso político é fortemente marcado por estratégias de persuasão. Conforme Citelli (2004), nesse discurso, podemos identificar a presença de movimentos estratégicos, como divulgação, adesão, justificativas/explicações. É importante deixar claro aos nossos alunos que esses movimentos decorrentes do jogo retórico são proferidos em diferentes esferas marcadas por jogos de poder, portanto não são utilizadas somente por políticos profissionais, mas também por outros atores políticos, como chefes e empregados, pais e filhos, professores e alunos etc.

A divulgação constitui uma etapa do discurso em que os políticos costumam se apresentar ao público com o objetivo de dizerem o que são, de onde vieram e o que pretendem dizer. Em (4), no início da fala da deputada, já é possível identificar que as expressões de tratamento direcionadas à presidente e aos demais deputados demonstram um tom respeitoso para com eles a fim de conquistar a atenção e garantir o decoro do discurso. Em seguida, ela apresenta o objetivo de sua fala e deixa claro não só o seu papel de porta-voz, mas também a importância do tema a ser exposto: “hoje eu subo nesta tribuna para trazer um assunto de suma importância”. No decorrer do discurso, a deputada menciona o seu cargo (“ocupo o cargo de Deputada Estadual”) e ressalta o papel desempenhado por ela (“nem por isso vou deixar de brigar pela população e de cobrar do Governo Federal as suas atribuições”).

A adesão constitui o propósito de garantir que a opinião pública ou um determinado público possa aderir à ação encaminhada pelo político. Essa etapa é de fundamental importância para ampliar a base de apoio ou conquistar novos apoiadores. Em (4), a deputada destaca que protocolou um pedido de audiência pública para que os órgãos competentes possam ser somados para resolver o problema. De acordo com ela, tais órgãos devem fornecer explicações e também “trazer a solução” para o problema. Ela também convoca a todos os deputados da câmara (“Então fica aqui o meu apelo à Bancada de Deputados Federais do Estado do Rio de Janeiro”) a se mobilizarem para “trazer soluções para a BR-493”.

É interessante destacar que o uso das expressões “trazer a solução” e “trazer soluções” contribui para o propósito de conquistar adeptos. Portanto, tais expressões constituem mecanismos que nos ajudam a perceber o movimento estratégico de busca por adesão a uma ação proposta e, por meio delas, podemos identificar uma das funções da atenuação: a preventiva. Conforme Briz (2011a), essa função está relacionada com a preocupação de proteger a imagem do outro e está diretamente relacionada à atividade cortês. Desse modo, “trazer a solução” é um mecanismo utilizado para preservar a imagem do outro (órgãos competentes) com o intuito de prevenir contra qualquer ameaça a sua imagem. E “trazer soluções” também reforça a necessidade de que todos os envolvidos possam estar juntos para encontrar a solução para o problema apresentado a fim de evitar a exposição de cada um dos deputados.

As justificativas/explicações constituem outro movimento estratégico de convencimento no discurso político e representam uma etapa que complementa a divulgação do tema exposto. São elas, portanto, as responsáveis por dar credibilidade ao discurso e contribuir para a manutenção das adesões. Em (4), podemos identificar que as justificativas utilizadas pela deputada para o tema apresentado (“uma estrada abandonada pelo poder público”) são as muitas pessoas prejudicadas com o abandono da rodovia, conforme podemos ver nos trechos “pais de família, trabalhadores, estão sendo vítimas desta obra federal que se encontra em total abandono” e “trabalhadores e pessoas que ali transitam são vítimas de assalto, são vítimas por conta de a estrada não ter sinalização”.

Ao analisarmos o discurso da deputada, observamos que as expressões utilizadas como mecanismos de atenuação do discurso são motivadas por fatores presentes no contexto interacional. As expressões “trazer a solução” e “trazer soluções” se articulam com elementos presentes no discurso e são responsáveis por desfocalizar os participantes da cena comunicativa e salvaguardar o locutor ou o interlocutor a fim de prevenir possíveis danos à sua imagem.

9.4 PARA NÃO HAVER DÚVIDAS, QUERO AQUI TRAZER UMA REVISÃO SOBRE O ASSUNTO

Conforme mencionamos anteriormente, a atenuação é um mecanismo de preservação da face que se manifesta na diminuição da força ilocutória e na desfocalização dos participantes da enunciação. É importante deixar claro que os mecanismos atenuadores constituem recursos estratégicos que visam a conseguir a aceitação do outro, mediante o distanciamento linguístico da mensagem a fim de alcançar a aproximação social. Desse modo, com a atenuação do discurso, busca-se aproximar ou não distanciar do outro com o intuito de alcançar o seu objetivo comunicativo. Portanto, a atenuação é também um mecanismo retórico, pois visa cuidar das relações interpessoais e assim dar credibilidade ao discurso.

É necessário reforçar que a atenuação é um fenômeno pragmático, portanto é reconhecido contextualmente seja por meio do contexto geral seja pelo contexto interativo concreto. Conforme Briz (2001), quanto maior é o grau de formalidade e de planejamento, maior é o grau de atenuação no discurso. Portanto, gêneros formais, como conferências, apresentações em congressos e artigos de pesquisa, apresentam maior presença de mecanismos de atenuação.

Em vista da recorrência das construções de atenuação do discurso com o verbo suporte trazer no discurso dos deputados, escolhemos alguns exemplos para serem explorados neste capítulo. Acreditamos que, pela formalidade e pelo tom argumentativo dos textos, esses possam configurar como exemplos a serem utilizados nas aulas de língua portuguesa com o propósito de trabalhar o papel dos mecanismos de atenuação do discurso na estratégia retórica.

9.5 AGORA VOU TRAZER UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, procuramos apresentar uma proposta de análise de texto a fim de observar os mecanismos de atenuação do discurso. Como já mencionamos, os atenuadores são usados com vistas à aceitação do outro e, portanto, possuem estreita relação com o exercício retórico. Por esse motivo, sugerimos que sejam trabalhados em sala de aula textos marcados por estratégias argumentativas com o intuito de observar de que maneira a atenuação se relaciona com a argumentação.

Apresentamos a seguir um exemplo de atividade para ser trabalhada com os alunos do ensino médio. O texto é uma transcrição de um discurso de deputado da Assembleia legislativa do Rio de Janeiro. Optamos por esse texto não somente por apresentar a construção formada com o verbo suporte *trazer*, mas também por identificarmos outros mecanismos que contribuem para a atenuação do discurso.

(5) Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, prezados cidadãos presentes a esta Casa, da democracia, quero dizer que podem contar com o meu apoio e solidariedade à causa de vocês. Mas quero trazer outro assunto, porque nesta casa, ontem, foi dado apoio à lei da criminalização da homofobia, e sei que estamos num país democrático, respeito as opiniões divergentes. Quando estamos num embate, respeito perder ou ganhar. Acho que essa é a verdadeira democracia.

Eu gostaria, porém, de também trazer minha opinião. Assim como respeito a opinião de alguns colegas, quero dizer que sou contra a lei de criminalização da homofobia. Não sou contra o homossexual, contra as lésbicas, acho que cada um escolhe sua vida, seu destino. Mas nós precisamos respeitar os que discordam. Acho que temos que ter um discurso respeitoso.

Eu, por exemplo, nunca vou deixar de ser a favor da família do jeito que aprendi ser constituída: por um pai, uma mãe; um homem, macho, e uma mulher, fêmea – que geram filhos, sustentabilidade e amor, não só aos seus familiares, como também aos que estão em volta – o manual que me ensinou a viver como macho foi a Bíblia. Sei que devemos respeitar os direitos dos cidadãos, que são conquistados através do voto, da câmara ou dos tribunais superiores deste país, mas ninguém vai conseguir calar uma voz que discorda de certas posturas.

Quero deixar bem claro que sou completamente contra a criminalização da homofobia. Essa lei é um absurdo. Vocês podem ser a favor, não tenho nada contra. Vou trazer para conhecimento da Casa a lei, que tem pontos positivos, mas outros muito negativos, que criminalizam quem é contra. Que país é este em que quem tem uma posição contrária não pode suplantar quem vai na contramão da história do ser humano?

Quero deixar bem claro que não sou contra o homossexual, as lésbicas, e vocês podem fazer o que vocês quiserem de seus corpos. Porém, sou a favor da família como ela está constituída pela Bíblia, composta de pai macho e mãe mulher, que gera filhos. Essa será sempre a minha posição.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Alerj, 12/05/2011)

Nessa atividade, procuramos evidenciar que os aspectos linguísticos estão articulados com os propósitos comunicativos do texto. Portanto, é importante que o professor esclareça os alunos quanto à motivação pragmática dos elementos linguísticos, que, devido ao contexto em que estão inseridos, contribuem para o papel argumentativo do texto.

Após a leitura do texto, esperamos que o aluno seja capaz de responder às seguintes questões:

- 1- Além da expressão destacada, que outros mecanismos contribuem para a atenuação do discurso?
- 2- De que maneira esses mecanismos atenuadores estão relacionados com o papel argumentativo do texto?
- 3- Qual a relação entre a expressão destacada e a explicitação do ponto de vista defendido no texto?

Apresentamos, a seguir, uma breve análise do texto para orientar a você, professor, quanto à discussão das questões em sala de aula. Antes de iniciar a tarefa, é importante salientar aos alunos alguns elementos da interação verbal, como o papel dos participantes do discurso, o grau de formalidade e o objetivo da situação comunicativa.

Ao iniciarmos a análise do texto, devemos observar que, conforme o decoro parlamentar, o deputado se vale de um tom respeitoso ao se dirigir ao presidente da Câmara, aos outros deputados e aos demais que acompanham a sessão. A expressão “trazer minha opinião” insere-se em uma etapa do texto na qual o deputado apresenta o objetivo de sua fala. Além da construção destacada, é possível observar que há outros mecanismos que contribuem por referendar a atenuação presente na expressão.

É importante ressaltar que uma das marcas linguísticas da argumentação são os modalizadores, que indicam intenções, sentimentos e atitudes do enunciador presentes no ato enunciativo. No texto, podemos identificar diferentes marcas de modalização (“Gostaria”, “Acho que”, “precisamos”). Porém, você deve estar se perguntando: os modalizadores funcionam como atenuadores do discurso? É claro que nem todos são atenuadores. Mas vamos observar como esses elementos contribuem para a atenuação.

Após saudar a todos que acompanham a sessão, o deputado sinaliza a intenção de sua fala ao dizer “Mas quero trazer outro assunto”. A oração apresenta o verbo performativo *querer* que evidencia o tom declarativo do texto e que explicita a força ilocutória do enunciador. A partir daí, podemos observar no texto a intercalação de elementos que se encarregam de amenizar a participação do enunciador quanto ao tema discutido e de elementos que reafirmam o ponto de vista do enunciador.

O enunciador menciona haver grande apoio à lei da criminalização da homofobia. E, em seguida, ao proferir as sentenças “sei que estamos num país democrático”, “respeito as opiniões divergentes”, “respeito perder ou ganhar” e “acho que essa é a verdadeira democracia”, o enunciador procura se precaver quanto a um possível embate de ideias, o que pode acarretar em danos à sua imagem.

O enunciador, então, retoma o seu propósito, manifestado na asserção “Eu gostaria, porém, de também trazer minha opinião”. Já mencionamos antes que, nessa asserção, o enunciador se vale da expressão “trazer minha opinião” como uma estratégia de diminuir a sua força ilocutória. No entanto, antes de apresentar o seu ponto de vista, o enunciador volta a se precaver contra eventuais conflitos ao fazer a afirmação: “respeito a opinião de alguns colegas”.

Por fim, o enunciador expressa o seu ponto de vista: “quero dizer que sou contra a lei de criminalização da homofobia”. E novamente retoma as estratégias de atenuação ao proferir as sentenças “Não sou contra o homossexual, contra as lésbicas”, “acho que cada um escolhe sua vida, seu destino”, “Mas nós precisamos respeitar os que discordam” e “Acho que temos que ter um discurso respeitoso”. É interessante destacar que a recorrência do verbo modal *achar* constitui um mecanismo que visa a minorar sua força participativa e, assim, proteger sua imagem. Além disso, o verbo modal *precisar* na primeira pessoa do plural (“precisamos”) constitui um mecanismo de despersonalização com o objetivo de buscar a aproximação social e a credibilidade de seu discurso.

O enunciador reitera o seu ponto de vista adiante no texto (“Quero deixar bem claro que sou completamente contra a criminalização da homofobia”) e retoma outra ideia já defendida (“Quero deixar bem claro que não sou contra o homossexual, as lésbicas”) a fim de minorar qualquer ameaça à sua face. Além disso, o deputado procura enfatizar que seu discurso é em favor da família, tal qual está constituída na Bíblia, e manifestar uma imagem que seja valorizada e aceita com o intuito de buscar a aceitação do seu ponto de vista.

9.6 PRA QUEM QUISEIR CONHECER MAIS O ASSUNTO, GOSTARIA DE TRAZER DICAS DE ALGUNS TEXTOS

BRIZ, A. A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. Linha D'Água, 2013, p. 281-314.

COSTA, F. R. G. da; MACHADO VIEIRA, M. dos S. A construção de atenuação do discurso com verbo suporte trazer: uma abordagem construcional baseada no uso. SOLETRAS, [S.l.], n. 41, p. 116-144, jan. 2021. ISSN 2316-8838. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/55836>>. Acesso em: 15 jul. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2021.55836>.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. In: *Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa: Homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 91-112.

VILLALBA IBÁÑEZ, C. Atenuación: algunas claves metodológicas para su análisis. Normas, 2018, p. 306-316.

REFERÊNCIAS

BRIZ, A. El español coloquial en la conversación: Esbozo de pragmagramática. Barcelona: Ariel, 2001.

BRIZ, A. La atenuación como categoría pragmática. En Actas del VII Congreso Internacional de la Asociación Asiática de Hispanistas. Pekín: Foreign Language Teaching and Research Press, 2011a.

BRIZ, A. e ALBELDA, M. Uma proposta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto común (ES.POR.ATENUACIÓN), Onomazéin, 2013, p. 288-319.

BROWN, P. & LEVINSON, S. Politeness: Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CITELLI, A. Linguagem e Persuasão (Série Princípios). São Paulo: Ática, 2004.

GOFFMAN, E. Interaction Ritual. New York: Harp e Ruw, 1967.

KOCH, I. G. V. Argumentação e linguagem. São Paulo: Cortez, 2011.

VILLALBA IBÁÑEZ, C. La ficha ES.VAR.ATENUACIÓN. ¿Un recurso adaptable a todos los géneros? El caso de los juicios orales. Textos en Proceso, 2015, p. 237-260.

VILLALBA IBÁÑEZ, C. Atenuación: algunas claves metodológicas para su análisis. Normas, 2018, p. 306-316.

CAPÍTULO 10

INTENSIFICAMOS HORRORES... E A ESCOLA PODE MOSTRAR ISSO!

Letícia Freitas Nunes

10.1 INTENSIFICAR PRA QUÊ?

Como seres inseridos em um corpo biossocial, sempre fazemos avaliações e julgamentos acerca do mundo e dos eventos que nos cercam. Por exemplo, é comum ouvirmos algo como “Me acabei de chorar ontem”, “Chorei pra caraca ontem”, “Chorei rios ontem” ou “Chorei horrores ontem” no lugar de, simplesmente, “Chorei ontem”. Isso porque, muitas vezes, em nossa percepção, a dimensão ou a intensidade de um evento ou de um elemento supera o que acreditamos ser o normal ou neutro a esse evento ou elemento (VIEIRA; MACHADO VIEIRA, 2008). Tendo isso em mente, os falantes da língua portuguesa lançam mão de diversos recursos para exprimir suas avaliações. Dentre eles, está a **intensificação**, um processo cognitivo e também um recurso argumentativo extremamente produtivo, mas, em alguns aspectos, sobretudo em sala de aula, limitadamente abordado.

A palavra “intensidade” comumente é apresentada nas aulas de língua portuguesa quando falamos em **advérbios** ou **locuções adverbiais de intensidade**. Muitas vezes, a abordagem dessas unidades pauta-se nos usos previstos nas gramáticas tradicionais

(doravante GT), as quais apresentam, em geral, construções intensificadoras bastante similares. A título de exemplo, na Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Rocha Lima (2013, p. 227), apontam-se os seguintes advérbios de intensidade: *muito, pouco, assaz, bastante, demais, excessivamente, demasiadamente, em excesso, de todo, de muito, por completo*. Analogamente, na Gramática do português contemporâneo de Cunha e Cintra (2013, p. 557), encontramos: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quão, quase, tanto, tão*.

Se tomarmos como referência apenas os compêndios normativos, a expressão de intensidade por meio de pareamentos entre forma (aspectos morfológicos, sintáticos etc.) e função (aspectos semânticos, discursivos etc.) com elementos de estatuto adverbial parece estar restrita a uma curta lista de possibilidades cujos usos aparentam ser intercambiáveis e independentes das práticas de linguagem em jogo. Consequentemente, em diversos momentos, nas salas de aula, predominam atividades de mero reconhecimento ou de classificação de expressões intensificadoras, não havendo preocupação com os eventos ou elementos que intensificam ou estão sendo intensificados, com os sentidos construídos nesse processo ou com as ações sociais em questão. Além disso, um processo de ensino-aprendizagem orientado apenas pelos usos prescritos pelas GTs não legitima todas as normas que compõem a língua portuguesa e, por isso, pode desvalorizar as práticas linguísticas dos próprios estudantes, bem como comprometer a expansão de práticas pertinentes a contextos interacionais diversos.

Neste trabalho, inserido nos debates sobre intensificação de **predicadores verbais**, ilustraremos brevemente a diversidade de construções com estatuto adverbial das quais os falantes do português brasileiro lançam mão para intensificar em seus discursos. Nas análises mais detalhadas, enfocaremos, especificamente, construções do tipo [V+horrores], as quais exemplificam tal diversidade:

(1) [Postagem no site *Incrível.club*] *Na verdade, esse suposto maníaco era um professor de anatomia em uma universidade e tudo o que vi eram coisas preparadas para seu laboratório. Foi tudo muito vergonhoso, e eu não sabia onde pôr a cara! Mas ele, como se nada tivesse acontecido, **ria horrores** e até me convidou para sair de novo.*¹

No trecho (1), retirado de uma postagem de *blog* intitulada “12 histórias sobre encontros fracassados e engraçados”, vemos que o intensificador “horrores” opera sobre o verbo “rir”, reforçando o caráter cômico e divertido do encontro reportado pela autora da história. Usos como esse são bastante recorrentes no Português Brasileiro, mas, frequentemente, não encontram lugar no ensino da língua. A partir da análise de algumas construções, argumentaremos que as aulas de português podem não só apresentar maior caráter investigativo, como também contemplar a variedade, a dinamicidade e a criatividade dos usos da língua, encaminhando um tratamento de gramática mais antenado à pluralidade das práticas de linguagem contemporâneas.

1 Disponível em: <https://incrivel.club/inspiracao-relacionamento/12-historias-sobre-encontros-fracassados-e-engracados-556760/>. Acesso em: 05 out. 2020.

10.2 INTENSIFICAMOS À BEÇA, PRA CARAMBA!

Se observarmos, descrevermos e analisarmos a língua a partir dos usos dos falantes em contextos/situações reais de interação e comunicação, como prevê a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), é possível perceber que a intensificação, no tocante a construções do tipo [verbo + elemento intensivo com estatuto adverbial], é um fenômeno bastante amplo. Para ilustrar a amplitude desse fenômeno, veremos quatro exemplos em diferentes gêneros discursivos. Começemos pelo caso a seguir:

(2) [Comentário no site TripAdvisor] *Lembro da minha primeira ida à essa churrascaria, anos 80 (86/87, não sei muito bem o ano), com minha primeira namoradinha e sua família (era comemoração de algum aniversário de alguém da família dela), de como fiquei boquiaberto com a beleza desse local. Adolescente que era, **comi a beça**, repeti não sei quantas vezes o buffet e no final adorei tudo.*²

Em (2), usa-se “à beça” para intensificar a ação introduzida pelo verbo “comer”. Nesse exemplo, retirado do site *TripAdvisor*, o autor elogia a churrascaria que é foco da publicação em que se encontra seu comentário; assim, o uso de uma construção intensificadora funciona como uma estratégia argumentativa que reforça a boa experiência do usuário em sua primeira visita ao local.

No caso (3) a seguir, retirado de um *blog* de viagens internacionais, o intensificador “super” modifica o verbo “entender”. A autora da publicação reforça, assim, sua concordância e compreensão com relação à decisão da Disney de acabar com os encontros “informais” com os personagens “soltos” no parque, apesar de – como afirma logo em seguida – considerá-los “legais”:

(3) [Postagem de blog] ***Entendo super** o lado da Disney e hoje me soa como loucura deixar os personagens mais soltos nos parques, para encontros menos formais, digamos assim. Mesmo que não seja mais viável, dada a lotação atual dos parques, vamos combinar que era muito legal isso acontecer anti-gamente!*³

Já em (4), “pra caramba” intensifica a ação introduzida pelo verbo “falar”. Nesse trecho de uma entrevista ao site *Tab.uol*, a jovem Nalü Romano explica que é uma tendência de sua geração falar para além do que os padrões sociais considerariam “normal”. Com isso, ela justifica e valida o fato de os jovens não “calarem a boca” no

2 Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303506-d1906529-r-159779795-Churrascaria_Palace-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html#. Acesso em: 18 mar. 2021.

3 Disponível em: <https://www.vaipradisney.com/blog/disney-saudades/>. Acesso em: 18 mar. 2021

momento de agitação sociopolítica como aquele em que ela se encontra, uma vez que eles já falavam demasiadamente mesmo quando não tinham tanto conhecimento sobre um determinado assunto.

(4)[Notícia publicada no Uol Tab] *A gente tem muito pra falar porque a gente está sozinho. E isso é uma coisa da nossa geração: a gente já **fala pra caramba** sem saber das coisas, e agora que estamos vivendo um momento histórico, não vamos calar a boca. Nós vamos virar mais velhos muito mais rápido.*⁴

Por fim, no exemplo (5), uma manchete do site da empresa *BuzzFeed*, o intensificador “horrores” opera sobre o verbo “suar”, de modo a se afirmar que, embora esse processo fisiológico seja comum, há pessoas que o realizam/experienciam de forma mais acentuada:

(5) [Manchete do site BuzzFeed] *10 coisas que só quem **sua HORRORES** conhece muito bem*⁵

Com isso, a manchete reforça o foco de sua matéria: pessoas que suam em excesso e suas experiências em decorrência disso. Cabe ressaltar que, nesse último exemplo, há ainda o uso de letras maiúsculas para intensificar um elemento que já funciona como intensificador.

As construções [V+à beça], [V+super], [V+pra caramba] e [V+horrores] apresentadas aqui são apenas alguns exemplos da multiplicidade de expressões disponíveis no Português Brasileiro para indicar intensificação, ainda que a GT se limite a listar advérbios, como se somente alguns poucos “membros” dessa classe gramatical pudessem desempenhar a função de intensificar. Nessa perspectiva, além da diversidade de construções intensificadoras, as diferenças de sentido percebidas em usos distintos de uma mesma construção também são interessantes.⁶ No caso de [V+horrores], por exemplo, embora a função de intensificação esteja evidente em todos os casos que comentaremos, em alguns deles, a carga semântica pode tender a uma indicação mais **qualitativa**, ou a uma indicação mais **quantitativa**. Observemos primeiramente os exemplos a seguir, retirados do *Twitter*:⁷

4 Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/03/guerra-ao-coronavirus-em-ny-recruta-jovens-da-geracao-z-e-separam-casais.htm>. Acesso em: 18 mar. 2021.

5 Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/rexonabr/situacoes-que-todo-mundo-que-sua-de-mais-vai-entender>. Acesso em: 18 mar. 2021.

6 Por ser o objeto de nossas pesquisas recentes, o foco principal deste capítulo recai sobre a construção [V+horrores]. Entretanto, as reflexões apresentadas a partir daqui – com relação à necessidade de análise das nuances de sentido, dos contextos pragmáticos e discursivos e das aplicações ao ensino – não se restringem a ela.

7 Os tweets apresentados neste capítulo – referidos como [Twitter, 2020] – foram coletados com auxílio do software R.

(6) [Twitter, 2020] **Gasto horrores** com cerveja mas choro pra gastar dinheiro pra comprar outro celular

(7) [Twitter, 2020] eu to comendo igual uma condenada e **engordando horrores**

(8) [Twitter, 2020] Encomendei kit festa pra comemorar **comendo horrores** e jogando videogame, já que de convidados eu só tenho meus gatos!

Nos casos (6) e (7), notamos uma indicação quantitativa mais forte, principalmente por conta das características semânticas dos verbos que integram a construção no contexto de enunciação em que se encontram. Nesses dados, os verbos “gastar” e “engordar” podem ser associados a elementos contáveis/concretamente mensuráveis: é possível pensar em gastar quantias de dinheiro e engordar “n” quilogramas. Entretanto, um tipo de avaliação/qualificação do mundo e dos eventos permanece presente. Em ambos os casos, os enunciadores consideram as noções introduzidas por “gastar” e “engordar”, de certa forma, negativas e, é claro, excessivas. No caso de (8), também percebemos essa indicação quantitativa (come-se uma quantidade “x” de comida), no entanto, o ato de “comer horrores” parece representar algo positivo e, até mesmo, divertido para o falante.

Já em (9) e (10), também retirados do *Twitter*, há uma indicação qualitativa mais evidente, uma vez que os verbos que integram a construção nos contextos não parecem ser associados a elementos contáveis:

(9) [Twitter, 2020] **sofro horrores** por ter um coração bonzinho demais, com qualquer pessoa

(10) [Twitter, 2020] Eu tô lidando bem de boas com o ead, na verdade digo que o ead tem sido minha salvação. Porque ter reunião com os meninos me faz lembrar de que eu não estou sozinha no mundo, me faz **rir horrores**, faz com que a solidão da quarentena não seja tão pesada, sei lá.

Em (9), notamos uma conotação mais negativa associada ao verbo “sofrer” que, nesse caso, está associado a um elemento intensificador para ressaltar a angústia ou tristeza que resultam de “ter um coração bonzinho demais”. Em (10), vemos que o falante emite uma valoração mais positiva acerca do que é introduzido pela predicação: tamanha é a diversão que representa a reunião com os amigos que o autor do *tweet* não se sente tão solitário, apesar do isolamento social.

Além disso, podemos chamar a atenção para os verbos mais acionados na formação desses tipos de construções,⁸ bem como para as dimensões discursivo-pragmáticas associadas aos seus acionamentos, ponto que, a partir da construção [V+horrores], comentaremos na próxima seção.

10.3 FAZ HORRORES DE DIFERENÇA?

Recorrentes nas modalidades oral e escrita da língua, construções do tipo [V+horrores] estão, inicialmente, mais associadas a contextos de concepção discursiva mais próxima de enunciados espontâneos ou cotidianos⁹ – ou a contextos que tentam se aproximar de ou emular esses tipos de uso. Nesse sentido, a depender dos espaços sociolinguísticos, alteram-se as intenções comunicativas e os efeitos construídos.

Nos exemplos de (6) a (10) anteriormente mencionados, os quais correspondem a publicações do *Twitter*, o uso dessa construção pode ser associado a uma tentativa de potencialização ou representação das opiniões/sensações dos usuários, já que essa rede social muito comumente é tida como um espaço para expressão de vontades, pensamentos, sentimentos e convicções próprias – como a própria plataforma indica,¹⁰ trata-se de um serviço que contempla “uma grande diversidade de pessoas, perspectivas, ideias e informações”. Já na manchete de um *site* associado a entretenimento, como vimos em (5), o emprego dessa construção é uma das estratégias utilizadas para fortalecer seu caráter apelativo, chamando mais a atenção do público para a matéria.

Vejamos, agora, outros dois exemplos:

8 No caso de [V+horrores], pesquisas iniciais desenvolvidas no âmbito do Projeto Predicar apontam tanto para o uso mais recorrente dos verbos “chorar” e “rir”, especificamente, quanto para uma predominância de verbos intransitivos com relação a verbos transitivos, de maneira geral. A análise inicial de nossos dados foi divulgada no I Colóquio Internacional VariaR em comunicação oral intitulada “Construção de intensificação: ‘investigando horrores’ em tweets do português brasileiro” (NUNES, 2021).

9 Destacamos aqui a concepção de gêneros discursivos primários, como tomados por Bakhtin (2016 [1952/53]), referentes a enunciados com menor controle metalinguístico das práticas linguísticas, ou seja, a enunciados menos elaborados, manifestados em situações cotidianas de uso corriqueiro e que, por isso, não preveem planejamentos complexos.

10 Disponível em: <https://about.twitter.com/pt/who-we-are/our-company>. Acesso em: 20 mar. 2021.

(11) [Postagem no Tumblr]¹¹

Nesse caso, as características humorísticas e, por vezes, “exageradas” do gênero discursivo *meme* – que vem ganhando cada vez mais espaço nos ciclos sociais e, consequentemente, também na sala de aula –, já nos fazem pensar que dizer (ou escrever!) apenas “eu to aqui comendo muito” não é suficientemente adequado. O uso da construção [V+horrores] evidencia, assim, o tom de “deboche” ou “provocação”, marcante nesse gênero discursivo.

O exemplo (12), por fim, faz parte de uma matéria intitulada “7 dicas para a sua primeira corrida”, publicada em um *site* voltado para a realização de atividades físicas. Trata-se de um texto injuntivo que orienta os leitores a relaxarem e reservarem suas energias para a corrida:

(12) [Postagem de *blog*]

3. Descanse antes da prova

*Procure relaxar na semana da prova. Siga a programação de treinos, mas diminua a sua carga. De nada adianta você querer **correr horrores** na semana da competição, pois isso só trará resultados negativos, já que o seu corpo ficará cansado. O que era para ter sido feito para a prova já esteve presente nos treinos anteriores. Então, descanse sem peso na consciência.*¹²

No trecho em que se encontra a construção analisada – “De nada adianta você querer correr horrores na semana da competição” –, notamos uma advertência à pressuposição do senso comum de que se deve treinar até o último momento. Ainda, o texto parece pressupor uma não adesão ao que está sendo recomendado, reforçando sua “dica” tanto através do uso da construção [V+horrores], como através da apresen-

¹¹ Disponível em: <https://e-svanecer.tumblr.com/post/146663254599>. Acesso em: 18 mar. 2021.

¹² Disponível em: <https://www.ativo.com/corrida-de-rua/iniciantes/7-dicas-para-sua-primeira-corrida/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

tação das consequências que o ato de “correr horrores” antes da competição geraria para os novos atletas.

Trabalhar com construções desse tipo é uma forma de promover destaque, prestígio e legitimação aos usos inovadores e criativos da língua – muitas vezes tratados como inferiores, aleatórios e não sistematizados. Além disso, essa é uma forma de aproximar a sala de aula da realidade, isto é, dos usos dos próprios aprendizes; relação que, por vezes, é marcada por um grande afastamento. Desse modo, o ensino de português¹³ tem o potencial de abordar o fenômeno de intensificação para além da listagem de formas linguísticas, preocupando-se com as intenções e os efeitos comunicativos relacionados às situações específicas de enunciação.

10.4 RESUMINDO HORRORES

Neste capítulo, procuramos mostrar que, se percebido a partir dos usos dos falantes em contextos reais de comunicação e significação, o fenômeno da intensificação pode ser compreendido de forma mais ampla. Construções do tipo [V+horrores] podem ser grandes aliadas do processo de reconhecimento da criação de significados, das nuances de sentido e, sobretudo, da multiplicidade de usos, os quais são moldados, dentre outros fatores, por dimensões pragmáticas e discursivas. Pensemos agora em como isso pode se aplicar de forma mais concreta ao ensino de Língua Portuguesa na educação básica.

10.5 ANALISANDO HORRORES NA SALA DE AULA

Proporemos aqui algumas questões que podem funcionar como norteadoras no trabalho com construções intensificadoras com elementos de estatuto adverbial. Partiremos da construção [V+horrores] enfocada neste capítulo, tendo como base o seguinte comentário no *TripAdvisor*:

13 É importante sublinhar que esse ensino (como qualquer outro) é mediado por vários agentes: os professores, os autores de materiais didáticos, os profissionais que elaboram os currículos escolares etc.

(13) [Comentário no *TripAdvisor*]¹⁴

É importante ressaltar que as questões que proporemos aqui devem ser inseridas em um trabalho maior com o texto, que não pode servir apenas como mero pretexto para se analisar uma determinada estrutura linguística. Outros aspectos linguístico-discursivos devem ser analisados, bem como seu(s) contexto(s) de circulação, as ideologias nele embutidas, os significados construídos etc.

Assim, é fundamental que a análise das construções a que estamos nos referindo não se dê de forma alheia ao texto, mas que o aprendiz as perceba como partes que integram um enunciado maior, colaborando para a construção de seus sentidos. Com efeito, destacamos a importância da utilização de textos autênticos e do trabalho com diferentes gêneros discursivos. Segundo Tilio (2019, p. 204), textos autênticos são “capazes de despertar nos/as aprendizes a autenticidade das interações sociais”. O trabalho com textos autênticos se faz, portanto, imprescindível mediante uma concepção de ensino que prevê uma aproximação entre a sala de aula e os usos reais, atuais e dinâmicos da língua. Além disso, de acordo com Bakhtin (2016 [1952/53], p. 11-12), o uso da língua ocorre na “forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos” e “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Desse modo, dada a centralidade dos gêneros discursivos para toda a interação humana, é fundamental contemplá-los na sala de aula e considerá-los como base para o ensino de linguagem.

A partir disso, algumas das perguntas que podem ser propostas para o trabalho com o texto citado anteriormente são:

a) A avaliação da autora do comentário acerca do restaurante foi positiva ou negativa? Justifique sua resposta com base em alguns elementos do texto.

¹⁴ Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303631-d20193235-r-749318488-Top_Vegan_Music_Bar-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html. Acesso em: 18 mar. 2021.

b) Como o registro de linguagem utilizado pela autora se relaciona à plataforma na qual o comentário foi postado?

c) Que sentidos a adição do vocábulo “horrores” produz no período “Sempre que vou como horrores, rs.”? Por que você acha que a autora do comentário utilizou este vocábulo em seu texto?

d) Com base em sua resposta para a questão c), o vocábulo “horrores” aproxima-se da função de que classe de palavras? Explique.

e) Você consegue pensar em outros exemplos que contenham esse tipo de expressão?

f) “Comer horrores” difere da expressão “Comer muito”? Explique a sua opinião/resposta.

g) Por que o uso da expressão “como horrores” é considerado adequado ao contexto de comentário do site *TripAdvisor*?

Em suma, o objetivo dessas questões é contemplar: em (a), as nuances de sentido que uma construção pode apresentar a depender dos contextos em que ocorre e as maneiras a partir das quais ela contribui para o sentido global e integrado do texto – nesse caso, por exemplo, o uso da construção apresenta valoração mais positiva, ao passo que, como visto em exemplos já explorados neste capítulo, em outros contextos pode apresentar valoração mais negativa; em (b), a análise das características linguístico-discursivas do gênero, as quais licenciam o uso desta construção, uma vez que o *TripAdvisor* é um site no qual se destaca uma concepção discursiva mais próxima da linguagem cotidiana ou “informal”; em (c), (d),¹⁵(e) e (f), o estatuto adverbial do elemento intensificador e os sentidos construídos pelo seu uso, bem como a sua relação com outros elementos intensificadores de estatuto adverbial mais comumente discutidos no ensino; e em (g), a relação entre o uso dessa construção e as características do gênero discursivo no qual se materializa – nesse caso, haja vista que o *TripAdvisor* é um site destinado a opiniões de usuários sobre restaurantes, hotéis e outros conteúdos associados a turismo, o uso da construção intensificadora corresponde a uma das estratégias argumentativas a partir das quais a autora do texto ressalta suas boas experiências com o restaurante avaliado, de forma adequada ao tipo de interação cotidiana projetado pelo *site*.

Essas questões podem orientar – mediante as cabíveis adaptações – tanto o trabalho com outras construções intensificadoras com elementos adverbiais quanto com diferentes gêneros discursivos. Ao longo das dinâmicas em sala de aula, é fundamental abarcar diferentes exemplos e estratégias de intensificação, de modo a mostrar que a língua é um fenômeno vivo, atual, dinâmico, e diverso.

15 Na questão d, especificamente, sugere-se que o/a professor/a explore a classe gramatical do vocábulo *horrores*, estimulando reflexões sobre como sua mera “classificação” não contempla a criatividade de usos em contextos diversos, funcionando, sobretudo, como referência aos usos mais recorrentes da norma gramatical.

10.6 CONHECENDO HORRORES

Embora a intensificação a partir de elementos com estatuto adverbial seja ainda um fenômeno relativamente pouco explorado e com amplas potencialidades para futuras pesquisas em língua portuguesa, alguns estudos que relacionam forma e funcionalidade já estão consolidados no campo da LFCU no Brasil. Dentre eles, destacamos os seguintes:

Intensificação por meio de [[VERBO] SUPER]	SILVA, J. R. Intensificação do verbo e mudança construcional. <i>SOLETRAS</i> online, n. 37, jan.-jun., 2019. https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/37914 . Acesso em: 5 mar. 2022.
Intensificação por meio de [[X] pra caramba]	SCALDELA, A. L. <i>Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional</i> . Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2020. 122 fl. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/19274 . Acesso em: 5 mar. 2022.
Intensificação por meio de [VERBO ADJETIVO ADVERBIAL] e [VERBO XMENTE]	CAMPOS, J. L. de. <i>A competição entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [V Xmente] na rede construcional qualitativa do Português Brasileiro: uma análise centrada no uso</i> . Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2019. 148 fl. Disponível em: http://www.ppglinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2019/Tese%20Julia%20Langer%20de%20Campos.pdf . Acesso em 5 mar. 2022.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso [1952/53]. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 11-69.
- CAMPOS, J. L. de. *A competição entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [V Xmente] na rede construcional qualitativa do Português Brasileiro: uma análise centrada no uso*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2019. 148 fl. Disponível em: <http://www.ppglinguistica.letras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2019/Tese%20Julia%20Langer%20de%20Campos.pdf>. Acesso em 5 mar. 2022.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- NUNES, L. Construção de intensificação: ‘investigando horrores’ em tweets do por-

- tuguês brasileiro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL VARIAR, 1., 2021, Rio de Janeiro. E-pôster. Disponível em: <https://variar.wixsite.com/variar/p%C3%B4steres>. Acesso em 20 mar. 2022.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora, 2013.
- SCALDELA, A. L. *Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2020. 122 fl. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/19274>. Acesso em: 5 mar. 2022.
- SILVA, J. R. Intensificação do verbo e mudança construcional. *SOLETRAS* online, n. 37, jan.-jun., 2019. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/37914>. Acesso em: 5 mar. 2022.
- TILIO, R. Uma pedagogia de letramento sociointeracional crítico como proposta para o ensino de línguas na contemporaneidade por meio de uma abordagem temática. In: FINARDI, K.; SCHERRE, M.; VIDON, L. (orgs.). *Língua, discurso e política: Desafios contemporâneos*. Campinas: Pontes, 2019, p. 187-210.
- VIEIRA, S. R.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. A expressão de grau: para além da morfologia In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 63-83, 2008.

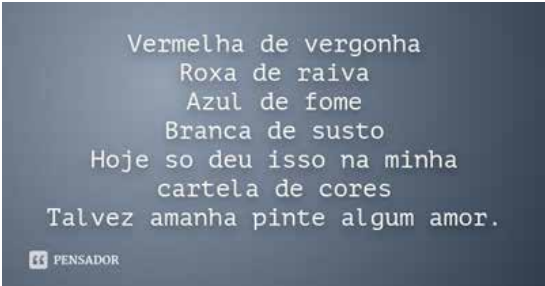
CAPÍTULO 11

“EU ESTOU ROXA DE SAUDADES”: A INTENSIFICAÇÃO DE EMOÇÕES E SENSAÇÕES POR MEIO DE CORES

Nahendi Almeida Mota

11.1 VENHA FICAR *VERDE DE SURPRESA* JUNTO COM A GENTE!

Para darmos início às discussões que comporão este capítulo, vejamos o exemplo a seguir:



Vermelha de vergonha
Roxa de raiva
Azul de fome
Branca de susto
Hoje so deu isso na minha
cartela de cores
Talvez amanhã pinte algum amor.

 PENSADOR

1.

Em (1), retirado do site *Pensador*, o autor intensifica quatro emoções/sensações (“vergonha”, “raiva”, “fome” e “susto”) com quatro cores diferentes (“vermelha”, “roxa”, “azul” e “branca”, respectivamente): ao afirmar que se está “azul de fome”, por exemplo, notamos que a fome não está em seu estágio inicial, pois a pessoa usa “azul de” para mostrar um nível elevado. Logo, embora exista, em alguns casos, uma relação entre a emoção/sensação intensificada e as cores que a intensificam, uma vez que é possível haver alteração na cor da pele devido a uma emoção/sensação, veremos mais adiante que nem sempre é assim – afinal, será mesmo que ficamos *azuis* de fome? Considerando que nem sempre sofremos tal alteração na cor da nossa pele, é necessário discutir o uso desse padrão esquemático também como um recurso intensificador.

Sendo assim, neste capítulo, classificamos construções como “azul de fome” e “vermelha de raiva”, representadas pelo subesquema X_{cor} de Y, entre as construções intensificadoras com lexemas de cor, as quais, por sua vez, podem ser inseridas entre as figuras de linguagem estudadas nas aulas de português, com o objetivo de refletir sobre a relação entre as impressões causadas a partir das cores, o uso conotativo destas e a criatividade do falante. Essas construções são comuns na língua e estão presentes em variados domínios discursivos, gêneros e suportes.

Para esta análise, fundamentamo-nos teórico-metodologicamente, entre outros, em Traugott e Trousdale (2013), para o tratamento da construção com base na Gramática de Construções; em Vieira e Machado Vieira (2008), para a definição de intensificação; em Travaglia (2009), para uma atividade de gramática sob um viés reflexivo; e em Basso e Pires de Oliveira (2012), no tocante a um ensino de português por meio da investigação científica.

Pensamos em uma proposta de atividade que sirva para a introdução das figuras de linguagem, uma vez que estas ocupam parte significativa das aulas de português. Além disso, muitas vezes, nós, professoras e professores, buscamos maneiras diferentes e criativas de apresentar o conteúdo aos alunos, a fim de que eles o apreendam – a partir do trabalho docente de facilitar a percepção de determinados fenômenos, construir metalinguagem e explorar possibilidades de usos da língua – para além da nomenclatura gramatical. Adotamos, com esse intuito, uma perspectiva científica para lidar com o assunto porque acreditamos que, assim, é possível despertar a curiosidade acerca do funcionamento da língua e amadurecer a visão de mundo dos alunos, inclusive, em outras disciplinas.

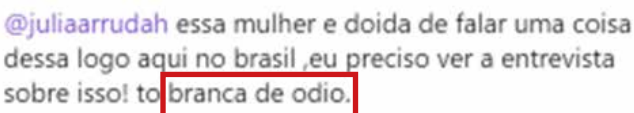
Assim, nesse trabalho, apresentamos uma proposta de atividade que reúne as construções intensificadoras com lexemas de cor ao ensino e à investigação científica, em prol de aulas dinâmicas, em que os estudantes sejam ativos e produtores de conhecimento. Antes, no entanto, analisamos tais construções a fim de observar algumas de suas características formais e funcionais, bem como de averiguar seus usos em contextos reais de comunicação.

11.2 AS CORES QUE INTENSIFICAM EMOÇÕES E SENSAÇÕES

A intensificação, conforme Vieira e Machado Vieira (2008, p. 63), é um

processo cognitivo avaliativo do mundo, [...] [e] constitui um recurso semântico-argumentativo muito produtivo na língua portuguesa, empregado para indicar que a dimensão ou a intensidade de dado elemento ultrapassa os limites do que se concebe como relativamente normal/neutro a ele.

As gramáticas tradicionais (doravante GT) tratam desse processo cognitivo em diferentes seções, como nas destinadas à explicação dos advérbios, mais especificamente dos advérbios de intensidade (“muito” e “bastante”, por exemplo), e das figuras de linguagem, principalmente da hipérbole. Para ilustrar, recorreremos à *Gramática normativa da língua portuguesa*, do Rocha Lima (2020, p. 600), na qual a hipérbole está localizada no mesmo espaço em que se aborda a metáfora e é definida como “a figura do exagero”, “exagerações autorizadas pelo uso”. Como exemplo, o gramático cita “morro de saudades”, “estourou de rir”, “ser louca pelos filhos” etc. É entre elas que inserimos as construções intensificadoras com lexemas de cor. Vejamos mais alguns dados de uso:

2. 
8:17 PM · 2 de jun de 2010 · Twitter Web Client

3. 

Como podemos notar, em (2)¹ e (3)², retirados, respectivamente, do *Twitter* e do *Instagram*, as cores estão contribuindo para a intensificação de emoções (“branca de ódio” e “roxa de saudades”) que podem ou não acarretar mudança na cor da pele. Mas não são apenas essas as cores acionadas para contextos de intensificação nem são as emoções e sensações anteriormente mencionadas as únicas intensificadas. Uma breve busca no *Twitter* ajuda-nos a encontrar *tweets* com ocorrências de outras construções, como “vermelha de vergonha/amor”, “azul/preto de fome”, “amarela de preguiça” etc. Esses usos, metafóricos/conotativos, deixam de acionar o significado da cor e passam a servir para intensificar o que está posposto a ela, isto é, colaboram para a intensificação do sentimento de vergonha e da sensação de fome/preguiça, por exemplo – de modo que há extensão metafórica de uso das cores.

Partindo dessa ilustração, é interessante refletir sobre alguns fatores que contribuem para que essas construções sejam entendidas de maneira metafórica. Dentre eles, selecionamos dois: (i) as alterações de cor da pele sofridas por algumas pessoas e (ii) as sensações e emoções intensificadas por tais construções.

Quanto à alteração na cor da pele, vale destacar, por exemplo, que muitas pessoas, ao sentirem muita vergonha ou ao darem uma longa gargalhada, têm a cor de sua pele levemente alterada, a qual acaba ficando avermelhada – situação ilustrada por Machado de Assis, em *Dom Casmurro* (Capítulo XLVIII), quando, em uma determinada situação, Capitu sofre alteração de cor em seu rosto.

4. “– Não há de ser assim, continuei. Dizem que não estamos em idade de casar, que somos crianças, criançolas, – já ouvi dizer criançolas. Bem; mas dois ou três anos passam depressa. Você jura uma coisa? Jura que só há de casar comigo? Capitu não hesitou em jurar, e até lhe vi **as faces vermelhas de prazer**. Jurou duas vezes e uma terceira:
– Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento, não casando nunca [...]”.³

Da mesma forma, ao tomar uma queda ou bater uma parte do corpo em algum lugar, é possível que a pele fique arroxeadada. Por analogia – sendo esta, inclusive, outra figura de linguagem estudada nas aulas de português – entre essas alterações e o fato de elas ocorrerem devido a uma sensação/emoção experienciada intensamente, há, a partir daí, uma extensão de uso, que licencia a intensificação de outras sensações e emoções (como “fome”, “preguiça”, “amor” etc.). Então, o que temos notado é que algumas construções (como “vermelha de vergonha”) servem como um gatilho para usos mais abstratos, com emoções e sensações que não interferem na coloração da pele. Além disso, essa mesma construção pode ser usada tanto literalmente, quando a

1 Disponível em: <https://twitter.com/NayaraAquino_/status/15283800737>. Acesso em: 9 out. 2020.

2 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBjz70RnNe5/>>. Acesso em: 9 out. 2020.

3 ASSIS, Machado de. 1938-1908. *Dom Casmurro* [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2016. Versão EPUB (grifo nosso).

pessoa realmente fica com o rosto avermelhado, ou metaforicamente, fruto da extensão semântica provocada pelo uso com valor intensivo.

Nas construções oriundas dessa extensão de uso, diversas são as emoções e as sensações que preenchem o espaço da construção destinado ao que está sendo intensificado: o Y em X_{cor} de Y. Por isso, é interessante analisar as nuances envolvidas aí, como o teor dessas sensações/emoções (se positivo, negativo ou neutro). Quanto a isso, o que temos notado é que ele (o teor), em geral, é negativo (“raiva”, “ódio”, “tristeza”, “ciúme”), embora também existam ocorrências de elementos neutros (“vergonha”, a depender do contexto) e, em menor frequência, positivos (“alegria” e “amor”) (MOTA; MACHADO VIEIRA, 2020) – característica notável nos exemplos apresentados até aqui.

Na próxima seção, situamos essas construções em alguns contextos de uso e apresentamos exemplos que ilustram o quanto elas estão presentes tanto em gêneros orais quanto em gêneros escritos, com ênfase nestes últimos.

11.3 QUANDO DIZEMOS ESTAR AZUIS DE FOME, ROXOS DE RAIVA, VERMELHOS DE VERGONHA?

Pelas nossas pesquisas até o momento, as construções intensificadoras com lexe-
mas de cor, representadas pelo subesquema X_{cor} de Y, estão presentes tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita da língua. Porém, seus usos não parecem ser comuns em determinados domínios discursivos, como textos escritos de elevada monitoração estilística, a exemplo dos trabalhos acadêmicos. A nossa hipótese quanto a isso é que, por serem construções diretamente associadas ao corpo e às emoções/sensações, elas tendem a ser acionadas por domínios que também os envolvam, como alguns atos de fala (desabafos, julgamentos pessoais, análises de situações rotineiras, entre outros).

Logo, embora já tenhamos analisado as construções intensificadoras com lexemas de cor anteriormente, nesta seção, as situamos em diferentes domínios discursivos, enfatizando, portanto, os contextos de uso em que elas aparecem. Vejamos alguns exemplos.

5. “[...] – Por que não?

– Sim, por que não? – repetiu Helmholtz. Ele também esquecera as realidades desagradáveis da situação. **Verde de ansiedade e temor**, Bernard era o único que se lembrava; os outros não lhe deram atenção. – Por que não? [...]”⁴

4 HUXLEY, Aldous. 1894-1963. Admirável mundo novo. Tradução Vidal de Oliveira. 22ª ed, São Paulo: Globo, 2014 (grifo nosso).

Grande recepção

Amigos e aliados políticos do governador Marcelo Déda prometem fazer uma grande manifestação para recepcioná-lo, no início da tarde de hoje, no Aeroporto de Aracaju. De lá, seguem em carreata pelas ruas de Aracaju para comemorar a decisão unânime do TSE. O petista foi ontem para Brasília visando acompanhar o julgamento do processo aberto contra ele no início do mandato. A ordem dos organizadores da carreata é deixar a capital **vermelha de alegria**.

6.

Em (5), exemplo retirado do livro “Admirável Mundo Novo”, o gênero textual é literário, um romance. Para intensificar os sentimentos de ansiedade e temor, o tradutor optou por preencher o primeiro espaço do subesquema com “verde” – considerado por nós um item inovador e surpreendente nessa posição, menos usual do que “roxo” e “vermelho”, por exemplo. Embora seja uma tradução, esse dado é válido, visto que, se essa construção não fosse licenciada pelo português nem entendida pelos falantes, o tradutor não a teria utilizado, além de que seu uso serve para reforçar que o sentido está na construção e não necessariamente na soma dos sentidos das partes.

Já em (6)⁵, retirado de um *blog*, o gênero é um artigo de opinião sobre política, e a construção faz alusão à cor do Partido dos Trabalhadores (PT) ao mesmo tempo que intensifica o elemento posposto à “vermelha de”, no caso, “alegria”. Assim, aproveitou-se a referência à cor do partido para, por analogia, mostrar a intenção dos organizadores da carreata: deixar a capital vermelha de alegria – cor utilizada tanto por causa do partido quanto para intensificar –, o que proporcionou uma associação entre a cor intensificadora e a emoção que ela intensifica.

Essas construções são tão comuns em nosso dia a dia que estão presentes, entre outros, em capas de revistas, em títulos de livros e em nomes de restaurantes, como nos exemplos a seguir, respectivamente.



7.

Na capa da revista⁶, há uma denúncia ao alerta laranja em Curitiba devido ao número de contaminados pelo coronavírus; e, a partir daí, devido à vergonha sentida

5 Disponível em: <<https://infonet.com.br/blogs/dia-do-fica/>>. Acesso em: 2 out. 2020.

6 Disponível em: <<https://www.facebook.com/147199168970335/photos/a.147566785600240/1170428856647356/?type=3&theater>>. Acesso em: 16 out. 2020.

diante de tal notícia, a revista usa “laranja de vergonha” – logo, há um jogo de associações, aqui, entre “alerta *laranja*” e estar “*laranja de vergonha*”. No título do livro⁷, que classifica em sete os graus de irritação feminina e masculina, o autor optou por apresentar esses graus utilizando a cor “verde”. Por fim, no nome do restaurante⁸, os donos também optaram pela cor “verde”, mas, dessa vez, para intensificar “fome”. Esses três dados ilustram a gama de possibilidades de uso das construções intensificadoras com lexemas de cor nos mais variados contextos.

Logo, é interessante levar tais usos para a sala de aula – posto que eles alcançam dimensões discursivo-pragmáticas diversas (diferentes gêneros e diferentes espaços sociais, como capas de revista, nomes de estabelecimentos etc.) – com o objetivo de fazer com que os alunos observem as relações entre língua e aspectos socioculturais e cognitivos, e, possivelmente, criem hipóteses para esses usos, de modo que eles passem a analisar os recursos existentes em sua língua materna para a construção de sentidos. Assim, indo ao encontro do que afirmava Feynman, físico que ganhou o Nobel de Física em 1965, que acreditava em um ensino que motivasse o aluno a saber algo simplesmente pelo prazer que isso causa, nossa proposta é introduzir o conteúdo “figuras de linguagem” a partir de uma atividade que parta de algo mais próximo dos estudantes, a fim de os mostrar esses usos de uma maneira criativa, diferente e científica.

11.4 PARA SE FAMILIARIZAR!

Conforme Basso e Pires de Oliveira (2012), para que o aluno amadureça suas habilidades discursivas e, a partir delas, a metalinguagem, é pertinente que o ensino seja feito por meio do método científico, isto é, observar os dados, elaborar, testar e questionar hipóteses etc. Travaglia (2009), por sua vez, já defendia o ensino de língua segundo a perspectiva científica, tanto que sugere um trabalho com a gramática reflexiva (mas não só), ou seja, aquela que trata da significação dos recursos linguísticos em situações específicas e reais de interação, proporcionando, assim, a relação entre semântica e pragmática.

Em consonância com esse pensamento, nesta seção, apresentamos uma proposta de atividade amparada no passo a passo da investigação científica – que pode ser realizada em grupo ou individualmente e deve ser adequada à faixa etária da turma. Para tanto, sugerimos cinco etapas: (i) construção de hipóteses; (ii) coleta e observação de dados, (iii) análise dos dados, (iv) conclusões e (v) dúvidas.

Antes de tudo, pensamos em uma atividade prévia, de “aquecimento”. Nesta, algumas sentenças, retiradas de situações de uso (como *memes*, notícias, *outdoors*, entre outros), serão apresentadas aos alunos, como: “chorei muito” (advérbio de intensidade) e “chorei *muito muito*” (repetição), bem como construções mais inovadoras, como “chorei horrores” e “chorei pencas/prá caramba”. Nesse momento, pediremos aos alu-

7 Disponível em: <https://www.amazon.com.br/gp/product/8565158306?pf_rd_r=N3VGX5VMJVV-TAWK5TPWZ&pf_rd_p=72a7651a-a7d8-4551-b248-c61480b6ce6e>. Acesso em: 8 out. 2020.

8 Disponível em: <https://www.facebook.com/verdedefomesor/>. Acesso em: 8 out. 2020.

nos que eles identifiquem o que há em comum entre esses enunciados. Assim que eles verificarem que é a intensidade, podemos debater sobre diversas maneiras de intensificar e direcionar a conversa para as figuras de linguagem, em específico, para a hipérbole.

Aqui, damos início ao passo a passo científico anteriormente mencionado. Para tanto, apresentamos as figuras de linguagem⁹, dentre as quais está a hipérbole, em que as construções intensificadoras com lexemas de cor são inseridas. Em seguida, solicitamos que eles elaborem hipóteses quanto aos seus usos. Para estimular o raciocínio, as seguintes perguntas, entre outras, podem ser levantadas:

- i. Qual é a função dessa construção/expressão na sentença/no texto?
- ii. Quais as cores que aparecem (e as que não aparecem) nesse subesquema X_{cor} de Y?
- iii. Por que as cores são usadas para intensificar?
- iv. O que elas intensificam? Cite exemplos.

A partir dessas perguntas, e com a possibilidade de muitas outras surgirem, os alunos elaborarão hipóteses – uma para cada pergunta formulada, momento em que colocarão no papel as suas primeiras impressões sobre os dados. Para verificá-las, passaremos para a próxima etapa: a de coleta e observação dos dados.

Aqui, solicitaremos que os alunos colem dados. Para isso, é importante que os orientemos quanto à escolha de um corpus, que deverá ser justificada. Uma sugestão é o *Twitter*, rede social bastante acessível e que permite que pesquisemos construções específicas, além de ser conhecida e dominada por muitos deles. Após tal escolha, eles precisarão tomar algumas decisões no tocante ao *corpus*: quais cores serão coletadas, quantos serão os dados, onde estes serão armazenados etc. A coleta, claro, não precisa ser de um número elevado de dados; é possível, por exemplo, que cada aluno/grupo fique responsável por uma cor e colete os vinte primeiros dados do *Twitter* ou outra rede social ou *site* em que ela apareça.

Após coletar e organizar os dados, daremos início à etapa de observação. Para estimular o raciocínio dos alunos, as seguintes perguntas podem ser levantadas:

- v. Quais as temáticas dos *tweets* (se o *Twitter* for o escolhido para a coleta) em que essa construção/expressão aparece?
- vi. Os dados têm características (sintáticas, semânticas) em comum?
- vii. É possível identificar algum padrão discursivo?
- viii. Outras palavras podem ser utilizadas no lugar da cor, de modo que a ideia de intensificação não se perca?
- ix. Quais as palavras que aparecem imediatamente após o subesquema X_{cor} de Y?
- x. Há relação entre o uso desse(a) subesquema/expressão e os propósitos comunicativos dos dados coletados?

9 Inclusive, esse passo a passo também pode ser utilizado no trabalho com outras figuras de linguagem.

Além dessas perguntas, também é importante retomar as hipóteses e verificar se os dados coletados ajudam a respondê-las de modo mais eficiente. Também é possível averiguar, a partir da pergunta (viii), se a substituição da cor acionaria uma significação parecida ou se haveria alteração no efeito de sentido gerado, se essas construções são recorrentes em contextos variados etc.

Em seguida, olhando para os dados e retomando as hipóteses, iniciaremos a análise. Aqui, os alunos poderão organizar os dados em tabelas (no *Word* ou no *Excel*), trabalhar com porcentagens e testes, por exemplo – etapa, inclusive, que pode ser realizada por meio de um trabalho interdisciplinar. Esse momento é interessante não só para a análise dos dados em si, como também para o desenvolvimento do pensamento científico dos alunos.

Por fim, eles apresentarão os resultados alcançados. Isso poderá ser feito por meio de apresentações e/ou de texto escrito – etapa pertinente, ainda, para o treinamento e o reconhecimento de gêneros textuais de maior monitoração estilística, como seminário, na modalidade oral, e/ou artigo científico ou artigos de divulgação científica, a exemplo daqueles publicados em revistas, como *Superinteressante*¹⁰ e *Roseta*¹¹, na modalidade escrita. Nesse momento, os alunos também poderão listar as dúvidas que surgiram durante todo o processo, o que foi feito para saná-las, se alguma etapa foi mais complicada do que outra etc.

Essas atividades vão ao encontro do trabalho de desenvolvimento da gramática reflexiva, sugerido por Travaglia (2009), isto é, visa à exposição e à compreensão de recursos linguísticos associados a dados reais de usos, a fim de que os alunos se deem conta das diferentes expressões que nós podemos acionar para intensificar a percepção que temos do mundo ao nosso redor.

11.5 RESUMINDO O ARCO-ÍRIS DE EMOÇÕES E SENSAÇÕES...

Tentamos, neste capítulo, tratar a língua de modo que ficasse um pouco visível o quão fascinante é o seu funcionamento e como os recursos linguísticos – com ênfase nas construções intensificadoras com lexemas de cor – geram efeitos de sentido e estão associados à maneira como a nossa mente trabalha e a aspectos discursivos, pragmáticos e socioculturais que nos circundam. Assim, se tivéssemos que resumir a ideia do capítulo em algumas palavras-chave, estas seriam construções intensificadoras com lexemas de cor, figuras de linguagem, ensino científico, criatividade e gramática reflexiva.

As construções em estudo, como se pôde notar, ocorrem em domínios discursivos diversos e, devido à extensão de uso, perdem a relação que existia entre as alterações de cor na pele e as sensações e emoções que as causaram e passam a ser utilizadas metaforicamente também. E, ao introduzir o assunto escolar “figuras de linguagem”, mais especificamente a “hipérbole”, com expressões que fazem parte do repertório

10 Disponível em: <https://super.abril.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

11 Disponível em: <https://www.roseta.org.br/en/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

linguístico dos alunos, almejamos instigar reflexões sobre seus usos, sobretudo o metafórico.

Assim, sugerimos uma atividade centrada em uma investigação científica, composta pelo passo a passo metodológico que envolve coleta de dados, observação, hipóteses, constatações e dúvidas. Dessa forma, colaboraremos para o desenvolvimento da percepção dos estudantes acerca da própria língua.

11.6 FIQUEI ROSA DE CURIOSIDADE! QUERO MAIS!

BASSO, Renato Miguel; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Feynman, a linguística e a curiosidade, revisitado. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, jan./jun. 2012, p. 13-40.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 56ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

MOTA, Nahendi Almeida; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro. *Revista Linguística*. (RIO DE JANEIRO), v. 16, p. 50-68, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33904>. Acesso em: 08 out. 2020.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009, 245 p.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. A expressão de grau: para além da morfologia. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 1, p. 63-83, 2008.

CAPÍTULO 12

O PORTUGUÊS NO MUNDO E DE TODOS NÓS

Marcia dos Santos Machado Vieira
Vanessa Meireles

12.1 PREDICAR A DESFAZER NÓS E A TECER FIOS E HORIZONTES

Iremos começar, ou começaremos, por situar a relação entre predicação e variação, até em títulos deste capítulo. E o fazemos, tendo em vista a concepção de gramática diassistêmica ou diassistemática (em que a língua é encarada como um complexo de sistemas e subsistemas inter-relacionados), a polissemia de nós e de norma e alguns diálogos e/ou desdobramentos de 20 anos de ciência linguística no Projeto Predicar e além. Um desses diálogos é o que mobiliza a ação de articulação franco-brasileira, viabilizada no Projeto VariaR – Variação em línguas românicas –, para mapeamento do Português no mundo.

Também voltamos nosso olhar para o Português, encarando-o com uma atenção que nos leve a seu mapeamento tanto como língua materna quanto não materna, uma atenção que, de modo geral, vem se fortalecendo consideravelmente nas pesquisas científicas nas últimas décadas. E vemos que é mobilizada em razão da extensão de

territorialidades de interações que movimentos migratórios e espaços digitais de comunicação potencializam e, sobretudo, a partir do entendimento do caráter plural e descentralizado de gramática(s) do Português e do direito, até por lei (n. 13.445/2017 – Lei de Migração, brasileira; n. 2044/2022, despacho português),¹ de liberdade cultural, de as pessoas que migram porem em prática hábitos culturais de interação, bem como de valorização da língua materna, já que é língua-identidade de pátrias diferentes e de comunidades diversas, língua-cultura de povos vários e inúmeras práticas comunicativas.

12.2 NÓS QUE *IMPORTA/TEM IMPORTÂNCIA* DESFAZER

Trocando em miúdos, pode guardar

As sobras de tudo que chamam lar

As sombras de tudo que fomos nós

(Trocando em miúdos, Chico Buarque e Francis Hime)

Ainda hoje há quem pense que o verdadeiro Português tem morada apenas em Portugal! E o nosso ou o(s) de outros espaços de interação distancia(m)-se do verdadeiro Português. Será mesmo? O primeiro nó a desfazer é o da suposta supremacia do Português de Portugal (e de que distrito de Portugal?), reconfigurando o nosso Português do Brasil como uma entre outras variedades ou complexos de normas de referência e perspectivando o Português como língua pluricêntrica.

A língua portuguesa não é falada de forma uniforme nos diversos espaços, tempos, circunstâncias, usuários, etc. Ela, como qualquer organismo vivo, acompanha a dinâmica de que é imbuída, o que lhe confere categorias de variação (cf. Mateus, 2003; Mussalim et al., 2012). Porém, apenas as variedades europeia e brasileira são reconhecidas no ensino. Esta situação abre espaço para dois problemas: a. a sobrevalorização da norma europeia em detrimento das demais; e b. a exclusão das variedades não normalizadas dos meios formais de ensino. Isto, por sua vez, atenta aos princípios da pluricentricidade da língua portuguesa. Ao abrigo deste estudo, urge propor a introdução de variedades não normalizadas (e.g., de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Timor-Leste), (...), no ensino formal, dadas as vantagens comprovadas no ensino do português como língua estrangeira. (WILSON, 2021, p. 17).

1 Lei de Migração brasileira: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Despacho português: <https://dre.pt/dre/detalhe/despacho/2044-2022-179188085?fbclid=IwAR-2pGM4pEu-JEass-zcK-svKvWBpZj-TCTXUu6OzjS3Tat8WRZnSoDapWbQ>. Acesso em: 04 mar. 2022.

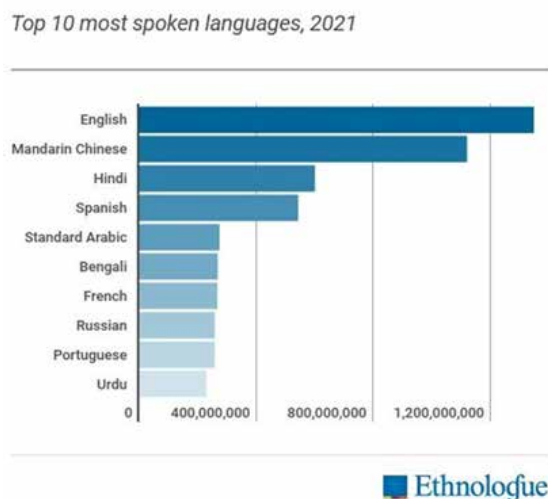
Silva (2018) destaca o fato de que convivemos hoje com quem veja o Português como língua comum de comunidades de fala espalhadas por todo o mundo (mundo da lusofonia, nessa ótica), bem como os que a encaram com base na sua realidade de língua pluricêntrica. Nesse caso, o referencial de norma culta padrão em geral ainda está centrado especialmente no Português de Portugal e, de certo modo, no Português do Brasil, conforme aludido no trecho de texto citado, embora outros centros emergentes, como o Português de Angola e o Português de Moçambique, também estejam no campo de visão. E há, ainda, quem preveja que o Português deve afirmar-se como língua internacional, tendo por base prognósticos de crescimento do número de falantes do Português principalmente no continente africano. Silva (2018) chega a mencionar o prognóstico de que, em 2100, o português será principalmente africano, terá como referencial principal de sua pluricentricidade as normas de Angola, Moçambique e Brasil.

O Português de Portugal nem é a norma de referência mais usada no mundo, embora haja políticas voltadas ao seu espraio no mundo! Vejamos algumas razões que promoveriam, entretanto, essa visão.

O Português é a língua oficial em nove países: Portugal, Brasil, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Angola, Moçambique, Timor Leste. O Brasil, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor Leste foram antigas colônias de Portugal. Integram a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 1996, com sede em Lisboa, que é (ou pretende ser), de certa forma, a sucessora cultural do Império. Desde a sua criação, outros países aderiram à CPLP, frequentemente porque têm ligações históricas com Portugal, e/ou uma parte de seus habitantes falam uma variedade do Português ou um crioulo que tem como base a língua portuguesa. E, então, a direção da CPLP é assumida, a cada biênio, por cada país que integra a comunidade. A circulação dessa gestão entre os países membros e o caráter rotativo da direção executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP)² dão uma medida do perfil de protagonismos, desafios e de negociações que afloram no que diz respeito à gestão de políticas linguísticas consensuadas ligadas à língua portuguesa, ao ensino do idioma.

Com sua história, a língua portuguesa se constitui, portanto, como uma das línguas mais importantes no mundo, com falantes na Europa, América, África e Ásia. *Sabia(s)* que o Português é uma das línguas românicas mais faladas no mundo? Soma-se ao espanhol e ao francês (A depender do referencial de comparação, também o italiano é!). Se contabilizarmos o número de falantes da língua portuguesa no mundo inteiro, o português faz parte das dez línguas mais faladas no planeta:

2 <https://iilp.cplp.org/iilp.html> Acesso: 22 mar. 2022.

Gráfico 1: Os 10 principais idiomas mais falados em 2021.

Fonte: <http://www.ethnologue.com/guides/ethnologue200> (Acesso em 09 de outubro de 2021).

Se considerássemos apenas os falantes de Portugal, a língua portuguesa entraria na categoria de línguas raras. O número de falantes lusófonos africanos e brasileiros é que faz com que a língua portuguesa entre no ranking das línguas mais faladas no mundo.

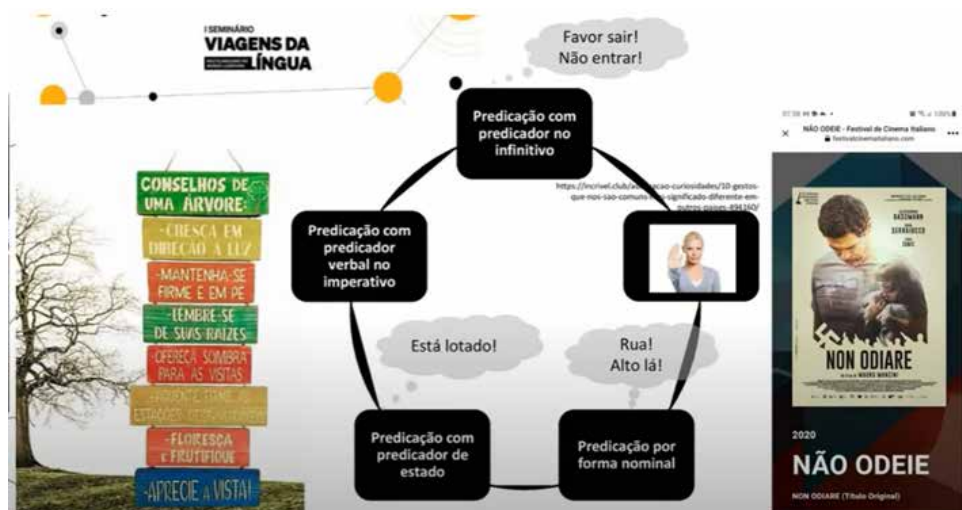
Com o Brasil, único país da América Latina em que o Português é a língua oficial (e não o Espanhol), alcança-se um quantitativo de aproximadamente metade da população da América Latina que fala português! É também o idioma mais falado do hemisfério sul! Segundo dados de 2016, do Novo Atlas da língua portuguesa, haveria 274 milhões de habitantes de/nos países lusófonos. Isso significa que quase 80% dos **falantes de língua portuguesa como língua materna** são brasileiros (contando com aproximadamente 210 milhões de brasileiros, aos quais se acrescentam aproximadamente 10 milhões de portugueses). Por outro lado, apenas aproximadamente 30 milhões de pessoas **falam Português no mundo como segunda língua**, em países em que o Português é a língua oficial ou não. Em comparação, por exemplo, 338 milhões falam Francês nessa categoria, quando apenas 80 milhões o fazem como língua materna. Talvez por essa razão é que o brasileiro fique tão agradavelmente surpreso quando um estrangeiro lhe fala em Português, ainda mais quando se trata da variante brasileira, mesmo que num nível básico. Isso é paradoxal, visto que, considerando o número de falantes, a variedade brasileira é a mais falada no mundo.

A visão segundo a qual a norma europeia teria supremacia sobre as outras também vem provavelmente do fato que, historicamente, o antigo império português levou seu idioma a diferentes partes do mundo. Essa língua, no entanto, não cessou de mudar e se enriquecer tanto em Portugal quanto nos territórios para onde foi levada, criando diferentes centros irradiadores de normas/usos.

Quando muitos pensam em norma, frequentemente pensam em livro, em gramática tradicional, invariável e inviolável. A maior parte das gramáticas do Português se centrou-se, por muito tempo, em apenas uma norma, em geral a norma portuguesa, com base em exemplos de grandes escritores da literatura e/ou em certas práticas comunicativas da modalidade escrita. Então, um nó/mal-entendido que é preciso desfazer também é o de que essa norma não é única e sua descrição nas gramáticas tradicionais é apenas parcial, pois não compreende toda a realidade de usos e possibilidades por falantes considerados cultos ou perspectivados, socialmente, como referência ao estabelecimento de norma.

Se procurarmos em uma gramática tradicional como expressar um conselho ou uma ordem, por exemplo, em geral o que encontramos nos remete a uma ou duas opções de padrões construcionais, enquanto a língua oferece variados padrões construcionais e nuances para expressar essas noções, conforme exposto durante mesa do I Seminário Viagens da Língua do Museu da Língua Portuguesa.³

Figura 1: Exemplos oriundos de diferentes padrões construcionais de predicação.



Fonte: Machado Vieira na mesa O português pelo mundo do I Seminário Viagens da Língua: multilinguismo no mundo lusófono (2021).

Afinal, nosso conhecimento envolve generalizações sobre recursos e padrões linguísticos de predicação além do que implica forma verbal no imperativo: predicação com predador no infinitivo (*Favor, sair! Não entrar! Não pisar!*); predicação com predador de estado, relacional (*Está lotado!*, dito a alguém que tencione entrar num espaço cheio de pessoas); predicação por forma nominal (*Alto lá! Rua! Silêncio!*), por exemplo. O ato de fala diretivo pode ser direto ou indireto, impositivo ou não. Envolve, assim, generalizações sobre padrões de manifestação verbal e não verbal de impe-

3 Vídeo: I Seminário Viagens da Língua: multilinguismo no mundo lusófono – Mesa “O português pelo mundo”: <https://www.youtube.com/watch?v=il-4JGbNjeI>.

ratividade (bastando, neste caso, um certo movimento da mão no sentido de barrar algo/algém) que se associam a perfis funcionais além dos de ordem e conselho: pedido, recomendação, crítica, por exemplo.

No livro *Manuel de langue portugaise – Portugal-Brésil* (TEYSSIER, 1984), uma das primeiras gramáticas (voltada principalmente para o estudo universitário) que evidenciam as principais diferenças entre o Português brasileiro e o Português europeu, há a seguinte passagem:

A norma padrão portuguesa é bastante fácil de definir, pois é amplamente aceita e foi estudada com frequência. A norma padrão brasileira, ao contrário, apresenta um problema específico, pois está longe de ser universalmente reconhecida pelos próprios brasileiros. Até que um consenso seja alcançado no Brasil como já é o caso em Portugal, a descrição da norma padrão brasileira permanece por vezes vaga e imprecisa (TEYSSIER, 1984, p. 13, tradução nossa).⁴

Ora, desde a publicação dessa obra de referência e, mesmo antes, as pesquisas sobre o Português brasileiro não pararam de se multiplicar, e, ao invés de apontar para uma norma única, demonstram uma diversidade que deve ser encarada como riqueza, e não como um problema a ser contornado ou como uma variedade a ser tolerada. A diversidade linguística do Português dentro e fora do Brasil (pois também há variação até mesmo na norma que se pretende apresentar em gramática explorada em espaços e materiais de aprendizagem) indica que estamos lidando com plurilinguismo e pluriculturalismo.

O caso do Português falado no continente africano também apresenta particularidades. Apesar de se supor seguir a norma europeia de uma maneira geral em contextos em que há a expectativa de uso da norma padrão, também há especificidades e variação no Português de Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Outro nó a desfazer, portanto, é a ideia de que apenas uma forma linguística é correta em detrimento de outras. Se olharmos, por exemplo, para a descrição da forma dos verbos em gramáticas tradicionais, percebemos muita regularidade na formação dos tempos, mas nos damos conta também de que não é raro haver exceções às regras apresentadas (afinal, a regra confirma a exceção).

Podemos evocar o caso da formação do presente do subjuntivo (a partir da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo), e suas únicas exceções (*haver*, *ser*, *estar*,

4 “La norme du Portugal est assez facile à définir, car elle fait l’objet d’un large consensus et a été souvent étudiée. Celle du Brésil, au contraire, pose un problème spécifique, car il s’en faut qu’elle soit universellement reconnue par les Brésiliens eux-mêmes. En attendant qu’un consensus s’établisse au Brésil comme au Portugal, l’exposé de la norme brésilienne devra rester parfois flou et imprécis.” (TEYSSIER, 1984, p. 13).

dar, ir, querer, saber). Há também o caso da formação do futuro do pretérito e do futuro do presente (a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, cujas exceções são *dizer, fazer e trazer*).

Quando se trata de colocação pronominal, um dos assuntos de língua portuguesa que já suscitou e ainda suscita muito debate, há seis páginas na gramática de Paul Teyssier para descrever as possibilidades de colocação do pronome de acordo com a configuração da frase em Português europeu, e três páginas para a descrição do funcionamento em Português brasileiro.

Outro caso particular é, por exemplo, o de concordância verbal em que duas possibilidades existem (sujeito com expressão partitiva, com quantidade aproximada, com pronome relativo, entre outros) a depender do enfoque desejado:

Sujeito com expressão partitiva:

*A maioria das pessoas virá à reunião (verbo no singular, enfoque na unidade) A maioria das pessoas virão à reunião (verbo no plural, enfoque nos elementos que compõem a unidade)*⁵

Assim, percebemos que as descrições gramaticais reúnem “regras gerais” e “exceções”. Além de exceções e casos particulares (estes que por si só já evidenciam uma variação possível), a própria gramática tradicional pode apontar variações possíveis entre dialetos, como é caso deste trecho da Nova gramática do português contemporâneo (que não se concentra unicamente na descrição da variedade europeia ou brasileira, integrando observações sobre usos em outros países em que se tem lugar essa língua), ao apresentar o gerúndio:

A construção de estar (ou andar) + gerúndio, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma e ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal (principalmente no Alentejo e no Algarve), nos Açores e nos países africanos de língua portuguesa (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 410).

Portanto, a depender do assunto, nem sempre a norma europeia do português é mais conservadora. A falsa ideia de que o Português europeu é mais conservador, e que as outras variedades são inovadoras, também contribuiria a promover uma visão eurocêntrica equivocada do Português.

Há também uma visão estratégica de expansão linguística que sustenta a difusão da norma europeia no mundo. Um exemplo disso é o trabalho desenvolvido pelo Instituto Camões – Cooperação e Língua de Portugal, do Ministério dos Negócios Es-

5 O exemplo de Cunha e Cintra (2008), p. 513, 5 ed., é “A maior parte deles já não vai à fábrica”. (B. Santareno, TPM, 40) e “A maior parte destes quartos não tinham teto, nem portas, nem pavimento” (C. Castelo Branco, OS, I, 196).

trangeiros, que promove o ensino, a cultura e a investigação/pesquisa da língua portuguesa no mundo, através de várias ações, atividades e projetos. Além de estar presente nos países em que a língua portuguesa é a língua oficial (Portugal, Brasil, nos PALOP, Macau e Timor-Leste), em todos os continentes o instituto tem Bibliotecas, Centros Culturais Portugueses, Centros Portugueses de Cooperação, Centros de Ensino de Português no estrangeiro, Escolas e Centros associados, Centros de língua portuguesa, Cátedras, Programas de Leitorado entre outros protocolos de cooperação envolvendo a língua e a cultura de Portugal, inclusive em suas antigas colônias. Essas iniciativas são, evidentemente, imprescindíveis para a valorização da nossa língua no mundo inteiro. Sem dúvida, há vários avanços com os esforços de pesquisadores que atuam com Português numa realidade de língua não materna (por exemplo, propostas curriculares para o ensino de português no exterior⁶ que estão online na Biblioteca da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), bem como o trabalho desenvolvido por Faria (2021), com quem partilhamos o espaço de interlocução do Projeto VariaR). Apesar desses avanços, ainda carecemos de políticas linguísticas que incluam iniciativas semelhantes para a promoção do português do Brasil. E, assim, a consistência daquele trabalho de promoção da língua portuguesa pode ter, entre outras repercussões, a de que a ideia de perspetivação qualificada do idioma Português se resuma à oriunda de variedade(s) de Portugal. Não é à toa que a vivência no mundo lusófono nos traz a todo momento situações como a seguinte:

Figura 2: foto e trecho do texto intitulado “Portugal, a SIC, a Sagres e o Continente aparecem em ‘Não Olhem para cima’” em que há comentário sobre a foto.⁷



A imagem do momento em que Portugal assiste à missão

6 Vale conferir propostas curriculares que estão na Biblioteca da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG): <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/21-1153>.

7 <https://www.nit.pt/cultura/cinema/portugal-a-sic-e-o-continente-aparecem-em-nao-olhem-para-cima>. Acesso em: 13 jan. 2022.

O momento foi partilhado no Reddit, juntamente com a frase “Nada nesta imagem faz sentido”. No grande ecrã lemos “Ônibus espacial americano Savior é lançado”, mostrando mais uma vez que os americanos pensam que Portugal e Brasil são o mesmo país. Ao lado, vemos os símbolos da NASA, a bandeira de Portugal e, surpreendentemente, o símbolo da monarquia.

Os utilizadores da rede social foram rápidos a criticar o filme, especialmente pela mistura entre o português de Portugal e o português do Brasil. “Isto soa-me que tiraram a filmagem de um evento qualquer desportivo (futebol num ecrã gigante) e adicionaram uns gráficos em CGI para o filme. O que explica o Ônibus (tradução péssima de um estagiário qualquer e o símbolo do FPF ali no meio”, lê-se. “Isto deve ter sido tirado dum Euro qualquer, possivelmente o 2012 ou 16”, diz outro redditor.

A variação linguística é fato em qualquer realidade de uso da língua! Então, não olhe para um Português idealizado ou uma gramática do Português idealizada, cuja existência não vai além da do imaginário coletivo e não tem o respaldo da realidade dos usos mundo afora! Nem a realidade das descrições mundo afora! Olhe para dados/usos que se revelam em diversas práticas sociointeracionais e comunicativas orais e escritas em variadas vivências de linguagem em que é possível recorrer ao Português como língua materna ou não materna.

A variação é um fato natural das línguas, e podemos identificar casos em que há variação na gramática mais tradicional, bem como regularidade; assim, unidade e variedade não são excludentes.

É preciso que a comunidade de pesquisadores continue a sistematizar o que separa e o que une as variedades de Português (e o mesmo pode ser dito sobre o Português em relação às outras línguas românicas). O objetivo é construir uma metac consciência linguística adequada à realidade e qualificada desta, não se centrando apenas em uma ou duas possibilidades de predicação (ou outra manifestação linguística) no processo de ensino-aprendizagem, senão estaremos promovendo uma visão parcial da língua, ou pior, promovendo uma única variedade em detrimento de outras.

12.3 PROJETO PREDICAR E PROJETO VARIAR

12.3.1 TECENDO O FIO PREDICAR-VARIAR E UM MAR DE POSSIBILIDADES DE ACESSIBILIDADE E (RE)USO À VISTA

O fio Predicar-VariaR começa a ser tecido a partir de interlocuções mobilizadas por pesquisas desenvolvidas há vinte anos no âmbito do Projeto Predicar (vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro),⁸ muitas com atenção a variedades do Português dentro e fora do Brasil e algumas já com atenção a variedades de línguas românicas, bem como do interesse por espaços lusófonos de ensino e pesquisa em que opera parte da equipe da unidade de pesquisa ReSO (*Recherches sur les Suds et les Oriens*),⁹ da Universidade Paul Valéry de Montpellier 3. Unindo interesses em relação ao estudo de Português língua materna e não materna, concebe-se uma parceria em prol do mapeamento de usos do Português e destes em comparação com variedades de línguas românicas.

A hipótese central na tessitura dessa relação é a de que há usos e generalizações convergentes e divergentes a detectar com base na comparação entre línguas e variedades de línguas românicas que podem alimentar bases de trabalho nacionais e internacionais relativas a certas práticas comunicativas no mundo hiperconectado, como as relativas a ensino, tradução, interpretação, dublagem, relações (inter)nacionais. E, então, podem ajudar a qualificar o olhar sobre o Português no mundo, mais centrado em usos do que no imaginário sobre usos aqui e além. E, mais, podem alimentar bases de trabalho além das diretamente vinculadas à área de Letras e Linguística: inteligência artificial, diplomacia, por exemplo.

A estratégia metodológica pauta-se nas orientações de análise empírica de corpora múltiplos, inicialmente escritos, oriundas de referenciais sócio-funcionais-cognitivos em que pesam fatores formais (fonético-fonológicos, morfossintáticos, textuais) e funcionais (nestes, semânticos, discursivos, pragmáticos, cognitivos e socioculturais).

A principal diretiva é colaborar, em alguma medida, para reunir textos, dados e informações e para resolver o problema de acesso a dados e descrições qualificadas de usos variáveis que integram o diassistema Português, intento que, por exemplo, mobiliza a ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística) no sentido de construir uma Plataforma da Diversidade Linguística Brasileira (cf. MACHADO VIEIRA et al., 2022) e de uma agenda para tanto (já em curso). É também contribuir para a valorização de normas do Português faladas por muitos milhões de brasileiros como normas de referência, de tal sorte que cada dia seja menos necessária a defesa de tolerância ao brasileiro (“Portugal vai conscientizar professores sobre diversidade da língua e tolerância ao ‘brasileiro’”, manchete, por Gian Amato, de 29 de novembro de 2021 de texto jornalístico).¹⁰

12.3.2 O PROJETO VARIAR, A MAPEAR O MULTI/DIALETALISMO DO PORTUGUÊS NO MUNDO

Com o objetivo de contribuir para o mapeamento/a cartografia da diversidade

8 Cf. <https://posvernaculas.letras.ufjf.br/>.

9 Cf. <https://reso.www.univ-montp3.fr/>.

10 <https://blogs.oglobo.globo.com/portugal-giro/post/portugal-vai-conscientizar-professores-sobre-diversidade-da-lingua-e-tolerancia-ao-brasileiro.html>. Acesso em: 29 de nov. 2021.

linguística do português no mundo nas suas variedades nacionais (europeia, brasileira, moçambicana, santomense, angolana, bissau guineense, cabo-verdiana, timorense), e situá-lo em relação a outras línguas românicas, em 2019 teve início o projeto **VariaR – Variação em Línguas Românicas**, sob a coordenação das pesquisadoras Vanessa Meireles (Universidade Paul Valéry), e Marcia dos Santos Machado Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro). É desenvolvido à luz da teoria sociolinguística e de suas potenciais interfaces com referenciais teórico-metodológicos que viabilizem lidar com observação e representação de variação, de mudança linguística e de contato multilíngue.

O projeto visa a tecer uma rede de ações de descrição linguística e de colaborações resultantes de pesquisas realizadas em diferentes partes do mundo, com o objetivo de obter uma visão global do Português usado em diversos países (como língua materna ou não materna), de suas variedades e variantes fonético-fonológicas, sintáticas e discursivas, de suas conexões com as redes de variedades e variantes de outras línguas românicas. Assim, esperamos promover a sensibilização das diferentes comunidades linguísticas do mundo para o (re)conhecimento e respeito da realidade heterogênea do que chamamos Português.

De uma forma geral, o projeto VariaR baseia-se em *corpora* de naturezas diversas. Utilizam-se dados de fontes diversas (plataformas de gerenciamento de acervos de dados, como Sketch Engine¹¹ (KILGARRIFF et al., 2014), Corpus do Português¹² (criado por Mark Davies), diálogos de bancos de dados, jornais, revistas, redes sociais, *memes*, programas de TV, discurso político, obras da literatura, roteiros de cinema, filmes de animação, entre outras.

A diversidade de dados permite a realização de pesquisas para atender às necessidades e potencialidades de: mapeamento/cartografia e documentação, ensino, interpretação ou dublagem, tradução, comunicação ou interação/rotina (socio)discursiva em diversas áreas do saber, aplicativo(s) que favorece(m) gamificação de conhecimentos sobre línguas românicas, entre outras.

Entre os trabalhos que já se vinculam ao projeto Predicar e ao VariaR simultaneamente, podemos citar a pesquisa de doutoramento de Travassos (2021) sobre um tipo de predicação com predicador complexo em Português e Francês, a pesquisa de mestrado de Penha (2021) sobre um tipo de predicação de representação/simulação, que licencia dados em Português e Espanhol, e a pesquisa de Faria (2021), que perspectiva diferenças observadas na tradução de dublagens de filmes de animação em Inglês para o Italiano, o Português europeu e o Português brasileiro. Esses trabalhos apresentam as idioconstruções do Português, assim como as diaconstruções entre estas línguas românicas (estruturas forma-função comuns). Essas pesquisas revelam predicações, ligadas a duas ou mais línguas/variedades do Português, algumas que não são contempladas nas gramáticas tradicionais, apesar de serem recorrentes em textos de diversa natureza, inclusive em espaços de norma culta. Portanto, os trabalhos vinculados aos projetos Predicar e VariaR, além de objetivarem uma descrição justa da

11 <https://www.sketchengine.eu/>.

12 <https://www.corpusdoportugues.org/>.

língua em uso, veem-na além da dimensão gramática-livro, são descrições que buscam levar à conscientização (meta)linguística e ao respeito sociolinguístico sobre o português língua materna e não materna.

Dadas as frentes que se descortinam diante de nós, o projeto é pautado por um perfil que valoriza uma visão estratégica de comunidade(s) linguística(s) e práticas discursivas, em espaços diversificados e segundo conhecimentos e contatos multilíngues e/ou multi/dialetais. E prevê a interação e integração de pesquisadores de diferentes instituições interessados na captura do Português de todos nós.

12.4 DIZ(E)-ME, OU ME DIGA, COM QUEM ANDAS/ANDA E (EU) TE/LHE DIREI QUEM ÉS/É

Tratar de variação linguística, perspectivando Português como língua materna e língua não materna (esta principalmente), em espaços de ensino-aprendizagem pode mobilizar um docente ciente do rico manancial acadêmico-científico com que é possível contar na área de Letras e Linguística a explorar diferenças lexicais, fonético-fonológicas, morfossintáticas, semânticas, textuais-discursivas entre variedades de uso do Português, detectadas graças a pesquisas com diversas inclinações teórico-metodológicas.

Também o leva a recorrer a materiais variados e produzidos em diferentes comunidades do mundo lusófono: por exemplo, textos relativos a um mesmo referencial temático (como, a título de ilustração, o da pandemia de covid-19) em diversos jornais de diferentes espaços do mundo lusófono, versões de traduções de obras do cinema, da ciência ou da literatura, como feito no exemplo a seguir:

Tradução em português europeu:

O Principezinho. Antoine de Saint-Exupéry, tradução de Maria João Medeiros, Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015.

Uma vez, quando tinha seis anos, vi uma imagem maravilhosa num livro sobre a floresta virgem chamado *Histórias Vidas*. Era a ilustração de uma serpente jiboia a engolir um animal selvagem. Eis a cópia do desenho.

Dizia no livro: “As jiboias engolem a sua presa inteira, sem a mastigarem. Depois, ficam sem se poder mexer e dormem durante os seis meses que dura a digestão.”

Refleti bastante acerca das aventuras na selva e inspirei-me para fazer o meu primeiro desenho, com um lápis de cor. O meu desenho número 1.

Tradução em português brasileiro:

O *Pequeno Príncipe*. Antoine de Saint-Exupéry, tradução de Maria de Fátima Oliva do Couto. São Paulo: Editora Gente, 2020.

Certa vez, quando tinha seis anos, vi uma imagem magnífica da floresta virgem em um livro chamado *Histórias Vidas*. A reprodução mostrava uma jiboia engolindo um animal selvagem. Eis a cópia do desenho.

O livro dizia: “As jiboias engolem suas presas inteirinhas, sem a mastigá-las. Depois, não conseguem mais se mexer e dormem durante os seis meses da digestão.”

Então, refleti muito acerca das aventuras na selva e consegui, por minha vez, fazer meu primeiro desenho com um lápis de cor. Meu desenho número 1.

Percebemos, nas duas versões do francês para o português europeu e para o português brasileiro, diferenças que se explicam em função da variedade, de propensão, numa ou noutra variedade, a certa variante. É o caso da alegada obrigatoriedade do artigo antes de pronome possessivo em português europeu em *o meu desenho* (PE) x *(o) meu desenho* (PB), ou da propensão ao infinitivo em *a engolir* (PE) x *engolindo* (PB), assim como de diferenças estilísticas (escolhas do tradutor: refleti *bastante* x refleti *muito*, *certa vez* x *uma vez* (PE e PB)). Naturalmente, temos um olhar segundo o qual a propensão a uma ou outra variante tem cobertura relativa e regulada estatisticamente por fatores de natureza diversa, haja vista fatos, como o de variação de colocação pronominal observável na seguinte notícia jornalística portuguesa:

X Zelensky afirma que a Rússia se está a p... rtp.pt

MUNDO | GUERRA NA UCRÂNIA

Zelensky afirma que a Rússia se está a preparar para bombardear Odessa

atualizado 6 Março 2022, 12:53

por RTP



O presidente da Ucrânia alerta que a Rússia **prepara-se** para bombardear o porto de Odessa. Alerta divulgado esta manhã por Volodymyr Zelensky.

DIRETO

Ofensiva militar

13 https://www.rtp.pt/noticias/mundo/zelensky-afirma-que-a-russia-se-esta-a-preparar-para-bombardear-odessa_v1389332. Acesso em: 06 mar. 2022.

E assim, inúmeras comparações são perspectivadas, ora em termos de unidades construcionais (pareamentos forma-função/significado) acionada(o)s numa e não em outra variedade/norma, ora em termos de acionamento mais ou menos frequente de certos padrões construcionais: a) no rol de recursos de referência, dos de referência à pessoa discursiva do interlocutor por marcação flexional do verbo em segunda ou terceira pessoa gramatical ou os de referência em constituinte sujeito por preenchimento pronominal ou elipse (como o título desta subseção busca ilustrar); b) no rol de recursos de predicação, dos padrões de predador verbal simples ou complexo (como em *importa/tem importância* em subtítulos deste capítulo).

A comparação entre unidades linguísticas ou de inclinações/preferências de uso capturadas em diferentes práticas comunicativas, comunidades ou espaços geopolíticos é frequentemente a tônica de descrições que perspectivam a variação. Outra linha de trabalho é a de captura de unidades ou padrões construcionais que se revelam em mais de uma língua ou variedade de língua licenciando usos, que, segundo Höder (2014), seriam diaconstruções ou pareamentos de atributos de forma e de função/significado não específicos de línguas ou variedades de língua. Nessa concepção de representação gramatical, numa comunidade multilíngue e multidialetal, há idioconstruções, unidades/construções específicas de línguas ou variedades de línguas coexistindo com diaconstruções. Idioconstruções são pareamentos de forma-função/significado discursivo e pragmaticamente delineados, replicados e, então, socialmente convencionalizados e cognitivamente enraizados. Nascimento (2021), por exemplo, ao abordar usos de “vem cá” em variedades sincrônicas do PB e do PE, examina usos específicos e distintos dessa unidade construcional nas duas variedades motivados por implicaturas contextuais: assim, os dados de “vem cá” revelam, a partir de sua contextualidade, ora valor de deslocamento de um participante sujeito em que o pronome cá se associa a valor dêitico e à função sintática de complemento circunstancial (“*Marcelo Rebelo de Sousa referiu que o Presidente chinês, Xi Jinping, vem cá em dezembro, para as celebrações dos 20 anos da transição*”, NASCIMENTO, 2021, p. 172), ora valor de moderador de atenção (“(...) **vem cá**, você que é dono de televisão a cabo, eu tenho televisão a cabo na minha casa, queria avisar isso pra Globo News”, 176), ora valor de contestação-indagação, provocativo (“**Vem cá**, o que você tá querendo afinal, garota?”, p. 177). E o pesquisador captura mais usos com esses dois valores na amostra do Português do Brasil.

A segunda linha de trabalho, centrada em diaconstruções a licenciarem usos próximos ou similares em diferentes espaços do mundo do Português, pode ser explorada também estrategicamente, no sentido de entrelaçar comunidades pelo que elas têm em comum (como encaminham PENHA, 2021, e MOTA; MACHADO VIEIRA, 2022, ao reconhecerem padrões construcionais de predicação presentes em mais de uma língua, Português e Espanhol, ou mais de uma variedade de língua, baianês e carioquês).

Com isso, acreditamos reunir condições para, em espaços de trabalho com o Português, mostrar os atravessamentos cada vez mais constantes em razão das interações e das vivências mobilizadas nas viagens remotas ou não do Português no mundo e,

então, perspectivar o convívio, a partilha de conhecimento gramatical, a intercompreensão e a diplomacia entre as pessoas.

12.5 TROCANDO EM MIÚDOS, *PODE(S)* GUARDAR

A língua portuguesa não se resume à língua escrita ou falada em Portugal, nem àquela apresentada nas gramáticas tradicionais. As descrições presentes nessas servem como objeto regulador de usos em contextos específicos, em que se espera o acionamento de norma culta padrão. Todavia, até dentro delas há variação e não se contemplam todos os usos relativos à(s) chamada(s) variedade(s) culta(s) da língua. Afinal, nem tudo o que é parte de nosso conhecimento linguístico, sempre sujeito a se organizar em razão de fatores diversos e de inúmeras práticas e interações comunicativas, é objeto de atenção, observação e descrição. Muito escapa até a analistas/linguistas experientes!

A diversidade linguística em diferentes contextos e espaços é fato de qualquer língua. Isso não deve ser visto como um problema, pois a língua apresenta unidade e diversidade ao mesmo tempo, assim como os indivíduos e a sociedade que dela se servem e por ela se (re)elaboram, e sua representação cognitiva social e individual resulta de fenômenos de estabilização, variação e mudança relativos às experiências de (inter)ação. O projeto Predicar, há 20 anos, e o projeto VariaR, mais recentemente, têm perspectivado essa dupla face e o horizonte de objetos de estudo que ela fomenta.

12.6 *QUER(ES)* SABER MAIS?

Bem, a interação com o Projeto VariaR está no início, mas já dá mostras de seu potencial. Para conhecer um pouco da potencialidade descritivo-científica oriunda da interação de pesquisadores dos Projetos Predicar e VariaR ou a partir dessa interação no mundo do Português, sugerimos, por fim, leituras (duas diretamente ligadas ao Projeto VariaR) e vídeos disponíveis online (no canal/site do projeto VariaR).¹⁴

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; MEIRELES, Vanessa (ed.). *Variação em português e em outras Línguas Românicas*. São Paulo: Blucher Open Access, 2022.

MEIRELES, Vanessa; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos (ed.). *Variação e ensino de português no mundo*. São Paulo: Blucher Open Access, 2022.

BARROSO, H. O Português na Casa do Mundo, Hoje. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2018. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/55301> Acesso: 22 mar. 2022.

CHICUNA, Alexandre Mavungu; CONCEIÇÃO, Manuel Célio (org.). *Revista Internacional em Língua Portuguesa/International Journal in Portuguese Language*, n. 39, 2021. https://www.rilp-aulp.org/index.php/rilp/issue/view/rilp2021_39

14 <https://variara.wixsite.com/variara> https://www.youtube.com/channel/UC192Qhw_RQGmm6M5Pxi-Qjw/featured.

Acesso: 22 mar. 2022.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura; SOUZA, Márcia Vanessa (org.). *Entretextos*. v. 21, n. 3Esp. (2021): Dossiê: Ensino, Pesquisa e Formação de Professores de Português como língua estrangeira (PLE): um panorama atual <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/issue/viewIssue/1753/381>. Acesso em: 07 jan. 2022.

REFERÊNCIAS

- CHICUNA, A. M.; CONCEIÇÃO, M. C. (org.). *Revista Internacional em Língua Portuguesa/International Journal in Portuguese Language*, n. 39, 2021.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5a. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2008.
- FARIA, C. V. de S. Filmes de animação para crianças – semelhanças e diferenças nas dublagens para o português brasileiro e o português europeu. Comunicação apresentada na mesa O português Brasileiro como língua (não-)materna: variedades e representações em espaços continentais (Brasil, França, Itália) no III Congresso da ABRE (Associação de Brazilianistas na Europa) – Praga – 20-24 de setembro de 2021, 2021. <http://abre.eu/abre-iii/>.
- FARIA, C. V. de S. Per una didattica del portoghese: traiettorie e sfide di una lingua pluricentrica. *QuaderniCIRD*, n. 22, 2021. https://www.openstarts.units.it/bitstream/10077/33403/3/deSouzaFaria_22_CIRD22.pdf. Acesso: 22 mar. 2022.
- HÖDER, S. Constructing diasystems: Grammatical organisation in bilingual groups. In: ÅFARLI, Tor A.; MÆHLUM, Brit. *The sociolinguistics of grammar*. John Benjamins, 2014, p. 137-152. [Studies in Language Companion Series 154].
- KILGARRIFF, A., JAKUBÍČEK, M., POMIKALEK, J., SARDINHA, T. B., & WHITELOCK, P. *PtTenTen: a corpus for Portuguese lexicography*. Working with Portuguese Corpora, 2014, 111-30. https://www.sketchengine.eu/wp-content/uploads/Setting_up_for_corpus_2012.pdf.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; BARBOSA, J. B.; FREITAG, R. M. K.; BORGES, M. M.; MEDEIROS, A. L. S. Collections of data open to society: linguistic and sociocultural memory and potential for (re)use. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e607, 24 jan. 2022. <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/607>.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; MEIRELES, V. (ed.). *Variação em português e em outras Línguas Românicas*. São Paulo: Blucher Open Access, 2022.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; MOTA, N. A. Predicar no diassistema chamado Português: “baianês” e “carioquês” na rede social brasileira. In: MEIRELES, V.;

- MACHADO VIEIRA, M. dos S. (ed.). *Variação e ensino de português no mundo*. São Paulo: Blucher Open Access, 2022. cap. 7.
- MEIRELES, V.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. (ed.). *Variação e ensino de português no mundo*. São Paulo: Blucher Open Access, 2022.
- NASCIMENTO, J. P. de S. “Vem cá e lê um artigo”: usos de “vem cá” nas variedades sincrônicas do PB e do PE em uma abordagem cognitivo-funcional”. E-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU. WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. (org.) Dossiê: Variação na gramática de construções do Português: estudos empíricos. Nilópolis, v.12, n. 1, 2021.p. 166-180. <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/issue/view/162>. Acesso em: 07 jan. 2022.
- OLIVEIRA, E. V. de M; SOUZA, M. V. (org.). Entretextos. v. 21, n. 3Esp. (2021): Dossiê: Ensino, Pesquisa e Formação de Professores de Português como língua estrangeira (PLE): um panorama atual <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/issue/view/Issue/1753/381>. Acesso em: 07 jan. 2022.
- O PORTUGUÊS pelo mundo, apresentado por BALDUINO, A. M.; CHRISTIANO, C. C.; MACHADO VIEIRA, M. dos S.; INDART, K. no I Seminário Viagens da Língua: multilinguismo no mundo lusófono – Mesa “O português pelo mundo”: <https://www.youtube.com/watch?v=iI-4JGbNjeI> Publicado pelo Museu da Língua Portuguesa (2021). <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/i-seminario-viagens-da-lingua/>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- PENHA, J. N. da. *Construções com verbos suportes: uma análise socioconstrucionista*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021. 177fl.
- SILVA, A. S. da. O português no mundo e a sua standardização: entre a realidade de uma língua pluricêntrica e o desejo de uma língua internacional. In: BARROSO, H. O Português na Casa do Mundo, Hoje. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2018.
- TRAVASSOS, P. F. 2021. Pontes entre constructicons: como português e francês se relacionam em termos de construções de predicação verbal complexa. Comunicação apresentada na mesa O português Brasileiro como língua (não-) materna: variedades e representações em espaços continentais (Brasil, França, Itália) no III Congresso da ABRE (Associação de Brazilianistas na Europa) – Praga – 20-24 de setembro de 2021, 2021. <http://abre.eu/abre-iii/>.
- WILSON, F. Português, língua pluricêntrica: integração de variedades no ensino. RILP – Revista Internacional em Língua Portuguesa/International Journal in Portuguese Language, n. 39, 2021, p. 17-31. https://www.rilp-aulp.org/index.php/rilp/issue/view/rilp2021_39?fbclid=IwAR34fY0qge9voBzSgT2f6V799I-fhFWKaajdEDCdaYpW7zGW_tZA3REfgXhg.

POSFÁCIO

LÍNGUA EM USO E REFLEXÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO E NA PESQUISA EM PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E NÃO MATERNA

Alexandre Ferreira Martins
Tábata Quintana Yonaha

O ensino de Português como Língua Não Materna (PLNM) na contemporaneidade brasileira tem passado por um processo de institucionalização cuja principal influência reside em uma significativa mudança epistemológica no cenário da Linguística Aplicada (LA) no país e, também, em políticas linguísticas governamentais que a refletiam. De um lado, tais políticas diziam respeito à língua portuguesa em si e ao seu ensino como língua materna de grande parte da população do país; de outro lado, contemplavam políticas mais específicas, que incidiram sobre o lugar do PLNM. Os estudos desenvolvidos em LA entre os anos 1990 e 2000 tiveram considerável impacto na área de PLNM no país, especialmente pelas releituras de obras do Círculo de Bakhtin, que mudaram parte da reflexão sobre língua em uso, a partir de uma perspectiva discursiva-dialógica de ensino-aprendizagem. Isso representou um novo olhar sobre o ensino de línguas, até então fortemente influenciado pela chamada Abordagem Comunicativa.

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, entre 1997 e 2001, consolidou essa perspectiva empreendida entre professores e pesquisadores da LA. Na esteira da discussão acerca do fortalecimento da área de PLNM no país, no plano político-linguístico, vale ressaltar a construção, a partir de 1993, e a implementação, em 1998, do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), cuja perspectiva teórica corresponde à tendência discursiva-dialógica da LA no país. Essa iniciativa coletiva foi idealizada a partir da necessidade de criação de um exame padronizado que pudesse refletir parâmetros de ensino e de avaliação no Brasil e no exterior.

As trajetórias do ensino de língua portuguesa, como língua materna ou não materna, entrecruzam-se. Em nossos estudos como pesquisadores da área de PLNM, ao longo dos últimos anos, verificamos que esses entrecruzamentos foram refletidos não somente em políticas linguísticas oficiais, como é o caso do Celpe-Bras e de parte dos mais recentes documentos orientadores para o ensino publicados pelo Ministério das Relações Exteriores, as Propostas Curriculares para o Ensino de Português nas Unidades da Rede de Ensino do Itamaraty, como também na produção acadêmica em nível de graduação e pós-graduação.

No quadro relativo à consolidação da área, é importante mencionar que o crescimento dela também esteve atrelado a um aumento perceptível do interesse do mercado editorial pela publicação de materiais didáticos para as mais diversas modalidades de PLNM. Além disso, o oferecimento de cursos de Português para falantes de outras línguas no âmbito público e privado cresceu de maneira exponencial nos últimos anos, aliado à circulação de pessoas, na sequência, especialmente, das políticas de internacionalização do Ensino Superior e, também, dos fluxos migratórios em direção ao Brasil, que fortaleceram o chamado Português como Língua de Acolhimento (PLAc).

Na direção da descrição da expansão da área no país, observamos também a importância do surgimento, ainda que de maneira escassa, de licenciaturas em Letras com habilitação específica em PLNM. Estas serviram como mola propulsora para inserção curricular dessa modalidade de ensino em cursos de Letras das mais diferentes habilitações Brasil afora. Entre as instituições que oferecem a habilitação em questão, é relevante mencionar a habilitação Português do Brasil como Segunda Língua, do curso de Letras da Universidade de Brasília, instituição pioneira no PLNM a nível de graduação no país.

A LA brasileira, especialmente no que diz respeito ao ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, debruçou-se sobre uma perspectiva de língua em uso que se afastava de maneira substancial das práticas de ensino pautadas numa concepção restritiva de língua como sistema, numa acepção de compêndio descritivo-normativo. Esse debate ressoa nas políticas reais, por exemplo, em cursos de formação de professores e materiais didáticos, e oficiais, vide o exame Celpe-Bras, adotadas pelos diferentes agentes educacionais da área de PLNM.

As contribuições acerca da reflexão linguística em língua materna e não materna ainda carecem de espaço em propostas curriculares governamentais, mais específica-

mente em PLNM, tais como as recentemente publicadas pelo Itamaraty, e em contextos institucionais e não institucionais de formação de professores. A área de PLNM teve um progresso significativo na definição de orientações teórico-metodológicas mais alinhadas ora com perspectivas teóricas mais locais, ora com perspectivas outras, tais como as difundidas em contexto europeu e anglosaxônico. No entanto, observamos que alguns tópicos de ensino e pesquisa, como a abordagem e o lugar da gramática na aula de PLNM, poderiam integrar a discussão entre os profissionais da área ao redor do mundo, visto as especificidades existentes, tais como o Português para falantes de espanhol, Português falantes de línguas distantes, entre outras.

Os trabalhos que compuseram esta publicação exploram diferentes aspectos da língua em uso, trazendo-nos desdobramentos da reflexão sobre a predicação para a compreensão de diferentes fenômenos linguísticos do Português. A obra nos leva, professores e pesquisadores em PLNM, a repensar o espaço dos tópicos explorados pelos estudos realizados na sala de aula, visto as dificuldades enfrentadas pelos aprendizes. Esses obstáculos na aprendizagem de línguas referem-se não apenas às particularidades da língua portuguesa em comparação com o próprio repertório linguístico dos alunos, mas também e, sobretudo, às nuances do Português Brasileiro face à variedade do Português Europeu, muito presente em diversas Instituições de Ensino Superior no exterior. Em nossa percepção, toda pesquisa sobre reflexão linguística em sala de aula é formativa, uma vez em que é possibilitado o contato de professores com perspectivas de análise e percepções de fenômenos linguísticos. Isso é um dos maiores ganhos da divulgação científica em obras como esta. Nessa medida, pode-se repensar as práticas sociais de uso da linguagem para a elaboração de materiais didáticos, de tarefas e de exercícios que oportunizem um aprendizado mais eficiente, reflexivo e dedutivo da língua-alvo.

AS AUTORAS E OS AUTORES

DEBORAH NASCIMENTO DOS SANTOS

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq-PIBIC (2020-2022) e integra a equipe do Projeto PREDICAR (<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>) – Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional. Desenvolve pesquisa sobre usos da construção de predicação passiva: alternância de subesquemas de predadores complexos compostos pelos verbos auxiliares – ser, estar e ficar – e verbos (semi)suporte – ter, receber, ganhar e sofrer – utilizados no Português Brasileiro (PB), no Português Europeu (PE) e no Português de Macau sob a perspectiva da Linguística Funcional-Cognitiva, da Gramática de Construções e da Sociolinguística Variacionista. Além disso, foi bolsista do Projeto de Ensino de Língua Espanhola PIBID-UFRJ pela CAPES (2018-2020), sob orientação do Prof. Dr. Luciano Prado da Silva.

E-mail: deborahnascimento@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6910048429932915>

ORCID:

Projeto de pesquisa: <https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

GABRIEL LUCAS MARTINS

Licenciado em Letras Português-Inglês pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016-2020) e atual mestrando do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA-UFRJ). Participou brevemente de atividades do Projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados

complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional), coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira, dentro do qual redigiu sua monografia concedente do título de licenciado, “Construção de Tempo Decorrido: Usos no Português Brasileiro”, conduzida à luz da Gramática de Construções, sob orientação da mesma professora. Suas atividades recentes incluem: ensino de Inglês para Fins Acadêmicos (IFA) no âmbito da Rede Andifes Idioma sem Fronteiras; orientação pedagógica no projeto de extensão CLAC-UFRJ (Cursos de Línguas Abertos à Comunidade) (2021-presente); e produção de pesquisas em Linguística Aplicada, sob orientação do Prof. Dr. Rogério Tilio (UFRJ). Suas atuais investigações incluem pedagogia de multiletramentos, letramento(s) crítico(s) e teoria bakhtiniana, com foco voltado para o ensino de Inglês como língua adicional. É membro do grupo de estudos NELLID (Núcleo de Estudos de Letramentos e Livro Didático), coordenado por Rogério Tilio. Atualmente, tem interesse em análise e produção de material didático, com ênfase em IFA.

E-mail: martinsgl@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2014981115924115>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7783-6402>

JEANE NUNES DA PENHA

Doutoranda do curso de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Língua Portuguesa pela UFRJ. Possui licenciatura em Letras pela UFRJ, habilitação: Português-Espanhol. Foi aluna de Iniciação Científica entre 2015-2017, sendo bolsista FAPERJ entre 2016-2017. No âmbito acadêmico, concentra-se em estudos de Morfossintaxe sob o enfoque da Linguística Funcional-Cognitiva, da Sociolinguística e da abordagem da Gramática de Construções, seguindo a Linha de Pesquisa: Língua e Sociedade: variação e mudança. Integra o projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional), coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. Possui estudos sobre (i) o uso de perífrases verbo-nominais com os verbos suportes DAR e FAZER na modalização do discurso, (ii) o pareamento forma-função de construções com os verbos suportes DAR, FAZER, PASSAR, POSAR e TIRAR seguidos de elemento nominal preposicionado e, atualmente, (iii) a construção [ELEMENTO VERBAL + DET./PREP. + ELEMENTO NOMINAL] representação através de uma abordagem construcional diassistêmica.

E-mail: jeane.nunes@letras.ufrj.br, jeanee07@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5562543165718460>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3889-0251>

Projetos de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

<https://variari.wixsite.com/variari>

ENEILE SANTOS SARAIVA

Doutora em Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ. Desenvolve pesquisa sobre a variação de usos de construções transitivas diretas com pronome SE, sob a orientação da Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira. É pesquisadora do Projeto Predicar e atua também como professora da educação básica de língua portuguesa e literaturas do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: eneilesaraiva@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5196279772369306>

ORCID: 0000-0002-7067-5017

Projeto de pesquisa: <https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

FABIO RODRIGO GOMES DA COSTA

Doutorando em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN-UERJ/FFP) e especialista em Língua Portuguesa pela UERJ/FFP. Possui licenciatura em Letras-Português/Literatura pela Universidade Salgado de Oliveira. Integra o projeto Predicar (Formação e expressão de predicados complexos: estabilidade, variação e mudança construcional), coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. É professor de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc). Desenvolve pesquisa sobre predadores complexos formados com o verbo suporte *trazer* e sua atuação como atenuadores do discurso.

E-mail: fabiorodrigogc@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3881158262910747>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1831-2443>

Projeto de pesquisa: <https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

LETÍCIA FREITAS NUNES

Estudante do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atuou no Projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos), coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira, em que desenvolveu pesquisas sobre construções intensificadoras com configuração [_____+ verbos + horrores]. Atualmente, é membro do Núcleo de Estudos em Letramentos e Livros Didáticos (NELLID), coordenado pelo Prof. Dr. Rogério Tilio. Tem interesse na área de Linguística Aplicada, com ênfase em (multi) letramentos, letramento crítico e produção e análise de materiais didáticos. Atua como monitória e monitória-colaboradora de Inglês no projeto de extensão CLAC-U-

FRJ (Cursos de Línguas Abertos à Comunidade).

E-mail: leticiafreitas@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9663880528719105>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5242-4516>

MARCIA DOS SANTOS MACHADO VIEIRA

Professora-pesquisadora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da Prefeitura do Rio de Janeiro. É pesquisadora do CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021 e Cientista do Nosso Estado da FAPERJ 32/2021. Doutora e mestre pela UFRJ, tem experiência na investigação de: variação e mudança de fenômenos fonéticos (pretônicas) e morfosintáticos (construções de referenciação, predicação, modalização, intensificação e atenuação discursivas). Coordena: o Projeto brasileiro PREDICAR – Formação e expressão de predicados complexos e predicações; o Projeto franco-brasileiro VariaR – Variação em Línguas Românicas – em parceria com Vanessa Meireles (UPVM), bem como um desdobramento dele intitulado Projeto Portal digital de estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar; o Projeto brasileiro CAPES PrInt – Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa –, do PPGLEV da UFRJ. Participa do grupo de estudos Discurso & Gramática. É membro da Diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística no biênio 2021-2023. Integra, desde 2014, a coordenação do eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPoll. Coordena esse GT desde 2018. Coordena a Comissão Científica da Área de Sociolinguística da ABRALIN. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ. É editora-chefe da Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários da UFRJ. Áreas de interesse: Sociolinguística, Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções, Ensino de Língua Portuguesa. Sua produção bibliográfica inclui outras obras publicadas pela editora Blucher.

E-mail: marcia@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0796977308756789>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2320-5055>

Projetos de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

<https://variatar.wixsite.com/variatar>

NAHENDI ALMEIDA MOTA

Doutoranda no curso de Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestra em

Letras: Linguagens e Representações e licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Foi tutora na Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) – Rolezinho Linguístico 2021. É professora substituta de Língua Portuguesa no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Integra o Projeto PREDICAR – Formação e expressão de predicados e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional, coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. Temas de interesse: intensificação, gramática de construções, mudança linguística, ensino de língua portuguesa.

E-mail: nahendi21@letras.ufrj.br

CV: <http://lattes.cnpq.br/4704804469735124>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9069-6157>

Projeto:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

PÂMELA FAGUNDES TRAVASSOS

Doutoranda do curso de Língua Portuguesa do Programa de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional), coordenado pela Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. De março a agosto de 2021 realizou estágio de Doutorado Sanduíche (bolsa CAPES PrInt) na *Université de Lille* (França), no laboratório “*Savoirs, Textes, Langage*”, sob a supervisão do Prof. Dr. Bert Cappelle. Integra, como estudante colaboradora, o Projeto VariaR – Variação em Línguas Românicas –, coordenado pelas pesquisadoras Vanessa Meireles (*Université Paul Valéry – Montpellier 3*) e Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ). É membro do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Concentra-se em estudos de Morfossintaxe à luz das perspectivas Sociofuncionalista, Funcional-Cognitiva e da abordagem da Gramática de Construções, seguindo a Linha de Pesquisa: Língua e Sociedade: variação e mudança. cursou Mestrado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) na UFRJ (bolsa CAPES em 2017 e bolsa FAPERJ Nota 10 em 2018). É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui licenciatura em Letras (UFRJ), habilitação: Português-Literaturas (bolsa CNPq no período de Iniciação Científica – 2014 a 2016). É professora da rede municipal do Rio de Janeiro.

ORCID: orcid.org/0000-0002-0683-9742

E-mail: fagundespamela@letras.ufrj.br, fagundespamela@hotmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9943814815338406>

Projetos de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

<https://variatar.wixsite.com/variatar>

RAVENA BEATRIZ DE SOUSA TEIXEIRA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) e Graduada em Letras Licenciatura em Português-Espanhol pela UFRJ. No âmbito acadêmico, concentra-se em estudos de Morfossintaxe sob enfoque da Gramática de Construções Baseada no Uso, seguindo a Linha de Pesquisa “Língua e Sociedade: variação e mudança”. Atua como pesquisadora no Projeto PREDICAR - Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional, sob coordenação da Profa. Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ), e como docente de Língua Portuguesa, Redação e Espanhol na educação básica, assim como em preparatórios voltados para concursos públicos. No momento, estuda a disposição formal e funcional de complexos verbo-nominais compostos por verbos (semi)suporte que, no português brasileiro (PB), projetam um cenário segundo uma perspectivação passiva – tendo, por exemplificações, “levar um tiro”, “tomar um tiro”, “sofrer um tiro”, “receber um tiro” e “ganhar um tiro”.

E-mails: ravena_beatriz@letras.ufrj.br; ravenabst@gmail.com

ravena_beatriz@hotmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4077682631814647>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4816-6654>

Projetos de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

<https://variatar.wixsite.com/variatar>

STEPHANE CARDOSO RODRIGUES DE ALMEIDA

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol da UFRJ. Integra a equipe de iniciação científica do Projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional).

E-mail: stephane@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7266696718294768>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4466-1586>

Projeto de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

VANESSA MEIRELES

Professora de Língua Portuguesa, Cultura e Literatura do Brasil na Universidade Paul Valéry – Montpellier 3 (França). Membro da equipe de pesquisa *Recherches sur les Suds et les Oriens (ReSO)*. Diretora Adjunta do Departamento de Português (2019-2021, 2021-2023). Membro do Conselho ReSO (desde 2021) e do Conselho LEA (Línguas Estrangeiras Aplicadas, desde 2019). Responsável pedagógica do Diploma Universitário em Português do Brasil (*Portugais du Brésil: langue, culture, interactions*). Coordena o posto aplicador de Montpellier do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Coordena o Projeto VariaR: Variação nas Línguas Românicas. Antes de integrar o quadro de docentes efetivos da Universidade Paul Valéry, atuou como professora de Português e Cultura lusófona em várias universidades e institutos de língua na França. Possui Graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) com dignidade acadêmica *Magna cum Laude*. Na França, obteve, com dignidade acadêmica máxima, um Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva (*Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis*, 2009), um Mestrado em Estudos Lusófonos (*Université Sorbonne Nouvelle*, 2011) e um Doutorado em Linguística (*Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis*, 2014). Seu trabalho se concentra na Linguística da Língua Portuguesa. Os objetivos de sua pesquisa são, por um lado, no campo da Fonologia, examinar as especificidades da variedade brasileira do português (como acento, sílaba e certos fenômenos vocálicos), e, por outro lado, no campo da Análise do Discurso, analisar as ligações entre os fenômenos linguísticos e as manifestações culturais. Outra parte de sua pesquisa diz respeito a aspectos do ensino do Português para alunos de língua francesa.

E-mail: vanessa.meireles@univ-montp3.fr

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5324681765530227>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1980-9681>

Projeto de pesquisa: <https://variar.wixsite.com/variar>

VINICIUS MACIEL DE OLIVEIRA

Possui Graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Letras: Português – Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006), Especialização em Língua Portuguesa pelo Instituto Liceu Literário Português (2009), Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009) e Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Funcionalismo e Mudança Linguística. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: vmoliveira@me.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4701346070411927>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1729-1874>



A coletânea oferece ao leitor uma visão geral dos resultados e orientações pedagógicas sobre as pesquisas realizadas com diversos temas referentes à **predicação**. Muitos dos itens e construções pesquisados não aparecem em gramáticas e livros didáticos, ou são neles tratados com um enfoque apenas em atividades de classificação, de forma descontextualizada, o que gera uma lacuna na compreensão sobre quais funções discursivas motivam seu emprego e em quais gêneros textuais normalmente são encontrados.

Giselle Aparecida Toledo Esteves e Joana Mendes

A obra nos leva, professores e pesquisadores em PLNM, a repensar o espaço dos tópicos explorados pelos estudos realizados na sala de aula, visto as dificuldades enfrentadas pelos aprendizes. Esses obstáculos na aprendizagem de línguas referem-se não apenas às particularidades da língua portuguesa em comparação com o próprio repertório linguístico dos alunos, mas também e, sobretudo, às nuances do Português Brasileiro face à variedade do Português Europeu, muito presente em diversas Instituições de Ensino Superior no exterior.

Alexandre Ferreira Martins e Tábata Quintana Yonaha



openaccess.blucher.com.br



Blucher Open Access